

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E LITERATURA ALEMÃ

ANA PAULA SEERIG

**O OLHAR DE JOÃO UBALDO RIBEIRO SOBRE A UNIFICAÇÃO ALEMÃ:
UMA LEITURA HISTÓRICA DA COLETÂNEA *UM BRASILEIRO EM BERLIM***

versão corrigida

São Paulo

2023

ANA PAULA SEERIG

**O OLHAR DE JOÃO UBALDO RIBEIRO SOBRE A UNIFICAÇÃO ALEMÃ:
UMA LEITURA HISTÓRICA DA COLETÂNEA *UM BRASILEIRO EM BERLIM***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, na área de Língua e Literatura Alemã, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. Tercio Loureiro Redondo, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Literatura e História

Orientador: Prof. Dr. Tercio Loureiro Redondo.

versão corrigida

São Paulo

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial desse trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Seerig, Ana Paula

O olhar de João Ubaldo Ribeiro sobre a unificação alemã: Uma leitura histórica da coletânea *Um brasileiro em Berlim* / Ana Paula Seerig; orientador Tercio Loureiro Redondo. – São Paulo, 2023. 194 f.


Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de concentração: Língua e Literatura Alemã.

1. João Ubaldo Ribeiro. 2. Unificação alemã. 3. Crônica. 4. Um brasileiro em Berlim. I. Redondo, Tercio Loureiro, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**Termo de Anuência do (a) orientador (a)****Nome do (a) aluno (a): Ana Paula Seerig****Data da defesa: 17/10/2023****Nome do Prof. (a) orientador (a): Tercio Redondo**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 27/11/2023



(Assinatura do (a) orientador (a))

SEERIG, Ana P. **O olhar de João Ubaldo Ribeiro sobre a unificação alemã**: uma leitura histórica da coletânea *Um brasileiro em Berlim*. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em: 17 de outubro de 2023.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Augusto Massi

Instituição: USP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. Johannes Kretschmer

Instituição: UFF

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dra. Magdalena Nowinska

Instituição: USP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

À memória de meu pai, João Werner Seerig, que, entre tantas coisas, me ensinou a sonhar com Berlim.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Dr. Tercio Redondo por acreditar no meu projeto e à professora Dra. Juliana Perez que pacientemente respondeu aos meus e-mails durante o processo seletivo, além de ser extremamente atenciosa logo que cheguei a São Paulo.

Ao professor Dr. Augusto Massi e ao professor Dr. Marcelo Pen Parreira que, durante a banca de qualificação, deram sugestões e referências essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa. Espero que o resultado lhes mostre o quão significativas foram para mim suas observações.

Àqueles que me tornaram um pouco mais próxima de João Ubaldo: Manuela Roters Ribeiro (filha), Juva Batella (*in memoriam*, sobrinho e pesquisador de sua obra) e Ute Hermanns (amiga). Agradeço a confiança e toda a ajuda, seja por conversas rápidas, seja por uma constante e paciente troca de e-mails. Juva, sinto imensamente por não poder te mostrar o resultado da minha pesquisa.

Às amigas, também professoras e pesquisadoras, pela ajuda para esse trabalho, fosse trazendo livros da Europa, fosse facilitando a digitalização de jornais alemães: Rosane Werkhausen, Tamara Luersen e Franciele Becher. Um agradecimento especial à Paula Hasserodt, que foi quem de fato digitalizou partes das edições do *Frankfurter Rundschau* a meu pedido. Gostaria de um dia ser capaz de retribuir tanta gentileza e esforço.

Aos alunos que confiaram e confiam no meu trabalho como professora de alemão. Sem esse incentivo, eu talvez jamais encarasse um mestrado. Especialmente obrigada àqueles que, no fim do ano de 2019, receberam a notícia da minha mudança de cidade e me apoiaram, mesmo que isso significasse o fim de nossas aulas. À Flavia Gisele Saretta (*in memoriam*) que, além de ter sido fundamental para a construção do meu caminho como professora de alemão, me emprestou, anos atrás, o livro que deu origem a essa pesquisa.

Àqueles cuja certeza de amizade me deram coragem para enfrentar São Paulo: Guilherme Augusto Ramos Alves, Kaio Diniz, Felipe Bittencourt e Ana Paula Fernandes, sendo estes dois últimos meus anfitriões ao chegar e ao me despedir da capital paulista – nunca agradecerei o suficiente por tamanha generosidade. Aos meus anjos da guarda em meu endereço oficial próximo à USP: dona Maria Azevedo e seu Victor Augusto Morais. Obrigada por me arrancarem de dentro da quitinete para

conversar sob o sol. À Maurício Kehrwald, que em um sábado me sugeriu a possibilidade de fazer mestrado. Na sexta-feira seguinte eu estava inscrita no processo seletivo da USP. Provavelmente sem esta sugestão eu não teria chegado aqui. Às amigas que leram e releeram essa dissertação conforme era escrita e que foram um apoio inestimável: Érica Ferro da Costa, Jacilene dos Santos Clemente e Karine Bergozza.

À minha família, por todo apoio. Especialmente obrigada à minha mãe, Eda Téles Seerig, e meu tio, Nereu Telles, que além de tudo ainda compartilharam comigo leituras e conversas sobre a pesquisa no decorrer do processo. Àqueles que já não estão mais fisicamente presentes, mas que também são responsáveis por essa conquista: meu pai, João Werner Seerig; meu avô, Sebastião Telles Ramos; e meus avós de coração, Militino Leite do Prado e Beloni Boeira do Prado (a única a ver esse projeto ser iniciado e, sem dúvida, a pessoa mais feliz pelo início dele).

*“Quem apaga o próprio rastro
acaba sempre sozinho”*

Antonio Augusto Fagundes

RESUMO

SEERIG, Ana P. **O olhar de João Ubaldo Ribeiro sobre a unificação alemã**: uma leitura histórica da coletânea *Um brasileiro em Berlim*. 2023. 194 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

No Brasil, a divisão alemã é muitas vezes um mero detalhe no estudo da Guerra Fria e raramente nos deparamos com a narrativa sobre o período de existência de duas Alemanhas e de sua unificação. Mesmo sendo João Ubaldo Ribeiro um dos principais nomes da literatura brasileira, sua coletânea *Um brasileiro em Berlim* não é associada ao registro histórico da unificação alemã, o que é um prejuízo tanto para o estudo da obra do autor quanto para o ensino da história alemã, aprofundando o conhecimento sobre as consequências da Segunda Guerra Mundial e os significados da divisão do país para o cenário mundial. A presente pesquisa visa relacionar as crônicas berlinenses de João Ubaldo Ribeiro com a história da Alemanha, percebendo o escritor brasileiro como testemunha de um processo socialmente complicado. Para isso, além do estudo de *Um brasileiro em Berlim* e da história da divisão e unificação alemã, também serão abordados outros registros de brasileiros na Alemanha, na Itália e nos Estados Unidos, visando identificar o olhar brasileiro no exterior, além de um breve estudo do gênero crônica, que tem o registro temporal como uma de suas características.

Palavras-chave: João Ubaldo Ribeiro. Unificação alemã. Crônica. *Um brasileiro em Berlim*.

ZUSAMMENFASSUNG

SEERIG, Ana P. **Die Sicht von João Ubaldo Ribeiro über die deutsche Vereinigung:** eine historische Lesung der Sammlung *Ein Brasilianer in Berlin*. 2023. 194 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

In Brasilien ist die deutsche Teilung oft nur ein kleines Detail im Lernen des Kalten Kriegs und nur selten begegnen wir mit der Erzählung der Zwischenzeit, in der zwei Deutschlands gaben, und ihrer Vereinigung. Obwohl João Ubaldo Ribeiro einer der wichtigsten Autoren der brasilianischen Literatur ist, wird seine Sammlung *Ein Brasilianer in Berlin* nicht mit der Erfassung der Geschichte der deutschen Vereinigung verknüpft, was eine Schädigung sowohl für die Studie der Arbeit des Autors, als auch für das Lehren der deutschen Geschichte ist, insbesondere über die Konsequenzen der Zweite Weltkrieg und die Bedeutungen der Teilung des Landes in einem globalen Szenario. Diese Masterarbeit richtet, die *crônicas* aus Berlin von João Ubaldo Ribeiro mit der deutschen Geschichte zu verknüpfen, damit man den brasilianischen Autor als Zeuge eines schwierigen sozialen Prozesses verstehen kann. Zu diesem Zweck werden nicht nur das Buch *Ein Brasilianer in Berlin* und die Geschichte der deutschen Teilung und Vereinigung, sondern auch andere Schriften von brasilianischen Autoren in Deutschland, in Italien und in den Vereinigten Staaten verarbeitet, um die brasilianische Sicht im Ausland zu erkennen. Außerdem wird auch eine kurze Forschung über die literarische Gattung *crônica*, die die Erfassung der Zeit als eine ihrer Eigenschaften hat.

Schlüsselwörter: João Ubaldo Ribeiro. Deutsche Vereinigung. *Crônica*. *Ein Brasilianer in Berlin*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Primeira coluna no jornal <i>Frankfurter Rundschau</i>	24
Figura 2 – Capa do suplemento literário	25
Figura 3 – A Alemanha dividida	44
Figura 4 – O Muro de Berlim	48

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Composição da coletânea	22
Quadro 2 – Linha do tempo	42
Quadro 3 – Cronologia	63

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DAAD	<i>Deutscher Akademischer Austauschdienst</i>
FEB	Força Expedicionária Brasileira
RDA	República Democrática Alemã
RFA	República Federal da Alemanha
SED	<i>Sozialistische Einheitspartei Deutschlands</i> (RDA)
Stasi	<i>Ministerium für Staatsicherheit</i> (RDA)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
2 JOÃO UBALDO RIBEIRO EM BERLIM	19
2.1 AS CRÔNICAS ALEMÃS	21
2.1.1 O jornal	26
2.1.2 A tradutora	27
2.2 EIN BRASILIANER IN BERLIN X UM BRASILEIRO EM BERLIM	29
2.2.1 Editora Suhrkamp (1994)	30
2.2.2 Editora Nova Fronteira (1995)	31
2.2.3 Editora TFM (2010)	34
2.2.4 Editora Objetiva (2011)	36
2.3 LEITURAS DA COLETÂNEA	37
3 UMA NOVA ALEMANHA, UMA NOVA BERLIM	41
3.1 LINHA DO TEMPO	42
3.2 A DIVISÃO	43
3.2.1 A Revolução Pacífica e a Queda do Muro	49
3.2.2 Berlim Ocidental: a ilha capitalista	53
3.3 A UNIFICAÇÃO	59
3.3.1 Cronologia: João Ubaldo Ribeiro e a Unificação Alemã	62
4 CRÔNICAS QUE REGISTRAM A HISTÓRIA	65
4.1 O QUE É CRÔNICA?	66
4.1.1 Cronista da história	70
4.2 UM BRASILEIRO EM BERLIM	73
4.2.1 <i>A velha cidade guerreira</i>	79
4.3 DE VOLTA AOS HISTORIADORES	84
5 O CRONISTA JOÃO UBALDO RIBEIRO EM BERLIM	89
5.1 JOÃO UBALDO RIBEIRO E A CRÔNICA	90
5.1.1 Esposa como interlocutora	92

5.1.2	Personagens	96
5.1.3	Relações familiares	101
5.2	CRONISTAS NO EXTERIOR	104
5.2.1	Rubem Braga e a Segunda Guerra Mundial	105
5.2.2	Fernando Sabino em Nova Iorque	110
5.2.3	João Ubaldo Ribeiro em Portugal	115
5.3	BRASILEIROS NA ALEMANHA	118
5.3.1	Ignácio de Loyola Brandão (1982 a 1983)	118
5.3.2	Rubem Fonseca (1985 e 1989)	123
5.3.3	João Antônio (1987 a 1988)	126
5.3.4	Fernando Bonassi (1998)	130
5.3.5	João Ubaldo Ribeiro	131
5.4	O CRONISTA DE BERLIM	132
	 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 139
	 REFERÊNCIAS	 141
	 ANEXO A – ENTREVISTA COM UTE HERMANN (EM ALEMÃO)	 150
	 ANEXO B – TRADUÇÃO DA ENTREVISTA COM UTE HERMANN	 154
	 ANEXO C – OBITUÁRIO NO <i>FRANKFURTER RUNDSCHAU</i>	 158
	 ANEXO D – TRECHOS INDICADOS	 159

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo principal perceber a coletânea de crônicas *Um brasileiro em Berlim / Ein Brazilianer in Berlin*, de João Ubaldo Ribeiro, como um testemunho do processo de unificação alemã. A motivação inicial surge a partir da data em que escritor brasileiro morou na Alemanha como bolsista do *Deutscher Akademischer Austauschdienst* (DAAD – Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico), entre 1990 e 1991, ou seja, imediatamente após a Queda do Muro de Berlim, ocorrida em novembro de 1989. No momento em que a unificação foi assinada, em 3 de outubro de 1990, o cronista baiano já estava há alguns meses no país. Soma-se a isso a própria escolha de gênero textual de Ribeiro, muito tradicional no Brasil, mas pouco comum em outros países. A crônica, que tem suas raízes no jornalismo, é marcada pela temporalidade, tornando-se um documento bastante único de registro de uma sociedade. A união dos dois fatores serve de argumento para um estudo atento do livro já mencionado, buscando-se reconhecer a memória histórica conservada pelos textos do escritor baiano.

O capítulo inicial resgata a origem da coletânea: da mudança da família Ribeiro para a Alemanha e das motivações da bolsa do DAAD às diferentes edições (na Alemanha e no Brasil) de *Um brasileiro em Berlim / Ein Brazilianer in Berlin*, apresenta-se também o jornal em que as crônicas foram originalmente publicadas e a tradutora responsável por verter os textos escritos em português, já que Ribeiro não era fluente na língua alemã. Falas do cronista baiano são apresentadas como argumento para melhor construir o histórico do livro, todas retiradas de entrevistas de diferentes períodos da vida do escritor. Além disso, foram consultadas algumas edições do jornal *Frankfurter Rundschau* para verificar como os textos foram apresentados ao leitor alemão. Ao final do capítulo são citados diferentes estudos sobre a coletânea, com o propósito de mostrar o que já foi percebido até aqui e a necessidade da leitura histórica do livro, a qual não foi levantada por nenhum dos materiais consultados.

No capítulo seguinte faz-se um recorte histórico para que compreendamos a Alemanha em que João Ubaldo Ribeiro viveu no início da década de 90. Além de historiadores alemães especialistas na divisão da Alemanha, são citados outros escritores brasileiros que fizeram intercâmbio em Berlim enquanto a cidade ainda era dividida pelo muro. A ideia é, somando-se aos dados históricos, enumerar os diferentes olhares estrangeiros, os quais puderam reconhecer as anomalias de um

país dividido que talvez fossem ignoradas por seus próprios moradores. A partir do resgate histórico, ainda que breve, pretende-se levantar pontos a serem analisados na obra do cronista brasileiro para que possamos, de fato, comentar o valor da coletânea como testemunho histórico da unificação alemã.

No capítulo posterior é feito um estudo sobre o gênero crônica, buscando compreender sua relação com o jornalismo e dando enfoque ao seu papel como registro histórico. Aqui as crônicas de João Ubaldo Ribeiro serão inicialmente apresentadas, justamente com o objetivo de reconhecer trechos que apresentam a sociedade alemã tal como ela foi percebida pelo escritor baiano, que faz menções diretas e indiretas à Queda do Muro de Berlim e à unificação do país. Tais pontos oferecem uma base argumentativa para a apreciação histórica da coletânea. Em contraste com os historiadores, apresentados no capítulo anterior e retomados nesse momento, será possível perceber a singularidade dos registros de Ribeiro e, conseqüentemente, identificar seu papel de testemunha. Além disso, será dada atenção especial a uma das crônicas, que se destaca pela descrição visual feita pelo autor. Essa característica especial será analisada a partir de estudos de Robert Alter e Raymond Williams sobre Charles Dickens, o qual descrevia seus cenários em detalhes, permitindo que seus leitores visualizem com facilidade o contexto em que se encontram os personagens.

A análise final, que visa de fato perceber a profundidade dos registros de João Ubaldo Ribeiro, é construída em quatro partes distintas. A primeira delas tem por objetivo reconhecer as características do escritor de *Viva o povo brasileiro* como cronista. Para isso, serão tomadas como referência duas coletâneas que reúnem crônicas suas da década de 80: *Sempre aos domingos* e *Arte e ciência de roubar galinhas*. Três atributos são listados e analisados a partir de trechos das coletâneas citadas para, na sequência, serem reconhecidos nos textos que compõem *Um brasileiro em Berlim*. A intenção é perceber se João Ubaldo Ribeiro mantém, na Alemanha, as particularidades que apresenta como cronista no Brasil.

O segundo momento da análise contém dois outros exemplos de coletâneas de crônicas brasileiras escritas no exterior. A primeira é *Crônicas da guerra na Itália*, de Rubem Braga, que é resultado do trabalho do autor como correspondente do jornal *Diário Carioca*. A segunda coletânea é *A cidade vazia: crônicas de Nova Iorque*, de Fernando Sabino, que reúne textos do escritor para os suplementos literários dos periódicos *O Jornal* e *Diário Carioca*. O objetivo é reconhecer características de forma

e conteúdo na narrativa do cronista brasileiro em outros países e, a partir disso, comparar aos textos de Ribeiro. O contraste diz respeito ao público-alvo: enquanto Braga e Sabino escrevem para brasileiros, o escritor baiano escreve para alemães. A pergunta que surge é: em que medida a diferença de nacionalidade influencia a escrita do cronista?

A terceira parte retoma outros bolsistas brasileiros do DAAD em Berlim, identificando o período em que moraram na capital alemã e os registros que fizeram a respeito. A intenção é perceber como cada um deles vivenciou seus dias na cidade para, a partir disso, reconhecer a construção de seus olhares críticos para a situação do país, estivesse ele ainda dividido ou já unificado. O propósito é estabelecer pontos de comparação com João Ubaldo Ribeiro, determinando suas individualidades. Como a sua maneira de encarar a cidade influenciou seus textos? Ou: de que forma sua personalidade induziu sua forma de retratar a cidade sem o Muro de Berlim? Ou ainda: quão subjetivo é o seu olhar sobre a capital alemã?

O encerramento da análise é justamente um levantamento das observações feitas nos momentos anteriores, comentando-se a distância entre o eu-profissional e o eu-pessoal do cronista. É aqui que serão identificados os pontos fortes e fracos da coletânea como testemunha dos primeiros tempos da Berlim unificada. Apenas então será possível refletir sobre a profundidade e a amplitude do olhar de João Ubaldo Ribeiro diante do momento histórico da Alemanha. Dessa forma, pretende-se iniciar um diálogo sobre a necessidade da apresentação do contexto do autor nas leituras de suas crônicas alemãs.

2 JOÃO UBALDO RIBEIRO EM BERLIM

A família Ribeiro chegou à Alemanha em abril de 1990 para uma estadia de 15 meses ofertada pelo *Deutscher Akademischer Austauschdienst* (DAAD – *Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico*). A essa altura João Ubaldo Ribeiro, nascido na Ilha de Itaparica na Bahia, já tinha publicado suas obras mais conhecidas, *Sargento Getúlio* (1971) e *Viva o povo brasileiro* (1984), e seu romance mais recente, *O sorriso do lagarto* (1989), ainda repercutia no Brasil, inspirando uma minissérie televisiva que seria exibida enquanto o escritor estava em Berlim. O escritor estava acompanhado de sua esposa Berenice e seus filhos mais novos, Bento e Francisca.

A bolsa do DAAD era destinada a autores estrangeiros que já tivessem livros publicados em alemão. No caso de Ribeiro, *Brasilien, Brasilien* (título da edição alemã de *Viva o povo brasileiro*, traduzido por Curt Meyer-Clason) chegava a sua terceira edição em 1989. Além disso, trechos da obra e contos seus haviam sido publicados em diferentes revistas e antologias durante a década de 80¹. A soma desses fatores culminou na escolha do baiano como novo bolsista brasileiro. Antes dele, Ignácio de Loyola Brandão, Rubem Braga e João Antônio já haviam estado no país como convidados do programa.

Em seu livro *O verde violentou o muro*, Brandão comenta que a bolsa tinha por objetivo a escrita de um livro², porém Ute Hermanns³ explica que a proposta da bolsa era possibilitar que os beneficiados pudessem trabalhar despreocupadamente, ao mesmo tempo em que interagiam com artistas de diferentes nacionalidades. No caso de João Ubaldo Ribeiro, a proposta também incluía leituras públicas, participação em simpósios e eventos literários, além da exibição do filme *Sargento Getúlio* (1983), dirigido por Hermano Penna. A colaboração para o jornal *Frankfurter Rundschau* foi uma atividade fora do programa e resultou na coletânea *Ein Brasilianer in Berlin*, publicada no Brasil com o título *Um brasileiro em Berlim*, objeto de estudo desta dissertação.

¹ Segundo informações presentes no livro *Bibliographie der brasilianischen Literatur*, de Klaus Küpper, publicado pela editora TFM em 1994.

² p. 50 da 13ª edição do livro, publicada pela Global Editora em 2000.

³ A entrevista realizada via e-mail com Ute Hermanns está em anexo. O anexo A apresenta a entrevista original e o anexo B a tradução feita por mim. Os detalhes aqui mencionados estão em sua resposta à pergunta dois.

Ao programa *Leituras*, da TV Senado, em 2005, o baiano disse só ter concordado em escrever para o periódico após muita insistência deles – afirmação repetida em outras entrevistas (como por exemplo a que está presente no volume em sua homenagem da coleção *Cadernos de Literatura Brasileira*, do Instituto Moreira Salles). Sobre a composição das crônicas alemãs, Ribeiro afirma:

A maior parte daquelas coisas evidentemente tem tratamentos literários, eu não tenho um compromisso como se fosse uma reportagem. Eu não tenho o compromisso de obedecer estritamente, às vezes eu junto acontecimentos e às vezes invento alguma coisa, como por exemplo os episódios de perguntas sobre Amazônia e índios, eu, de certa maneira, condensei em uma ou duas crônicas, mas eram coisas espalhadas. Eu juntei acontecimentos como se tivessem ocorrido na mesma ocasião, mas de modo geral aquilo tudo é verdade mesmo. (LEITURAS, 2005)

As crônicas no jornal alemão consolidaram a popularidade de Ribeiro no país. Hermanns⁴ destaca que, na época em que o baiano morava em Berlim, suas leituras públicas eram sempre bem visitadas (ele inclusive brinca com isso na crônica *Problemas de intercâmbio cultural*). A reunião dos textos em uma coletânea não era um plano do escritor, nem na Alemanha e muito menos no Brasil.

Quando fui embora de Berlim, sugeriram que fizesse um livro. Relutei. Mas fizeram o livro do mesmo jeito e foi sucesso aqui na Alemanha. Quando voltei para o Brasil, quiseram fazer o livro lá e fui contra, achando que não interessaria aos brasileiros. Mas foi um sucesso. Depois, na Copa do Mundo da Alemanha, fizeram uma edição especial para os brasileiros que viriam a Berlim e fiz um texto adicional explicando o uso universal da palavra "bitte" [risos]. E o livro até hoje continua sendo publicado. Com muitas ressalvas, eu poderia dizer que sou um escritor popular na Alemanha. Sempre que venho para leituras, aparece muita gente – brasileiros e alemães. (FREY, 2013)

Mais de vinte anos depois da publicação original das crônicas, em 2013, quando a Feira do Livro de Frankfurt homenageou o Brasil, a participação do autor foi seguida de inúmeros pedidos de autógrafos em edições em português e em alemão de *Viva o povo brasileiro* e *Um brasileiro em Berlim* (FREY, 2013). Quando da morte do escritor, em julho de 2014 aos 73 anos, diferentes veículos de língua alemã noticiaram o fato, como a revista alemã *Der Spiegel*⁵ e o diário austríaco *Der*

⁴ Em resposta à oitava pergunta da entrevista.

⁵ *João Ubaldo Ribeiro gestorben*, disponível em: <https://www.spiegel.de/kultur/literatur/brasilienschriftsteller-joao-ubaldo-ribeiro-ist-tot-a-981852.html>. Acesso em 25 de setembro de 2022.

*Standard*⁶. O jornal *Frankfurter Rundschau* publicou um obituário assinado por Wolfgang Kunath, correspondente na América Latina, intitulado *Brasilianer und Weltbürger (Brasileiro e cidadão do mundo)*⁷.

O objetivo desta pesquisa é reconhecer as crônicas de Ribeiro como registro histórico dos primeiros tempos de Alemanha sem o Muro de Berlim, mas, antes de olharmos detalhadamente para os textos, é necessário ter uma perspectiva geral da coletânea. A seguir, apresentaremos a estrutura do livro, assim como o jornal para o qual o cronista escreveu e a tradutora responsável por verter a escrita do brasileiro para o alemão. Além disso, compararemos as edições do livro no Brasil e na Alemanha e mencionaremos estudos já feitos sobre a coletânea.

2.1 AS CRÔNICAS ALEMÃS

Ao falarmos em estudo de crônicas é natural pensarmos nas publicações originais das mesmas, nos jornais e revistas, o que nos remete à digitalização dessas mídias. Por isso é preciso comentar o fato de que, em contraste com o fácil acesso online ao amplo acervo da Biblioteca Nacional brasileira, não é possível acessar os textos de João Ubaldo Ribeiro no jornal *Frankfurter Rundschau* de forma tão simples. Tanto a *Deutsche Nationalbibliothek* (Biblioteca Nacional Alemã) quanto o arquivo histórico do jornal (fechado em janeiro de 2022) não possuem as edições desse período digitalizadas⁸. Sendo assim, o material acessado para essa dissertação é resultado da gentil e dedicada ajuda da amiga e também pesquisadora Rosane Werkhausen.

Antes de analisarmos as publicações originais é necessário atentarmos à composição da coletânea: são 16 crônicas, sendo que uma foi escrita exclusivamente para o livro (*Storkwinkel 12, Rio / Ein Berliner in Rio*) e outra foi escrita para o jornal *Die Zeit* (*Pequenos choques / Wo der Blick ins Leere geht*), as demais foram escritas para o periódico de Frankfurt. Além disso, o texto que fecha a seleção (*Memória de*

⁶ *Brasilianischer Schriftsteller Joao Ubaldo Ribeiro gestorben*, disponível em: <https://www.derstandard.at/story/2000003278616/brasilianischer-schriftsteller-joao-ubaldo-ribeiro-gestorben>. Acesso em 25 de setembro de 2022.

⁷ O artigo foi publicado na edição do dia 19 de julho de 2014 e pode ser acessado, sob pagamento, no acervo digital *Genios* (genios.de), onde se encontram todos os artigos do jornal a partir de 1995. O responsável pelo arquivo do jornal, Hans-Peter Dieterich, me enviou o PDF do texto em 10 de agosto de 2021, em resposta à minha solicitação sobre as crônicas do brasileiro para o periódico (Anexo C).

⁸ Segundo contatos feitos via e-mail nos anos de 2021 e 2022.

livros | *Erinnerung an Bücher*) se destaca dos demais – e provavelmente por isso ficou fora da linha do tempo construída por *Chegada / Ankunft* e *Despedida / Abschied* – por sua extensão e por seu caráter autobiográfico, focado em memórias da infância e sem referências à estadia na Alemanha. O diário alemão também deu atenção especial ao artigo, colocando-o como capa do *Literatur Rundschau*, suplemento literário do jornal, e mencionando-o na capa da edição – destaque que não foi dado nem mesmo quando o brasileiro foi anunciado como colaborador do periódico.

O quadro 1 lista as crônicas na sequência da coletânea com os detalhes de data e veículo de publicação (*Frankfurter Rundschau* será mencionado como FR e *Die Zeit* como DZ) e os títulos na coletânea alemã (tendo-se por referência a primeira edição, pela editora Suhrkamp) e na coletânea brasileira (tendo-se por referência a primeira edição, pela editora Nova Fronteira).

Quadro 1 – Composição da coletânea

(continua)

Título na coletânea alemã	Título na coletânea brasileira	Data de publicação⁹	Jornal
<i>Ankunft</i>	<i>Despedida</i>	11.06.1990	FR
<i>Der Stotterer</i>	<i>O tartamudo do Kurfürstendamm</i>	16.06.1990	FR
<i>Sexy Berlin</i>	<i>Sexy Brasil, sexy Berlim</i>	04.07.1990	FR
<i>Alte, kriegerische Stadt</i>	<i>A velha cidade guerreira</i>	04.08.1990	FR
<i>Erziehung zum Geld</i>	<i>Educação financeira</i>	01.09.1990	FR
<i>Organisiertes Leben</i>	<i>Vida organizada</i>	20.10.1990	FR
<i>Das Verbrechen im Storkwinkel</i>	<i>O crime de Storkwinkel</i>	17.11.1990	FR
<i>Dichterlesung</i>	<i>Problemas de intercâmbio cultural</i>	26.01.1991	FR
<i>Kulturschlacht</i>	<i>Batalhas culturais</i>	23.02.1991	FR
<i>Der Winter, unbekannt</i>	<i>O inverno, este desconhecido</i>	06.04.1991	FR
<i>Die Indianer von Berlin</i>	<i>Os índios de Berlim</i>	04.05.1991	FR
<i>Die Suche nach den Deutschen</i>	<i>Procurando o alemão</i>	08.06.1991	FR

⁹ Dados retirados da edição bilíngue da coletânea pela editora alemã TFM, de 2010.

<i>Wo der Blick ins Leere geht</i>	<i>Pequenos choques</i>	03.10.1991	DZ
<i>Abschied</i>	<i>Despedida</i>	27.07.1991	FR
<i>Ein Berliner in Rio</i>	<i>Storkwinkel 12, Rio</i>	-	-
<i>Erinnerung an Bücher</i>	<i>Memória de livros</i>	08.12.1990	FR

O que primeiro chama atenção ao se visualizar as páginas em que as crônicas de Ribeiro foram publicadas é o nome da seção que recebeu a maioria dos textos do autor: *Feuilleton*. Como veremos mais adiante, as raízes da crônica brasileira estão nos jornais franceses, que utilizavam o termo *feuilleton* para designar o espaço sem assunto definido, o qual poderia ser preenchida com críticas, ficção ou comentários de leitores. O caderno do *Frankfurter Rundschau* que recebe os textos do brasileiro também é versátil, abrigando diferentes tipos de conteúdo, mas sempre relacionados ao setor de cultura: há resenhas, entrevistas, ensaios... Quando se iniciou a colaboração do baiano, em 16 de junho de 1990 (Figura 1), o cronista foi assim apresentado:

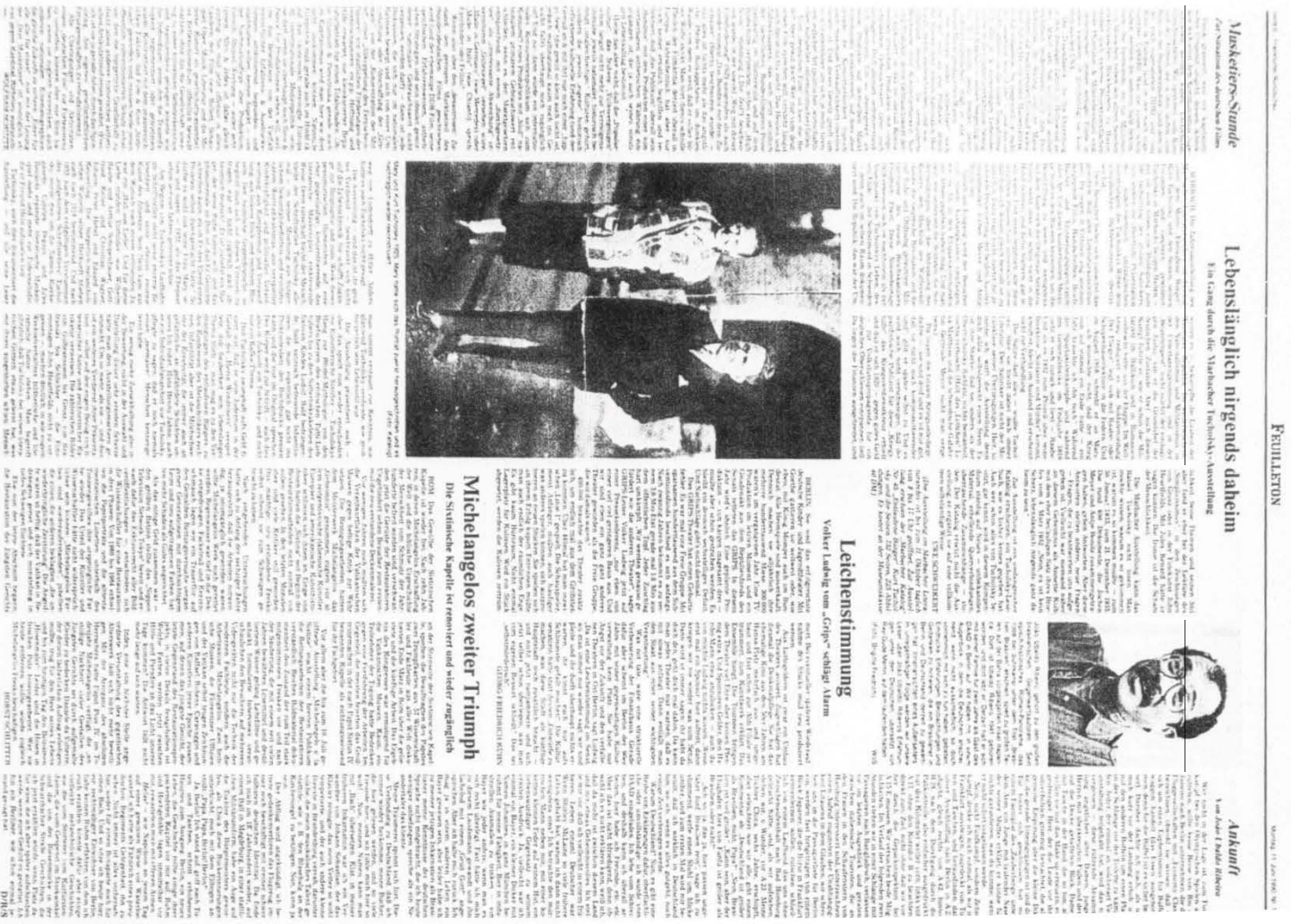
João Ubaldo Ribeiro é um dos grandes autores brasileiros contemporâneos. Seu épico-histórico romance-panorama, publicado em 1988 pela editora Suhrkamp com o título “Brasilien, Brasilien”, acontece em boa parte na Ilha Itaparica, localizada na Bahia. Lá nasceu o autor em 1941 e lá ele mora. Por dois anos ele está em Berlim com sua família como convidado do DAAD. Nós pedimos a ele, em um momento em que os alemães parecem se ocupar principalmente, senão exclusivamente, consigo mesmos, para anotar impressões, experiências, observações e pensamentos do que espera um brasileiro em Berlim e na Alemanha. Olhares interiores de alguém de fora. Em uma sequência irregular, manteremos nossos leitores atualizados sobre as experiências de João Ubaldo Ribeiro entre os alemães, com tradução de Ray-Güde Mertin.¹⁰ (FRANKFURTER RUNDSCHAU, 1990)

A primeira crônica do brasileiro foi publicada em uma segunda-feira, enquanto as demais fizeram parte das edições de sábado. Com uma diagramação de seis

¹⁰ „João Ubaldo Ribeiro gehört zu den großen brasilianischen Gegenwartautoren. Sein episch-historisches Roman-Panorama, das 1988 bei Suhrkamp unter dem Titel ‚Brasilien Brasilien‘ erschien, spielt zu großen Teilen auf der Bahia vorgelagerten Insel Itaparica. Dort ist Ubaldo Ribeiro 1941 geboren worden, und dort lebt er. Derzeit halt er sich mit seiner Familie für zwei Jahre als Gast des DAAD in Berlin auf. Wir haben ihn, in einem Augenblick, in dem die Deutschen anscheinend, wenn nicht ausschließlich, so doch vornehmlich mit sich zu tun haben, gebeten, Eindrücke, Erfahrungen, Beobachtungen und Gedanken zu notieren, die ein Brasilianer in Berlin und Deutschland derzeit zu gewärtigen hat. Innensichten eines Außenseiters. In unregelmäßiger Folge werden wir unsere Leser über João Ubaldo Ribeiros Erfahrungen unter den Deutschen, übersetzt von Ray-Güde Mertin auf dem laufenden halten.“

colunas, o texto do baiano era posicionado na coluna mais externa da página, preencheno-a completamente. O nome do cronista está ora acima do título, ora

Figura 1 – Primeira coluna no jornal *Frankfurter Rundschau*



Fonte: *Frankfurter Rundschau* (11 de junho de 1990)

abaixo, sempre em negrito, enquanto o nome da tradutora está sempre ao final do texto, em itálico. Já *Erinnerung an Bücher* ocupa uma página inteira e é ilustrada por arte de Fernando Leal (Figura 2), além de possuir subtítulo: *Aus einer brasilianischen Kindheit* (*De uma infância brasileira*), que se faz presente na coletânea alemã, mas não na edição da Nova Fronteira.

Agora que já descrevemos o primeiro formato impresso das crônicas no jornal *Frankfurter Rundschau*, é importante conhecermos a história do veículo, assim como a da tradutora responsável por transpor a escrita de João Ubaldo Ribeiro para o alemão. Só então poderemos dar por concluída a apresentação das publicações originais de *Ein Brasilianer in Berlin / Um brasileiro em Berlim*.

Figura 2 – Capa do suplemento literário



LITERATUR RUNDschau
Ein Supplement für Bücher
Erinnerung an Bücher
Aus einer brasilianischen Kindheit
João Ubaldo Ribeiro
Aus dem Inhalt
II Vielfache Nebenher Monographie: Nikolai Gogol, Hugo Fasmer-Edition: Hans Karschke, rezer: Konrad Der Buchhändler von der
III P. P. Faustine Skandinosagen: August von Peter, rezer: Lippold
IV Eine Sammlung von Auf- Robert Jungk hat: El Alcazar der Zukunft
V Versand Brasilische monumentale Mitteilungen: Robert Jungk hat: El Alcazar der Zukunft
VI Kinderbücher

Fonte: Frankfurter Rundschau (08 de dezembro de 1990)

2.1.1 O jornal

O *Frankfurter Rundschau* foi o terceiro jornal alemão inaugurado após a Segunda Guerra Mundial, sendo o primeiro na zona de ocupação dos Estados Unidos. Sua publicação inaugural data de 1º de agosto de 1945 e seu cabeçalho estampa as palavras “*unabhängige Tageszeitung*”, ou seja, “diário independente”. Em um artigo sobre os 75 anos do veículo, o jornalista Claus-Jürgen Göpfert resgata a véspera da primeira edição, com sete homens em torno do general norte-americano Roger McClure.

Os sete homens, quase todos magros e marcados pela prisão e longa privação, são editores e chefes de redação do novo periódico. Um católico, três comunistas, três social-democratas. Não foi fácil para McClure encontrar pessoas com experiência na mídia que não tenham sido condenadas durante a ditadura nacional-socialista. Os sete têm um ponto em comum: sua motivação antifascista, sua vontade de que o regime nazista não volte a se repetir. A matéria principal do novo jornal: a vitória do Labour Party [partido socialdemocrata] na Grã-Bretanha.¹¹ (GÖPFERT, 2020)

Na época do jubileu, em 2020, segundo Göpfert, a redação do jornal contava quase 100 pessoas e ainda se destacava pelas reportagens investigativas, que são o carro-chefe do jornal desde a sua fundação.

Nos anos seguintes, repetidas vezes os redatores e as então poucas redatoras tomaram posição. Contra o rearmamento da jovem República Federal, pelo esclarecimento dos atos do regime nazista, que foram de bom grado abafados pela sociedade burguesa do “milagre econômico” dos anos 50 e 60. Os artigos do *Frankfurter Rundschau* contribuíram para o surgimento dos processos de Auschwitz de 1963, nos quais os acontecimentos no campo de extermínio foram juridicamente revisados. O duradouro editor e redator-chefe Karl Gerold defendeu essa linha até sua morte, em 1973.¹² (GÖPFERT, 2020, grifo do autor)

¹¹ „Die sieben Männer, fast alle abgemagert und gezeichnet von Haft und langer Entbehrung, sind die Herausgeber und Chefredakteure des neuen Blattes in Person. Ein Katholik, drei Kommunisten, drei Sozialdemokraten. Es war nicht leicht gewesen für McClure, überhaupt Personen mit Medien-Erfahrung zu finden, die sich nicht schuldig gemacht hatten in der Zeit der nationalsozialistischen Gewaltherrschaft. Die Sieben eint eines: Ihre antifaschistische Grundhaltung, ihr Wille, dass sich ein Nazi-Regime nie mehr wiederholen möge. Die Spitzenmeldung der neuen Zeitung: Der sensationelle Wahlsieg der Labour Party in Großbritannien.“

¹² „Immer wieder bezogen die Redakteure und die anfangs noch sehr wenigen Redakteurinnen in den nächsten Jahren klar Stellung. Gegen die Wiederbewaffnung der jungen Bundesrepublik, für die Aufklärung der Taten des NS-Regimes, die von der bürgerlichen Gesellschaft des „Wirtschaftswunders“ der 50er und 60er Jahre nur zu gerne verdrängt wurden. Die Artikel der Frankfurter Rundschau trugen zum Zustandekommen der Auschwitz-Prozesse von 1963 bei, in denen das Geschehen im Todeslager juristisch aufgearbeitet wird. Der langjährige Verleger und Chefredakteur Karl Gerold stand bis zu seinem Tod 1973 für diesen Kurs.“

Porém a trajetória do jornal também possui momentos difíceis. No fim de 2012, o diário pediu falência, o que chamou atenção para a dificuldade enfrentada pelos jornais alemães. O portal *Deutsche Welle*, partindo da situação do *Frankfurter Rundschau*, publicou uma análise sobre o futuro da mídia impressa na Alemanha.

O choque da falência do *FR* para o cenário da mídia alemã é tamanho, que exatamente os dois grandes concorrentes do jornal deram sinais de terem sido especialmente afetados pelo fato. O editor do concorrente na mesma cidade, o *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, assinou ele próprio um artigo, no qual pinta um cenário sombrio para o futuro do setor. "Se o último jornal decente desaparecer, só vão restar bobagens", disse ele. (MERCADO... 2012)

A reportagem destaca ainda que o mais surpreendente foi "o fato de [a falência] atingir um jornal com longa tradição e de boa qualidade, que conseguiu melhor que outros fazer a transição para versões online e para *tablets*" (MERCADO... 2012). A fase foi superada quando a editora responsável pelo diário *Frankfurter Allgemeine Zeitung* assumiu o comando do *Frankfurter Rundschau*. Em 2018 o jornal foi mais uma vez vendido, dessa vez ao grupo *Zeitungsholding Hessen*, ao qual pertence ainda hoje, com exceção dos 10% em poder do *Karl-Gerold-Stiftung* (Fundação Karl Gerold).

Em seu posfácio à coletânea *Um brasileiro em Berlim*, a tradutora Ray-Güde Mertin afirma que Ribeiro não foi o primeiro cronista do Brasil a escrever para o *Frankfurter Rundschau*, porém não menciona nomes e nem deixa claro se as colaborações foram tão extensas quanto a do baiano (RIBEIRO, 1995, p.157). Hermanns¹³ acredita que essas publicações são resultado dos próprios contatos de Mertin com o periódico, ainda que indiretamente.

2.1.2 A tradutora

Ray-Güde Mertin (1943-2007) nasceu em Marburg, na Alemanha, e formou-se em Filologia Românica e Germânica na *Freie Universität Berlin*. Morou por oito anos em São Paulo, de 1969 a 1977, onde foi leitora do DAAD e professora de Língua e Literatura Alemã na Universidade de São Paulo (USP) e na Universidade de Campinas (Unicamp). Antes de retornar à sua terra natal, morou nos Estados Unidos, país em que trabalhou como tradutora independente.

¹³ Ver resposta à quinta pergunta da entrevista, em anexo.

Em 1982 funda, em Bad Homburg, uma agência dedicada à divulgação das literaturas de língua portuguesa e espanhola. Seu trabalho como tradutora e agente literária a destacaria no mercado editorial, rendendo-lhe prêmios e homenagens – como por exemplo o *BücherFrau des Jahres* (Mulher dos Livros do Ano), que recebeu em 2005. Além disso, foi pesquisadora e professora honorária da *Johann Wolfgang Goethe-Universität*, em Frankfurt, sendo referência na área brasilianista.

Além de João Ubaldo Ribeiro, Mertin traduziu, entre outros, Clarice Lispector, Ignácio de Loyola Brandão e José Saramago, vencedor do Nobel de Literatura. Em sua última entrevista ao portal *Deutsche Welle*, em outubro de 2006, Mertin falou sobre a dificuldade de se encontrar espaço para a literatura brasileira na Alemanha.

Me ocorreu há pouco que o problema que o Brasil tem, se comparado a Portugal, é que ele está muito mais prejudicado pelos clichês. Samba, candomblé, futebol e as mulatinhas da Bahia continuam prevalecendo, enquanto que Portugal é encarado como um país à margem da Europa, coisa que a gente não agüenta mais escutar. Tudo bem que um leitor goste de Jorge Amado, que goste de ver coisas diferentes, exóticas, e queira ler algo sobre os trópicos. Não vejo problema nisso desde que não prejudique a literatura, que não a limite. O ideal seria que um livro pudesse ser aceito por ser uma boa obra literária, independentemente de sua origem geográfica. O problema é encontrar editores que pensem assim. (TADEU, 2006)

Quando faleceu, em janeiro de 2007, diversos depoimentos atestaram a relevância do trabalho de Ray-Güde Mertin. Em uma homenagem no site da *Goethe-Universität*, o professor Karsten Garscha destaca o papel de Mertin como divulgadora da literatura de língua portuguesa e comenta o quanto a própria universidade se beneficiou de seu trabalho como agente literária.

[...] Quase todos os autores atendidos por Ray-Güde Mertin palestraram, leram e discutiram com os nossos estudantes, entre os quais José Saramago, vencedor do Prêmio Nobel de 1998, que ela representou como agente. Ray-Güde Mertin uniu sua versatilidade como pesquisadora, crítica literária, agente literária, gestora cultural, tradutora e moderadora com a atuação acadêmica no contexto literário-cultural. Onde quer que ela aparecesse, soprava um vento fresco, reinava entusiasmo pela literatura, textos começavam a ganhar vida e autores a cantar hinos de louvor à sua amiga eficiente e adoravelmente charmosa. Toda a Romanística alemã perdeu uma colega insubstituível e inesquecível.¹⁴ (GARSCHA, 2007)

¹⁴ „[...] Fast alle der von Ray-Güde Mertin betreuten Autoren haben in unserer Universität vorgetragen, gelesen und mit den Studierenden diskutiert, darunter auch José Saramago, der Nobelpreisträger für Literatur des Jahres 1998, den sie als Agentin vertreten hat. Ray-Güde Mertin hat durch ihre Vielseitigkeit als Wissenschaftlerin, Literaturkritikerin, Literaturagentin, Kulturmanagerin, Übersetzerin und Moderatorin die akademische mit der literarisch-kulturellen Praxis verbunden. Wo sie auftrat, wehte ein frischer Wind, herrschte Begeisterung für die Literatur, begannen die Texte zu leben und die Autoren Loblieder zu singen auf ihre ebenso tüchtige wie hinreißend charmante

O site da agência fundada por Mertin fez um breve comentário, em inglês, sobre sua morte e listou obituários publicados em alemão, espanhol, francês, inglês e português. O único depoimento citado integralmente foi o de José Saramago, aqui reproduzido por nos ajudar a mensurar a importância do trabalho de Ray-Güde Mertin.

Todos aqueles que escrevemos em português e em espanhol, quer na Europa, quer na América e quer em África, acabámos de perder, não só uma grande amiga, mas também uma agente literária absolutamente fora do comum. Mesmo os autores daquelas partes do mundo que não estiveram representados por Ray-Güde Mertin acabaram por beneficiar indirectamente do influxo positivo do trabalho por ela desenvolvido durante quase trinta anos de actividade organizada, contínua e pertinaz a favor da difusão dos autores e das literaturas a que pertenciam. Negociadora ao mesmo tempo implacável e subtil defendeu os interesses dos autores melhor do que fossem os seus próprios. Amiga e companheira de todos e de cada um, deixa uma lembrança que nunca se apagará. Também a coragem com que enfrentou a doença deverá constituir para nós uma lição de impecável dignidade. Assim a recordarei eu sempre. (WITT, 2007)

Nicole Witt é a responsável por dirigir a agência, hoje chamada *Mertin-Witt Literarische Agentur*. Em 2015, recebeu o prêmio *Literary Agent of the Year* da *The London Book Fair*. Entre seus autores atuais estão o moçambicano Mia Couto, a angolana Djaimilia Pereira de Almeida, o espanhol Agustín Fernández Mallo e a brasileira Andréa del Fuego.

2.2 EIN BRASILIANER IN BERLIN X UM BRASILEIRO EM BERLIM

A coletânea, publicada pela primeira vez ainda na primeira metade da década de 90, teve diferentes edições tanto no Brasil quanto na Alemanha. Apesar de manter a sequência de textos, as edições são distintas, já que cada qual possui uma característica própria. Apresentaremos aqui quatro delas com o intuito de reconhecer suas semelhanças e diferenças. Como a edição já está indicada pela subdivisão do capítulo, a referência só trará o número da página em que se encontra o trecho citado.

Freundin. Die gesamte deutsche Romanistik hat eine unersetzliche und unvergessliche Kollegin verloren.“

2.2.1 Editora Suhrkamp (1994)

A primeira edição da coletânea foi publicada em formato de bolso e tem 104 páginas, afora a lista de títulos latino-americanos publicados pela Suhrkamp. A capa traz uma foto feita por Serge Cohen, na qual Ribeiro posa junto ao computador. Nas primeiras páginas há um curto texto de apresentação da obra, iniciado da seguinte forma:

Visões interiores de alguém de fora: durante o um ano de permanência em Berlim, 1990/1991, João Ubaldo Ribeiro escreveu para o Frankfurter Rundschau agradáveis colunas sobre a vida na cidade que então já não estava dividida. Ele narra de forma maravilhosamente leve as impressões, experiências, observações e pensamentos que um brasileiro teve em Berlim e na Alemanha no auge do período de mudança (Wende).¹⁵ (p.2)

Esse é basicamente o mesmo conteúdo do texto presente na contracapa. Ou seja, já de início o destaque vai para a importância do momento histórico testemunhado pelo escritor baiano. Esse é o valor dado para a coletânea: um registro de um momento importante para a Alemanha feito através do olhar de um estrangeiro. Na sequência, a apresentação faz menção a algumas crônicas, enfatiza que uma delas foi escrita especialmente para a coletânea e, apenas no último parágrafo, faz um pequeno histórico do autor, mencionando outros títulos publicados em alemão pela editora. Sob o nome *Das Lächeln der Eidechse*, o romance *O sorriso do lagarto* foi lançado em alemão naquele mesmo ano, em 1994.

Ao final da edição há um breve posfácio de Ray-Güde Mertin, que menciona algumas cartas de Ribeiro, que seriam também citadas no posfácio da edição brasileira. A tradutora inicia com um comentário sobre a dificuldade do baiano em aprender o idioma:

Antes da viagem para a Alemanha, uma grande excitação predominava na casa Ribeiro, na Ilha de Itaparica. A família passou ainda algum tempo no Rio de Janeiro para se preparar para Berlim. Isso incluía um curso intensivo de alemão. Todos estavam convencidos que João Ubaldo falaria fluentemente alemão quando chegasse. Mas o curso foi tão decepcionante quanto suas experiências anteriores com as primeiras lições de um livro didático: “‘Isso é um elefante? Não, isso é uma caneta tinteiro.’ Bom, não é mesmo?”

¹⁵ „Innenansichten eines Außenseiters: Während eines einjährigen Aufenthalts in Berlin 1990/1991 verfaßte João Ubaldo Ribeiro für die Frankfurter Rundschau sehr vergnügliche Kolumnen über das Leben in der nun nicht mehr geteilten Stadt. Er erzählt wunderbar leicht von seinen Eindrücken, Erfahrungen, Beobachtungen und Gedanken, die ein Brasilianer in Berlin und Deutschland zu Hochzeiten der Wende gehabt hat.“

Assim ele desiste de familiarizar-se com os segredos da língua alemã. Ele usa seu talento linguístico incomum em neologismos ou trocadilhos.¹⁶ (p. 102)

O posfácio é encerrado com uma menção indireta ao texto *Memória de livros*, que, como já comentamos, encerra a coletânea e tem um caráter autobiográfico, mas que foge das vivências do autor em solo alemão. Mertin tenta, mesmo assim, relacioná-lo à estadia na Alemanha, usando a distância como justificativa para abordar o assunto.

Seus livros favoritos, lidos frequentemente, ficaram no Brasil. Enquanto no escritório, mês após mês, as opiniões satíricas para o jornal alemão são emergem, João Ubaldo escreve outros textos, nos quais ele retorna a Itaparica. Depois de ser questionado sobre seus autores favoritos, ele se volta para a casa paterna, para os muitos livros que foram parte de sua infância.¹⁷ (p. 103)

A escrita de Mertin, aqui, é bem menos significativa do que na edição brasileira. Talvez a editora alemã tenha limitado o espaço dado a ela, ou simplesmente cortado deliberadamente o que ela escreveu. O fato é que, como veremos a seguir, o posfácio presente nas duas edições brasileiras mencionadas é bem mais crítico quanto à recepção da obra de Ribeiro na Alemanha e também mais detalhado em relação à colaboração do brasileiro ao jornal alemão.

2.2.2 Editora Nova Fronteira (1995)

Com o subtítulo *Crônicas*, a primeira edição brasileira é dedicada “para Michi e Ray” e possui uma foto do autor, feita por sua esposa Berenice Batella, apenas na orelha do livro. Não há nenhuma biografia, ainda que breve, do cronista e sequer uma

¹⁶ „Vor der Reise nach Deutschland herrschte große Aufregung im Hause Ribeiro auf der Insel Itaparica. Die Familie verbrachte noch einige Zeit in Rio de Janeiro, um sich auf Berlin vorzubereiten. Dazu gehörte auch ein Intensivkurs Deutsch. João Ubaldo würde, davon waren alle überzeugt, bei seiner Ankunft bereits fließend Deutsch sprechen. Aber der Sprachkurs war so enttäuschend wie seine früheren Erfahrungen mit den ersten Lektionen eines Deutschlehrbuchs: „Ist das ein Elefant? Nein, das ist ein Füllfederhalter.‘ Gut, nicht wahr?“

So gibt er es schließlich auf, sich in die Geheimnisse der deutschen Sprache einzuarbeiten. Seine außergewöhnliche Sprachbegabung übt sich in witzigen Wortschöpfungen oder Verballhornungen.“

¹⁷ „Seine Lieblingsbücher, oft gelesen, sind in Brasilien zurückgeblieben. Während im Arbeitszimmer Monat für Monat die Glossen für die deutsche Zeitung entstehen, schreibt João Ubaldo nun andere Texte, in denen er immer wieder nach Itaparica zurückkehrt. Und nach seinen Lieblingsautoren befragt, begibt er sich zurück in das elterliche Haus zu den vielen Büchern, die Teil seiner Kindheit waren.“

explicação sobre o momento histórico presenciado por João Ubaldo Ribeiro na Alemanha. Há, no entanto, um texto de apresentação de Jorge Amado, amigo do itaparicano.

[...] Livro delicioso, que se lê com um sorriso nos lábios. João Ubaldo conta do cotidiano da vida, acontecimentos maiores ou menores, relata a travessia do homem e do escritor, acompanhado quase sempre por seus familiares, minha comadre Berenice, a santa esposa, o artista Bentão, nascido em Portugal, e a doce bailarina Chica. Quando a família se vê perdida no aeroporto de Frankfurt, em busca da conexão para Berlim, a pequena Chica descobre que a Alemanha é maior do que o Brasil. As páginas da chegada à Alemanha são muito características do humor de João Ubaldo. Ele ri das mazelas e das pequenezas – a viagem aérea na classe econômica, um dos horrores do nosso tempo –, o riso por vezes se transforma em esgar, nem por isso menos divertido. (orelha do livro)

Amado comenta a grande experiência de Ribeiro como cronista, mencionando “as verdades nuas e cruas” que o itaparicano fala no contexto brasileiro. Há um destaque para o texto *Memória de livros*, o qual, como já mencionado, tem caráter autobiográfico e não se relaciona com a temporada na Alemanha. Ou seja, a apresentação de Jorge Amado não destaca o valor das crônicas como registro de um período histórico significativo para o país – o que talvez seja o principal elo entre a maioria dos textos.

Inclusive, ao mencionar a crítica política nas crônicas que Ribeiro escreve no Brasil e sem fazer qualquer relação com os textos de Berlim, Amado minimiza o significado da coletânea para mero entretenimento, já que seu maior elogio é que o livro “se lê com um sorriso nos lábios”. Ou seja, fica-se sem entender o real motivo da apresentação de Jorge Amado. Como João Ubaldo Ribeiro já era consagrado como romancista e também tinha uma presença marcante como cronista, tendo àquela altura publicado uma coletânea de suas contribuições para o jornal *O Globo, Sempre aos domingos* (1988), não haveria necessidade de se usar a apresentação de Jorge Amado como uma estratégia de marketing – a menos que se receasse o interesse do leitor brasileiro pelo assunto. Inferência que, por falta de registros, dificilmente conseguiremos refutar ou confirmar.

A edição da Nova Fronteira também traz um posfácio da tradutora, Ray-Güde Mertin, falando sobre a recepção do público alemão aos livros e às crônicas do escritor baiano. Como vimos, há também na edição alemã um posfácio seu, mas extremamente breve se comparado ao da edição do Brasil. Aqui ela apresenta ao leitor brasileiro a recepção da obra de Ribeiro na Alemanha.

João Ubaldo é um dos escritores brasileiros mais lidos e conhecidos na Alemanha. Convidado diversas vezes para roteiros literários, descreveu freqüentemente experiências e observações destas viagens. Há dez anos comprovava em uma carta a perspicácia e o domínio da língua alemã. Não era verdade que o país inteiro, que ele acabara de conhecer numa viagem de três semanas, estava dominado por dois grupos secretos, visíveis em toda parte, muitas vezes lado a lado? Duas “gangues”, que nunca se perdiam de vista, apresentando-se quase sempre como organizações gêmeas? Eram *Eingang* e *Ausgang*, a entrada e a saída. “Assim demonstrando que conheço a língua alemã de cabo a rabo e, se quisesse, escreveria em alemão e só não escrevo porque não quero...” (23/04/1985). E muito mais ele anotava nestas viagens preparadas com a pontualidade e minuciosidades alemãs. Trabalhadores e pontuais, tão sólidos e precisos em tudo: eis as proverbiais boas qualidades dos alemães. Seria tão bom se de vez em quando soubessem dar um jeito e pudessem se movimentar com mais jogo de cintura. Viajar a outro país, isso significa surpresas e irritações, proximidade e inacessibilidade, e a velha experiência que somente no estrangeiro é nitidamente sentida: qual é a própria nacionalidade. Não é apenas o fascínio diante do outro, mas também a surpresa de experimentar as próprias reações e sensações num contexto diferente. (p. 155-156)

Antes de chegar aos textos publicados no jornal *Frankfurter Rundschau*, a tradutora ainda comenta a percepção alemã do Brasil, mencionando críticas de jornais locais sobre o livro *Viva o povo brasileiro*.

Um brasileiro na Alemanha, na Europa, desperta certas expectativas. Quem sabe ele vem diretamente da floresta amazônica ou refugiou-se – fugindo da violência escaladora nas cidades grandes – no campo ou numa ilha, onde com certeza ainda existem índios que abatem sua caça com arco e flecha? Em 1988 foi publicada a tradução alemã de *Viva o povo brasileiro*. Mais do que qualquer outra obra da literatura brasileira nos últimos dez anos, este romance foi alvo de resenhas exotistas na imprensa de língua alemã. O título da resenha do *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, “Barões malvados, formosas escravas e mulatos astutos” não se distingue em muito dos comentários de outros jornais, onde se fala de “um golpe de gênio latino-americano” apontando “esta saga luso-tropicalista” sobre “guerras, imperadores, canibais”. E, com a infalível condescendência que às vezes costuma caracterizar as resenhas, o autor recebeu este comentário: “o romance preenche as expectativas em torno de uma obra latino-americana: vibrando em sensualidade, até a última gota cheia de vida exuberante”, ou este: “Ribeiro parece ter se comprometido fortemente com o canto heróico do povo simples. Ele não consegue se isentar de um romantismo social e de uma certa tendência aos clichês.” Questiona-se, então, quem não consegue se libertar de clichês – o autor ou os leitores e críticos? (p. 156)

Mertin comenta ainda sobre como o idioma alemão se mostrou um desafio para o autor baiano, que mesmo com cursos intensivos não conseguiu “mergulhar nos segredos da língua alemã”. Além disso, a diferença de sinais gráficos fez com que escrever em português se tornasse um desafio para Ribeiro, que tinha uma nova máquina de escrever à sua disposição.

A primeira carta que chega da rua Storkwinkel não é escrita na velha “geringonça”, no computador brasileiro, mas numa máquina de escrever nova, eletrônica, com letras bonitas, impecáveis. A carta, porém, está cheia de ã e ú e ö em lugar das letras portuguesas, com inúmeras correções feitas à mão: “Com enorme dificuldade, pois odeio máquinas de escrever, especialmente quando não têm cedilhas e outros sinais absolutamente indispensáveis à fiel expressão do pensamento (quem precisa de *umlauts*?), mando-lhe este saudoso bilhete (o raio da máquina também tem y no lugar de z, não é uma máquina cristã ocidental)... (24/04/1990)

Um mês mais tarde chega um texto escrito no novo computador, agora sim com til e cedilha nos lugares certos. Logo depois o autor manda as primeiras duas crônicas a serem publicadas no *Frankfurter Rundschau* pedindo um comentário crítico à tradutora. “Pensei também num título geral, mas só pensei besteira. “Um brasileiro em Berlim” é bastante chocho, você não acha? Pensei mais asnicas, “Berlim tropical”, não sei o quê... se é que, aliás, vai ser necessário um título geral.” (06/06/1990)

Em 1994 publica-se em Frankfurt um livro com as crônicas, justamente com este título: *Ein Brasilianer in Berlin*, novamente lido com grande entusiasmo por parte dos alemães. (p. 158)

O posfácio da tradutora segue com mais algumas memórias, concluindo com uma crítica sobre o desconhecimento europeu sobre a cultura latino-americana. Ou seja, é um texto muito mais significativo do que o de Amado no que se refere à importância dos registros sobre as diferenças culturais feitos por João Ubaldo Ribeiro e também mais aprofundado que o posfácio da edição alemã. As reflexões sobre a desinformação do europeu em relação às culturas latino-americanas teriam, sem dúvida, tornado seu comentário no livro da Suhrkamp mais relevante.

2.2.3 Editora TFM (2010)

A editora Teo Ferrer de Mesquita possui uma edição em alemão, mas aqui comentaremos a publicação bilíngue. O livro foi diagramado de forma que a versão em português ficasse lado a lado com a versão em língua alemã – a primeira na página esquerda, a segunda na página direita. Dessa forma é possível analisar facilmente as decisões da tradutora, percebendo-se também as diferenças estruturais dos dois idiomas. As orelhas do livro seguem a mesma lógica, cada qual abrigando a apresentação do escritor em um idioma. A única diferença é que a orelha em português possui um retrato de João Ubaldo Ribeiro, feito por sua esposa Berenice.

Além da característica bilíngue, a edição da TFM possui outros detalhes que a destacam das demais, como a ausência de um posfácio da tradutora e a presença de uma lista com as datas em que cada crônica foi publicada na mídia alemã, juntamente

com o nome do jornal. Há ainda uma nota do editor, também apresentada nos dois idiomas.

Muito tempo passou sobre os registros de João Ubaldo Ribeiro sobre Berlim, os berlinenses e os brasileiros, observações perspicazes, cheias de humor, sarcasmo e carinho. Tal como cita neste livro, “não se passa duas vezes pelo mesmo rio” e tampouco se vê o mesmo rio duas vezes, como acrescenta ao pensamento de Heráclito. Estarão já fora da realidade estes registros? Se tudo mudou!

Será que mudou mesmo? O preconceito, a rejeição da diferença, o medo do “outro” não existem mais? Os berlinenses, os alemães deixaram de perguntar-se quem são? E o “outro”, o que olha de fora, deixou de perguntar-se quem é?

Vale a pena voltar a estes textos, que nos remetem ainda sobre outra questão atualíssima: que rio é este que agora passa? (p. 4 e 6)

Cerca de vinte anos depois das publicações originais das crônicas, o editor ainda percebe o olhar de Ribeiro como uma fonte de reflexão para os próprios alemães, mas não por ser registro de um momento histórico para o país, e sim como um questionamento sobre o que é a Alemanha décadas depois da Queda do Muro de Berlim e da unificação.

Finalizando com uma dedicatória a Mertin, Teo Ferrer de Mesquita confirma a intenção de que o volume sirva de auxílio para estudos linguísticos.

[...] Com esta edição bilingue respondemos certamente também ao interesse de muitas leitoras e muitos leitores que estudam ou desejam aprofundar os seus conhecimentos num dos idiomas.

A tradução para o alemão é de Ray-Güde Mertin, que foi tradutora e agente literária de João Ubaldo Ribeiro, grande obreira na divulgação da literatura brasileira e das literaturas de língua portuguesa na Alemanha. Esta edição é dedicada à sua memória. (p. 6)

As motivações citadas pelo editor comprovam o valor cultural que ele atribui à coletânea do escritor baiano, o que provavelmente serviu de motivação para os cuidados com a edição. Alguns títulos de crônicas, por exemplo, foram alterados para que eles fossem equivalentes nos dois idiomas, preocupação que não houve nas edições anteriores. Em resumo, há uma atenção quase didática para a elaboração do volume, talvez com o intuito de que ele sirva de divulgador da língua portuguesa na Alemanha e de auxílio para brasileiros que estudam o alemão.

2.2.4 Editora Objetiva (2011)

A editora mantém a dedicatória do autor publicada na edição da Nova Fronteira, mas se diferencia de todas as demais por trazer um novo texto de Ribeiro, escrito para a publicação motivada pela Copa do Mundo de Futebol de 2006, realizada na Alemanha, segundo o próprio cronista. Intitulado de *Apêndice: Alemanha para principiantes*, esse acréscimo “não foi pesquisado objetivamente e se baseia em minhas impressões como visitante mais ou menos assíduo da Alemanha, além de ex-morador de Berlim, onde vivi quinze meses” (p. 115). O baiano ainda orienta o leitor a não levá-lo a sério demais:

Não fiz pesquisa nenhuma para escrever o que se segue e meu compromisso com a verdade, o que lá seja isso, se limita à sinceridade de minhas impressões e à realidade dos acontecimentos a que me refiro. Tampouco defini método algum para estas notas, alfabético, hierárquico, temático ou qualquer outro. Fui escrevendo o que me vinha à cabeça e que acredito ser do interesse de pelo menos alguns principiantes em matéria de Alemanha. Portanto, não leve estas dicas a sério demais. São somente palpites de um compatriota que tem vivência da Alemanha e cujo olhar pode ser muito diferente do de outros. (p. 115)

São dez tópicos sobre variados assuntos, de dicas sobre o idioma e hábitos locais a conselhos para uma boa relação com os alemães (como por exemplo *Papo de Hitler pega mal*). Com o objetivo de preparar quem o lê para ir à Alemanha, Ribeiro escreve brevemente sobre cada tema, sempre de forma bem-humorada. Sua primeira orientação, por exemplo, é o uso da palavra *bitte*.

A única palavra absolutamente indispensável na Alemanha é essa. Deve ser pronunciada com o “t” bem claro e não disfarçado pelo “tch” de muitos brasileiros. Serve para tudo, embora seja costumeiramente apresentada apenas como “por favor”. Nada mais longe da verdade. Um *bitte* bem dado, pode quebrar o galho para “com licença”, “desculpe”, “o quê?”, “um desses para mim também” e inúmeros outros casos, levando-se em conta os gestos que podem acompanhá-lo. Quando em dúvida, diga *bitte*, que, numa versão desmunhecada, serve até para “audácia do bofe!” ou, numa versão romântica, “deixe-me ver como você é linda”. O uso criativo do *bitte* já foi suficiente para um amigo meu que não falava nada de alemão namorar com uma alemã vários meses. Imagino que ele dizia também outras coisas, mas na minha presença era somente *bitte*. [grifos do autor] (p. 115)

Com exceção do apêndice e da nova capa, a editora Objetiva se manteve fiel ao modelo da Nova Fronteira, trazendo também a apresentação de Jorge Amado e o posfácio de Ray-Güde Mertin, que vem na sequência do apêndice, além da

dedicatória já mencionada. Há também uma versão digital desse volume, publicada em junho de 2011.

2.3 LEITURAS DA COLETÂNEA

Assim como as edições brasileiras não destacam o significado histórico do momento em que João Ubaldo Ribeiro viveu na Alemanha, os estudos e análises da coletânea (até onde pude averiguar) pouco comentam sobre isso. Dá-se muita atenção à autoexposição do escritor e à maneira com que ele descreve a visão do brasileiro no exterior e os contrastes culturais.

Como primeiro exemplo, citamos o artigo de João Luís C. T. Ceccantini para o volume da coleção *Cadernos de Literatura Brasileira* (1999), do Instituto Moreira Salles, dedicado ao baiano. Sob o título *Brava gente brasileira*, ele discorre sobre a importância do trabalho de Ribeiro como registro da identidade nacional, concluindo que é na coletânea *Um brasileiro em Berlim* que essa característica do itaparicano mais se destaca.

O contexto em que é produzido o livro, a estada do escritor por um ano em Berlim como convidado-bolsista do Instituto Alemão de Intercâmbio (DAAD), cria as condições propícias para que o aspecto do questionamento da brasilidade se sobressaia em crônicas de alto nível literário, onde, aliados às características já apontadas, ressaltam também uma postura mais contida do escritor em seu estilo humorístico e um certo teor poético que permeia vários textos inseridos na compilação. Produto de um momento de maturidade, o livro deixa aflorar com intensidade e refinamento esse rebuscado jogo de olhar para a cultura do outro, ao mesmo tempo nela se reconhecendo e se estranhando profundamente e, num movimento de retorno, olhar para a própria cultura, mais nítida agora, certamente, pelo distanciamento geográfico, deslocando-se sem pudor entre o pólo da irrestrita e afetiva adesão a nossa realidade, mas até mesmo de nossa virtualidade – os Brasis que poderíamos ter sido.

Fica, assim, a título de encerramento deste percurso pela obra de João Ubaldo Ribeiro, a referência a *Um Brasileiro em Berlim* como emblema de um projeto literário amplo e multifacetado, que consegue, como raramente se vê na produção contemporânea, problematizar verticalmente esse complexo processo de imposição e adaptação a que se submeteu nossa cultura, desde que aqui chegaram os europeus e que, até hoje, não se esgotou. (CADERNOS... 1999, p. 127-128)

Ceccantini vê a coletânea mais como uma leitura do próprio Brasil do que um registro do momento histórico alemão. Já Ulrike Bock, em um trabalho de graduação para a Universidade Federal da Bahia (sem data identificada), vai um pouco mais além

dessa percepção de construção da identidade e a contrasta com a alteridade, focando-se na leitura do ‘eu brasileiro’ e do brasileiro enquanto ‘outro’ na Alemanha.

[...] A categoria da diferença interna está implícita nas visões tanto do outro (mesmo que dentro deste texto seja por ausência) quanto como elemento constituinte da identidade.

O olhar ao outro não a permite, tendo como base das suas visões a generalização. Mas é justamente esta negação de aceitar configurações individuais dentro de um coletivo de outros que dá surgimento à representação do posicionamento do sujeito. Desta maneira, estabelece-se uma interação entre os conceitos submetidos à análise:

As noções do outro surgem da percepção (sujeitiva ou coletiva) de traços da representação homogênea da unidade. Da confrontação do „eu” com estas imagens centradas criadas através de uma perspectiva exterior (manifestada no texto como hostilidade aberta no caso do „Outro” e como visão idealista ou inferior no caso do „outro exterior”) resulta uma articulação do posicionamento individual do „eu”.

A percepção do outro mantém-se fiel aos clichês; no discurso documentado no texto não existe uma noção igualitária e diferenciada da alteridade. Para visibilizar sua reivindicação da pluralidade interna, só resta o humor, método de desmascaração intensamente usado por João Ubaldo Ribeiro. (BOCK, N.I., p. 9-10)

Aqui a leitura foi, portanto, mais técnica, baseada em conceitos específicos e usando trechos do autor como argumento. Quem também estuda a construção de identidade e alteridade nas crônicas de Berlim do escritor baiano é Rita Olivieri-Godet. Seu livro *Construções identitárias na obra de João Ubaldo Ribeiro*, publicado originalmente em francês, encerra com uma análise da coletânea alemã do cronista, na qual menciona brevemente o contexto histórico do período.

A equação “estrangeiro = inimigo” aparece de forma mais evidente quando as crônicas mencionam as transformações sociopolíticas desencadeadas pela queda do Muro de Berlim. As modificações provocadas por esse acontecimento histórico são o pano de fundo sobre o qual ocorrem as aventuras anódinas do cotidiano do narrador. Uma única vez ele é posto em primeiro plano e se torna o assunto central da crônica intitulada “A velha cidade guerreira”. Nostalgia e indignação misturam-se para construir uma reflexão sobre o destino histórico do homem. (OLIVIERI-GODET, 2009, p.259)

É dentro desse cenário de mudanças provocadas pela ausência do muro que a pesquisadora localiza a alteridade nas crônicas alemãs de Ribeiro. Ainda dentro da análise de *A velha cidade guerreira* (que também merecerá atenção especial nesta dissertação), Olivieri-Godet chega à seguinte conclusão:

[...] a nacionalidade surge como um critério de exclusão, o *outro* é um intruso que perturba a homogeneidade do grupo. Estamos no âmbito de um

nacionalismo redutor que serve de base para as manipulações do poder institucional, especialmente em momentos de crise e de conflitos que podem evoluir para a guerra. A história da Alemanha é muito marcada por esse tipo de manipulações que serviram aos regimes totalitários. Tal situação não é mais válida para a história recente da Alemanha, sobretudo a que se constrói a partir da queda do Muro de Berlim. O discurso do poder constituído exhibe então tendências humanistas, liberais e universalistas, de acordo com a conjuntura atual. A realidade, no entanto, encarrega-se de exibir a distância entre as palavras e os atos, como nos mostram esses textos de João Ubaldo. (OLIVIERI-GODET, 2009, p. 261, grifo da autora)

A partir de então, a análise visa a construção do texto, mencionando o uso de ironia ao abordar estereótipos por exemplo, sem maiores preocupações em explicar o contexto alemão. No entanto, é preciso frisar que, de todos os estudos aqui abordados, a pesquisadora foi a única a mencionar a Queda do Muro de Berlim, evento-chave para se entender a sociedade alemã que recebeu João Ubaldo Ribeiro. Já Murillo Cesar da Silva, em artigo de 2015 para a revista *Literatta*, foca nos autobiografemas de Ribeiro, tendo como referências teóricas Roland Barthes e Leonor Arfuch. Apesar de mencionar trechos de crônicas que retratam o dia a dia do baiano na Alemanha, o grande destaque é, inevitavelmente, o texto *Memória de livros*. Após discorrer sobre diferentes trechos da coletânea, ele fecha sua análise:

Esses detalhes, apresentados pela escrita autobiografemática de *Um brasileiro em Berlim*, permitem-nos conhecer um pouco mais o escritor João Ubaldo Ribeiro. Com simplicidade, ele descreve passagens de momentos em que se encontrava na Alemanha a convite da DAAD, e da relação com pessoas que foram essenciais para a construção do ser intelectual e que disponibilizaram as ferramentas – refiro-me ao arsenal de referências literárias, sejam elas clássicas ou não clássicas – para revelar o talento do escritor. (SILVA, 2015, p. 92)

Em sua conclusão, Silva aponta que o cronista baiano não nos apresenta “os eventos glamorosos dignos de um escritor de renome, mas os pormenores que promovem o desvelamento de um ser humano próximo da concretude da vida e mais distanciado de metafísicas ininteligíveis” (p. 92), concluindo que ele “Apresentou o Brasil como fiel nacionalista e fez questão de referenciar sua gente” (p. 93). Ou seja, nessa leitura a coletânea é vista como um retrato do Brasil e, especialmente, do próprio escritor.

Há ainda o artigo *De leitor a escritor: João Ubaldo Ribeiro e a sua formação em “Um brasileiro em Berlim”*, de Katiane Nogueira da Silva e Roni Cleber Dias de Menezes, publicado em 2021 na revista maranhense *Cadernos de Pesquisa*, que já em seu título indica a busca pela biografia do autor nos textos da coletânea.

Naturalmente é feita a leitura da construção do ‘outro’, mais especificamente como o Brasil é visto de fora. Eles afirmam que “Ribeiro deixa entrever, no contraponto às descrições que vai enfileirando sobre os alemães, um olhar arguto sobre as representações e autorrepresentações acerca dos seus conterrâneos” (SILVA, MENEZES, 2021, p. 575) e percebem as crônicas como “tentativas de tradução cultural” (p. 576), mas seu foco é realmente a história de vida do escritor, o que faz com que, mais uma vez, *Memória de livros* receba destaque.

A interpretação é embasada em Pierre Bourdieu e seu conceito de capital cultural. Dessa forma, o estudo é sobre a formação intelectual do escritor como consequência da estabilidade econômica de sua família. Novamente, a leitura de *Um brasileiro em Berlim* tem a Alemanha apenas como cenário, sem aprofundamentos sobre a história do país naquele momento – tal como se dá com as edições brasileiras da coletânea. Será que, se as editoras do Brasil tivessem destacado o contexto histórico como o fizeram as edições alemãs, a percepção do leitor e, conseqüentemente, dos estudiosos da obra de Ribeiro, seria diferente?

A presente pesquisa visa justamente reconhecer a coletânea como um testemunho dos primeiros tempos de Alemanha sem o Muro de Berlim. Para isso, será feito um resgate histórico e um estudo sobre o que é crônica – afinal, o gênero tem raízes no jornalismo e, conseqüentemente, se põe a registrar o tempo de seu autor. Por fim, dentro das próprias características de João Ubaldo Ribeiro como cronista e em contraste com outros escritores brasileiros, buscaremos identificar quão amplo e profundo é o registro histórico do baiano, possibilitando, assim, ao público de língua portuguesa uma nova leitura sobre a obra *Um brasileiro em Berlim*.

3 UMA NOVA ALEMANHA, UMA NOVA BERLIM

Como vimos, quando, em junho de 1990, o jornal *Frankfurter Rundschau* apresentou seu novo colunista, o brasileiro João Ubaldo Ribeiro, os alemães estavam, segundo a edição, “ocupados com eles mesmos” e por isso eram necessárias as “visões interiores de alguém de fora”. O país atravessava mudanças históricas: a população que vivera mais de quatro décadas dividida entre os blocos ocidental e oriental estava tentando assimilar a abertura do Muro de Berlim. Por mais que esse momento fosse aguardado desde que a construção fora iniciada, a situação era instável. Como escreveu o historiador Peter Bender (1996, p. 225), “quando a divisão se iniciou era evidente a unificação; quando a união veio, a divisão se tornou evidente”.¹⁸

O escritor baiano chegou a Berlim em abril, meses após a Queda do Muro, ocorrida em 9 de novembro de 1989. A Unificação só seria assinada em 3 de outubro, quase um ano depois. Ou seja, no momento em que a família Ribeiro desembarcava e dava seus primeiros passos na cidade, os alemães conviviam com muitas dúvidas, afinal coexistiam ainda duas Alemanhas, apesar de a fronteira entre elas ser agora transponível. Famílias separadas se reencontravam e pessoas se mudavam com medo de que o muro fosse novamente fechado, enquanto o governo da República Federal da Alemanha (RFA) tentava manter sua situação financeira diante da presença crescente de cidadãos oriundos da economicamente falida República Democrática Alemã (RDA)¹⁹.

Apesar de não dominar a língua (fato afirmado por ele em entrevistas e registrado por sua tradutora, Ray-Güde Mertin, no posfácio de *Um brasileiro em Berlim*), João Ubaldo Ribeiro não poderia ficar imune ao que acontecia na capital alemã e isso se refletiu nos seus textos para o jornal de Frankfurt. Ute Hermanns, que

¹⁸ “Als die Teilung kam, war die Einheit selbsterständlich; als die Vereinigung kam, war die Teilung selbsterständlich.”

¹⁹ “[O] crescente número de migrantes era registrado pela Chancelaria e pelo Ministério do Interior com crescente preocupação. Em janeiro de 1990 eram mais de 58 mil, em meados de fevereiro vinham diariamente cerca de três mil, projetando-se um total de 100 mil ao final do mês.” [„[Die] steigende Zahl [von Übersiedlern] registrierten Kanzleramt und Innenministerium mit steigender Sorge. Im Januar 1990 waren es mehr als 58 000, Mitte Februar kamen täglich etwa 3 000, hochgerechnet würden es 100 000 am Ende des Monats sein.“] (Bender, 1996, p. 218)

o recepcionou no aeroporto e que, com o passar do tempo, se tornou amiga da família, afirma em entrevista via e-mail:

Ele era capaz de ler em alemão, não perfeitamente, mas era suficiente para ler manchetes e textos curtos. Vez ou outra ele me pedia para traduzir algo para ele, quando um artigo o interessava especialmente e não o entendia por completo. Ele lia jornais ingleses e brasileiros, e também ouvia noticiários em inglês. Ele estava sempre muito bem-informado²⁰.

Conforme o crítico literário britânico John Gledson, especialista na obra de Machado de Assis, um verdadeiro estudo de crônicas exige a compreensão do contexto em que foram escritas²¹. Seguindo essa lógica, e sabendo da preocupação de Ribeiro em se manter a par das notícias, é necessário que, antes de darmos sequência à análise dos textos publicados no jornal *Frankfurter Rundschau*, entendamos como aconteceu a divisão alemã e o contexto em que ocorreu a Queda do Muro, para então percebermos a atmosfera que se seguiu a ela e influenciou na obra do escritor baiano.

3.1 LINHA DO TEMPO

O quadro 2 apresenta em sequência cronológica alguns eventos importantes do período estudado com o objetivo de orientar a leitura deste capítulo.

Quadro 2 – Linha do tempo

(continua)

1945	08.05	Capitulação do exército alemão
	17.07 a 02.08	Conferência de Potsdam (divisão da Alemanha em zonas de ocupação)
1949	23.05	Fundação da República Federal da Alemanha (RFA)

²⁰ Em resposta à pergunta oito da entrevista em anexo.

²¹ Na coletânea 'Por um novo Machado de Assis: ensaios' (São Paulo: Companhia das Letras, 2006), por exemplo, Gledson dedica três capítulos ao estudo de crônicas, sempre trazendo o contexto histórico como forma de entender as escolhas temáticas do escritor e sua opinião a respeito. Já no livro 'Machado de Assis: ficção e história' (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986), ao falar sobre a série 'Bons dias!', Gledson afirmava que o desinteresse pelas crônicas machadianas se devia ao fato de elas serem incompreensíveis para o leitor de hoje. Para isso ele via "apenas uma solução adequada: boas edições das crônicas, fartamente anotadas." (p.115) Na década de 90, o próprio estudioso começou esse trabalho e lançou coletâneas de crônicas de Machado classificadas por séries (mais especificamente, 'Bons dias!' e 'A semana'), nas quais cada texto possui notas que visam esclarecer referências políticas e culturais.

	07.08	Fundação da República Democrática Alemã (RDA)
1961	13.08	Construção do Muro de Berlim
1963	17.12	Primeiro acordo para permitir que moradores de Berlim Ocidental visitem Berlim Oriental.
1976	16.11	O músico Wolf Biermann perde a cidadania da RDA.
1982	01.10	Helmut Kohl é eleito chanceler da RFA
1983	29.06	A RFA aprova o primeiro empréstimo de milhões de marcos à RDA.
1987	7 a 11.09	Erich Honecker (RDA) faz uma visita oficial à RFA.
1989	setembro	A Hungria permite que refugiados da RDA viajem para o Ocidente.
	outubro	Manifestações populares crescem em Leipzig (RDA).
	04.11	Manifestação de 500 mil pessoas em Berlim Oriental.
	09.11	Queda do Muro de Berlim
	19.12	Helmut Kohl (RFA) discursa em Dresden (RDA).
1990	18.03	Primeiras eleições livres da RDA para a Câmara do Povo
	01.07	Entra em vigor a união monetária entre os dois países, assinada em 18 de maio.
	23.08	A Câmara do Povo decide pela adesão da RDA à RFA.
	03.10	A RDA é extinta, incorporando-se à RFA.

3.2 A DIVISÃO

A Alemanha nazista capitulou diante dos Aliados em 8 de maio de 1945 e, nas semanas seguintes, os vencedores da Segunda Guerra Mundial, ocuparam o país dividindo-o em quatro zonas (Figura 3). Estados Unidos, Inglaterra, França e União Soviética assumiram o Poder Executivo, cada qual em um setor. Berlim, por ser a capital, também foi repartida entre os quatro. A definição da fronteira (uma das motivações de Hitler para a guerra) foi uma das primeiras resoluções estabelecidas,

porém havia muito mais pela frente e, em teoria, a separação do território facilitaria a reorganização do país e a manutenção da paz.

Figura 3 – A Alemanha dividida



Fonte: Landeszentrale für politische Bildung Baden-Württemberg [20--]

Havia inúmeras cidades completamente em ruínas, as vias de comunicação estavam destruídas, a enorme migração de populações, constituída por evacuados, refugiados, pessoas deslocadas (*DP – Displaced Persons*), já se tinha iniciado antes do fim da guerra. A restrição à produção industrial e as reparações, sobretudo na Zona de Ocupação Soviética (SBZ), faziam com que a reconstrução económica parecesse impossível num futuro próximo e a moeda arruinada provocava o florescimento em massa do mercado negro, fazendo a Alemanha recuar para o nível de uma sociedade de comércio de troca. (KLESSMANN in DIRLMEIER *et al*, 2014, p. 345, grifo do autor)

A liberdade de decisão que cada potência tinha no território que ocupava foi demarcando aos poucos as divisas, especialmente pelo contraste do regime econômico soviético em relação às três outras potências, todas capitalistas. Ou seja, antes mesmo que houvesse um muro para definir a fronteira, as decisões tomadas já moldavam duas Alemanhas distintas²². A União Soviética ordenava sua Zona de Ocupação de forma que esta se tornasse um modelo comunista, um exemplo de como o sistema funcionava e de como poderia ser estabelecido em qualquer lugar; essa mesma lógica guiava os setores capitalistas, liderados pelos Estados Unidos. Como o projeto de ocupação não incluía a divisão do território alemão em dois países, os dois regimes almejavam expandir seu sistema econômico para toda a Alemanha.

Quanto mais a briga econômica se politizava, mais crescia a tendência de fazer sozinho o que não era possível fazer em conjunto. Os poderes ocidentais incluíram suas três zonas no Plano Marshall, que deveria ajudar a Europa a se reestruturar por meio do crédito norte-americano. Stálin recusou-se a participar do Plano e proibiu aos Estados de sua área de influência, porque temia uma dependência econômica e, conseqüentemente, política dos Estados Unidos. Os poderes ocidentais fizeram a reforma monetária nas suas zonas, já que não puderam chegar a um acordo com a União Soviética sobre uma reforma única em toda a Alemanha; Moscou introduziu em seguida sua própria moeda na Zona Oriental. A Alemanha estava economicamente dividida em junho de 1948; da briga sobre qual moeda deveria valer em Berlim Ocidental resultou a primeira grande crise de Berlim: A União Soviética bloqueou toda a alimentação dos setores ocidentais, os norte-americanos e os ingleses garantiram sua sobrevivência por meio de uma ponte aérea que durou onze meses. (BENDER, 1996, p. 67)²³

Em consequência, a Lei Fundamental da RFA foi acelerada e aprovada em 8 de maio de 1949. Já a RDA teve sua fundação oficializada meses depois, em 7 de

²² "Apenas três anos após a sua vitória, os poderes ocidentais e a União Soviética já estavam envolvidos em um conflito tão grande que ambos os lados temiam que o adversário conquistasse os alemães para si." [*Bereits drei Jahre nach ihrem Sieg waren die Westmächte und die Sowjetunion so sehr in Konflikt miteinander geraten, daß beide befürchteten, die Gegenseite könne die Deutschen für sich gewinnen.*"] (Bender, 1996, p. 33)

²³ „Je mehr der ökonomische Streit sich politisierte, desto mehr wuchs die Neigung, allein zu tun, was gemeinsam nicht möglich war. Die Westmächte bezogen ihre drei Zonen in den Marshall-Plan ein, der Europa mit amerikanischen Krediten wieder auf die Beinen helfen sollte. Stalin lehnte eine Teilnahme an dem Plan ab und verbot sie auch den Staaten seines Machtbereichs, weil er wirtschaftliche und damit auch politische Abhängigkeit von Amerika befürchtete. Die Westmächte reformierten die Währung in ihren Zonen, da sie sich über eine Reform für ganz Deutschland mit der Sowjetunion nicht einigen konnten; Moskau führte daraufhin eine eigene Währung in der Ostzone ein. Deutschland war im Juni 1948 wirtschaftlich geteilt; aus dem Streit, ob in West-Berlin der West- oder Ost-Mark gelten sollte, entwickelte sich die erste große Berlin-Krise: Die Sowjetunion schnitt die Westsektoren von aller Zufuhr ab, die Amerikaner und Engländer hielten sie elf Monate lang mit einer Luftbrücke am Leben.“

outubro, determinando a existência de duas Alemanhas²⁴. Por muitos anos, uma ignorou a existência da outra, ou melhor, a insistência em não reconhecer a existência da outra foi a base política dos dois países. Segundo Kielmansegg (2007, p. 79), eram “dois estados alemães que, conseqüentemente, não podiam existir um ao lado do outro, mas sim apenas um contra o outro”²⁵. Isso se refletia na representatividade alemã em organizações mundiais. Para a OTAN, o posicionamento da Alemanha era defendido pela RFA, enquanto o Pacto de Varsóvia tinha o governo da RDA como representante dos alemães.

Em Berlim, preenchida com placas marcando o início e o fim de cada Zona de Ocupação, ainda era possível caminhar de um lado a outro sem grandes burocracias, apesar da vigilância existente. A tensão, contudo, aumentava, suspeitava-se que um muro seria erguido, mas os líderes da RDA desmentiam tais rumores. Mesmo assim, muitos aproveitavam o ainda fácil acesso para saírem de casa com uma mochila nas costas e nunca mais voltar. Boa parte deles eram jovens, que não se despediam da família por medo da repressão do governo. Uma das motivações era o fato de que “passo a passo, o SED [*Sozialistische Einheitspartei Deutschlands* – Partido Socialista Unificado da Alemanha, único partido da RDA] conseguiu ampliar o controle da vida privada com a ajuda do partido e do serviço secreto.”²⁶ (MÄHLERT, 2009, p. 91)

A URSS viu, assim, milhares saírem de seu território. Nas ruas pareciam restar apenas idosos e crianças, ou seja, a mão de obra do país dos trabalhadores estava em risco. Por isso, no dia 13 de agosto de 1961, Berlim acordou com a divisão marcada. Sem possibilidade de idas e vindas para nenhum dos lados.

O que, em última instância fora quase inimaginável, aconteceu nas primeiras horas da manhã de 13 de agosto de 1961. Às 2h chegaram as primeiras chamadas à Polícia Ocidental de Berlim sobre o bloqueio do lado oriental da cidade. Transeuntes e moradores haviam observado como unidades pioneiras, protegidas por policiais e soldados bem armados do Exército Nacional Popular, começaram a bloquear as ruas para os setores ocidentais

²⁴ Nas palavras de Klessmman: “O objetivo político desse bloqueio dos acessos à cidade consistia em impedir a fundação do Estado ocidental, a República Federal da Alemanha, que se anunciava. No entanto, o resultado final foi precisamente o contrário: a Alemanha Ocidental aproximou-se das potências ocidentais e os preparativos para a elaboração da Lei Fundamental aceleraram. O Conselho Parlamentar aprovou a Lei Fundamental no dia 8 de maio de 1949 e no dia 15 de setembro – após eleições para o Parlamento federal, em agosto – foi eleito o primeiro governo federal, sob a liderança de Konrad Adenauer (1876-1967). A fundamentação formal da RDA, enquanto segundo Estado alemão, ocorreu poucas semanas depois.” (DIRLMEIER et al, 2014, p. 356-357)

²⁵ „Zwei deutsche Staaten, die folglich nicht nebeneinander, sondern nur gegeneinander existieren konnten.“ (Kielmansegg, 2007, p. 79)

²⁶ „Schritt für Schritt gelang es der SED, die Kontrolle des privaten Lebens mit Hilfe der Partei und des Geheimdienstes auszubauen.“

com arame farpado e cavalos de frisa. Um quarto de hora depois o barulho de britadeiras arrancou de seu sono os moradores da rua Friedrich Ebert. Os grupos de combate da SED ergueram barricadas com pedaços de asfalto e paralelepípedos. A partir das 2h o trânsito de metrô e trens foi suspenso no lado oriental. Às 2h30 a polícia de Berlim Ocidental foi colocada em estado de alerta. Uma hora depois, tanques rodavam no lado oriental da cidade. Eles ocuparam posições em áreas centrais: na Avenida Unter den Linden, na Praça Alexander e na Ponte Oberbaum. Ficava cada vez mais fechado o círculo de bloqueio em torno de Berlim Ocidental. Às 4h45 estavam bloqueadas 45 das 60 travessias rodoviárias para os setores ocidentais. Uma hora depois todas as vias de acesso estavam bloqueadas. Refugiados solitários ainda conseguiram quebrar as barreiras em lugares não vigiados. Alguns nadaram decididamente através de canais e extensões de água. Perplexos, milhares de berlinenses se reuniram nas primeiras horas da manhã junto da fronteira agora hermeticamente fechada, onde, separados pelo arame farpado e pela bem armada Polícia Popular, ficaram impotentes uns diante dos outros. Nos dias seguintes, equipes de construção substituíram as fortificações provisórias por um sólido muro. (MÄHLERT, 2009, p. 98)²⁷

O propósito era garantir que os cidadãos se mantivessem na RDA – antes de tudo, era uma questão de autopreservação. “Por outro lado, hoje impõe-se a sensação de que a construção do Muro significou o início do fim da RDA [...]” (KLESSMANN in DIRLMEIER *et al*, 2014, p. 368). Na época, no entanto, o bloqueio das fronteiras foi tão inesperado que nem as três potências aliadas, nem a prefeitura de Berlim souberam como agir.

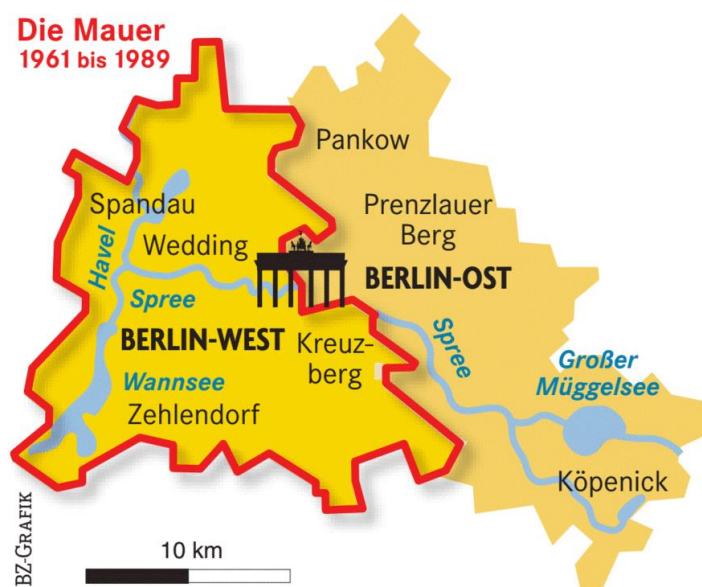
Willy Brandt, então prefeito e candidato do SPD a chanceler na campanha eleitoral federal, foi acordado perto de Hannover por volta das cinco horas da manhã. Ele imediatamente voou para Berlim. Junto ao Portão de Brandemburgo, ele observou, com os olhos escondidos atrás de óculos escuros, como cavalos de frisa foram fincados no chão. Mas ele não enviou um protesto aos comandantes municipais das potências ocidentais. Nem mesmo uma patrulha militar extra foi enviada. Os generais das potências

²⁷ „Das in letzter Konsequenz kaum Vorstellbare geschah in den frühen Morgenstunden des 13. August 1961. Um 2 Uhr gingen bei der West-Berliner Polizei die ersten Meldungen über die Absperrung des Ostteils der Stadt ein. Passanten und Anwohner hatten beobachtet, wie Pioniereinheiten im Schutz schwerbewaffneter Volkspolizisten und NVA-Soldaten damit begannen, die Straßen zu den Westsektoren mit Stacheldraht und Spanischen Reitern abzuriegeln. Eine Viertelstunde später riß der Lärm von Preßluftschlämmern die Anwohner der Friedrich-Ebert-Straße aus ihrem Schlaf. SED-Betriebskampfgruppen errichteten Barrikaden aus Asphaltstücken und Pflastersteinen. Ab 2 Uhr war der S- und U-Bahn-Verkehr im Ostteil der Stadt eingestellt. Um halb drei wurde die West-Berliner Polizei in Alarmzustand versetzt. Eine Stunde später rollten Panzer durch den Ostteil der Stadt. Sie bezogen an zentralen Punkten, Unter den Linden, am Alexanderplatz und an der Oberbaumbrücke, Stellung. Immer enger wurde der Absperrungsring um West-Berlin. Um 4.45 Uhr waren 45 der 60 innerstaatlichen Straßenübergänge zu den Westsektoren abgeriegelt. Eine Stunde später waren alle Verbindungen unterbrochen. Noch gelang es einzelnen Flüchtlingen, die Grenzbefestigungen an unübersichtlichen Stellen zu durchbrechen. Einige durchschwammen kurz entschlossen Kanäle und Gewässer. Fassungslos strömten die Berliner in den Morgenstunden zu Tausenden an die inzwischen hermetisch abgeschlossene Grenze, wo sie sich, getrennt durch Stacheldraht und schwerbewaffnete Volkspolizei hilflos gegenüberstanden. In den folgenden Tagen ersetzten Bautrupps die provisorischen Befestigungen durch eine feste Mauer.“

ocidentais não receberam ordens de seus governos. Os gabinetes em Washington, Londres, Paris e Bonn não sabiam como deveriam reagir. Eles só tinham certeza de uma coisa: muitos não queriam arriscar uma guerra para morrer por Berlim.²⁸ (KUHLO, 1989, p. 54)

O muro construído em torno de todo o território ocidental de Berlim (Figura 4), com extensão de 155 km, deu nova forma às dificuldades diplomáticas entre os dois países. A RFA não podia, agora, simplesmente fingir não saber da existência de uma outra Alemanha. Seus cidadãos berlinenses estavam ilhados no outro país e para ter acesso a eles era preciso, antes de tudo, reconhecer a fronteira existente para, a partir disso, tornar mais fácil a sua vida. Como sintetizou Bender (1996, p.169), “Berlim Oriental desejava reconhecimento sem contato, Bonn queria contato sem reconhecimento.”²⁹ Foi então iniciada uma política de aproximação que tinha por objetivo criar uma coexistência pacífica e, quem sabe um dia, promover a unificação do país.

Figura 4 – O Muro de Berlim



Fonte: Badische Zeitung (2014)

²⁸ „Willy Brandt, damals Regierender Bürgermeister und SPD-Kanzlerkandidat im Bundestagswahlkampf, wurde gegen fünf Uhr morgens bei Hannover geweckt. Sofort ließ er sich nach Berlin fliegen. Am Brandenburger Tor beobachtete er, die Augen hinter einem dunklen Brille verborgen, wie spanische Reiter in den Boden gerammt wurden. Doch bei den Stadtkommandanten der Westmächte erreichte er keinen Protest. Nicht einmal eine zusätzliche Militärstreife wurde ausgeschiedt. Die Generäle der Westmächte hatten keine Befehle ihrer Regierungen. Die Kabinette in Washington, London, Paris und Bonn wußten nicht, wie sie reagieren sollten. Sie wußten nur eines: Viele wollten keinen Krieg riskieren, um für Berlin zu sterben“

²⁹ „Ost-Berlin wünschte Anerkennung ohne Kontakte, Bonn wollte Kontakte ohne Anerkennung.“ (BENDER, 1996, p.169)

3.2.1 A Revolução Pacífica e a Queda do Muro

Apesar das movimentações políticas que indicavam uma convivência quase amistosa entre as duas Alemanhas, as ações que culminaram na unificação não tiveram origem nos governos. Os embriões da abertura do muro estão nos movimentos populares na RDA, por isso, a partir de agora, focaremos nessa perspectiva, com o objetivo de entender o contexto que motivou a população oriental a enfrentar seu governo.

A juventude da década de 80, nascida e criada sob a sombra da URSS, começou a fazer muitos questionamentos ao sistema.

Jovens tinham seus pais diante dos olhos: Eles haviam envelhecido amargurados; eles gastaram suas forças com os problemas sociais, mas pouco conquistaram; quando pensavam em seus colegas da República Federal, muitos sentiam que suas vidas haviam sido enganadas. Os filhos não queriam se deixar igualmente enganar e colocaram-se a caminho do oeste.³⁰ (BENDER, 1996, p. 206)

As décadas após a construção do muro abrigaram fatos internos muito marcantes para a sociedade da RDA, que foram lentamente aumentando o senso crítico da população. No âmbito cultural, o músico Wolf Biermann, que “em suas canções e poemas, com uma clareza corrosiva, não raramente criticava a discrepância entre o ideal socialista e a realidade da RDA”³¹ (MÄHLERT, 2009, p. 127-128), perdeu sua cidadania em 1976 e colocou a classe artística em sinal de alerta.

Nunca houve uma ampla frente de oposição em massa de artistas e intelectuais na RDA, mas a rutura entre o partido e os escritores nunca foi completamente sanada depois da perda de cidadania de Biermann e depois de muitos escritores e artistas se terem solidarizado com ele. Seguiram-se castigos do partido, proibições de publicação, expulsões. Os dissidentes demasiadamente incômodos foram expulsos à força ou enviados com visto permanente para a República Federal da Alemanha. (KLESSMANN in DIRLMEIER et al, 2014, p. 395)

Já a década de 80 ficou marcada pela Ordem 101, também conhecida como *Schießbefehl*, que dava autorização aos guardas do muro para atirar em qualquer

³⁰ „Jüngere hatten ihre Eltern vor Augen: Sie waren alt geworden und oft auch bitter; sie hatten ihre Kräfte im Kampf mit den östlichen Mühseligkeiten verbraucht, aber wenig erreicht, wenn sie an ihre Kollegen in der Bundesrepublik dachten, viele fühlten sich um ihr Leben betrogen. Die Kinder wollten sich nicht ebenfalls betrügen lassen und machten sich auf den Weg nach Westen.“

³¹ “[...] nicht selten mit ätzender Schärfe geißelte er in seinen Liedern und Gedichten die Widersprüche zwischen der sozialistischen Idee und der DDR-Wirklichkeit.“

pessoa que tentasse fugir – apesar de Erich Honecker, líder do governo da RDA, repetidamente dizer que as regras fronteiriças para uso de armas eram iguais às da República Federal, a única diferença é que a RDA proibia que se atirasse em mulheres e crianças (KIELMANSEGG, 2007, p. 545). A esta altura os dois Estados alemães já tinham mais de três décadas de existência e os alemães já tinham diferentes gerações e, conseqüentemente, diferentes percepções da divisão do território.

O historiador Kielmansegg (2007, p. 611) classifica em três gerações os alemães orientais da década de 80. A primeira é a nascida antes da Segunda Guerra e lutou contra o nazismo, era formada por ‘antigos comunistas’ que tinham suas esperanças na RDA. A segunda geração frequentou a escola no período nazista e abrangia os ‘trabalhadores pioneiros’ do país. A terceira geração nasceu pouco antes ou pouco depois da construção do muro.

A terceira geração [...] não teve apenas suas próprias e diferentes experiências com o socialismo, que tinha deixado para trás os tempos heroicos de fundação e desenvolvimento. Era também a geração que, com uma década de atraso, foi atingida pelas ramificações da grande mudança de valores que havia alterado tanto as sociedades industriais ocidentais. Em outras palavras: uma geração com pouco ânimo para autoridade e hierarquia e uma disposição cada vez menor de fazer parte do coletivo.³² (KIELMANSEGG, 2007, p. 611)

Foi essa juventude que começou a se reunir em grupos para questionar as imposições do governo. Os encontros aconteciam nas igrejas, que ainda conservavam sua privacidade, protegidas da vigilância da Stasi (redução de *Ministerium für Staatsicherheit*, ou seja, Ministério da Segurança do Estado).

[...] no correr dos anos 70 formou-se dentro das igrejas uma intensa cultura de resistência. Sob o signo ‘Trabalho aberto’ alguns poucos párocos e trabalhadores da igreja começaram a colocar salas paroquiais à disposição de jovens rebeldes. Surgiram grupos de Paz e de Meio-Ambiente, e de pequenos germes desenvolveu-se um movimento que causou crescente preocupação ao Estado. Justamente a diversidade, seu caráter espontâneo, desorganizado e parcialmente chamado de apolítico tornaram-no de difícil acesso para a Segurança Nacional. Todos os passos policiais, como prisões e ações de dissolução – como eram chamados no jargão da Stasi – fortaleceram os grupos a longo prazo. Desde 1987 algumas comunidades

³² „Die dritte Generation [...] hat nicht nur ihre eigenen, anderen Erfahrungen mit dem Sozialismus gemacht, einem Sozialismus, der die heroischen Gründungs- und Aufbauzeiten hinter sich hatte. Es war auch die Generation, die, mit einem Jahrzehnt Verspätung, von den Ausläufern jenes großen Wertewandelschubes erfaßt wurde, der die westlichen Industriegesellschaften so sehr verändert hatte. Eine Generation, heißt das, mit schwindendem Sinn für Autorität, für Hierarchie, schwindender Bereitschaft zur Einordnung ins Kollektiv.“

religiosas se tornaram pontos focais de real oposição política.³³ (HERTLE, WOLLE, 2006, p. 341)

Essa geração não queria a destruição do país em que nasceu, mas sim ter direito à liberdade de escolha; queria poder ir e vir sem medo das armas da polícia; em resumo: queriam mudanças.³⁴ As demonstrações se tornaram cada vez maiores, mesmo com as repressões do governo.

E justamente essas Manifestações de Segunda-Feira atraíam, semana após semana, cada vez mais pessoas, até que elas finalmente dominaram, em outubro, as ruas de Leipzig. Eram algumas centenas de pessoas no começo, 20 mil já em 2 de outubro, 70 mil no crítico 9 de outubro, mais de 100 mil no dia 16, na véspera da queda de [Erich] Honecker, e 150 mil em 23 de outubro – uma história que deixa dois pontos bem claros: a suprema importância de um núcleo central, ao redor do qual o grande movimento pôde se formar, e a suprema importância da repetição regular das manifestações; apenas assim ele pôde crescer. (KIELMANSEGG, 2007, p. 619)³⁵

Na metade final de outubro de 1989 foram registradas mais de 130 manifestações³⁶. Além disso, muitos viajavam para Hungria e República Checa em busca de refúgio nos consulados da RFA. Esses e outros fatores fizeram com que o

³³ „[...] im Laufe der Siebzigerjahre entwickelte sich innerhalb der Kirchen eine lebendige Kultur der Widerständigkeit. Unter dem Signum ‚Offene Arbeit‘ begannen einzelne Pfarrer und Kirchenmitarbeiter aufsässigen Jugendlichen kirchliche Räume zur Verfügung zu stellen. Es folgten Umwelt- und Friedensgruppen, und aus winzigen Keimen erwuchs eine Bewegung, die dem Staat zunehmend Sorge bereitete. Gerade die bunte Vielfalt der Gruppen, ihr spontaner, unorganisierter und teilweise betont unpolitischer Charakter machten sie für die Staatssicherheit schwer greifbar. Alle polizeilichen Schritte wie Verhaftungen oder Zersetzungsmaßnahmen – wie dies im Stasi-Jargon hieß – stärkten die Gruppen langfristig. Seit 1987 wurden einige Kirchengemeinden zum Kristallisationspunkt einer echten politischen Opposition.“

³⁴ “[...] as manifestações no outono de 1989 não tinham nem como meta nem como consequência uma unificação da Alemanha, mas sim uma mudança da RDA. Uma “revolta pela unificação” (termo de Rolf Schroers) nunca aconteceu, nem violenta, nem politicamente, nem na RDA e nem na RFA.” “[...] die Demonstrationen im Herbst 1989 zielten zunächst und in der Hauptsache nicht auf eine Vereinigung Deutschlands, sondern auf eine Veränderung der DDR. Einen ‚Aufstand für die Wiedervereinigung‘ (ein Wort von Rolf Schroers) hat es niemals gegeben, weder gewaltsam noch politisch, weder in der DDR noch in der Bundesrepublik.”] (BENDER, 1996, p. 22)

³⁵ „Und eben diese Montagsdemonstrationen zogen von Woche zu Woche mehr Menschen an, bis sie schließlich im Oktober die Leipziger Straßen beherrschten. Ein paar hundert Menschen waren es am Anfang, 20 000 bereits am 2. Oktober, 70 000 am kritischen 9. Oktober, über 100 000 am 16., dem Vorabend des Sturzes von Honecker, und 150 000 am 23. Oktober – eine Geschichte, die zweierlei ganz deutlich macht: die überragende Bedeutung eines Kristallisationskerns, um den herum sich größere Bewegung formieren konnte, und die überragende Bedeutung der regelmäßigen Wiederholung der Demonstrationen; nur so konnte sie wachsen.“

³⁶ “Na segunda metade de outubro, o Ministério da Segurança Nacional registrou levantes pacíficos, manifestações em todo o país, mais de 130 com meio milhão de participantes. Na primeira semana de novembro foram mais que um milhão.” “[...] In der zweiten Oktoberhälfte registrierte das Ministerium für Staatssicherheit so etwas wie friedlichen Aufruhr, Demonstrationen im ganzen Land, mehr als 130 mit einer halben Millionen Teilnehmern. In der ersten Novemberwoche waren es mehr als eine Million.”] (Kielmansegg, 2007, p. 619)

governo iniciasse discussões internas para definir formas de satisfazer sua população. A situação econômica do país já estava no limite³⁷, mal havia condições para produzir tudo aquilo de que o regime precisava para sobreviver e a última coisa de que o governo necessitava eram greves e mortes de cidadãos em conflitos com a polícia.

Foi em uma coletiva de imprensa, que tinha por objetivo acalmar os ânimos e informar as decisões que estavam sendo tomadas, que o muro, sem planejamento prévio, caiu.

A decisão do Conselho de Ministros dizia que todos poderiam solicitar imediatamente 'viagens privadas para o exterior', 'as autorizações serão concedidas em um prazo curto e negações serão aplicadas apenas em casos excepcionais'. Isso quis dizer: Quase todos podem viajar, mas precisam ser aprovados, e, mesmo que isso aconteça 'em um prazo curto', isso não significa, de modo nenhum, imediatamente. Mas [Günter] Schabowski respondeu, depois de ser questionado sobre quando entravam em vigor as novas regras, 'desde já'. As pessoas ouviram isso na televisão, correram para a fronteira, ignoraram que precisavam de um visto, e quiseram 'ir pro outro lado'. A sua paciência reduzia; quanto mais tempo eles eram rejeitados, mais seu número aumentava aos milhares, até que o responsável pela passagem de fronteira da rua Bornholmer cedeu à massa e, às 22h30, 'suspendeu todos os controles'. Às 23h todas as passagens de fronteira fizeram o mesmo, obedecendo a ordens superiores. Pela segunda vez o regime cedia diante do povo.³⁸ (BENDER, 1996, p. 212)

O evento foi tão inesperado que o primeiro-ministro da RFA, Helmut Kohl, foi surpreendido pela notícia em meio a uma viagem internacional. O dia 10 de novembro

³⁷ "Todos os países do leste encontravam-se em crescente emergência econômica, mas a RDA tinha um apoiador que a agarrava pelos braços mesmo quando não era vantajoso para ele. Honecker e seu especialista em questões econômicas, Günter Mittag, começaram cedo a buscar na República Federal o que não podiam receber do leste. Até metade dos anos 70 construiu-se uma base para um endividamento que continuou crescendo. Em 1970 as dívidas externas totalizavam dois milhões de marcos de compensação. Em 1989 eram 49 bilhões." [*„Alle Staaten im Osten befanden sich in wachsender wirtschaftlicher Not, aber die DDR hatte einen Nothelfer, der ihr auch dann unter die Arme griff, wenn es sich für ihn ökonomisch nicht auszahlte. Honecker und sein Vertrauter in Wirtschaftsfragen, Günter Mittag, hatten schon früh begonnen, sich in der Bundesrepublik zu holen, was sie im Osten nicht bekommen konnten. Bis Mitte der siebziger Jahre legten sie den Grundstock für eine Verschuldung, die immer weiter wuchs. 1970 betrugen die Auslandsschulden zwei Milliarden Verrechnungsmark, 1989 waren es 49 Milliarden.“*] (Bender, 1996, p. 115)

³⁸ „Der Ministerratsbeschluss sagte, jedermann dürfte sogleich ‚Privatreisen nach dem Ausland‘ beantragen, ‚die Genehmigungen werden kurzfristig erteilt und Versagungsgründe werden nur in besonderen Ausnahmefällen angewandt‘. Das hieß: Fast jeder darf reisen, aber es muß genehmigt werden; auch wenn das ‚kurzfristig‘ geschehen soll, bedeutet das keineswegs sofort. Aber [Günter] Schabowski hatte, nach dem Inkrafttreten der neuen Regelung gefragt, ‚Ab sofort‘ geantwortet. Die Leute hörten es im Fernsehen, strömten zur Grenze, ignorierten meist, daß sie Visa brauchten, und wollten ‚rüber‘. Ihre Geduld sank, je länger sie abgewiesen wurden, ihre Zahl stieg zu Tausenden, bis der Leiter am Grenzübergang Bornholmer Straße der Masse nachgab und um 22.30 Uhr ‚alle Kontrolle einstellte‘. Um 23 Uhr taten es die anderen Übergangstellen auf Befehl von oben. Zum zweiten Mal kapitulierte das Regime vor dem Volk.“

iniciou-se com as ruas de Berlim cheias de cidadãos sorridentes dos dois lados do muro aberto, mas o governo Kohl, que estrategicamente tornou a RDA sua devedora, já estava em alerta para o que viria a seguir, na esperança de consumir o quanto antes a unificação política.

3.2.2 Berlim Ocidental: a ilha capitalista

Agora é necessário que olhemos para a vida em Berlim Ocidental antes da abertura do muro, que a tornara de fato uma ilha capitalista dentro da RDA. Como os historiadores, conscientemente ou não, se atêm aos fatos que influenciariam o processo de reunificação, iremos nos limitar aqui às perspectivas de escritores brasileiros que, antes de João Ubaldo Ribeiro, foram bolsistas do programa DAAD. Isso se faz necessário para que tenhamos uma melhor visão de como era o dia a dia do outro lado da cidade dividida pelo muro, onde sua abertura não era solicitada por multidões nas ruas.

Ignácio de Loyola Brandão esteve na capital alemã de março de 1982 a agosto de 1983. Seu livro *O verde violentou o muro* possui duas edições no Brasil. A primeira foi concluída em 1984, em Araraquara, sua terra natal, enquanto a segunda, de 2000, soma observações que o autor fez ao retornar a Alemanha na década de 90. Ou seja, essa última edição apresenta o contraste entre as percepções feitas em um país dividido (quando o autor de fato morou em Berlim) e as visitas pós-Queda do Muro. No momento, vamos nos ater às vivências de Brandão na década de 80.

Seu livro é como um diário, cheio de observações e impressões da vida em uma cidade dividida. A leitura é extremamente didática para quem pouco conhece a história da Alemanha cortada pelo muro, já que o autor explica de diferentes formas a situação de Berlim – traz informações históricas, contextos culturais e, claro, percepções da sociedade de então. Entre tantos detalhes, um retrato da convivência com a imensa construção de concreto:

Junto ao muro, espalhadas pela cidade inteira, centenas de plataformas, postos de observação, em madeira ou tubos de ferro, com três, quatro metros de altura (um dos mais altos fica na Bernauer Strasse, no bairro Wedding). As pessoas sobem para contemplar o lado de lá. O *outro lado*, como dizem, pejorativamente. Suba, olhe para os comunistas! Para quê, se os cidadãos do Oeste podem atravessar, passar o dia no Leste sem maiores dificuldades? A sensação que tenho nesses mirantes é de estar

no zoológico a admirar Pandas. Sinto falta de outra tabuleta, nesta cidade onde existem tantas: *Proibido alimentar comunistas*. Ah, sim, tem o lado prático da plataforma. Você vê o outro lado de graça. Porque para atravessar o muro é preciso pagar. O visto custa cinco marcos. E há obrigação de se trocar vinte e cinco marcos orientais ao câmbio de um por um. Trinta marcos equivalem a doze dólares. Troque e gaste, porque é proibido retornar com dinheiro. Nenhuma informação a respeito, mas é proibido. Não se pode sair com um centavo do lado oriental. (BRANDÃO, 2000, p. 53, grifos do autor)³⁹

Aqui o brasileiro comenta uma das estratégias da RDA de arrecadar dinheiro: vender vistos diários a turistas. Outro método registrado pelo escritor paulista é a ‘venda de alemães’. É importante lembrar que tais procedimentos são resultado da aproximação dos dois governos, a qual iniciou após a construção do muro. O curioso título desse trecho é: “Quer comprar um alemão?”

Assistindo ao filme *Der Mauerspringer* (O saltador do muro), baseado no romance de Peter Schneider, fiquei atordado. Porque o personagem que se encontrava preso em Berlim Oriental é comprado pela RFA e liberado. Como é isso? Ficção? Perguntei ao próprio Peter, que escreveu um incômodo livro para as duas Alemanhas. Existe um acordo entre os dois países. Alemão compra alemão. De tempos em tempos, a República Federal injeta enormes quantias de dinheiro na Oriental, recebendo em troca facilidades. Como a não-colocação de obstáculos ao livre trânsito dos trens, dos carros nas free-ways, dos ocidentais em Berlim Leste. E até mesmo para o escoamento de lixo de Berlim Oeste, que é descarregado em terrenos da RDA, mediante pagamento de uma taxa por caminhão. Nessa ‘troca de favores’, anos atrás foi instituída a ‘compra’. A Federal adquire pessoas descontentes, presos políticos e parte daqueles que na Alemanha Oriental solicitam o que se chama ‘dispensa de nacionalidade’. Que, aliás, é um processo complicado. Além da ‘compra’, outro dos meios de sair é casando-se com alguém do lado ocidental. Casamentos que geralmente são desfeitos nos tribunais do Oeste. No sistema de compra, há preços e prioridades. Os mais baratos são as donas de casa e trabalhadores comuns. Um operário com qualificação está orçado entre trinta e trinta e cinco mil marcos (doze a quatorze mil dólares). Técnicos sofisticados (são bem bons na Oriental), como médicos, engenheiros e físicos, custam caro: cento e cinquenta mil marcos. Sociólogo[s] têm cotação mediana: cinquenta mil marcos. (BRANDÃO, 2000, p. 69, grifo do autor)

³⁹ A exemplo do que se fará nos capítulos seguintes, as citações literárias serão apresentadas em fonte 12, recuo de 2 cm e espaçamento simples, com o objetivo de facilitar a leitura de trechos extensos.

O escritor registra seus passeios na RDA e a experiência de dirigir na terra de ninguém, entre as idas e vindas de palestras promovidas pelo DAAD em outras cidades da Alemanha Ocidental. Além disso, Brandão (2000, p. 149) também faz um questionamento sobre a presença constante dos Aliados: “A gente olha os prédios vastíssimos, a quadra imensa cercada, pensa na falta de espaço desta cidade, vê as fardas, os símbolos e se pergunta: o que significa continuar ocupando outro país em 1982?”

Outro ponto registrado por ele é a mudança dos alemães ocidentais com os que buscam refúgio da RDA. Se antes os orientais eram recebidos com demonstrações de amizade, na década de 80 a coisa muda.

Anos atrás, as pessoas que saltavam o muro tinham garantidos, do lado ocidental, uma identidade, uma casa e um emprego. Com os problemas econômicos crescendo gradativamente na RFA, a situação ficou delicada. Os que saltam o muro, antigamente bem-vindos e fartamente utilizados na propaganda, hoje não são mais recebidos com tanta simpatia, porque vêm agravar problemas. Não há casas para dar e muito menos empregos para oferecer. Em setembro de 83 os jornais anunciaram que foram devolvidos à RDA elementos que conseguiram atravessar o muro. (BRANDÃO, 2000, p. 60)

O mineiro Rubem Fonseca esteve em diferentes momentos na capital alemã. Primeiro em 1985, por dois meses, como recompensa por receber o Prêmio de Literatura Goethe por seu romance *A grande arte*. Três anos depois ele publicaria o livro *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos*, no qual a Berlim dividida é um dos cenários. Na ficção, o protagonista narra sua passagem pelo controle da RDA para visitar o lado comunista da cidade.

O olhar dos guardas era duro e atento. Olhavam o passaporte e depois para o rosto das pessoas, bem dentro dos olhos. Este escrutínio era feito pelo primeiro guarda e mais adiante o segundo fazia o mesmo. Este parecia ter uma cara ainda mais implacável. Era parte da rotina, mas comecei a suar, preocupado. E quanto mais suave mais tenso ficava. (FONSECA, 2010, p. 190)

Esse era apenas o momento de espera na fila. O autor registra detalhadamente o processo de travessia.

Eu não suava mais ao chegar em frente ao primeiro policial. Encarou-me, depois pegou meu passaporte, abriu, viu o retrato e voltou a me arrostar ameaçador, onisciente, impiedoso como lhe haviam ensinado na Polizeischule.

[...]

Deixei-o fitar-me nos olhos por alguns segundos, o tempo suficiente para ver que eu era inocente e depois desviei os olhos – eu não devia insistir, os inocentes não desafiam.

O policial devolveu-me o passaporte.

Adiante foi novamente repetida a mesma encenação. Outro guarda examinou meu passaporte fazendo uma reprise do que ocorrera antes. Deixou-me passar. Mas eu não podia me considerar livre. Ainda faltava a cabine, onde entrava um visitante de cada vez, o último obstáculo a ser transposto.

Uma luz acendeu sobre a porta e o guarda mandou-me entrar.

Era uma espécie de corredor pequeno com duas portas. A luz que vinha do teto era muito forte. No lado esquerdo de quem entrava, notei uma abertura sob o vidro.

Espeiei.

‘Levante a cabeça’, disse uma voz áspera, humilhante.

Levantei a cabeça. Pareceu-me ver um vulto impreciso por trás do vidro escuro. Estaria ele, mesmo dali, vendo os meus olhos?

Espeiei.

‘Vinte e cinco marcos’, disse a voz áspera. Era o Zwangsumtausch, câmbio obrigatório de todo visitante. Dei a ele o dinheiro da Alemanha Ocidental. O tempo parecia haver parado. De dentro da cabine escura não vinha o menor som. Estava faltando o quê?

[...]

Ouvi um leve ruído. Meu passaporte, afinal empurrado pela mão invisível do ser ameaçador que se escondia atrás do vidro, apareceu por debaixo do vidro, com o visto e os marcos orientais.

Uma luz se acendeu na outra porta. Abri a porta e saí. Estava do outro lado. (FONSECA, 2010, p. 190-191)

A transcrição de todo esse trecho se fez necessária por ser um registro detalhado do processo de travessia do muro. Tenso e burocrático, mas possível para os ocidentais. O fato de ser narrado por um autor brasileiro também é significativo para este trabalho, já que a proposta é justamente analisar o olhar estrangeiro diante dos primeiros tempos de unificação. Os adjetivos usados por Fonseca, assim como suas pausas, dão uma vivacidade marcante ao que é narrado. Por mais que o livro seja uma ficção, tais observações são provavelmente oriundas da própria experiência do autor.

Em 1989, ele retornou a Berlim com uma bolsa de três meses da DAAD e presenciou a Queda do Muro. Na coletânea *O romance morreu: crônicas*, Rubem Fonseca dedica um texto a Berlim, em que narra diferentes experiências na capital

alemã. Como não poderia deixar de ser, ele comenta sobre a abertura do Muro de Berlim e os dias seguintes ao evento. O trecho que se segue é um apenas o início de seu relato do fato.

Na noite de quinta-feira, 9 de novembro, eu estava trabalhando no meu apartamento quando ouvi ruído de gritos e buzinas na rua. Passava das vinte e uma horas. Da janela da minha sala, que ficava no primeiro andar, vi que vários dos carros que buzonavam eram Trabis (apelido de certa maneira depreciativo dado aos toscos carros populares Trabant, fabricados na República Democrática da Alemanha). Tendo assistido cinco dias antes, em Berlim oeste, a uma manifestação na avenida Kurfürstendam – ou Kudamm, como era mais conhecida – de centenas de milhares de pessoas repetindo o slogan da passeata de Leipzig no mês de outubro, *Wir sind das Volk* – Somos o povo –, eu estava como que preparado para o grito das ruas exigindo alguma forma de liberdade, como a de viajar, por exemplo. Era evidente que, se os Trabis estavam passeando pela Kudamm, o novo governo, chefiado por Egon Krenz, havia cedido de alguma maneira.

Corri para a Kudamm e notei um número grande de pessoas andando pelas ruas, além dos Trabis buzinando repetidamente, a comemorar a abertura das fronteiras entre os dois lados da cidade.

No dia seguinte, quando a população do leste da cidade teve certeza de que a abertura era para valer, um milhão de pessoas, segundo cálculo feito por um jornal, invadiu Berlim ocidental. (FONSECA, 2007, p.65-66, grifo do autor)

Apesar de não comentar no seu texto, José Rubem Fonseca foi entrevistado por uma rede brasileira de televisão na noite de 9 de novembro, porém não foi reconhecido pelo jornalista, já que o escritor evitava as mídias. Apenas quando a reportagem foi ao ar no Brasil é que o mineiro foi reconhecido. Ute Hermanns, que estava com ele nesse momento (a conversa em português entre eles é que atraiu o jornalista), registra essa história na apresentação da publicação alemã de *Reminiscências em Berlim*.⁴⁰

⁴⁰ “É lendário o episódio no qual Rubem Fonseca deu uma entrevista à TV Manchete em 12 de novembro de 1989 na Praça Potsdamer, quando o muro estava sendo aberto lá. O jornalista Luiz Carlos Azenha não reconheceu o escritor, o qual normalmente não dava entrevistas. Fonseca entendeu imediatamente que a Queda do Muro iria romper com a estrutura global e falou sobre isso na entrevista, onde apareceu com a boina puxada por sobre o rosto, se apresentou como José Rubem Fonseca do Rio de Janeiro e emitiu seu comentário.” [„Legendär ist die Episode, dass Rubem Fonseca dem Fernsehsender TV-Manchete am 12. November 1989 ein Interview am Potsdamer Platz gab, als dort die Mauer geöffnet wurde. Der Journalist Luiz Carlos Azenha hat den Autor, der normalerweise keine Interviews gab, nicht erkannt. Fonseca hatte sofort verstanden, dass der Mauerfall das globale Gefüge auseinanderbringen sollte, darüber sprach er dann auch im Interview, in dem eine Schirmmütze tief ins Gesicht zog, sich als José Rubem Fonseca aus Rio de Janeiro vorstellte und seinen Kommentar abgab.“] (HERMANNNS in FONSECA, 2021, p. 9)

Mas voltemos um pouco no tempo, para o primeiro trimestre daquele ano. O bolsista da DAAD, então, era João Antônio. Depois de um ano em Berlim, entre 1987 e 1988, o escritor dá seu depoimento (essa é a classificação dada pela revista *Nossa América*) sobre a vivência na Berlim Ocidental na edição publicada em março de 1989. De seu texto podemos tirar as observações mais próximas à Queda do Muro, ou seja, uma percepção mais clara da sociedade que receberia os cidadãos desiludidos (e esperançosos) da RDA.

Uma das impressões mais marcantes no texto do escritor paulistano é o não-pertencimento à capital alemã. São frequentes as comparações com o Brasil e o registro de que outros estrangeiros possuem o mesmo sentimento, mesmo estando há anos no país.

Difícil aceitar algumas coisas no dia-a-dia como ver uma pessoa levar um tombo na rua e olhar os circundantes que, além de não ajudá-la a levantar-se, se põem a rir. Ainda hoje, como no aceso do nazismo, a delação aqui conta pontos, principalmente a favor. O avanço da direita é um fato, o neonazismo ressurgiu, planificadamente, adquire um disfarce de Partido Republicano ou coisa que o valha e elege candidatos até em Berlim. Tudo isso é também consequência de certa inépcia da esquerda. Quando se fala em ecologia, devastação e tragédias contra o meio ambiente, nós, do terceiro mundo, somos taxados de depredadores e irresponsáveis. Mais de 45% das árvores da Floresta Negra estão tecnicamente mortas pelas chuvas ácidas. (ANTÔNIO, 1989, p. 69)

Mas o que talvez seja mais importante para a presente pesquisa seja o registro da melancolia dos berlinenses ocidentais. João Antônio (1989, p. 67) diz: “Quanta infelicidade na fartura, meu Deus! Um subdesenvolvido não entende para que tanta cara ensimesmada se o pessoal consome, consome e continua triste. E consome.” E acrescenta mais adiante: “Notei que no Natal e no Ano Bom, apesar da enxurrada consumista nas lojas e supermercados caros, o maior destaque nas notícias é para o suicídio e a depressão.” (p.69)

Essa observação por parte do brasileiro poderia ter servido de alerta para os orientais, caso tivesse chegado ao seu conhecimento. Afinal, o sonho da abertura do muro estava longe de ser sinônimo de felicidade.

Berlim Ocidental é uma ilha cercada de DDR, a República Democrática Alemã, por todos os lados. E trata de ser, até como provocação, uma vitrina

ostensiva do capitalismo. Claro, comete seus exageros: os vinte e alguns andares suntuosos do americanizado Europa Center levam um *slogan* pretencioso, para não dizer ingênuo, de porta de ouro da Europa. E, assim, Berlim Ocidental, por mais que se empeteque como vitrina avançada do capitalismo, provocação aberta para o lado de lá do muro, tem no fundo uma melancolia de si mesma, tristonha e impotente. (ANTÔNIO, 1989, p. 70)

O motivo dessa infelicidade, para João Antônio, é a imposição da construção que cerca o lado ocidental, sendo o consumismo uma tentativa frustrada de amenizar o ferimento.

Há moeda forte, riqueza, recursos. E uma ferida aberta para valer, o muro. O Mauer, muralha com presença em tudo, do inconsciente coletivo à psicologia de cada um. Pouco tem adiantado pintá-lo com denúncia, poemas, protestos, insultos, catarses. Ou vômitos. Até isso foi turistizado. Ele está lá. E é. (ANTÔNIO, 1989, p. 71)

Os registros do escritor brasileiro, feitos pouco tempo antes da Queda do Muro e mesmo das primeiras movimentações significativas na RDA, nos mostra o quanto a divisão havia sido naturalizada pela sociedade ocidental. Não havia perspectiva, e talvez nem interesse, de que o cenário mudasse. O entendimento disso poderá tornar mais compreensível a atmosfera registrada por João Ubaldo Ribeiro em suas crônicas ou, no mínimo, torná-las pouco surpreendentes.

3.3 A UNIFICAÇÃO

A Queda do Muro de Berlim, instigada pelo povo da RDA, não estava na agenda nem dos governos alemães nem na das quatro potências que ainda se mantinham como supervisoras das decisões tomadas pelos políticos locais. A euforia inicial foi, aos poucos, se transformando em um misto de emoções. A migração de leste a oeste foi a primeira reação de muitos, fosse pelo medo de um novo fechamento, fosse pelo cansaço do sistema econômico da RDA. E isso gerou consequências para ambos os lados.

A irrefreável migração para o oeste agravou não apenas a crise econômica na RDA, mas sobrecarregou de forma crescente a economia da Alemanha

Ocidental. Uma união monetária, econômica e social deveria remediar a situação.⁴¹ (MÄHLERT, 2009, p. 180)

A RFA começou a ver os índices de desemprego aumentarem de maneira descontrolada. Um dos problemas era a diferença nas formações profissionais dos dois regimes. Outro era a falta de vagas de trabalho. Além disso, o governo da RDA possuía muita gente em sua folha de pagamento, a qual, mais tarde, entrou na lista de desempregados.

Mais de 90 mil colaboradores estavam a serviço da espada e do escudo do partido no final de outubro de 1989. Cerca de 11 mil destes pertenciam ao 'Regimento de Vigilância Felix Dzerzynki'. No último ano da ditadura da SED, mais de 2.200 'oficiais em ocupação especial' trabalhavam em importantes posições de segurança política na organização estatal, como nos setores econômicos e em outras áreas da vida social da RDA, mas também no exterior ocidental para o serviço secreto. Um a cada 62 moradores, ou seja, cerca de 174 mil pessoas, era registrado como 'funcionário não oficial' pelo Ministério da Segurança.⁴² (MÄHLERT, 2009, p. 172)

Ao mesmo tempo, aumentavam as demandas de consumo – enquanto no lado oriental a população e a produção diminuía ainda mais.

Uma estratégia do governo da RDA, encabeçado por Egon Krenz, substituto de Erich Honecker, foi convidar Helmut Kohl para discursar e, com sorte, acalmar os ânimos dos cidadãos a ponto de reduzir a migração. Em 19 de dezembro de 1989, diante das ruínas da Frauenkirche em Dresden, o primeiro-ministro da RFA fez, segundo a revista *Der Spiegel*⁴³, o seu mais importante discurso, que começou com um agradecimento pela revolução pacífica e seguiu com a promessa de um trabalho conjunto entre os dois governos alemães.

Queridos amigos, nós queremos um estreito trabalho conjunto em todas as esferas: nos campos da economia, do transporte, na proteção do meio

⁴¹ „Die ungebremste Westwanderung verschärfte längst nicht mehr nur die Wirtschaftskrise in der DDR, sondern belastete zunehmend auch die westdeutsche Ökonomie. Eine Währungs-, Wirtschafts- und Sozialunion sollte hier Abhilfe schaffen.“

⁴² „Über 90 000 hauptamtliche Mitarbeiter hatten Ende Oktober 1989 im Dienste des Schwertes und Schildes der Partei gestanden. Davon hatten rund 11 000 dem ‚Wachregiment Felix Dzerzynski‘ angehört. Im letzten Jahr der SED-Diktatur waren über 2 200 ‚Offiziere im besonderen Einsatz‘ in sicherheitspolitisch bedeutsamen Positionen im Staatsapparat, der Volkswirtschaft oder in anderen Bereichen der gesellschaftlichen Lebens der DDR, aber auch im westlichen Ausland für den Geheimdienst tätig. Jeder 62. Einwohner, d.h. rund 174 000 Menschen, war als ‚inoffizieller Mitarbeiter‘ vom MfS geführt.“

⁴³ Em junho de 2017, na ocasião da morte de Kohl, a revista publicou uma edição especial reunindo biografia, reportagens sobre ele, depoimentos e também o citado discurso na íntegra.

ambiente, na esfera da política social e da cultura: nós queremos em todo campo da economia um trabalho conjunto o mais estreito possível com o claro objetivo de melhorar tão depressa quanto possível as condições de vida aqui na RDA. Nós queremos que as pessoas aqui se sintam bem. Nós queremos que elas fiquem em sua pátria e possam encontrar aqui sua felicidade.⁴⁴ (SPIEGEL, 2017, p. 95-96)

Havia quem fizesse o roteiro contrário, do oeste para o leste. Pessoas que tinham fugido da RDA ou que tivessem se tornado *non gratae* pelo regime comunista, além de pessoas que sempre moraram do lado ocidental, mas que tinham sido afastadas dos familiares pela divisão, voltavam ao lado oriental para rever cenários e amigos.⁴⁵

Além disso, a crise econômica que a migração causava na RFA fazia com que os antigos moradores da RDA se desiludissem com o sistema. Afinal,

[...] a DDR não foi apenas um Estado autoritário, foi também um Estado assistencialista. Ele definia o que as pessoas tinham que fazer, mas também garantia tudo para elas. Ele restringia a escolha profissional, mas garantia a todos um local de trabalho. Ele mantinha o salário baixo, mas também os custos da alimentação básica, aluguéis, trem, ônibus e correio. Ele não permitia a ninguém, exceto aos privilegiados, dar grandes saltos e pagava pequenas aposentadorias, mas os cuidados com a saúde, a faculdade e outras formações técnicas eram gratuitas, e a cultura era quase gratuita em comparação com os preços ocidentais de ingressos e livros.⁴⁶ (BENDER, 1996, p. 248)

⁴⁴ „Liebe Freunde, wir wollen eine enge Zusammenarbeit auf allen Gebieten: auf dem Felde der Wirtschaft, des Verkehrs, zum Schutze der Umwelt, auf dem Gebiet der Sozialpolitik und der Kultur: Wir wollen vor allem auf dem Felde der Wirtschaft eine möglichst enge Zusammenarbeit mit dem klaren Ziel, dass die Lebensverhältnisse hier in der DDR so schnell wie möglich verbessert werden. Wir wollen, dass die Menschen sich hier wohl fühlen. Wir wollen, dass sie in ihrer Heimat bleiben und hier ihr Glück finden können.“ (“MEINE liebe Freunde!": Kohls wichtigste und beste Rede. Kohls wichtigste und beste Rede. **Der Spiegel**: Biografie, [S.L.], p. 94-97, jun. 2017.)

⁴⁵ “Logo depois da abertura da fronteira, parentes e amigos colocaram-se a caminho do leste, assim como refugiados e deportados, alguns podiam visitar pela primeira vez sua terra natal. Instituições de todo o tipo, de universidades a clubes esportivos, tentavam retomar antigas ligações e criar novas.” [„Schon bald nach den Grenzöffnung machten sich Verwandte und Freunde auf den Weg nach Osten, ebenso Geflüchtete und Ausgewiesene, manche konnten jetzt erstmals ihre Heimat wieder besuchen. Institutionen jeder Art, Universitäten bis zu Sportverbänden, bemühten sich, alte Verbindungen wieder aufzunehmen und neue anzuknüpfen.“] (Bender, 1996, p. 224)

⁴⁶ „[...] die DDR war nicht nur ein Machtstaat, sondern auch ein Fürsorgestaat. Sie bestimmte, was die Leute zu tun hatten, aber sorgte auch für sie. Sie beschränkte die Berufswahl, aber garantierte jedem einen Arbeitsplatz. Sie hielt die Einkommen gering, aber auch die Kosten für Grundnahrungsmittel, Mieten, Bahn, Bus und Post. Sie ließ, von den Privilegierten abgesehen, niemanden große Sprünge machen und zahlte kleine Renten, aber die Gesundheitsversorgung, das Studium und andere Ausbildung waren umsonst und die Kultur fast umsonst im Vergleich zu westlichen Eintritts- und Bücherpreisen.“

Essa realidade também tornava clara outra grande diferença entre os alemães orientais e ocidentais: Uma unificação implicaria numa mudança completa para aqueles que vivenciaram 40 anos de RDA, porém, para quem sempre esteve do lado oeste do muro, nada mudaria. Ou melhor: nada deveria mudar (Bender, 1996, p. 224).⁴⁷

Os alemães orientais sofreram muito mais com o descontentamento do que os alemães ocidentais. Para a maioria dos cidadãos da RFA, a reunificação era um objetivo nacional, para a maioria dos moradores da RDA também foi, ou principalmente, um desejo pessoal, pois a unificação significava se livrar do comunismo e viver como no ocidente. A grande maioria dos alemães ocidentais podia viver sem os alemães orientais e não sentia falta de quase nada, a grande maioria dos alemães orientais depositou suas esperanças na República Federal.⁴⁸ (BENDER, 1996, p. 176)

As diferentes percepções depois das primeiras alegrias pós-queda tornaram as ruas alemãs emocionalmente densas, especialmente em Berlim, onde as pessoas se olhavam desconfiadas, tentando adivinhar se quem estava ao seu redor era, na verdade, ‘do outro lado’. A cidade que mais sofrera com a divisão era, agora, o cenário onde a cicatriz de anos de muro se mostrava mais visível. E é nesse contexto que a família Ribeiro desembarca na capital alemã, em abril de 1990.

3.3.1 Cronologia: João Ubaldo Ribeiro e a Unificação Alemã ⁴⁹

O quadro 3 tem por intuito facilitar a leitura da linha histórica pouco antes e durante a estada da família Ribeiro em Berlim. A publicação dos textos está destacada para melhor visibilidade.

⁴⁷ “Para os alemães orientais tudo mudou [...] exceto o horário e a estação do ano; para os alemães ocidentais nada deveria mudar.” [„Für die Ostdeutschen änderte sich [...] alles außer der Uhrzeit und der Jahreszeit; für die Westdeutschen sollte sich gar nicht ändern.“] (Bender, 1996, p. 224)

⁴⁸ „Die Ostdeutschen litten weit mehr unter der Entfremdung als die Westdeutschen. Für die meisten Bundesbürger war Wiedervereinigung ein nationales Ziel, für die meisten DDR-Bürger war sie auch, oder vor allem, ein ganz persönlicher Wunsch, denn Vereinigung hieß, den Kommunismus loswerden und leben wie im Westen. Die große Mehrheit der Westdeutschen konnte ohne die Ostdeutschen leben und vermißte nicht viel, die große Mehrheit der Ostdeutschen hatte ihre Hoffnungen auf die Bundesrepublik gesetzt.“

⁴⁹ Os títulos em alemão das crônicas foram retirados da primeira edição da coletânea ‘Ein Brasilianer in Berlin’ (Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1994), enquanto os títulos em português foram retirados da primeira edição brasileira de “Um brasileiro em Berlim” (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995). Já as datas de publicação dos textos foram consultadas na edição bilíngue da coletânea (Frankfurt: TFM, 2010).

Quadro 3 - Cronologia

(continua)

1 9 8 9	09.11	Queda do Muro de Berlim
	19.12	Helmut Kohl discursa em Dresden
1 9 9 0	15.01	Uma manifestação de 150 mil pessoas em Leipzig pede a reunificação do país
	Abril	A família Ribeiro chega a Berlim
	18.05	É assinado o Tratado sobre a União Monetária, que entra em vigor em 1º de julho
	11.06	Publicação da primeira crônica de João Ubaldo Ribeiro no jornal <i>Frankfurter Rundschau</i> (FR): <i>Ankunft</i> (Chegada)
	16.06	Segunda crônica (FR): <i>Der Stotterer</i> (O tartamudo do Kurfürstendamm)
	04.07	Terceira crônica (FR): <i>Sexy Berlin</i> (Sexy Brasil, sexy Berlim)
	04.08	Quarta crônica (FR): <i>Alte, kriegerische Stadt</i> (A velha cidade guerreira)
	01.09	Quinta crônica (FR): <i>Erziehung zum Geld</i> (Educação financeira)
	03.10	Adesão da RDA à RFA, oficializando a Reunificação
	20.10	Sexta crônica (FR): <i>Organisiertes Leben</i> (Vida organizada)
	17.11	Sétima crônica (FR): <i>Das Verbrechen im Storkwinkel</i> (O crime do Storkwinkel)
	02.12	Helmut Kohl é reeleito chanceler.
	08.12	Texto para o suplemento literário (FR): <i>Erinnerung an Bücher – Aus einer brasilianischen Kindheit</i> (Memória de livros)
1 9 9 1	26.01	Oitava crônica (FR): <i>Dichterlesung</i> (Problemas de intercâmbio cultural)
	23.02	Nona crônica (FR): <i>Kulturschlacht</i> (Batalhas culturais)
	08.03	Aprovação do programa 'Reconstrução do Leste'

1 9 9 1	06.04	Décima crônica (FR): <i>Der Winter, unbekannt</i> (O inverno, este desconhecido)
	04.05	11ª crônica (FR): <i>Die Indianer von Berlin</i> (Os índios de Berlim)
	08.06	12ª crônica (FR): <i>Die Suche nach den Deutschen</i> (Procurando o alemão)
	27.07	Publicação da última crônica de João Ubaldo Ribeiro no jornal <i>Frankfurter Rundschau</i> : <i>Abschied</i>
	03.10	Texto para o jornal <i>Die Zeit</i> : <i>Wo der Blick ins Leere geht</i> (Pequenos choques: Quatro anotações de um visitante distraído)
	21.12	Dissolução da União Soviética

4 CRÔNICAS QUE REGISTRAM A HISTÓRIA

Se os alemães orientais se mobilizaram por sonhar com as variadas cores que o capitalismo prometia oferecer e os ocidentais se mostravam tão infelizes, apesar de todo o consumismo, como via João Antônio, é fácil concluir que a euforia com a Queda do Muro de Berlim não durou muito. A unificação da cidade e do país havia sido idealizada por tanto tempo que, quando ela finalmente chegou, o choque foi inevitável. Afinal,

[...] pessoas não são computadores, que se pode programar. Logo ficou evidente que os alemães orientais reagiram de forma diferente do que fora previsto, porque estavam habituados a outras regras. Os cidadãos ocidentais se sentiam sobretudo decepcionados, pois ofereceram o seu melhor aos compatriotas; os alemães orientais se sentiam sobretudo estarecidos, pois os alemães ocidentais assumiram em todo lugar o comando e impunham a eles diferentes normas, padrões de comportamento e de valor.⁵⁰ (BENDER, 1996, p. 254)

Essa conclusão de Bender é um tanto sintética, pois não ilustra de fato a convivência de cidadãos que por décadas viveram em sociedades tão distintas. Como era o dia a dia? Como os alemães percebiam o outro e reagiam diante dele? Esses sutis detalhes são percebidos pelo olhar de um escritor, especialmente quando os olhos são estrangeiros, como vimos anteriormente ao citarmos registros de Ignácio de Loyola Brandão, Rubem Fonseca e João Antônio. Por isso os textos de João Ubaldo Ribeiro merecem tanta atenção.

O baiano, que ainda na adolescência dera seus primeiros passos no jornalismo, tinha experiência como cronista quando chegou a Berlim. Em 1988 havia lançado sua primeira coletânea do gênero, *Sempre aos domingos*, em que reunia crônicas escritas para o jornal *O Globo* nos sete primeiros anos em que foi colunista do diário (ao retornar ao Brasil, Ribeiro voltou a escrever para o periódico). Ou seja, quando o convite para escrever para o jornal *Frankfurter Rundschau* surgiu, a experiência tornou automática a escolha do gênero crônica.

⁵⁰ „[...] Menschen sind keine Computer, die man programmieren kann. Sehr bald zeigte sich, daß die Ostdeutschen großenteils anders reagierten als vorgesehen, weil sie auf andere Anforderungen eingestellt waren. Die Bundesbürger fühlten sich meist enttäuscht, denn sie hatten den Landsleuten doch ihr Bestes angeboten; die Ostdeutschen fühlten sie meist überwältigt, weil die Westdeutschen überall die Regie übernahmen und ihnen fremde Regeln, Verhaltensweisen und Wertmaßstäbe aufnötigten.“

Diante disso, antes mesmo de olharmos para as crônicas do escritor brasileiro, faz-se necessário resgatar a origem e o conceito do gênero. Dessa forma estaremos melhor preparados para analisar criticamente a coletânea *Ein Brasilianer in Berlin / Um brasileiro em Berlim*, que apresenta todos os textos produzidos nesse período.

4.1 O QUE É CRÔNICA?

A crônica que conhecemos hoje, para muitos um gênero bem brasileiro “pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu” (CANDIDO, 1979, p. 6-7), tem sua origem na França. O folhetim (nome adotado no Brasil quando a ideia foi importada) surgiu nos jornais e o espaço abrigava os mais variados assuntos.

De início, ou seja, começos do século XIX, *le feuilleton* designa um lugar preciso do jornal: o *rez-de-chaussée* – rés-do-chão, rodapé -, geralmente o da primeira página. Tinha uma finalidade precisa: era um espaço vazio destinado ao entretenimento. E pode-se já antecipar, dizendo que tudo o que haverá de constituir a matéria e o modo da crônica à brasileira já é, desde a origem, a vocação primeira desse espaço geográfico do jornal, deliberadamente frívolo, oferecido como chamariz aos leitores afugentados pela modorra cinza a que obrigava a forte censura napoleônica. (MEYER, 1996, p. 57)

Com o passar do tempo, “o *Feuilleton* vai ser desbatizado e, sucessivamente, se chamar *Folha Literária*, *Folha Histórica*, *Apêndice*, ou melhor, *Appendix*” (MEYER, 1998, p. 121 – grifos da autora), até que finalmente seja chamado de “crônica”. No Rio de Janeiro, ele se popularizou e ganhou cores mais brasileiras a partir de nomes como Machado de Assis e José de Alencar. Os jornalistas, então, escreviam semanalmente a respeito dos fatos ocorridos nos últimos sete dias. Mais do que escrever sobre as notícias, eles as comentavam, traziam impressões pessoais e usavam a ironia para fazer críticas políticas e sociais.

Como o imigrante que perdeu definitivamente contato com a sua cultura de origem, estabelecendo a partir de então uma trajetória de vida desvinculada daquela que seria traçada pelos seus compatriotas em sua terra natal, e que poderia ser a dele mesmo, se ainda estivesse lá, a crônica, no Brasil, seguiu seu curso à revelia do desenvolvimento do contexto original europeu, restando-lhe apenas reagir a demandas preponderantemente nacionais. Nesses termos, a questão da nacionalidade da crônica é reforçada por perspectiva histórica mais propriamente diacrônica, que nos remete menos às influências externas do que internas: se a crônica brasileira não se nutriu do constante convívio com o que se produziu lá fora, ela acabou por manter

uma linha evolutiva voltada para a sua própria trajetória de tal maneira que a pergunta de quem teria influenciado [Stanislaw] Ponte Preta, Nelson Rodrigues ou Mário de Andrade poderia muito bem ser respondida com os nomes de França Júnior, Machado de Assis ou João do Rio. (SOARES, 2014, p. 30)

Ou seja, o espaço nomeado folhetim tem origem francesa, mas seu conteúdo sempre teve em vista o Brasil. Apesar de a França ser uma referência cultural na época, os folhetinistas nacionais não importaram por completo sua fórmula. Eles conheciam o seu público e, portanto, escreviam para atraí-lo. Isso se refletia na escolha de palavras e na abordagem dos temas, dando formas brasileiras para o espaço inspirado pelos jornais franceses. A fórmula desenvolvida pelos primeiros cronistas nacionais influenciou as gerações seguintes.

Outra característica a singularizar a crônica era sua estreita ligação com a imprensa. Destinados em meados do século XIX a tornar as folhas mais leves e atraentes, os folhetins de variedades acompanharam o processo de ampliação do público leitor de jornais. Machado de Assis atestou o sucesso de tal movimento, em crônica escrita no início da década de 1890, ao observar a “revolução” que se teria estabelecido no jornalismo brasileiro nas décadas anteriores. Com tiragens muito superiores àquelas alcançadas por outras obras impressas, os jornais se constituíram nos principais veículos de comunicação com o grande público. Apesar das baixas taxas de escolaridade e alfabetização, já se mostravam em fins do século XIX capazes de atingir, com sua influência, os mais diversos grupos sociais – fato explicado por hábitos como a leitura em voz alta e pela rápida difusão oral daquilo que era publicado. Ao alargar o horizonte de seus possíveis leitores, proporcionavam aos seus autores prestígio e reconhecimento. Mesmo sem se confundir em nenhum momento com jornalismo noticioso, a crônica mostrava-se, mais do que qualquer outro gênero, atrelada ao jornal no qual era publicada. (CHALHOUB; NEVES; PEREIRA, 2005, p. 18)

Ainda hoje a crônica tem sua base no jornal. É para esse veículo que ela é escrita e é a partir dele que ela se mantém popular, sem, contudo, seguir as normas de escrita do jornalismo. Não apenas pelo posicionamento crítico de quem a escreve, mas também porque “o fato que é para o repórter em geral um fim, para o cronista é um pretexto. Pretexto para divagações, comentários, reflexões do pequeno filósofo que nele existia” (COUTINHO, 2003, p. 134). A partir disso se conclui que o jornal é unicamente uma plataforma para a crônica.

O jornal é anônimo, impessoal, coletivo; a crônica funciona à margem dessa engrenagem numerosa, como uma voz isolada, mas naturalmente solidária com o conjunto de que faz parte. O cronista não fala, não opina, não debate, não se manifesta ‘pelo’ jornal; mas ‘através’ do jornal. Ele individualiza o comentário ou a crítica, expondo-os através de sua sensibilidade, seu gosto, suas convicções, suas idiossincrasias de homem. (MARTINS, 1972, p. 13)

Apesar de não influenciar o estilo de escrita do cronista nem (oficialmente) seu posicionamento crítico, o jornal limita a forma do texto, justamente pela formatação do veículo. Se o folhetim, em sua origem, se limitava ao rodapé da página, com o passar do tempo as crônicas passaram a ocupar diferentes espaços, variando de acordo com a diagramação e/ou com a estrutura pensada por cada redação jornalística. Os próprios cronistas, mais ou menos populares, podem influenciar essa escolha de posição, porém o que segue inalterado desde os tempos em que a crônica se chamava folhetim é: seu espaço é invariável de uma semana para outra e seu autor deve se ater a ele.

É inimaginável uma crônica de dez páginas. Observe-se ainda que as crônicas de um autor possuem em regra geral o mesmo tamanho. Compreende-se: ele tem à sua disposição um cantinho do jornal que é sempre o mesmo, sempre a mesma superfície de papel branco a encher de preto. Nesse sentido a crônica é um verdadeiro exercício de estilo. As dimensões reduzidas do espaço disponível forçam o autor a conter-se, impedem o derramamento e a tautologia, constituem um antídoto da oratória patética e tropical. (RONÁI, 1980, p. 155)

Outra limitação que o jornal, enquanto plataforma, impõe é o tempo, tanto em sua origem quanto em seu fim. A crônica surge com base em uma notícia recente, algo que o cronista acredite ser necessário comentar, e tem prazo para ser publicada. Não apenas por haver um ‘período de validade’ na notícia que a originou, mas também (e talvez principalmente) por necessitar ser diagramada dentro do jornal finalizado antes de ir para impressão – ou seja, o cronista deve obedecer ao mesmo prazo dos jornalistas, de forma que o periódico consiga ser montado a tempo de ser impresso e entregue ao seu leitor sem perder seu valor noticioso.

A crônica para no meio do caminho entre a literatura e o jornalismo, é gênero híbrido. Quando escrita, não se imagina em livro, nem dispõe de tempo necessário para melhor se preparar. É realmente escrita ‘ao correr da pena’, a qual, muitas vezes, está sob pressão do aviso que o número do jornal vai fechar e que restam poucas horas para pôr o texto no papel. Dessa premência decorre a grande espontaneidade da crônica, sua simplicidade na escolha das palavras – termos do dia-a-dia, do vocabulário da população. A crônica, por força de seu discurso híbrido – objetividade do jornalismo e subjetividade da criação literária –, une com eficácia código e mensagem, o ético e o estético, calcando com nitidez as linhas mestras da ideologia do autor. (LOPEZ in CANDIDO *et al*, 1992, p. 167)

Os termos 'espontaneidade' e 'simplicidade' são ótimos para desenhar outra característica do gênero: o estilo de escrita. Muito mais do que ser narrada em primeira pessoa, a crônica se distingue por fugir das obrigações gramaticais e ortográficas que os jornalistas devem respeitar. Sua popularidade talvez venha disso, pois a torna acessível a pessoas de diferentes idades e formações. É uma estratégia do cronista para se aproximar de seu leitor, ao mesmo tempo em que se distancia da formatação jornalística.

[...] sua sintaxe lembra alguma coisa desestruturada, solta, mais próxima da conversa entre amigos do que propriamente do texto escrito. Dessa forma, há uma proximidade maior entre as normas da língua escrita e da oralidade, sem que o narrador caia no equívoco de compor frases frouxas, sem a mágica da elaboração, pois ele não perde de vista o fato de que o real não é meramente copiado, mas recriado. O coloquialismo, portanto, deixa de ser a transcrição exata de uma frase ouvida na rua, para ser a elaboração de um diálogo entre o cronista e o leitor, a partir do qual a aparência simplória ganha sua dimensão exata. (SÁ, 1987, p. 11)

Essa informalidade na escrita acaba por dar uma função bem específica para a crônica: registrar a oralidade da sociedade de cada período. Por meio dos cronistas, os periódicos acabam oferecendo uma perspectiva bem singular a quem, porventura, for fazer uma pesquisa histórica em seu conteúdo. Muito mais do que as notícias de uma época, os jornais trazem na voz do cronista a documentação de como uma ocorrência foi percebida pela sociedade e, através da escolha de palavras, dos termos populares do período.

[...] como um registro das coisas da cidade, de suas expressões, suas falas, a crônica atinge um significado lingüístico da maior importância. Porque a língua da crônica é a língua da cidade. E a língua da cidade, ou das cidades, é a que mais se aproxima do que se quer que seja a língua brasileira. (PORTELLA, p. 1977, p. 86)

E é essa acessibilidade linguística, juntamente com a personalidade do cronista, que torna o gênero tão atrativo ao leitor. O que o autor escreve é o que a população fala nas ruas, são palavras conhecidas que facilitam a compreensão das ideias trazidas pelo cronista.

Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despretensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorradeira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de

forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição. (CANDIDO, 1979, p. 5)

Essa ‘profundidade de significado’ talvez só seja mais perceptível quando estamos distantes do espaço-tempo do cronista, já que o que soava ‘natural’ ao leitor de então, torna-se peculiar e mais significativo com o passar do tempo. Assim as crônicas transformam-se em objetos de interesse histórico, pois é “enquanto se apresentam como ‘imagens de um tempo social’ e ‘narrativas do cotidiano’, ambos considerados como ‘construções’ e não como ‘dados’, que as crônicas são aqui consideradas como ‘documentos’.” (NEVES in CANDIDO *et al*, 1992, p. 76)

E é precisamente com o mesmo olhar com que o historiador estuda um documento histórico que a presente pesquisa pretende estudar as crônicas que João Ubaldo Ribeiro escreveu enquanto vivia na Berlim sem o muro. Antes disso, é válido prestar atenção ao significado histórico do gênero.

4.1.1 Cronista da história

O termo “crônica” tem sua origem no nome do deus grego Chronos, personificação do tempo. Ou seja, o registro temporal é característica básica do gênero. Porém, a crônica brasileira, dominada por jornalistas e escritores, se distingue da concepção inicial do vocábulo.

O primeiro [significado], o primitivo, dá à crônica o caráter de relato histórico, sendo parenta de anais. Foi o feitio que assumiu a historiografia da Idade Média e Renascimento, em todas as partes da Europa, a princípio em latim e depois nas diversas línguas vulgares, inclusive o português. Em inglês, francês, espanhol, italiano, a palavra só tem este sentido: *crônica* é um gênero histórico. E, assim como crônica, ‘croniqueiro’ e ‘cronista’ só se empregavam, relativamente a crônicas, naquele sentido: eram o indivíduo que escrevia crônica. O mesmo ocorre em francês: *chronique* e *chroniqueur*. É o significado tradicional. (COUTINHO, 2003, p. 121)

Como vimos, a crônica popular no Brasil mantém uma relação com o tempo, já que sua temática é, muitas vezes, buscada em notícias atuais e sua primeira plataforma são os periódicos. O objetivo do cronista, no entanto, se distancia do propósito de registrar a História.

Ao contrário do historiador, supostamente superior e desinteressado, ao cronista caberia interagir com as coisas de seu mundo, meter-se onde não era chamado para transformar o que via e o que vivia. Flagrado em meio ao

debate, não analisava a realidade de forma exterior, mas dialogava com outros sujeitos, participava das discussões, metia-se em todas as questões do seu tempo. Ao acertar contas com o seu presente, a crônica teria assim como uma de suas marcas esse caráter de intervenção na realidade, com a qual interagia à moda de uma senhora brincalhona. Longe de refletir ou espelhar alguma realidade, ela tentava analisá-la e transformá-la – valendo-se, para isso, de um tom leve, que atraísse o leitor, e da penetração social das folhas nas quais eram publicadas. (CHALHOUB; NEVES; PEREIRA, 2005, p. 15-16)

Essa “intervenção” no presente, somada à perecibilidade de jornais e revistas, faz com que a validade e, especialmente, a durabilidade da crônica enquanto gênero literário sejam questionadas. No entanto, é essa relação temporal que dá um valor único ao trabalho do cronista e a totalidade desse significado só pode ser compreendida ao se estudar, junto com as crônicas, o período em que foram escritas.

O inglês John Gledson, estudioso da obra de Machado de Assis, afirma que só conseguiu compreender as crônicas do escritor ao estudar a história brasileira.

[...] para entender as crônicas era essencial ler os jornais da época com bastante cuidado. As crônicas dependiam deles, eram de fato uma planta parasita; e o meu objetivo era recriar, na medida em que isso fosse possível, o contexto em que foram escritas. Tinha que treslar, buscar os *faits divers* de que dependia o entendimento de cada detalhe. Muitas vezes, de facto, a dependência era estreita, porque a linguagem do item, reflexo inconsciente dos preconceitos do dia, era o que irritava Machado. (GLEDSON, 2006, p. 16)

A partir dessa percepção, Gledson identifica a importância de coletâneas comentadas, com anotações sobre termos, contexto histórico e mesmo biografia do cronista. É necessário que o leitor saiba tudo que trazer mais significado ao texto, já que só dessa forma ele conseguirá entender por completo a intenção do escritor ao abordar tal tema. Assim,

Acrescentamos outro predicado da crônica, completamente involuntário, que é o seu valor de documento sociológico. [...] a crônica abrange a totalidade da vida: os costumes, as modas, os slogans, os problemas do momento, as preocupações urbanas, o tempo que faz, os assuntos mais corriqueiros. Sem dúvida alguma os historiadores do futuro hão de recorrer às crônicas para reconstruírem a fisionomia do Brasil do nosso tempo. (RONÁI, 1980, p. 156)

É com esse valor sociológico em vista que a presente pesquisa constrói o argumento para tomar *Um brasileiro em Berlim* como objeto de estudo e, por isso, se fez necessário estudar o contexto histórico da Alemanha. Apenas conhecendo os

eventos políticos e sociais que influíam na capital alemã quando a família Ribeiro chegou é que poderemos perceber o valor histórico dos textos de João Ubaldo.

A historiadora Margarida de Souza Neves escreveu em diferentes momentos sobre o valor da crônica literária para o trabalho do historiador. Para ela, essa relação se dá porque

[...] ambas – história e crônica – constroem memória, o que equivale a reconhecer que desenham identidades, sejam elas as identidades de uma geração, sejam elas identidades de gênero, de grupos sociais ou de recortes espaciais bem definidos. (NEVES in RESENDE, 2001, p. 26)

Neves também resgata as duas concepções de crônica, uma resultado do trabalho do historiador e outra, a mais popular no Brasil, assumida em sua maior parte por escritores e jornalistas. Ela delimita semelhanças e diferenças dos dois formatos da seguinte forma:

Se em sua acepção original, aquela da linhagem dos cronistas coloniais, ela pretende-se registro ou narração dos fatos e suas circunstâncias em sua ordenação cronológica, tal como estes pretensamente ocorreram de fato, na virada do século XIX para o século XX, sem perder seu caráter de narrativa e registro, incorpora uma qualidade moderna: a do lugar reconhecido à subjetividade do narrador. Num e noutro caso, a crônica guarda sempre de sua origem etimológica a relação profunda com o tempo vivido. De formas diferenciadas, porque diferente é em cada momento a percepção do tempo histórico, a crônica é sempre de alguma maneira o tempo feito texto, sempre e de formas diversas, uma escrita do tempo. Não fosse senão por essa razão, já seria justo que dela se ocupassem os historiadores. (NEVES in: CANDIDO *et al*, 1992, p. 82)

Como citado anteriormente, a ‘percepção do tempo’ do cronista moderno se mostra na interação com seu ‘agora’; na observação e no diálogo com o que lhe é contemporâneo. Seu registro não visa o estudo histórico futuro, mas sim provocar o pensamento crítico de quem, com ele, vive determinadas realidades. E é no registro do contexto no qual está inserido que o cronista acaba por construir uma literatura que pode ser percebida como um documento histórico. Afinal, não

[...] são muitas as fontes em que o historiador encontrará com tanta transparência as sensibilidades, os sentimentos, as paixões de momento e tudo aquilo que permite identificar o rosto humano da história.

[...]

Crônica e história podem ser consideradas, portanto, como particulares ‘lugares de memória’, já que se constituem em suportes físicos da memória nos três sentidos propostos por Pierre Nora para os de lugares na dimensão

‘material, funcional e simbólica’, onde a memória constantemente se constrói e se reconstrói.

A crônica, como a história, de modos certamente diversos, se constituem [sic] numa escrita memorialística. Cronistas e historiadores são ‘homens-memória’, e desempenham seu ofício como autores e intérpretes da memória coletiva. (NEVES in RESENDE, 2001, p. 25-27)

E é como registro da memória de João Ubaldo Ribeiro que o livro *Um brasileiro em Berlim* deve ser estudado. No momento em que as crônicas deixaram as páginas dos jornais alemães e foram reunidas em coletâneas, tanto em alemão quanto em português, elas se tornaram documentos das vivências do escritor baiano em uma Alemanha que estava aprendendo a viver sem o muro.

Como vimos no capítulo dois, Ribeiro disse não ter planejado reunir as crônicas alemãs em livro, que isso foi iniciativa das editoras. Tal afirmação nos faz concluir que o escritor não via o valor daqueles textos da mesma forma que seus editores, tanto no Brasil quanto na Alemanha. Então se chega à mudança de plataforma do trabalho do cronista: quando (e, talvez, por que) a crônica exige ser transposta para uma plataforma não-perecível?

A crônica – apesar de toda a sua aparente simplicidade – só pode ser valorizada quando a lemos criticamente, descobrindo a sua significação. Ultrapassando o consumismo imediato, passamos à fruição do objeto estético, dele participando como co-autores, pois também aqui o trabalho do leitor é bastante solicitado: afinal, o diálogo não é a base da crônica? (SÁ, 1987, p. 78-79)

Dessa forma, talvez a resposta seja: a crônica só adquire um valor fora dos jornais e revistas quando sua razão de ser, sua motivação, não necessita das notícias ao seu redor para ser compreendida. Ou seja, quando a interação do cronista com seus contemporâneos passa a ser quase como um registro fotográfico, que mantém seu valor mesmo para aqueles que não vivenciaram o momento fotografado. A crônica, assim, vira ao mesmo tempo uma provocação para se conhecer mais de determinado período e um depoimento curioso para quem nada sabia a respeito de tal época.

4.2 UM BRASILEIRO EM BERLIM

Se o valor histórico da crônica reponta ao se identificar seu contexto, é válido retomarmos resumidamente o assunto do capítulo anterior. Após uma série de

movimentações populares na Alemanha Oriental, o Muro de Berlim caiu em 9 de novembro de 1989. Os orientais sonhavam com a liberdade de escolhas prometida pelo sistema capitalista, enquanto os alemães ocidentais não se mostravam felizes mesmo com o poder de consumo – ao menos era essa a percepção dos escritores brasileiros que moraram em Berlim Ocidental na década de 1980.

Ou seja, a Queda do Muro, almejada por décadas, reuniu duas formas de infelicidade: uma devido à limitação de escolhas, a outra resultante da futilidade do consumo. É natural que tais frustrações, somadas à própria frustração do processo de união da cidade – em que as diferenças culturais se escancararam – resultasse em uma convivência tomada por estranheza e desconfiança. E é exatamente essa perspectiva que João Ubaldo Ribeiro nos apresenta.

É claro que o itaparicano, por se dirigir a leitores alemães, traz muitas questões sobre diferenças culturais, sejam elas climáticas (*O inverno, este desconhecido*), econômicas (*Educação financeira*) ou mesmo detalhes do dia a dia (*Pequenos choques*). Mais de uma vez ele cutuca o raso conhecimento que os alemães têm da cultura brasileira, seja imaginando cidades cheias de indígenas (*Os índios de Berlim*), seja sugerindo que no Brasil se fala espanhol (*Sexy Brasil, sexy Berlim*). Porém, em alguns momentos, ele registra sua perspectiva enquanto estrangeiro dentro da capital alemã e são esses pontos que nos interessam.

Logo em sua segunda crônica (a primeira havia sido dedicada a narrar a chegada à Alemanha), o brasileiro apresenta uma narrativa em terceira pessoa, mas se identifica como sendo ‘o tartamudo do Kurfürstendamm⁵¹’ e se descreve pressionado pela impaciência dos alemães para com seu pouco domínio do idioma. Ribeiro encerra o texto comparando sua atual vivência com suas experiências passadas no país:

[...] foi interrompido pelo telefonema de um amigo, a quem se queixou de que Berlim não era mais a mesma, parecia que agora tinha raiva de estrangeiros.

- Que nada – disse ele, que é berlinense de nascença. – É raiva de alemão mesmo. Alemão do outro lado.

- Como raiva de alemão? E eu por acaso pareço com alemão?

⁵¹ Kurfürstendamm (também chamada de Ku'damm) é uma das principais avenidas de Berlim. O brasileiro morava próximo a ela, por isso a usa como cenário.

- Não, mas pode parecer polonês, romeno, húngaro, iugoslavo... Aqui virou tudo a mesma coisa. Você vai ter que se acostumar com isso, são novos tempos.

O Tartamudo do Ku'damm desligou o telefone com um sorriso maquiavélico nos lábios. Ah, então era assim, não era? Muito bem, se o consideravam um inimigo, seria um inimigo.

- Mulher – disse ele, entrando na sala onde ela assistia (sem entender nada, mas com dedicação) a um programa da ZDF⁵². – Resolvi assumir. Não é isso que eles querem? Amanhã mesmo, compro um Trabant⁵³ e vou à luta.⁵⁴

(in: O tartamudo do Kurfürstendamm, p. 23-24)

A conclusão da crônica coloca um holofote sobre a recepção dos orientais pelos ocidentais: o inimigo era o alemão oriental. Não apenas ele, mas todos os oriundos de países comunistas e que agora preenchiam as ruas de Berlim. Quando esse texto foi publicado, em junho de 1990, as duas Alemanhas ainda coexistiam e a unificação estava sendo negociada – mais como uma necessidade política e econômica do que propriamente uma vontade social.

Ribeiro volta a falar no assunto em outubro, poucos dias depois da unificação (ou melhor, da absorção da Alemanha Oriental pela Ocidental). Aqui seu ponto de partida é um problema de tradução, mais especificamente a impossibilidade de se traduzir “amanhã” de forma que abranja os variados significados do termo em português.

Essa questão é uma mera introdução. O ponto-chave da crônica é um convite para uma palestra, em data muito específica e distante, isto é, uma situação bastante complexa para brasileiros, que não estão habituados a tão rígido planejamento – e deixam tudo para “amanhã”. Sem saber o que responder, o cronista pede que telefonem novamente “amanhã” para que possa confirmar ou não sua disponibilidade na data solicitada.

Mas claro que não sei o que dizer amanhã e fui dormir preocupado, tanto assim que ainda incomodei minha mulher com uma cotovelada. Afinal, os

⁵² ZDF (*Zweites Deutsches Fernsehen*) é um canal estatal da televisão alemã.

⁵³ Trabant era o carro produzido na República Democrática Alemã (RDA). Quando o muro caiu, os alemães orientais eram facilmente identificados pelo veículo.

⁵⁴ Os trechos das crônicas de João Ubaldo Ribeiro serão apresentados em fonte 12, recuo de 2cm e espaçamento simples como forma de se destacarem das referências teóricas, já que são parte do objeto de estudo da pesquisa. O título da crônica da qual o trecho foi retirado estará logo abaixo, entre parênteses, juntamente com a página em que se encontram na edição da Nova Fronteira, de 1995.

alemães são organizados, é uma vergonha a gente não poder planejar as coisas tão bem quanto eles. Que é que eu faço?

- Ora – respondeu ela, retribuindo a cotovelada -, pergunte a eles se os alemães planejaram a reunificação para agora. E, se ele for berlinense, pergunte se ele não preferia deixá-la para amanhã.

- *Touché* – disse eu, puxando o cobertor para cobrir a cabeça e resolvendo que amanhã pensaria no assunto.

(in: Vida organizada, p. 55-56)

Levando-se em conta que Ribeiro dedicou os três parágrafos iniciais a esclarecer que “amanhã” em português é usado costumeiramente quando não se anseia por algo, esse fechamento deixa claro que o cronista percebe a unificação dos dois Estados alemães muito mais como uma formalidade do que um desejo popular. Aliás, a crônica inteira prepara suavemente o terreno para uma crítica social bem pesada: os alemães não queriam a união das Alemanhas, mesmo que durante as décadas de divisão eles tenham clamado por isso. Em resumo: a exata situação para a qual o brasileiro usa “amanhã” – quando diz querer algo que, na prática, não deseja.

Em janeiro, Ribeiro escreve sua crônica mensal imaginando a argumentação que os funcionários do DAAD faziam para convencer amigos alemães a irem às leituras públicas do autor. A descrença no interesse real do público se devia ao fato de as leituras serem em português, idioma que dificilmente seria compreendido pelos cidadãos da recém-unificada Alemanha. Em dado momento, o apelo se refere à situação do país no cenário mundial.

Berta, você precisa ter um pouco mais de patriotismo, é um momento delicado para a Alemanha, precisamos trabalhar para a nossa boa imagem, precisamos ampliar nossas relações com todos os povos do mundo, precisamos aprender outras maneiras de ver a vida, precisamos...

(in: Leituras públicas, p. 69)

Agora o baiano registra uma outra perspectiva sobre os alemães. Ele não fala da relação entre eles, nem da impaciência para com quem vem “do outro lado”. O tema aqui é a preocupação com a imagem externa do país, ou seja, a necessidade de tratar bem quem vem de fora (especialmente quando esse ‘fora’ se localizar no oriente) para se construir uma boa reputação internacional.

Por outro lado, o “precisamos aprender outras maneiras de ver a vida” poderia ser uma leitura feita pelo cronista da sociedade alemã naquele momento. Após a Segunda Guerra Mundial e a divisão da Alemanha (período em que foi ocupada pelas

potências vencedoras do conflito), era a primeira vez que os alemães orientais e ocidentais se viam por sua própria conta depois de décadas. Era necessário rever as perspectivas que tinham até então para descobrir como voltar a andar com as próprias pernas. Parte desse aprendizado incluía novas formas de aproximação com outras culturas, sem as sombras das guerras e os medos que delas advinham – conclusão que ressignifica a importância das bolsas do DAAD e os eventos realizados por ele.

Quase um ano depois da primeira crônica de João Ubaldo Ribeiro ser publicada, em junho de 1991, ou seja, um ano depois de chegar à Alemanha, o cronista registra seu espanto ao descobrir que nem ele nem sua família tiveram oportunidade de conhecer um alemão de verdade, mesmo morando no país. Neste contexto surge a questão de autoidentificação dos cidadãos.

Depois dessa descoberta, fizemos diversas tentativas de conhecer um alemão, mas todas, apesar de muito esforçadas, têm invariavelmente falhado. Entre nossos amigos de Berlim, não há um só alemão. Em números aproximados: 40% se acham berlinenses e consideram os alemães um povo exótico que mora longe; 30% se sentem ofendidos com a pergunta, indagam se estamos querendo insinuar alguma coisa e fazem um comício contra o nacionalismo; 15% são ex-Ossis que não conseguem se acostumar a não ser mais Ossi; e os restantes 15% não se sentem alemães, povo sombrio, sem graça, fechado etc., etc.
(in: Procurando o alemão, p. 102-103)

É necessário destacar o termo ‘Ossi’, originado de ‘Osten’ e usado para indicar alemães orientais de maneira pejorativa. Essa leitura estatística que Ribeiro traz da autoimagem dos alemães nos comprova que, em um país unificado, o que menos existia era o sentimento de unidade. Em vez disso havia um sentimento de não-pertencimento ao país que por tanto tempo se viu partido e agora forçava uma aproximação por meio da união política.

Não se sabia mais quem (ou o quê?) era ‘alemão’. A quem se aplicava tal definição? Que características eram tipicamente alemãs? Pouco tempo antes havia duas definições, duas culturas, dois sistemas econômicos e sociais. Dois extremos. O que deveria ser validado agora? E os orientais, que viram seu país natal ser extinto, como deveriam reconhecer as fronteiras de sua origem? O assunto é tão complexo que o cronista só encontrou uma forma de abordá-lo por meio de números, numa estatística provavelmente exagerada e fictícia, mas que destaca as variações da identidade da população da Alemanha.

Ribeiro tem consciência da complexidade do momento que viveu no território alemão. No final de julho, ao se despedir do espaço no jornal *Frankfurter Rundschau*, pouco antes de retornar ao Brasil, ele escreve:

Adeus, Berlim, a nova Berlim que vi nascer, na nova Alemanha que também vi nascer.
(in: Despedida, p. 125)

A totalidade da percepção de ter visto um novo país nascer só é registrada quando o autor volta ao Brasil – talvez porque o distanciamento facilitasse o discernimento, talvez porque Ribeiro se visse incapaz de escrever bem fora do Brasil (segundo ele mesmo afirmou em algumas entrevistas). O fato é que, no texto escrito especialmente para a coletânea *Um brasileiro em Berlim*, Ribeiro fala de como ele e a família se readaptaram ao Rio de Janeiro, sem esquecer de registrar seu olhar crítico diante da experiência.

Há novos muros de Berlim, novas cortinas de ferro, novas barreiras, ódios velhos renovados. Os famintos e perseguidos batem à porta dos prósperos – prósperos estes muitas vezes às custas dos que exploraram tanto tempo – e as portas se fecham. O diferente é visto com desconfiança ou desprezo. O diferente é inimigo, o fanatismo substitui a razão e a fraternidade, as religiões humanistas se pervertem, o homem é cada vez mais o lobo do homem. Lobo ainda pior do que o de Hobbes, porque muitas vezes não reconhece plena humanidade no objeto de seu desprezo. E tudo isso por quê? Por causa de uma centelha de vida insignificante, frágil, efêmera e quase sempre ridícula, num planetinha pretensioso, entre pessoas e povos ainda mais pretensiosos, que julgam, temem e odeiam os outros pela língua, pela cor, pela cara, pela comida e por tantas outras coisas que não têm importância para o espírito e a vida. A diversidade é a glória do homem, mas a rejeitamos pelo desejo de uma uniformidade castradora e falsamente segura.
(in: Um berlinense no Brasil, p. 135-136)

Essa conclusão da viagem – e também da coletânea (já que após isso há apenas o autobiográfico *Memória de livros*) – soa quase como um desabafo, talvez não apenas sobre a Alemanha, mas também sobre o Brasil e outros tantos países. Berlim foi um marco da Guerra Fria, retrato do confronto entre capitalismo e comunismo. Em consequência, a Queda do Muro foi vista pelo mundo inteiro como uma nova visão de liberdade. Ribeiro questiona, então, até que ponto essa percepção

é real. Para ele, as diferenças, sejam elas quais forem e por quais motivos forem (econômicos, culturais, sociais), dividem tanto (ou talvez mais) que o antigo muro.

Dessa forma, o cronista encerra o diálogo com o leitor da coletânea. Ele sabe que quem chegou àquele texto passou antes por diferentes percepções da Alemanha sem muro. Quem está ali, naquela crônica, conversando com ele, o lê por querer conhecer suas experiências em um momento tão complexo da história alemã, e é por isso que ele tão claramente critica o mundo sem o Muro de Berlim, que antes era o retrato da divisão mundial. O leitor fica com novas perguntas (quais são os novos muros? Quem os construiu? Como derrubá-los?) e cabe unicamente a ele buscar as respostas.

4.2.1 A velha cidade guerreira

Apenas uma das crônicas ainda não foi comentada, justamente por merecer uma atenção especial. *A velha cidade guerreira* difere-se das outras em muitos aspectos, mas destacaremos dois deles. O primeiro é o fato de ser o texto mais visual de Ribeiro: aqui o cronista coloca o leitor ao seu lado, descrevendo a trajetória de seu olhar e as lembranças que as visões provocam. O segundo aspecto é a seriedade do texto, já que o baiano escapa ao humor e às questões culturais para refletir sobre os significados da existência e, talvez principalmente, da não existência do Muro de Berlim.

Publicada em 4 de agosto de 1990 no *Frankfurter Rundschau*, o texto traz o registro mais crítico do cronista. Nele, Ribeiro compara memórias de outras visitas que fez à capital alemã, quando ela ainda era cortada pelo muro, às observações que faz da cidade sem a divisão de concreto. Enquanto nas demais crônicas, como vimos, o escritor narra eventos vivenciados ou testemunhados por ele, aqui ganham destaque os cenários percebidos por seu olhar, assim como as memórias que eles despertam. A atenta escolha de palavras feita pelo autor faz com que o leitor compartilhe das emoções por ele descritas, e é justamente por essa construção que nossa análise aqui deve ser elaborada de forma distinta.

Ao estudar esse texto, o foco não será mais o reconhecimento da crônica enquanto registro histórico, mas sim a valorização das imagens literárias apresentadas ao leitor. Para isso, buscaremos auxílio nos trabalhos de Robert Alter (2005) e Raymond Williams (1960), mais especificamente na forma com que eles

analisaram os retratos traçados por Charles Dickens em suas histórias. Enquanto o escritor inglês colocou cenários reais em suas ficções, João Ubaldo Ribeiro usou ferramentas literárias para expor sua realidade em forma de crônica. Assim como o leitor de Dickens constrói uma percepção mais real da Revolução Industrial, tão estudada nas aulas de História, os leitores do cronista brasileiro encontram, nas entrelinhas de seus textos, mostras da densidade emocional da sociedade alemã após a Queda do Muro. Ou seja, ambos registraram momentos históricos para leitores de gerações futuras e isso torna possível o uso do estudo da obra de um para melhor perceber a do outro.

Alter (2005, p. 71) afirma que Dickens costumava expor uma visão geral, com a qual fornecia “uma introdução cênica e temática à ação prestes a se desenrolar”⁵⁵. Leiamos agora o parágrafo inicial de Ribeiro para identificar se isso também se aplica a ele.

Fico olhando este pedaço de rio, agora tão diferente do que vi da outra vez em que estive aqui. Não é uma diferença física, exceto talvez por um detalhe ou outro, que eu não lembraria de qualquer forma. Olho muito para o rio, detido à sua beira e recordando as histórias que me contaram daquela vez. Dentro dessa água escura e gélida, me disseram então, havia lâminas afiadas e outros aparatos diabólicos, destinados a matar quem quisesse passar para o lado de cá, nadando abaixo da superfície. Acolá, o *bunker* de Hitler, a poeira do muro esborado, quépis de oficiais de Pacto de Varsóvia empilhados entre espaços de pedras e argamassa como frutas numa feira, meninos saltando ruidosamente sobre um cordão de isolamento desmoralizado. Em outro ponto, mementos simples de alguns dos que foram assassinados na passagem, grupos de turistas, motoristas de ônibus entediados, árvores circunspectas que talvez tenham estado ali, em sua verde indiferença, antes de qualquer um de nós nascer e certamente continuarão lá como o rio e os acontecimentos naturais, depois que todos nós morrermos.
(p. 35-36)

O cronista descreve o cenário no qual se encontra, assim como as memórias despertadas pela paisagem. Descobrimos que Ribeiro já esteve ali. Ele não define a data, mas isso não prejudica a compreensão do leitor. Antes do fim do parágrafo já nos visualizamos ao lado do autor. Vemos o que ele vê, lembramos do que ele se lembra, mesmo sem jamais termos estado lá. Consequentemente, compartilhamos do

⁵⁵ “a scenic and thematic introduction to the action about to unfold”

sentimento do narrador, que parece tentar relacionar lembranças com a realidade em que se encontra. E isso nos leva a outro apontamento de Alter (2005, p. 47):

[...] Dickens repetidamente exerce uma característica visão arcaica em que o que encontra o olho na cena contemporânea desencadeia medos e fantasias primários, a visão arcaica se tornando o meio com o qual nós somos levados a enxergar os significados inquietantes da nova realidade urbana.⁵⁶

É essa mesma ‘visão arcaica’ que o escritor brasileiro nos apresenta. Seja o que for que ele pretenda nos contar, as recordações de um outro tempo na Alemanha parecem ser essenciais para que possamos entender sua atual percepção, por isso ele as menciona com tantos detalhes. Na sequência, o cronista nos descreve o que ele vê na nova visita o lugar que tantas memórias desperta.

Agora, neste sítio, os restos despedaçados de tanta História subsistem, entre camelôs e japoneses sorridentes, a atmosfera espessa, quase sólida, que aqui encontrei da outra vez. O que existiu realmente existiu? Algo importa além do presente? Há realmente uma História, somos de fato herdeiros de alguma coisa, ou somos eternos construtores daquilo que a memória finge preservar, mas apenas refaz, conforme suas variadas conveniências, a cada instante que vivemos?
(p.36)

Os questionamentos escancaram as diferenças entre os dois tempos: aquele guardado na lembrança do autor e o contemporâneo ao texto. Quando Ribeiro questiona a própria memória, ele o faz com o tom de quem desconfia: terá mesmo acontecido? Ele, enquanto estrangeiro, não reconhece no momento presente o espaço em que esteve anteriormente. Mas e os alemães? Reconhecerão eles seu próprio território? Reconhecerão eles uns os outros?

Imaginava, antes de chegar aqui, que seria tomado de um sentimento de alegria, euforia mesmo, ao rever este pedaço de Berlim soprado pelos ventos da abertura, da liberdade. Mas o contrário acontece. Penso em minhas andanças pela cidade e, embora continue gostando muito dela, reconheço que não é mais tão afável e amena quanto antigamente. Os visitantes do Leste aglomerando-se, como crianças deslumbradas, nas ruas, lojas, estações e praças, parecem irritar muito os berlinenses deste lado – a vida passou, talvez, a se afigurar desarrumada, quase caótica. As

⁵⁶ “[...] Dickens repeatedly exercises a faculty of archaic vision in which what meets the eye in the contemporary scene triggers certain primal fears and fantasies, archaic vision becoming the medium through which we are led to see the troubling meanings of the new urban reality.”

peçoas, ao invés de visitadas, se sentem invadidas. O outro não é mais irmão, seja por nacionalidade, seja por comum humanidade. O outro é um intruso, cuja fala, modos e fraquezas são inaceitáveis.
(p. 38-39)

Aqui o escritor deixa de olhar para suas próprias lembranças e observa criticamente a sociedade que o cerca. Ele faz leituras emocionais de dois tempos e as compara. Ao contrário do suposto, a cidade sem o muro não é mais “afável e amena” e nem transpira a liberdade que Ribeiro imaginou. Tais percepções não virariam notícias de jornal, então coube ao cronista fazer esse registro. Coube a ele chamar atenção para uma das tantas questões vivenciadas pelos alemães após a Queda do Muro de Berlim – talvez a mais importante delas.

Podemos observar, nos três trechos até aqui apresentados, uma sequência de perspectivas. Logo no início olhamos para o rio pensando nas histórias passadas, enquanto no segundo trecho o autor observa o mesmo rio e o espaço que o cerca no momento em que escreve seu texto. Já, na terceira passagem, vemos o dia a dia da cidade: o comércio e a convivência dos berlinenses divididos por duas culturas diferentes.

A longa lista de itens materiais cria a ilusão de uma representação detalhada, mas de fato os detalhes quase sempre refletem um viés representativo de seleção, e, através da aparente confusão de detalhes, o escritor está fornecendo uma definição sociológica, temática e até mesmo psicológica do meio e dos personagens que pertencem a ele.⁵⁷ (ALTER, 2005, p. 56)

Nesse ponto, o olhar do brasileiro atenta para algo que os alemães provavelmente percebem, mas preferem ignorar, cabendo ao cronista ‘meter-se onde não é chamado’. Suas observações se estendem para os berlinenses dos dois lados. Os orientais são “crianças deslumbradas” que atravessam o caminho dos ocidentais, que, mais do que se irritarem, “se sentem invadidos”. Aqui, o cronista registra o contraste entre o encanto infantil de um lado (o lado daqueles que de fato mobilizaram-se para o muro cair, motivados – entre outras coisas – por sonhos vendidos pelo sistema capitalista) e a apatia de uma sociedade que já antes se mostrava infeliz e

⁵⁷ “*The long list of material items creates an illusion of comprehensive representation, but in fact the details almost always reflect an interpretive bias of selection, and through the seeming welter of details the writer is providing sociological, thematic, even psychological definition of the milieu and of the characters that belong to it.*”

que, apesar de lamentar a divisão da cidade, não teve movimentos expressivos exigindo posições políticas contra a imensa estrutura de cimento.

Se nos lembrarmos que os textos foram escritos exclusivamente para o jornal alemão, ou seja, para os leitores alemães, podemos identificar, antes mesmo de chegar ao final da leitura, qual é a reflexão que o autor quer provocar em quem o lê. Ribeiro deseja escancarar o caos em que a cidade de Berlim se encontra e, conseqüentemente, fazer com que o resto da Alemanha reconheça que a unificação dos dois Estados apresenta um desafio que vai além da assinatura de um contrato político (o que aconteceria dali a dois meses).

A solidariedade, antes retórica, hoje há que ser concreta e, de novo, a distância entre as palavras e os atos se mostra bem maior do que previam o discurso abstrato e a emoção vicária. O que está acontecendo não é o que tanto se queria? Queria-se mesmo? Como tudo parecia fácil antes de o muro cair, como surgem dificuldades agora – será que a Humanidade nunca acerta?

Não tenho medo dos alemães, como tantos dizem ter, até mesmo muitos alemães com quem converso. Não tenho medo da velha cidade guerreira. Mas tenho medo de gente em geral e resolvo sair deste lugar aonde vim passear. Vou para o ponto de ônibus, passo por um grupo de aspecto tímido, homens, mulheres e crianças carregando sacolas e falando baixo. “*Polen*”, resmunga uma mulher junto a mim, com um olhar antes muito raro aqui, e acrescenta qualquer coisa que não entendo, mas de que tenho certeza de que não gosto.

(p. 39-40)

Depois disso, o cronista resolve voltar para casa, seu passeio terminou. Williams (1960, p. 102) ao analisar o livro *Hard Times* de Dickens, constatou que o olhar do inglês registrou “os dois lados de uma mesma moeda”⁵⁸. Podemos dizer o mesmo de Ribeiro. Em um único texto ele nos trouxe a Berlim com e sem o muro. Seu olhar foi além da perspectiva física, o que ele de fato via, e abrangeu também a subjetiva: o sentimento do autor perante os alemães de antes e os de agora.

Seu lado positivo não se encontra na melhoria social, mas sim nos elementos da natureza humana que ele vê, como bondade pessoal, simpatia e tolerância. Não é a fábrica modelo contra o moinho satânico, nem a experiência humanitária contra a exploração egoísta. São, mais propriamente, indivíduos contra o Sistema.⁵⁹ (WILLIAMS, 1960, p. 102)

⁵⁸ “He sees what we normally understand by both as two sides of the same coin, *Industrialism*.”

⁵⁹ “His [side] positives do not lie in social improvement, but rather in what he sees as the elements of human nature personal kindness, sympathy, and forbearance. It is not the model factory against the

Ou, na visão de Ribeiro, indivíduos contra as consequências da história. Em outras palavras: ao descrever, objetiva e subjetivamente, a Berlim de duas épocas distintas, o cronista reconhece as diferenças e localiza o muro como fator que mantém distantes os dois lados de uma mesma cidade. Ele é consequência de uma série de fatos políticos (duas guerras que levaram à divisão do país promovida pelos vencedores e, finalmente, a construção do muro para impedir o livre acesso de um lado a outro), que ecoaram na sociedade alemã.

Por décadas o Muro de Berlim foi motivo de dor por dividir famílias e por impor a morte a quem tentasse atravessá-lo. Porém, ao cair, ele não dissipou os traumas e as diferenças que alimentou durante sua existência, mas sim deixou-os como cicatriz. A liberdade que a sua queda representava na imaginação dos que sonhavam com ela, se transformou em medo e indiferença para muitos. De uma cidade fisicamente dividida, a capital alemã passou a ser separada subjetivamente, ainda que fosse unida por suas ruas, pois seus moradores não se sentiam parte de um mesmo povo.

Assim como Williams (1960, p. 104) afirma sobre seu objeto de estudo, podemos também dizer que a crônica *A velha cidade guerreira* “é mais um sintoma da confusão da sociedade [...] do que uma compreensão dela, mas é um sintoma que é significativo e contínuo”⁶⁰. É o olhar do cronista, um olhar de quem busca entender o que vê e o compartilha com quem lê, justamente na expectativa de que os dois juntos, autor e leitor, consigam encontrar uma resposta, chegar a uma conclusão – ou simplesmente iniciar um diálogo sobre o assunto até então silenciado. Afinal, como conclui Menezes (in CASTRO, GALENO, 2002, p. 167-168), “a crônica não quer mudar o mundo [...], quer apenas demonstrar, e isso não é pouco, que nem tudo vai bem, que as coisas podem não ser o que aparentam.”

4.3 DE VOLTA AOS HISTORIADORES

Como iniciamos este capítulo citando um historiador, é importante que, após fazermos uma leitura com viés histórico da obra de Ribeiro, voltemos aos estudos sobre a história da Alemanha dividida para reafirmar a importância de *Um brasileiro*

satanic mill, nor is it the humanitarian experiment against selfish exploitation. It is, rather, individual persons against the System.”

⁶⁰ “is more a symptom of the confusion of [...] society than an understanding of it, but it is a symptom that is significant and continuing.”

em *Berlim* como registro de um período específico. Peter Bender, como já dissemos, foi o primeiro a organizar as histórias das duas Alemanhas em uma única linha de tempo. Em sua obra de 1996, ou seja, após a estadia de João Ubaldo Ribeiro na capital alemã e, conseqüentemente, de suas crônicas, ele conclui sua pesquisa de maneira mais interpretativa do que propriamente factual, sem mencionar detalhes sobre os primeiros tempos sem o muro.

[...] os alemães viveram em dois mundos, o que os distanciou e os separou depois da unificação nacional. Mas ambos conquistaram uma sensação de liberdade. Os alemães ocidentais a desenvolveram com a democracia, que as potências ocidentais lhes presenteara, os alemães orientais a desenvolveram no confronto com a ditadura que a União Soviética havia imposto. No início da unificação houve a autolibertação dos alemães orientais, com o que eles colocaram uma data na história da Alemanha que raramente se apresenta.⁶¹ (BENDER, 1996, p. 257)

Peter Graf Kielmansegg, que em 2007 publicou uma edição de 765 páginas (quase 100 apenas de anexos) sobre a história da Alemanha dividida, aprofunda-se também na produção cultural das duas Alemanhas, especialmente na da RDA, como forma de encontrar testemunhos da época. Porém, quando se trata do período entre Queda do Muro de Berlim e Unificação Alemã, seu estudo é apenas político, buscando esclarecer o rápido processo da adesão da RDA à RFA.

Pode a história dos “329 dias” [entre a Queda do Muro e a unificação] ser resumida do modo como a faz o preâmbulo da constituição (Grundgesetz) após a reunificação? ‘Os alemães (...) conquistaram de maneira livre e autônoma a união e a liberdade da Alemanha.’ De fato, num ato de autonomia, os alemães do leste decidiram-se primeiramente pela liberdade e depois, em 18 de março e em 23 de agosto, pela unificação. [...] Os alemães ocidentais não votaram explicitamente pela unificação. Entregaram ao governo e ao parlamento, aquilo que, de acordo com a constituição, era tarefa sua. Uma constituição que, nesse ponto, a maioria deles jamais cogitou mudar. Também não há a menor dúvida de que a maioria aprovava o que o governo e o parlamento faziam. Apesar da assimetria, a forma do contrato também contribuiu para que a unificação pudesse ser entendida como um ato de autonomia dos alemães nos dois lados da fronteira.⁶² (KIELMANSEGG, 2006, p. 673-674)

⁶¹ „[...] lebten die Deutschen in zwei Welten, es brachte sie weit auseinander und trennte sie auch nach der staatlichen Vereinigung. Aber beide bekamen einen Sinn für Freiheit. Die Westdeutschen entwickelten ihn mit der Demokratie, die ihnen die Westmächte geschenkt hatten, die Ostdeutschen entwickelten ihn in der Auseinandersetzung mit der Diktatur, die ihnen die Sowjetunion verordnet hatte. Am Beginn der Vereinigung stand die Selbstbefreiung der Ostdeutschen, sie setzen damit ein Datum in die Geschichte Deutschlands, wie es darin selten zu finden ist.“

⁶² „Läßt sich die Geschichte der „329 Tage“ so summieren, wie es das Grundgesetz in einer Nach-Wiedervereinigung-Präambel tut? „Die Deutschen (...) haben in freier Selbstbestimmung die Einheit und Freiheit Deutschlands vollendet.“ Die Deutschen im Osten haben sich in der Tat in einem Akt der Selbstbestimmung zuerst für die Freiheit und dann, am 18. März und am 23. August, auch für die

Na coletânea *História alemã: do século VI aos nossos dias*, originalmente publicada em alemão em 1995 e atualizada em 2013, há dois textos que nos interessam: o de Christoph Klessmann, sobre a divisão e reunificação alemã, e o de Konrad H. Jarausch, sobre os inícios da República de Berlim, ou seja, o período pós-unificação. Sem se aprofundar no processo de extinção da RDA, Klessmann assim conclui seu artigo:

A sociedade da RFA, confortavelmente instalada no seu Estado, estava, agora, perante um desafio, após a revolução do outono de 1989 na RDA, para o qual não estava preparada – um desafio que resultava do desejo de unidade nacional manifestado pela grande maioria da população da Alemanha de Leste. No entanto, o processo de unificação, decorrido em ritmo alucinante, assumiu formas notavelmente pouco espetaculares, tendo em conta a sua importância histórica. O processo não ficou marcado por uma exaltação nacionalista, mas – além de uma verdadeira alegria e alívio – pela sobriedade, e muitas vezes, também pelo ceticismo e desinteresse.

[...]

No entanto, os verdadeiros problemas não ficaram, de maneira alguma, resolvidos. O período subsequente mostrou de forma muito mais óbvia do que a maioria inicialmente supunha, na exaltação da união reconquistada, como era difícil o processo de reunificação de duas partes de uma nação que esteve dividida durante mais de 40 anos. (DIRLMEIER *et al*, 2015, p. 405-406)

Na sequência, Jarausch apresenta o contraste entre as cores de casas reformadas e novas lojas e o abandono de indústrias e instalações policiais e militares do regime comunista. Ele segue com uma análise política e o trecho que mais claramente fala sobre os problemas dos primeiros anos de Alemanha unificada é o seguinte:

As dificuldades do processo de reunificação transformaram lentamente a euforia inicial em torno da libertação numa decepção coletiva, na qual os problemas pareciam ser maiores do que os progressos alcançados. No fundo, não devia ser considerado surpreendente que só a queda do Muro tivesse tornado claras as diferenças surgidas durante um afastamento de várias décadas. Preocupados com esta situação, indivíduos empenhados na ajuda ao desenvolvimento e associações privadas procuraram construir pontes entre “irmãos e irmãs” afastados. Como os alemães da Alemanha Ocidental acusavam o Leste de ingratidão e os da Alemanha de Leste se sentiam

Einheit entschieden. [...] Die Westdeutschen haben nicht ausdrücklich für die Einheit votiert. Sie haben durch ihre Regierung und ihr Parlament getan, was ihre Verfassung ihnen auftrug, die in diesem Punkt zu ändern sie nie mehrheitlich erwogen hatten. Es besteht denn auch nicht der geringste Zweifel daran, daß sie in großer Mehrheit billigten, was ihre Regierung und ihr Parlament taten. Trotz aller Asymmetrie hat schließlich auch die Vertragsform dazu beigetragen, daß die Vereinigung als ein Akt der Selbstbestimmung der Deutschen auf beiden Seiten der Teilungsgrenze begriffen werden konnte.“

esmagados pelo Ocidente, os intelectuais comentavam a situação da “unidade interna” com um interesse quase obsessivo. No entanto, a tendência geral das sensibilidades dos alemães de Oeste e de Leste, medida pelos estudos e sondagens, continuava a ser contraditória: por um lado, no verão de 2005, 84% dos inqueridos aprovavam sem reservas a reunificação; por outro, continuavam a existir diferenças significativas na avaliação relativa à liberdade individual, na ênfase na solidariedade coletiva, na posição em relação aos EUA ou na confiança na democracia. (DIRLMEIER *et al*, 2015, p. 424)

Também aqui não há um detalhamento sobre o dia a dia na Alemanha unificada nem sobre a interação entre alemães ocidentais e orientais. Nem mesmo Johannes Gross, cujo livro-ensaio de 1995 traz uma profunda análise do período pós-unificação, nomeado por ele de *Berliner Republik* (República de Berlim), é específico ao abordar o convívio social no início da década de 90.

A união interna da República de Berlim se relaciona com a superação da divisão interna, que externamente foi bem-sucedida. O contraste entre alemães orientais e ocidentais é naturalmente e sobretudo um fenômeno midiático e também se exprime mais significativamente no uso das mídias. As diferenças sociais e econômicas ainda são perceptíveis anos depois da reunificação, mas essa comparação acontece com tanta rapidez, que no décimo ano de unificação poderá ser concluído que foi atingida mais igualdade no padrão de vida dos alemães do que no milênio pregresso. A integração e a inclusão emocional ocorrerão com o surgimento – e apenas com o surgimento – de uma camada social de alemães orientais não-comunistas, que possa eliminar a sensação de tutela, de comportamento-objeto-sujeito, no relacionamento entre o oeste e o leste. A condição mais importante da futura união interna aconteceu em 3 de outubro de 1990 – os alemães dispuseram, pela primeira vez em sua história, de uma definição clara do que seria a Alemanha e tinham uma visão histórica em comum.⁶³ (GROSS, 1996, p. 172-173)

Para Gross, a conquista de uma definição do conceito de ‘alemão’ é o mais importante, afinal agora os cidadãos da Alemanha sabem que, no exterior, basta dizer que são alemães, sem necessidade de especificações como antes (p. 174). As dificuldades do processo de integração não são pormenorizadas nem mesmo por ele,

⁶³ „Bei der inneren Einheit der Berliner Republik geht es um die innere Überwindung der Spaltung, die als äußere gelungen ist. Der Gegensatz von Ost- und Westdeutschen ist freilich vornehmlich ein Medienphänomen und drückt sich auch in der Mediennutzung am deutlichsten aus. Die sozialen und ökonomischen Unterschiede sind Jahre nach der Wiedervereinigung noch wahrnehmbar, doch findet die Angleichung mit solcher Geschwindigkeit statt, daß im zehnten Jahr der Einheit festgestellt werden können, daß die Deutschen im Lebensstandard mehr Gleichheit realisiert haben als im Jahrtausend davor. Die seelische Ein- und Angliederung wird mit der Entstehung – und erst mit der Entstehung – einer nichtkommunistischen ostdeutschen gesellschaftlichen Oberschicht bewirkt werden, die allen Eindruck einer Bevormundung, eines Subjekt-Objekt-Verhaltens im Umgang zwischen West und Ost beseitigen kann. Die wichtigste Voraussetzung künftiger innerer Einheit war am 3. Oktober 1990 schon gegeben – die Deutschen verfügen zum ersten Male in ihrer Geschichte über einen verlässlichen Begriff, was Deutschland sei, und haben ein gemeinsames Geschichtsbild.“

que dedicou um livro às mudanças promovidas pela unificação. Diante disso, podemos concluir mais uma vez o quão significativa é a coletânea de João Ubaldo Ribeiro, na qual estão retratadas cenas marcantes do processo de reunião das duas Alemanhas. Suas crônicas são documentos de um período singular, onde animosidades eram constantes entre os alemães e entre eles e os estrangeiros. Apesar da alegria com a definição única de 'alemão', a unidade social só foi alcançada (se é que já foi alcançada) após um período complexo.

5 O CRONISTA JOÃO UBALDO RIBEIRO EM BERLIM

Se, como afirma Sá (1987, p. 78-79), o valor da crônica só pode ser percebido após uma leitura crítica, não nos basta identificar em *Um brasileiro em Berlim* as menções de João Ubaldo Ribeiro ao momento histórico da Alemanha. Precisamos ir além e construir uma análise da obra que abranja também as influências decorrentes das limitações impostas pela estrutura do próprio gênero e das subjetividades do autor. A partir disso, conseguiremos elaborar um estudo crítico sobre a coletânea.

O principal objetivo desta pesquisa é reconhecer as crônicas berlinenses do escritor baiano como um registro da unificação alemã. Tudo que foi apresentado até aqui teve por propósito construir uma base sólida para uma análise crítica da obra, afinal é necessário conhecer o histórico das crônicas, o contexto em que estas foram escritas e entender a estrutura do gênero. Falta, no entanto, mencionar as hipóteses que orientam este estudo. São elas:

- a) A escolha de João Ubaldo Ribeiro pelo gênero crônica para suas colaborações aos jornais alemães se deve ao fato de o autor já atuar como cronista no Brasil. A familiaridade com o gênero, que permite que o autor coloque críticas em textos bem-humorados, facilita a expressão do seu olhar sobre o país estrangeiro.
- b) O fato de escrever para alemães em lugar de ter conterrâneos como leitores influencia a forma de escrever do cronista. Sua posição de estrangeiro o difere de seu público, além de exigir que seu texto seja vertido para a língua alemã antes de chegar ao leitor.
- c) As preocupações de Ribeiro no exterior são distintas das que ele possui quando está em sua terra natal. Sendo assim, as temáticas e estruturas das suas crônicas também se alteram em consequência da subjetividade característica do gênero. Aqui se impõe a pergunta: em que posição se coloca o cronista estrangeiro no processo de unificação alemã?

Para melhor organização deste capítulo final, onde se propõe construir uma leitura crítica de *Um brasileiro em Berlim*, usaremos cada hipótese como subdivisão. Dessa forma, seremos capazes de nos aprofundar e confirmar ou refutar cada uma

delas separadamente. Ao final, voltaremos ao nosso objetivo principal, respondendo se as crônicas do brasileiro podem ou não ser reconhecidas como registros da unificação alemã.

5.1 JOÃO UBALDO RIBEIRO E A CRÔNICA

Da mesma forma que outros nomes de referência da crônica brasileira, como Machado de Assis e Rubem Braga, João Ubaldo Ribeiro também atuou como jornalista. Foi dentro de uma redação, inclusive, que ele teve seu primeiro contato com o gênero, como mencionou em uma palestra.

Eu era muito mau repórter, porque eu era tímido e, enfim, não tinha vocação para repórter, mas para redator eu tinha algum jeito. Então fiquei por ali até que um dia um chefe meu [...] me chamou e me disse para escrever uma crônica. Eu estranhei: como é isso? Crônica eu não sei. Ele respondeu, se não me engano: “42 linhas, fecho daqui a duas horas”. Eu não sabia o que fazer, morto de medo de que alguma coisa rendesse uma queixa a meu pai, porque meu pai ainda vigiava atentamente minha carreira naquilo que ele tinha escolhido para meu primeiro emprego, e eu escrevi essa crônica. [...] Houve um tempo em que eu escrevia duas ou três por dia, de vários tamanhos [...] Não era uma crônica como eu faço hoje, mas eram duas ou três e mais uma semanal para o suplemento literário. (FLIPOÇOS, 2013)

No texto *Este, na verdade, não é o título que eu queria dar*, presente na coletânea *Arte e ciência de roubar galinha*, Ribeiro relembra sua carreira como jornalista, citando os diferentes cargos em que atuou na mídia impressa (T1, p. 159)⁶⁴, de repórter a editor. A experiência de anos distinguindo o que é ou não notícia e como apresentá-la ao leitor certamente influencia o olhar do cronista, já que, como vimos, o gênero tem suas raízes no presente, do mesmo modo que o veículo que primeiro lhe serve de suporte. Cabe ao cronista, então, reconhecer o assunto que deve ser abordado e a melhor forma de fazê-lo.

Em entrevista ao volume da série *Cadernos de Literatura Brasileira*, do Instituto Moreira Salles, dedicado à sua obra, Ribeiro fala em diferentes momentos sobre o gênero, definindo a ocupação do cronista como um “biscate literário” (T2, p. 159) e explicando sua rotina de escrita para jornais (T3, p. 159), além de mencionar a

⁶⁴ Trechos mais longos ou sem influência direta na linha de raciocínio desta análise são apresentados no Anexo D, onde estão posicionados na sequência em que são relacionados. O número correspondente será sempre indicado entre parênteses dentro do texto, assim como a página em que se encontra nos anexos.

importância de sua experiência na mídia impressa para adquirir disciplina (T4, p. 159). Apesar de a vida profissional como jornalista ter se encerrado, a escrita de crônicas o acompanhou por toda vida, sendo que a última foi publicada no jornal *O Globo* poucos dias antes de sua morte.⁶⁵

Sua colaboração com o jornal carioca foi extensa, sendo mantida inclusive quando Ribeiro morou com a família em Lisboa, entre 1981 e 1982 (seu filho Bento nasceu lá), em função de uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian. Apesar disso, a bibliografia do autor contém apenas seis coletâneas de crônicas, o que talvez se deva ao desgaste afirmado pelo escritor em uma entrevista de 1996.

Eu não gosto mais de fazer crônica. Eu já cansei das minhas gracinhas. Eu já não tenho muito elã para fazer crônica. E é um gênero, que pelo jeito que eu pratico, me expõe demais. As pessoas pensam que é a minha vida que tá contada ali e, em relação a certas pessoas inconvenientes, gera uma intimidade excessiva. É um tipo de popularidade que às vezes é desagradável, pelo menos para mim, porque eu sou aparentemente muito extrovertido mas, na verdade, não sou assim. Sou dado a mau humor e não sou tão sociável quanto pareço. (JOÃO... 1996)

Das seis coletâneas, duas reúnem textos publicados originalmente n' *O Globo* na década de 1980: *Sempre aos domingos* (1988) e a já mencionada *Arte e ciência de roubar galinha* (1998). Ou seja, na cronologia de lançamento, *Um brasileiro em Berlim* foi a segunda reunião de crônicas de Ribeiro, já que foi publicada na Alemanha em 1994 e no Brasil em 1995. Justamente pela proximidade temporal, usaremos as coletâneas com textos dos anos 1980 para identificar características comuns nos textos do cronista baiano, buscando também reconhecê-las nas crônicas alemãs.

Como este estudo não intenta analisar com profundidade toda a obra de João Ubaldo Ribeiro como cronista, mas sim perceber a relação do autor com o gênero, nos limitaremos a três aspectos estruturais: a) sua esposa como interlocutora; b) construção de personagens; e c) suas relações familiares como temática. O propósito é confirmar a familiaridade do escritor com o gênero, já que o uso recorrente de determinadas estratégias de escrita dá forma ao estilo de Ribeiro enquanto cronista.

⁶⁵ *Maus perdedores* foi publicada em 13 de julho de 2014, cinco dias antes da morte do autor.

5.1.1 Esposa como interlocutora

Esta talvez seja a característica mais perceptível nas crônicas de Ribeiro. Sua esposa, nunca mencionada pelo nome, é sempre apresentada como a interlocutora que rebate os comentários do cronista ou dá a ele respostas para suas dúvidas. Muitas vezes esse diálogo acontece na reta final do texto, como forma de concluí-lo, deixando a palavra final para ela e dando espaço à interpretação do leitor; em outras ocorre na metade inicial, servindo justamente como ponto de partida para a narrativa.

O primeiro exemplo vem de *Moral elevado*, crônica em que Ribeiro narra sua rotineira tentativa de parar de fumar. Ele define um novo dia para interromper o consumo de cigarros e compartilha com o leitor cada detalhe de seu planejamento: a meta, os argumentos e as dificuldades do primeiro dia, mencionando amigos que também estão constantemente se prometendo parar de fumar.

Quando cheguei em casa, chamei a mulher.

- Mulher, segunda-feira não fumo mais! Eu posso até jogar esse isqueiro fora, porque hoje é domingo, só falta um dia e o gesto já tem lá seu valor simbólico.

Dramaticamente, lancei o isqueiro contra a mangueira, mas ela correu atrás dele, pegou-o e levou lá para dentro, colocando-o numa gaveta.

- Não se preocupe, querido – disse ela. – Terça-feira, quando você procurar, já sabe onde está.⁶⁶

(RIBEIRO, 1988, p. 16)

Assim é concluída a crônica, reafirmando a frequência com que o autor planeja, sem sucesso, a interrupção do tabagismo. Não é necessário que o cronista diga se de fato conseguiu parar de fumar, as palavras de sua esposa dão a entender a impossibilidade de o objetivo ter se concretizado. Ao leitor cabe refletir sobre as dificuldades de uma dependência, seja ela qual for. Por mais planejamento que haja e por mais consciente que o fumante esteja do mal que o cigarro lhe causa, o desapego do hábito não é tão simples e a interlocutora do cronista lhe lembra que é preciso ir além do discurso de sempre.

⁶⁶ Com o intuito de destacar as citações literárias das teóricas, estas serão apresentadas em fonte 12, recuo de 2 cm e espaçamento simples. A referência virá logo abaixo, entre parênteses. Todos os trechos de crônicas contidas em *Um brasileiro em Berlim* serão retirados da edição da Nova Fronteira de 1995 e, nesse caso, não terão referência abaixo, já que o título da crônica será mencionado no corpo do texto. Os grifos seguem também a edição.

Sua mulher, enquanto personagem, se destaca por sempre apresentar contrapontos às questões expostas durante o texto, mesmo que não sejam ideias propriamente do cronista, mas sobre as quais ele reflete e, quando está prestes a se dar por convencido, sua esposa finaliza a argumentação de forma direta. É o que acontece em *A problemática da radioatividade* (T5, p. 160), que inicia com o cronista explicando que os itaparicanos não são preguiçosos, apenas sofrem com uma radioatividade intensa, que “deixa todo mundo derreado e procurando quem lhe dê comida na boca, se possível molezinha, para não dar muito trabalho na mastigação” (RIBEIRO, 1998, p. 199).

O cronista, então, fala de sua própria experiência, afirmando ser muito difícil trabalhar desde que chegou à ilha de Itaparica. A culpa por dormir mais do que trabalha, enquanto sua esposa cuida da casa e dos filhos, faz com que Ribeiro desabafe com Zé de Honorina. Em lugar de incentivá-lo a voltar à rotina, o amigo afirma que é normal que os homens sofram com a radioatividade em torno da ilha e as mulheres não. Mais que isso: ele praticamente convence o cronista de que, na verdade, quem está trabalhando pouco é a mulher do escritor. Este, quando chega em casa, decidido a buscar um emprego para a esposa, a encontra dormindo.

- Mulher! – gritei escandalizado. – Você aí dormindo e eu aqui pensando em lhe arranjar uma ocupação! Que vergonha, você precisa escolher uma ocupação, isto assim não está direito!
- Mas eu já escolhi, querido – disse ela.
- E pode-se saber qual?
- Escritor, como você – disse ela, virando-se para o lado. – Apague a luz, por favor.
(RIBEIRO, 1998, p. 203)

Ao fechar a crônica desta forma, Ribeiro contrapõe à cultura machista de sua cidade natal sem, contudo, sair de seu papel de “homem da casa”. O diálogo com sua esposa é usado para ridicularizar a posição em que ele mesmo se apresentou durante o texto. A fala da esposa é como um reflexo inverso de tudo que foi exposto até então, é uma maneira de mostrar ao leitor que nem ele mesmo acredita no que está dizendo e que quem o lê também não deve levá-lo a sério. A banalidade das situações contrapostas pela esposa lembra ao leitor que, seja qual for a situação, há sempre um outro ponto de vista.

A tranquilidade da esposa beira muitas vezes a comiseração, com um tom quase maternal, afagando o cronista ao mesmo tempo em que lhe dá ‘cotoveladas’ realistas. Em *O livro: já devia estar acostumado, mas não estou*, Ribeiro menciona a sua ansiedade após o lançamento de *Viva o povo brasileiro*. A crônica narra o dia imediato à noite de autógrafos: após a dificuldade em ceder os originais à editora e agora, tendo finalmente o produto final em mãos, ele aguarda a opinião dos leitores. Na metade final do texto, o cronista dialoga com a esposa sobre seu anseio (T6, p. 160), fala sobre seu desejo de telefonar a amigos e perguntar o que acharam da leitura, enquanto a esposa o lembra que o romance tem 600 páginas e que dificilmente alguém teria começado a lê-lo – que dirá concluído a leitura. Além disso, ela afirma que não seria bom para a imagem do escritor cobrar uma opinião tão rápida, nem mesmo dos amigos mais próximos.

Em um longo diálogo (a crônica é praticamente a transcrição de uma conversa entre o autor e sua esposa), a interlocutora lembra ao cronista o quanto ele havia bebido na noite anterior e as cenas vexatórias que ele protagonizou junto de amigos. Cada história lembrada pela esposa é uma resposta a algo dito pelo autor em busca de um afago de reconhecimento pela obra recém-lançada. Esse bate-bola apresenta de forma divertida a ansiedade de um escritor por se ver objeto da crítica, lembrando que quem escreve espera ser lido, mesmo quando, publicamente, demonstra não se importar com o que é dito sobre o seu trabalho. As histórias vergonhosas citadas pela interlocutora mostram, mais uma vez, o cronista se ridicularizando, o que lembra o leitor que há exageros ali, tanto para retratar sua ansiedade profissional, quanto para descrever suas ações após o abuso de álcool.

Como já vimos no capítulo anterior, a conversa estratégica com a esposa também é usada nas crônicas berlinenses. Vimos os exemplos com críticas mais profundas em *O tartamudo da Kurfürstendamm* e em *Vida organizada*, porém Ribeiro usa essa ferramenta em dois outros textos. Em *O crime do Storkwinkel* (RIBEIRO, 1995, p. 57-64), o escritor fala da surpresa com que ele e a esposa receberam a visita de policiais na porta de casa. Como legítimos brasileiros, isso os assustou. Enquanto o cronista, gaguejando para os policiais, tenta adivinhar que crime haveria cometido, sua esposa tem uma atitude mais prática.

Minha mulher, que estava atrás de mim e também é brasileira, disse “fique calmo, querido, eu vou fazer a sua mala, eles aqui não batem, fique calmo”.

Após o susto, eles descobrem, por meio de uma carta no quadro de avisos do prédio, o crime: o sumiço de uma churrasqueira. O dono do objeto roubado pede que ele seja posto no lugar, no sótão, ou que seu valor (85 marcos) seja colocado em sua caixa de correio.

- Mulher – disse eu, depois de ler a carta –, acho que vou comprar uma churrasqueira e deixá-la na porta desse vizinho.
- Boa idéia – disse ela. – E, por via das dúvidas, bote também 85 marcos na caixa postal dele.

Aqui o cronista discorre sobre o contexto social e cultural brasileiro a partir de sua experiência dentro da sociedade alemã. O resultado é a constatação da diferença entre os dois países: em um, a polícia vai em busca de uma churrasqueira roubada, em outro, cidadãos inocentes receiam os policiais em lugar de vê-los como sinônimo de segurança. O diálogo final, entre o cronista e sua esposa, mostra que, no Brasil, o inocente, às vezes, prefere assumir as consequências do que não cometeu para manter-se em paz com a polícia, o que faz com que o leitor alemão reflita sobre as diferentes sociedades existentes longe da Alemanha e sobre as qualidades de seu país natal.

O último exemplo da esposa como interlocutora apresenta também um abismo cultural, mas referente ao nível de conhecimento de um país sobre o outro. Em *Os índios de Berlim* (RIBEIRO, 1995, p. 89-96), o cronista narra diferentes situações em que os alemães se surpreenderam, talvez até mesmo tenham se decepcionado, quando Ribeiro negou conviver com índios nas cidades brasileiras e disse não conhecer a Amazônia. O tom é bem-humorado, mas a crítica é direta: enquanto os brasileiros aprendem a admirar a cultura europeia, o conhecimento que os alemães têm do Brasil é mais baseado em ficções do que em informações reais.

Por fim, Ribeiro decide inventar experiências e histórias familiares com indígenas, no intuito de não frustrar seu público em palestras. O fechamento do texto – e da crítica –, vem mais uma vez com sua esposa.

- Ontem mesmo minha mulher atendeu o telefone, falou um pouco e pediu à pessoa do outro lado que esperasse um pouco.
- É um alemão muito simpático – disse ela –, que está produzindo uma peça de rádio sobre a Amazônia e precisa de vozes de crianças amazonenses.

Aí ele soube que nós temos dois filhos pequenos e quer saber se eles podem fazer essas vozes na peça. Explico a ele que nossos meninos não são da Amazônia, nem nunca estiveram lá?

- Não – disse eu. – Pergunte quanto ele paga. E diga que, se precisar de alguém para o papel do cacique, eu faço.

Dessa vez a conclusão do diálogo é dado pelo cronista, mostrando-se convencido de que nada adianta falar a verdade, se os alemães não fazem distinção do que é Amazônia e do que é Brasil. Ele se sente confortável para lucrar com o engano, já que os alemães se acham no direito de, por vezes, serem mais especialistas em Brasil do que ele, que é brasileiro. O cutucão é direto, como se dissesse: “já que vocês não acreditam no que digo, vou mesmo fazê-los de bobo”. Afinal se ele, enquanto estrangeiro na Alemanha, busca aprender e entender a cultura local, por que os alemães não buscam se informar melhor sobre o Brasil antes de questionarem um brasileiro?

Podemos concluir que os diálogos estratégicos com a esposa são antes uma forma divertida de enfatizar uma crítica do que propriamente um registro de uma conversa real. Por meio deles, Ribeiro formaliza a conversa com seu leitor, usando os contrapontos como forma de direcionar o olhar crítico de quem o lê. Ao usar a esposa como interlocutora, o autor revisa argumentos e deixa espaço para uma conclusão, às vezes sobre si mesmo, às vezes sobre seu contexto social. Ele não se importa de colocar a si mesmo em cenários ridículos, já que seu propósito é dar conteúdo para uma reflexão crítica por parte do leitor. Em suas crônicas berlinenses, ele busca que o leitor alemão compreenda seu ponto de vista, identificando a base em que seu olhar estrangeiro se sustenta.

5.1.2 Personagens

Antes de abordar os personagens do cronista, é necessário ressaltar um ponto importante sobre as crônicas de 1980: na época, João Ubaldo Ribeiro morava com a família na ilha de Itaparica, sua cidade natal. Provavelmente por isso a construção de personagens se destaque tanto: o cronista compartilha com o leitor carioca a rotina em uma cidade do litoral da Bahia. Ao mencionar amigos e conhecidos, o cronista constrói uma Itaparica no imaginário de seu leitor, retratando um Brasil distante da

Cidade Maravilhosa, mas abordando assuntos que podem ser compreendidos por brasileiros de qualquer parte do país.

Nas crônicas itaparicanas conhecemos, entre outros: o peixeiro Sete Ratos, o filósofo ilhéu Luiz Cuiúba, o criador de galinhas Zé de Honorina, e o primo do cronista Zé de Neco. Por meio deles, Ribeiro aborda as questões políticas e sociais de quem mora longe dos grandes centros urbanos. A frequência com que o cronista cita estes personagens faz com que o leitor identifique os traços particulares de cada um e se sinta mais próximo das conversas narradas pelo escritor.

Em *A redenção econômica da ilha*, Luiz Cuiúba reclama que “esta terra não tem um homem que use a cabeça para entrar dinheiro aqui” (RIBEIRO, 1988, p. 58) afirmando que Itaparica “foi o único lugar do Brasil que ninguém ganhou um tostão com esse cometa inventado” – no caso, o cometa Halley. Em seguida, ele acusa Ribeiro de não ter usado seu espaço como cronista para afirmar que Itaparica era o melhor lugar para avistar o cometa e, conseqüentemente, atrair turistas – e dinheiro – para a ilha (T7, p. 161). Esse é mais um momento em que Cuiúba questiona a inteligência do escritor, que, segundo ele, leu muitos livros, mas não consegue entender o real funcionamento da sociedade.

Já em *Encontrando a solucionática* (T8, p. 161), que se destaca por ser a transcrição de um diálogo onde o cronista é, praticamente, apenas espectador, Sete Ratos e Luiz Cuiúba desenvolvem uma linha de raciocínio sobre a dívida externa que explica o desinteresse do governo brasileiro pela população pobre do país. A conclusão a que chegam é que os políticos querem mesmo que o povo morra de fome para depois entregar o território como pagamento da dívida. Ao finalizar, dizendo que os políticos estão preocupados com seus próprios problemas e não com os do povo, Cuiúba personifica mais uma vez o brasileiro que não acredita na política nem na ciência, e que, por isso, acha justo usar de malandragens para sobreviver, já que, a seu ver, é cada um por si.

Outro personagem a questionar os reais interesses do governo em relação a seu povo é Zé de Neco. Em *A raiz de mandioca da Viúva Monção*, antes de registrar a conversa com o primo sobre o caso que dá título à crônica (T9, p. 162), Ribeiro assim apresenta seu interlocutor:

Meu primo Zé de Neco mesmo, que não fuma, não bebe e só diz palavrão em último caso, pai de família apontado como exemplo em toda a cidade,

merecia uma reportagem. Se o Nordeste não fosse discriminado, meu primo Zé de Neco teria uma bela reportagem. Uma não, duas pelo menos, pelo menos uns dois fantásticos de televisão.
(RIBEIRO, 1998, p. 65)

A crônica gira em torno do sábio conselho de Zé de Neco: “plante uma manaíba e esqueça”. A justificativa vem em forma de causo: a Viúva Monção esqueceu a manaíba que plantou e acabou colhendo um aipim de 64 quilos. Por isso, segundo o primo do cronista, se todos plantassem uma manaíba no quintal, a fome seria erradicada. Zé de Neco, então, representa a sabedoria popular, que não tem custo e busca o melhor para todos. Tanto é que, quando o cronista menciona um possível imposto em cima da mandioca caso o plano de seu primo se realizasse, Zé de Neco volta atrás e prefere esquecer o que foi dito, por mero receio de piorar ainda mais a situação do povo ao ter sua ideia deturpada pelos políticos.

Há ainda Zé de Honorina, amigo do cronista e proprietário do galinheiro muitas vezes citado por Ribeiro. Em *O triste caso de Ferrolho e Sorte Grande*, o cronista faz uma descrição detalhada do estilo de criação de Zé (T10, p. 163), que se recusa a comer as próprias galinhas porque isso faria com que ele se sentisse um traidor, enquanto *Arte e ciência de roubar galinha* apresenta um personagem sob codinome, chamado para solucionar um problema grave no galinheiro: algumas galinhas estão chocas, o que tem deixado o galo bastante desconsertado e o criador preocupado (T11, p. 163). A relação de Zé de Honorina com seu galinheiro é o retrato do pequeno produtor rural, que de seu pequeno pedaço de terra tira o seu sustento, mas sem abusos. O convívio com os animais muitas vezes é mais esmerado do que a convivência com outras pessoas. Assim, Ribeiro lembra ao leitor carioca que nem só cachorros e gatos são os animais de estimação do brasileiro.

Ao apresentar de forma detalhada seus personagens e mencioná-los em diferentes crônicas, o escritor os aproxima de seu leitor, especialmente porque suas personalidades podem lembrar pessoas conhecidas pelo próprio leitor, já que, como vimos, cada um apresenta um perfil diferente de brasileiro. Quando Ribeiro cita todos em um único texto, como em *Leite de porca é bom e faz crescer* (T12, p. 164), a leitura acontece com naturalidade, pois já há um reconhecimento por parte do leitor e ele consegue identificar o olhar de cada um sobre aquele assunto.

Além disso, o cronista também tem cuidado ao registrar a fala de seus personagens, especialmente quando são estrangeiros, como Isaiás Português e o

italiano dono do bar citado na crônica *Itaparica by night*, onde as distintas expressões orais impedem que o leitor se perca no longo diálogo, sendo possível reconhecer facilmente quem fala, mesmo quando isso não é indicado pelo texto (T13, p. 165). Outro exemplo é o registro da fala de Seu David em *Os alegres mortos da nossa ilha*. Após passar uns dias no Rio de Janeiro, o cronista retorna à Bahia e descobre que um velho pescador da cidade morreu. Entre as memórias de Ribeiro está a capacidade que Seu David tinha de prever mudanças climáticas.

Nunca compreendi as razões para a previsão, que ele me explicava pacientemente.

- Isso aí é trovoada. Você vê ali pela carregaço no xexeste, olha ali, ih-ih-ih. Adispois, bisserve ali, hum, ói ventim baixo cá, xudeste arto, hum-hum, tudo-tudo armando, ih-ih-ih! Cai hoje de taje, duas-três horas mais taldar, ih-ih-ih! E, quando cair, é três dias.

- Três dias, Seu David? Como é que o senhor sabe?

- Oxén, é lua em cima de lua!

(RIBEIRO, 1998, p. 160)

O cuidado em transcrever a oralidade do personagem faz com que este se torne mais marcante para o leitor. Do mesmo modo, quando as críticas políticas vêm dos demais moradores da ilha, em lugar de virem do próprio cronista, elas se tornam mais representativas. São ideias populares, formam a visão de quem se vê à margem do resto do Brasil. Sendo que as crônicas são para um jornal carioca, se tornam um lembrete da imensidão do país e da urgente necessidade de se pensar sobre as regiões mais pobres e distantes dos grandes centros urbanos.

O curioso é que, apesar de ser uma marca recorrente nas crônicas itaparicanas, os textos de Berlim quase não possuem personagens. Os poucos mencionados não são apresentados com tamanho cuidado. Em *Educação financeira* (T14, p. 166), o autor enumera nomes de amigos da família, porém em suas crônicas só dois são nominalmente mencionados: Dieter (em *Procurando o alemão*, T15, p. 166) e Marc (em *Batalhas culturais* – T16, p. 168). O primeiro é citado apenas como “meu amigo Dieter, que eu pensava que era um alemão” (RIBEIRO, 1995, p. 99), sem detalhes sobre sua personalidade nem sobre sua ocupação.

Já Marc recebe mais atenção. Ele é descrito como “sisudo e compenetrado” e suas afinidades com Bento, filho de Ribeiro, são enumeradas pelo cronista. A relação de amizade se estende à família quando o menino alemão demonstra gostar genuinamente da comida brasileira. O escritor se mostra especialmente animado com

essa aproximação, considerando-o “cabeça-de-ponte” da batalha cultural que ele trava com os hábitos alimentares alemães. Porém, o garoto não volta a ser mencionado nos textos seguintes, nem mesmo naquele em que o autor se despede do país.

A presença de longos diálogos é escassa, sendo a maioria deles com sua esposa ou imaginados (como em *Leituras públicas*). Uma conversa com um amigo é mencionada em *A velha cidade guerreira* (T17, p. 168), porém de forma indireta e sem identificação do amigo. Já a transcrição da oralidade é registrada por meio de citações em alemão. Como o autor afirma não dominar o idioma, essa estratégia visa distanciar o narrador de seu contexto, registrar os problemas de comunicação que ele vivencia por estar em outro país. No geral, são pequenas expressões em itálico, com exceção do texto *O tartamudo do Kurfürstendamm*, a segunda crônica berlinense, na qual Ribeiro cita parte de um diálogo, dando bastante ênfase à sonoridade, ainda que obedeça a gramática alemã, a qual, por exemplo, exige todos os substantivos com letra maiúscula.

O dia em que, não conhecendo (e não tendo achado no dicionáriozinho) a palavra para designar “sacola”, limitou-se a apontá-la para a caixa do supermercado, a qual ficou imensamente transtornada e começou a discursar, em volume audível de Hallensee a Wannsee:

- *Das ist kein dah-dah-dah! Das ist kein buh-buh-buh-buh! Das ist eine Tüte! Das ist eine Tüte! Das ein[e] Tüüüüte, ja? Ja? Eine Tüüüüte!*

É, mas o Tartamudo pelo menos se consola em saber que essa experiência fez com que ele jamais esqueça a importante palavra “*Tüte*”, agora indelevelmente gravada em sua memória.

A abrupta troca de idiomas faz com que o leitor brasileiro sinta o impacto comunicativo vivenciado por Ribeiro. Para quem não entende alemão, os “dah-dah-dah” e “buh-buh-buh-buh” dão uma ideia de como o escritor foi ridicularizado na situação. Já na tradução para a língua alemã, Ray-Güde Mertin manteve a fala igual e isso talvez impeça os alemães de terem a mesma dimensão que o leitor de língua portuguesa, apesar de as onomatopeias enfatizarem a impaciência da funcionária do mercado.

O pouco uso de personagens e de variadas vozes nos textos de Berlim são o primeiro indício da diferente posição que Ribeiro assume para dialogar com o público alemão em comparação às estruturas que utilizava para se comunicar com o leitor carioca. Porém, ainda que raramente, as estratégias do escritor enquanto cronista

continuam a ser usadas, fortalecendo a definição de um estilo próprio na escrita do gênero.

5.1.3 Relações familiares

Antes de concluirmos a confirmação da primeira hipótese, é necessário observar mais uma característica: a exposição da vida familiar do cronista. Sua casa em Itaparica é cenário de diferentes situações, mas sempre tendo com personagens apenas os membros da família. Em *A formação do jovem* (T18, p. 169) e *Os pequeninos ajudantes* (T19, p. 169), Ribeiro registra desafios da educação dos filhos.

No primeiro texto, Bento, seu filho, pergunta a ele o que é camisinha. Sem saber o que dizer, o escritor dá voltas e pergunta o motivo da questão. Acaba descobrindo que a dúvida foi motivada pela preocupação: uma propaganda alertando sobre a Aids fez com que a criança ficasse preocupada, afinal usar camisinha era importante para não ficar doente. O pai encerra a conversa garantindo que não ficará doente, mas deixando a pergunta inicial sem resposta.

Já a segunda crônica aborda a decisão de dar mais responsabilidade ao filho, solicitando a ele pequenas tarefas. O autor contempla “o homenzinho saindo de cabeça erguida, consciente da responsabilidade de sua missão” (RIBEIRO, 1998, p. 239), mas a memória curta da criança e, depois, um tombo, fazem com que o objetivo final (comprar meio quilo de café) não seja alcançado. Neste texto, especialmente, Ribeiro compara gerações, com o cronista olhando para seus filhos e pensando na relação que teve com seus pais. Quando põe sua infância rígida ao lado da infância de seus filhos, cheia de doces e programas de televisão, o autor não chega a definir o que considera certo e errado, mas provoca a reflexão de seu leitor. O mesmo acontece quando ele aborda os papéis de homem e mulher em uma família.

Como vimos, em *A problemática da radioatividade* o cronista é convencido pelos amigos que, sim, como homem ele tem direito de trabalhar menos por ser mais suscetível à radioatividade da ilha. Como as mulheres não sofrem desse mal, sem dúvida sua esposa ainda trabalha pouco, já que “só” faz as tarefas domésticas e cuida dos filhos, mas não costura para fora, por exemplo. Em *Posições políticas* (T20, p. 170) a situação é parecida. Os amigos o convencem a não trabalhar como forma de protesto patriótico, já que estão convencidos que estão “trabalhando para mandar dinheiro para o americano” (RIBEIRO, 1988, p. 66).

Ao retornar para casa, o cronista explica seu protesto trabalhista à esposa, que não apenas o apoia como também resolve protestar junto, passando a responsabilidade de cuidar dos filhos ao marido e decidindo ir dormir.

- Mas isso é diferente, você não trabalha e...
- Perfeitamente. Não trabalho e, por conseguinte, não é nenhum trabalho você cuidar desses dois aí, enquanto eu vou para o quarto tomar minha posição política.
(RIBEIRO, 1988, p. 67)

Recheado de ironia, o texto de Ribeiro confronta o hábito machista de não considerar as tarefas maternas e domésticas como trabalho de igual valor ao trabalho masculino fora de casa. Apesar de não fazer isso diretamente, o cronista também aqui compara gerações, já que questiona hábitos e 'sabedorias' populares. Ou seja, tiramos daqui duas provocações: a primeira para valorizar a dedicação materna e a segunda para lembrar que a 'sabedoria popular' não deve ser aceita sem, no mínimo, um autoquestionamento.

Em resumo: a residência dos Ribeiro, em Itaparica, foi cenário de situações um tanto banais na vida familiar, mas que traziam questionamentos significativos para os leitores, fossem eles leitores das crônicas no jornal, fossem eles leitores das coletâneas que as abrigam. A intenção do escritor é provocar a autocrítica de quem tem filhos, especialmente homens, para evitar reproduções automáticas do que viveram e/ou viram.

Já em Berlim, as crônicas familiares parecem ter outro papel. Assim como a aparição de Marc em *Batalhas culturais*, é por meio da relação com seus filhos que Ribeiro tem maior contato com a Alemanha e sua cultura, muito além do que experiencia quando está sozinho. Se em Itaparica ele observou Bento "saindo de cabeça erguida, consciente da responsabilidade de sua missão", na capital alemã é o filho que parece levá-lo pela mão para fora de casa, ou ao menos para observar o que há do lado de fora, e construir um olhar mais crítico, ainda que com humor, sobre as diferenças culturais, como acontece em *Sexy Brasil, sexy Berlin* (T21, p. 171).

Na crônica, o autor discorre sobre a fama sexualizada do Brasil no exterior e narra as experiências de sua família em terras alemãs, destacando quão impressionado seu filho ficou com alguns programas da televisão da Alemanha e com o hábito de nudismo dos alemães, concluindo que sua avó não poderia ir ao país por

não estar “acostumada com essa safadeza da Alemanha” (RIBEIRO, 1995, p. 32). O olhar infantil contrasta com a visão alemã da luxúria brasileira e isso induz o leitor a pensar acerca da imagem construída sobre o Brasil no exterior. O quanto dela é real? A partir de qual perspectiva ela foi criada? Ou seja, na Alemanha, as experiências da família Ribeiro incitam o leitor a olhar para além do seu mundo, além da cultura local, e não mais para seu interior familiar, como as crônicas itaparicanas.

Em *Educação financeira* (T14, p. 166), o cronista começa falando sobre os problemas econômicos do Brasil, com suas frequentes trocas de moeda, e como isso se reflete na visão que a família brasileira tem sobre o dinheiro. Desacostumados a dar valor às moedas, seus filhos as usam em brincadeiras e, o grande desafio da família em Berlim, é eliminar esse hábito das crianças, afinal na Alemanha as moedas são valiosas para os custos diários. A proposta aqui é fazer com que os alemães percebam que, por maiores que lhes pareçam os seus problemas financeiros, há situações piores.

De forma bem-humorada, Ribeiro faz com que os alemães conheçam um dos problemas da sociedade brasileira naquele momento e, quem sabe, percebam que, diante de todas as reviravoltas pelas quais a Alemanha passa, sua situação é bastante estável. Além disso, o cronista apresenta a seus leitores a “inventividade brasileira”, o popular ‘jeitinho brasileiro’, bastante necessário para que uma família que viveu na Bahia possa sobreviver à gelada Alemanha.

A questão climática é abordada em *O inverno, este desconhecido* (T22, p. 172), onde o cronista relembra a fama de mentiroso que adquiriu na Bahia ao descrever características dos climas de outros países que visitou, como lagos congelados e o amanhecer tardio no inverno. Ele menciona suas estratégias para preparar a família para o inverno alemão (usando a geladeira para uma aula prática) e conclui seu texto narrando as boas experiências (como fazer gelo deixando panelas com água para fora da janela e andar de trenó). O fechamento se dá com o filho Bento deixando claro que seu pai deveria narrar no Brasil determinadas histórias, pois ele se negaria a falar a respeito, já que um com fama de mentiroso na família era suficiente.

Assim, o leitor alemão, tão habituado a seu inverno, percebe que sua realidade climática pode soar irreal a olhos brasileiros. Mais que isso: que histórias reais ressoem como mentiras para pessoas que nunca viram neve. Ou seja, aqui Ribeiro mostra a perspectiva brasileira sobre outra parte do mundo, mais uma vez lembrando seu público das diferenças entre os dois países. Abre-se, além disso, uma porta para

uma reflexão inversa: se o inverno europeu, tão real para os que vivem no continente, parece mentira para os tropicais brasileiros, seria possível que toda a tropicalidade do Brasil, anunciada por estrangeiros que o visitam, fosse também exagerada?

Mais uma vez, Ribeiro traz, a partir da sua vivência doméstica em Berlim, uma reflexão que visa mostrar aos alemães que o mundo vai além das questões que eles vivenciam no seu dia a dia. Com exagero e bom humor, o cronista tenta buscar, quem sabe, uma certa empatia por parte do povo alemão, insinuando que, em lugar de se apegarem a ideias prontas sobre os outros (sejam estrangeiros, sejam pessoas 'do outro lado'), eles devem se colocar em seu lugar e entendê-los de fato – sem preconceitos, sem ideias prontas (em *Os índios de Berlim*, por exemplo, o autor narra a incredulidade de seu público ao ouvi-lo dizer que não conhece a Amazônia e nem convive com índios).

Ainda que sob uma perspectiva diferente (em Itaparica, o assunto de fora é discutido em casa; em Berlim, o assunto familiar interno visa questionar uma imagem externa), o cronista utiliza de suas experiências familiares para fazer seu leitor refletir a respeito de 'ideias prontas'. Ou seja, Ribeiro utiliza a mesma estratégia no Brasil e na Alemanha, apenas a adapta de acordo com os assuntos e com o contexto em que está. Sendo assim, podemos concluir que sua familiaridade com o gênero foi o que fez Ribeiro escolhê-lo para suas colaborações com os jornais alemães. Ele já possuía um método de escrita de crônicas, pois já tinha estruturas às quais recorrer para desenvolver um assunto, portanto foi mais natural aplicá-lo do que buscar um outro formato para se expressar, o qual talvez não o deixasse confortável ou exigisse uma elaboração mais complexa.

5.2 CRONISTAS NO EXTERIOR

Outro ponto peculiar em *Um brasileiro em Berlim* é o fato de, até onde pude averiguar, ser a única coletânea brasileira de crônicas que reúne textos escritos originalmente para um jornal estrangeiro. No que se refere ao registro da vida no exterior por meio de crônicas há variados exemplos, mas nos ateremos à obra de dois escritores: Rubem Braga e Fernando Sabino, que, além de serem referências no gênero, também foram jornalistas, como João Ubaldo Ribeiro.

O capixaba Rubem Braga morou em diferentes estados do Brasil e passou por vários países, sempre escolhendo a crônica como forma de registro de suas memórias

e observações cotidianas. Há, portanto, textos escritos em diferentes locais, o que tornaria muito ampla nossa pesquisa geográfica em sua obra. Por isso nos limitaremos à coletânea *Crônicas da guerra na Itália* (1985), publicada inicialmente como *Com a FEB na Itália* (1945), tendo uma segunda edição com o título *Crônicas da guerra* (1964). A escolha se justifica pela especificidade do livro, que registra o dia a dia do exército brasileiro, de setembro de 1944 até o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945. Ou seja, é um momento histórico tão significativo no panorama mundial quanto a Queda do Muro de Berlim. Braga era, então, correspondente de guerra do *Diário Carioca*.

Quanto ao mineiro Fernando Sabino, trataremos da obra *A cidade vazia: crônicas de Nova Iorque* (primeira edição de 1950), que reúne textos escritos nos Estados Unidos, entre 1946 e 1948, para os suplementos literários de *O jornal* e do *Diário Carioca*. Isto significa que, ao contrário de João Ubaldo Ribeiro, tanto Braga quanto Sabino visavam o leitor brasileiro – em outras palavras, eles apresentavam a vida no exterior para quem não a conhecia. Sabino também possui outra coletânea com crônicas escritas no exterior, *A inglesa deslumbrada*, mas como ela também possui textos cariocas, preferimos focar no primeiro livro e ter por padrão coletâneas apenas com crônicas estrangeiras.

Faz-se necessário mencionar as obras de Braga e Sabino como forma de construir uma referência sobre o cronista brasileiro no exterior: suas percepções e experiências diante das diferenças culturais, assim como sua leitura do Brasil visto de fora. Mesmo o fato de eles terem escrito para o leitor brasileiro pode ser usado como contraponto no estudo da obra de Ribeiro: em que medida a nacionalidade do veículo influencia na elaboração das crônicas nele publicadas? A partir disso, poderemos confirmar ou refutar a segunda hipótese.

5.2.1 Rubem Braga e a Segunda Guerra Mundial

Nos mais de 80 textos da coletânea, Braga apresenta ao leitor o dia a dia da guerra na Itália, com o especial cuidado de dar nomes e endereços aos personagens de sua narrativa, usando seu espaço também para registrar recados dos soldados às famílias que ficaram no Brasil. Em um breve prefácio para a primeira edição da coletânea (T23, p. 173), o cronista explica que seu plano era fazer “uma história da

campanha”, mas que isso não foi possível em função da “má vontade” com a qual os correspondentes tinham que conviver.

É interessante notar a preocupação jornalística de Braga em explicar o contexto burocrático em que as crônicas foram escritas – algo impossível de identificar nas entrelinhas dos textos. A seguir, ele informa ao leitor que nem todos os textos foram originalmente publicados no jornal e que *Fim de guerra*, que fecha a coletânea, foi composto especialmente para o livro. Na terceira edição, de 1985, foram acrescentadas reportagens, entrevistas, artigos e outras crônicas escritas ao longo dos anos, todas sobre a campanha do exército brasileiro na Itália. Também no prefácio, o autor registra o desejo de que suas crônicas sirvam de apoio a estudos críticos sobre a campanha brasileira na Segunda Guerra Mundial.

Ou seja, o cronista percebe o valor histórico de seu trabalho e espera que isso seja reconhecido pelos leitores da coletânea, os quais estarão afastados do espaço-tempo em que Braga escreveu. Ele espera que suas crônicas sirvam como testemunho para quem não vivenciou o período da guerra, assim como escrevia na esperança de aproximar o Brasil de seus soldados em território italiano – mais do que um correspondente de jornal, o cronista desejava aproximar dois grupos de brasileiros: os que estavam na Itália e as famílias que estavam esperando por eles.

A primeira crônica, intitulada *A partida* (T24, p. 173), narra o primeiro contato com o navio e a espera pela saída do porto. É quase uma anotação de diário, com o objetivo de preservar as emoções daquele 22 de setembro de 1944. Braga registra o tédio da espera, a sensação de prisão, a impressão de já estar distante sem sequer ter saído do porto. Finalmente, às seis da manhã do dia seguinte, a embarcação parte e o cronista encerra seu relato com este momento, quando diferentes emoções se misturam. A visão final da crônica é um pescador, de camisa esfarrapada, que, em pé em seu barco, acena aos tripulantes do navio que inicia viagem.

Olho-o por um binóculo: é um velho pescador de camisa esfarrapada. Entre os monstros armados do oceano, sua canoa é humilde e frágil, mas ele tem uma estranha imponência. E fica lá para trás, indiferente aos balouços fortes da canoa, de pé, acenando lentamente a mão como quem cumpre um dever, como quem transmite sua pobre mensagem. Uma grande mensagem. (BRAGA, 2014, p. 16)

Durante a viagem, Braga registra a rotina, detalhes específicos de preparos para a guerra (mais curiosidades bobas do que propriamente informações

estratégicas) e dedica-se a identificar os nomes dos que integram a força expedicionária. Um deles é o personagem da crônica *O pracinha Juan* (T25, p. 174), cuja história o autor narra com precisão jornalística. Brasileiro de nascimento, Juan acompanhou os pais de volta à Espanha quando tinha cinco anos. Aos 14 anos, pegou em armas pela primeira vez em razão de uma revolta em Madri, onde morava. Quando a guerra terminou, teve que fugir. Lembrou que era brasileiro e foi ao consulado, dizendo que queria se alistar para lutar pelo exército brasileiro na Segunda Guerra Mundial.

Braga continua interrogando seu entrevistado para descobrir a motivação para lutar contra nazistas. Registra, então, as memórias amargas de Juan. Ao final, pergunta se, no futuro, ele planeja morar no Brasil. A resposta é afirmativa, mas antes disso quer vingar-se daqueles que causaram tantas tristezas à sua família. Essa não é a única crônica-perfil da coletânea, mas certamente se destaca por se apegar à história pessoal e não a eventos de guerra – os quais, muitas vezes, levam o cronista até seus personagens, justamente em busca de seus depoimentos. Além disso, há textos sobre a alimentação e a rotina entre as batalhas, assim como sobre as armas e outros equipamentos usados pelos pracinhas, como por exemplo *O teco-teco* (T26, p. 175), de novembro de 1944, que narra o pedido de um mecânico para darem o nome de sua namorada ao avião, prometendo cuidar dele com o máximo de carinho.

A atenção do cronista para histórias como essa dá leveza aos dias da guerra e ao peso da distância entre Brasil e Itália. Porém há também registros mais explicativos sobre o contexto da guerra, falando de prisioneiros e de armadilhas, dando mais clareza ao leitor brasileiro sobre o que a FEB está vivenciando tão longe de sua terra natal. Um destes textos é *“Partegiani”* (assim mesmo, com o título entre aspas, provavelmente para destacar o fato de ser uma palavra italiana - T27, p. 175), de dezembro de 1944, onde Braga explica quem são as pessoas que atendem por essa alcunha e como é sua relação com os soldados brasileiros.

Há também informações sobre a organização de trabalho dos soldados, suas funções e suas folgas. Na crônica *Em Florença* (T28, p. 176), de 25 de dezembro de 1944, Braga registra um pouco deste último item, descrevendo o cenário na cidade que recebe brasileiros de folga, a qualidade do hotel e comentários de dois pracinhas a respeito (identificando-os com seus nomes e endereços no Brasil, como forma de enviar notícias aos familiares).

Conforme os meses passam, os textos ficam mais duros, já que as histórias que narram são mais significativas no que se refere aos movimentos da guerra: batalhas para conquistar determinados pontos, contato com povoados italianos famintos e/ou que vivenciaram um massacre nazista, etc. É inevitável que as palavras escolhidas pelo cronista deixem sua opinião cada vez mais clara sobre o significado da guerra.

Em 8 de fevereiro de 1945, Rubem Braga fala sobre plantações de minas, as quais servem para proteger um exército que se retira de determinada posição. É uma estratégia para evitar que o inimigo o siga, o que exige redobrada atenção ao se aproximar de uma nova região. *Plantações* é o título da crônica, na qual se encontra a seguinte conclusão do jornalista:

O fascismo é uma praga difícil de exterminar. É o preço que os povos pagam pela própria desídia. É a defesa frenética dos privilegiados. E contra ele só há um remédio verdadeiro: conquistar e manter a todo custo a liberdade do homem, e só há liberdade entre os homens quando cada um vale pelo seu trabalho – e não pelo seu nascimento nem pelos seus privilégios. Ninguém se iluda: acabar com as injustiças nacionais e sociais, que são o caldo de cultura do fascismo e das guerras, será uma luta muito dura, uma grande luta do povo.
(BRAGA, 2014, p. 166)

Mais adiante, no mesmo mês, Braga vai até um posto de tratamento em busca do protagonista de uma história que ouviu e, ao chegar lá, vê uma menina de cerca de dez anos ser atendida às pressas, vítima de uma granada. *A menina Silvana* traz, então, um desabafo mais contundente do cronista.

[...] É preciso acabar com isso, e isso só acaba a ferro e fogo, com esforço e sacrifício de todos, e quem pode mais deve fazer muito mais, e não cobrar o sacrifício do pobre e se enfeitar com as glórias fáceis. É preciso acabar com isso, e acabar com os homens que começaram isso e com tudo que causa isso – o sistema idiota e bárbaro de vida social, onde um grupo de privilegiados começa a matar quando não tem outro meio de roubar.
(BRAGA, 2014, p. 185)

Em meio ao cansaço do ambiente bélico e o aumento lento dos sinais indicadores de que o fim do conflito se aproxima, Braga começa a construir uma visão mais ampla da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial. Além das referências eventuais sobre a organização da FEB em comparação com a de outros

exércitos aliados, o cronista destaca as peculiaridades próprias de um país multicultural como o Brasil. Em *Ataque a Montese* (T29, p. 176), com data de 17 de abril de 1945, ele narra a prisão de alemães após um brasileiro, descendente de imigrantes, atraí-los usando a língua alemã para garantir que estavam entre amigos.

Considerando a informação dada pelo autor no prefácio, *Em Bolonha* (T30, p. 177) é a última crônica escrita para o *Diário Carioca*. O último registro da guerra para o leitor do periódico, escrito também em abril de 1945, é iniciado com a descrição do processo de libertação das cidades no fim do conflito. O olhar de Braga registra os destroços da guerra e o cenário que abriga o encontro do povo italiano com a liberdade que a paz promete. É o retrato deixado para o leitor que acompanhou o conflito à distância, talvez até esperando pelo retorno de algum soldado.

Já *Fim de guerra* (T31, p. 177), escrito especialmente para fechar a coletânea, escapa ao padrão do livro por sua extensão e por, antes de ter preocupação informativa, querer registrar os sentimentos do próprio cronista. Aqui é a sua ousadia, motivada pela paz, que é transcrita em quase 30 páginas. Neste longo registro, Braga narra a vontade de ver o momento exato em que as cidades são libertadas, coisa até então impossível aos correspondentes, e a impulsividade gerada por essa motivação. Ele e alguns companheiros seguem o caminho menos prudente e, a partir de então, o cronista narra o entusiasmo com que são recebidos em pequenas cidades que ainda não foram informadas sobre o fim da guerra, assim como suas agitadas fugas em momentos de encontro com grupos de soldados alemães. É quando Braga, cronista e correspondente, que até então apenas registrava histórias vividas pelos componentes do exército brasileiro, vira personagem.

Em determinada ocasião, ao fugirem de um grupo de alemães, eles sofrem um acidente e os tensos momentos seguintes são registrados em detalhes. Após muitos caminhos, Braga e seus amigos se reencontram com a FEB. Seu último parágrafo é como um suspiro de conclusão, onde o cronista se despede da guerra.

Eu estava cansado de ver alemão. Colunas de soldados ainda desfilavam melancolicamente, e os oficiais faziam força puxando suas bagagens de dentro dos carros. Um cabo brasileiro fazia funcionar uma baratinha apreendida naquele instante e já escrevera no para-brisa um nome certamente saudoso: “Marieta”. Escurecia. Um pelotão tedesco passou devagar, a caminho da prisão. De repente, um deles começou a cantar e

os outros acompanharam; não sei o que dizia a canção. Mas na penumbra e na poeira da pobre estrada italiana, aquilo era uma canção de derrota. (BRAGA, 2014, p. 337)

Em *Crônicas da guerra na Itália*, Rubem Braga é, antes de tudo, repórter. A estrutura da crônica lhe dá liberdade de voz; deixa-lhe registrar o interesse pessoal por determinadas figuras; e lhe permite desabafar quando está exausto dos horrores da guerra – mas ainda assim ele é repórter. O jornalismo faz com que ele registre detalhes corriqueiros, dando ferramentas para que o leitor construa seus próprios cenários e suas interpretações; além de fazer com que busque suas fontes, personagens para suas crônicas. Ele se preocupa em ouvir os relatos em primeira pessoa e em apresentar, com cuidado, seus entrevistados. Por vezes ele cita sua própria fala, registrando um diálogo entre o repórter e o interlocutor, mas seu foco é sempre o outro, nunca ele mesmo – salvo pequenos desabafos.

A coletânea abriga o começo e o fim da narrativa construída por crônicas escritas para o *Diário Carioca*, mas traz também um texto exclusivo, tal qual em *Um brasileiro em Berlim*, que então, mais à distância do espaço-tempo vivido nos outros textos, tem um olhar mais pessoal – a visão de quem ao olhar para trás reflete sobre o que viveu e que, sem a urgência de uma data de publicação em periódico, consegue observar com mais calma suas experiências e seus aprendizados.

5.2.2 Fernando Sabino em Nova Iorque

Na nota para a terceira edição, publicada pela Editora do Autor e que está sendo usada como referência para este estudo, Sabino (1961, p. 5) explica que a coletânea “compõe-se de crônicas, ou que outro nome tenham, selecionadas entre as que escrevi em Nova Iorque de 1946 a 1948”. É curioso que o escritor, popular por suas crônicas e pelo romance *Encontro marcado*, questione a nomenclatura do gênero dos textos reunidos em *A cidade vazia* – que têm por subtítulo *Crônicas de Nova Iorque*. Poderíamos elaborar possíveis interpretações para isso, mas correríamos o risco de fugir do objeto de estudo principal desta pesquisa. Sigamos então com outra observação do mineiro, também presente na nota.

Era minha intenção fazê-las acompanhar de um prefácio, no qual explicaria as circunstâncias em que foram escritas, vendo seu autor à distância, com a perspectiva do tempo que passou. Mas êsses anos que me separam daquela

época foram muito vertiginosos para que eu saiba se já o perdi de vista ou se o trago cada vez mais vivo dentro de mim. O que, de resto, talvez não ofereça também interesse ao leitor. (SABINO, 1961, p. 6)

A vontade inicial de elaborar uma apresentação mais detalhada à coletânea talvez parta da primeira característica do livro, que o diferencia das obras de Braga e Ribeiro: não há partida nem chegada na primeira crônica, sequer uma referência à viagem do escritor aos Estados Unidos. Outra particularidade é o fato de o mineiro escrever para dois veículos diferentes, o que certamente contribuiu para a ausência de uma sequência histórica, já que o cronista tinha de lembrar que seus textos deviam ser curiosos tanto para o leitor que o encontrasse n' *O Jornal* e no *Diário Carioca*, quanto para o leitor que o acompanhasse apenas em um dos periódicos – ou seja, evitando repetições e mantendo os públicos das duas publicações igualmente bem-informados.

A solução de Fernando Sabino foi, então, escrever crônicas completamente independentes umas das outras – ao menos é o que se conclui com a leitura da coletânea, que é resultado de uma seleção feita pelo autor, sendo possível que um estudo atento aos jornais desminta essa dedução. Como o objetivo aqui é justamente tratar dos outros livros de crônicas escritas no exterior, vamos seguir esta linha interpretativa, o que nos leva ao terceiro ponto de diferença em relação às coletâneas de Ribeiro e Braga: não há aqui uma linha narrativa que oriente a construção das crônicas, cada uma tem sua própria história.

Os três primeiros textos do livro apresentam bem a abrangência temática do autor: *A casa de Hudson Street* abre a compilação, narrando a péssima experiência que o escritor teve ao alugar um determinado apartamento. Na sequência temos *A invenção da laranja*, uma ficção irônica que retrata a lógica do capitalismo e que aparece em outras coletâneas de Sabino. A terceira crônica, *O juramento* (T32, p. 178), também aparenta ser uma narrativa ficcional, traz, porém, um registro mais claro da condição espaço-temporal: os Estados Unidos pós-Segunda Guerra Mundial. Nela, o cronista comenta o caso de oito prisioneiros de guerra que, após serem libertados, juraram que se recusariam a viver em um mundo sem paz e felicidade. Cada qual seguiu seu caminho até que uma notícia de jornal anuncia o suicídio de um deles, ao qual se seguem outros. Sabino assim conclui:

Numa esquina qualquer de uma cidade qualquer, um homem espia passivamente o movimento ao seu redor e espera o instante de condenar o mundo com a sua morte. Seus dedos apertam a arma, o braço se ergue, e ela se volta em direção ao peito magro onde o coração se maltrata. Tenho ainda uma violenta esperança de que alguma coisa aconteça, algum milagre impeça a morte desse homem.
(SABINO, 1961, p. 24-25)

Este texto expõe os danos psicológicos e emocionais da guerra, um ponto bastante específico e extremamente presente na sociedade norte-americana, mesmo com as glórias da vitória. Há outras crônicas que retratam a sociedade dos Estados Unidos na década de 1940, muitas vezes com críticas diretas. Um exemplo disso é dado por *Os gigantes do nada* (T33, p. 179), em que o cronista ressalta o preconceito racial do país ao comentar a nota de repúdio de sete estados federativos a qualquer candidato presidencial que defendesse os direitos civis.

Em *Um dia a casa cai*, que relata o desabamento de um prédio, Sabino faz outro registro do senso de justiça presente nos Estados Unidos:

A polícia norte-americana, não sei se já disse, tem o hábito de atirar primeiro e perguntar depois. Deduzindo desse hábito (que pode na rua sujeitar-nos um dia a uma rajada de balas sem maiores explicações) uma regra que é a razão maior de sua eficiência, a Polícia acreditou primeiro para perguntar depois.
(SABINO, 1961, p. 53)

A crítica se aprofunda na crônica *Crime e castigo*, na qual Sabino comenta a notícia da prisão de um homem que furtava um caminhão de padeiro.

Não quero, porém, falar da façanha da polícia, que resolve a tiros suas suspeitas. Nem no fato de terem os tiros acertado na perna devido à má-pontaria de um dos guardas que, segundo a notícia, procurava acertar na cabeça. Nem na circunstância de ser o pretense criminoso um negro, o que de si já é uma temeridade neste país. Quero falar, simplesmente, no móvel do crime.
(SABINO, 1961, p. 136)

A seguir, Sabino discorre sobre a má qualidade da alimentação da população norte-americana, focando especificamente no pão, afirmando que “comê-lo continua a ser para o paladar o mesmo que comer um guardanapo passado na máquina e cozido”. A conclusão (T34, p. 180) é uma crítica direta às diferenças sociais que levam pessoas a passar fome e os preconceitos que impossibilitam alguns de ter alternativas

para melhorar de vida. Como escreve ao leitor brasileiro, o cronista certamente visa desmanchar a imagem perfeita vendida pelas produções norte-americanas. Mesmo hoje, quem o lê, confronta os registros do escritor mineiro com o “sonho americano”.

Outro ponto observado por Fernando Sabino é a apatia da sociedade norte-americana. Ele comenta, em *Mecânica da distração* (T35, p. 180) diferentes termos do inglês, explicando cada um ao leitor brasileiro. São eles: *date*, *party* e *weekend* – todos resultam em *lots of fun*. O objetivo aqui é apresentar um pouco do dia a dia nos Estados Unidos, diferenciando-o dos costumes brasileiros. Após vários exemplos descritos em tom informativo e mordaz, o mineiro conclui:

O importante é a fotografia, é o testemunho alheio, é o *souvenir*, para fazer crer aos outros e a si próprio que se viveu uma distração em determinada hora de determinado dia. Porque a alegria tem horários. A felicidade se guarda em latas de conserva. O espírito é preservado em geladeiras.
(SABINO, 1961, p. 83-84)

A análise de personalidade do novaiorquino é aprofundada na crônica *Oito milhões de solitários* (T36, p. 181), a qual começa citando Auden e é finalizada comparando os moradores de Nova Iorque aos moradores do Rio de Janeiro. Enquanto no Brasil, todas as pessoas que moram na Cidade Maravilhosa conservam as características de sua cidade natal ao mesmo tempo em que se sentem cariocas, na metrópole norte-americana todos perdem suas características de origem e se tornam todos iguais. O cronista traz outros pontos de comparação, para ao final concluir que todos, em Nova Iorque, estão sozinhos, já que não se sentem parte de um todo.

Conforme acima mencionado, a coletânea reúne crônicas em variados contextos. Além desse olhar crítico sobre a sociedade norte-americana, Sabino apresenta uma visita ao escultor Alexander Calder (*Sandy, o artesão*), um diálogo bem-humorado para registrar a burocracia norte-americana (*Eficácia é o nosso lema*) e a busca por literatura brasileira em Nova Iorque (*Na Bowery*), além de comentar a curiosa didática de um livro de português para estrangeiros (*Expressivo, romântico e musical*).

Apesar de, ao contrário de Braga e Ribeiro, Sabino não se preocupar com uma cronologia (a coletânea sequer apresenta a data de publicação dos textos, assim como outros livros de crônicas do autor) nem em manter um padrão no estilo do

gênero, ele fecha *A cidade vazia* com uma despedida – devidamente datada: abril de 1948. *Por isso lhe digo adeus* (T37, p. 182) começa com uma descrição visual da cidade: um olhar de despedida. Mas adiante, ele volta a falar dos traumas da guerra ao registrar uma conversa com o motorista de táxi. Tal qual Ribeiro ao se despedir de Berlim, Sabino olha para sua mobília com saudade antecipada, recordando todas as histórias que a cercam. O final da crônica – e da coletânea – é uma lista de desejos e histórias não contadas.

[...] Gostaria de narrar outras histórias, falar da política americana, referir-me aos preparativos para a nova guerra. Bem ou mal, sempre há o que dizer e continuarei escrevendo alegremente até a hora de partir. Agora, porém, estou me despedindo. O essencial é ficar assegurado desde já que, olhando há pouco para Manhattan, do alto da ponte do Brooklyn, senti num só bloco a grandeza e a miséria de uma cidade inteira, naquela prenúncia de fatalidade que só as despedidas trazem. Por isso lhe digo adeus.
(SABINO, 1961, p. 235)

A despedida de Sabino é um misto de emoções, assim como seus textos tiveram diferentes perspectivas e propósitos. O cronista quis apresentar os Estados Unidos ao leitor brasileiro, sempre mostrando sua análise dos hábitos locais e sua própria relação com eles. Mesmo as crônicas mais despretensiosas, retratos de seu dia a dia, oferecem um charme especial ao leitor, por tratarem de coisas ocorridas nas ruas de Nova Iorque. Quem lê *A cidade vazia* hoje, mesmo sem a marca de um evento histórico como a Segunda Guerra Mundial ou a unificação alemã, encontra o registro de uma época e consegue estabelecer paralelos com os dias atuais: o quanto as leituras de Fernando Sabino das notícias norte-americanas dos anos 40 ajudam a entender as manchetes do século XXI? Quais características se mantêm e quais mudaram? Tais exemplos de questionamentos nos fazem perceber o valor do estudo histórico da crônica, afinal o estudo da história se faz necessário para que melhor entendamos os tempos atuais. No presente caso, o olhar de Sabino sobre a sociedade norte-americana dos anos 40 nos incita a observar criticamente os Estados Unidos, não importando a distância temporal entre cronista e leitor.

Mesmo sem ser guiado por um propósito tão específico quanto o de Rubem Braga em *Crônicas da guerra na Itália* e sem expor sua intimidade tanto quanto João Ubaldo Ribeiro em *Um brasileiro em Berlim*, Fernando Sabino transmite ao leitor suas vivências em Nova Iorque, embora não se faça personagem na maior parte delas. Seu

cuidado em citar manchetes e interpretar as notícias é resultado da sua própria experiência como jornalista e essa forma de observar a sociedade dos Estados Unidos faz com que seu leitor tenha um olhar mais crítico sobre essa grande potência, que protagonizava então um verdadeiro cabo de guerra com a União Soviética em torno do regime econômico da Alemanha.

5.2.3 João Ubaldo Ribeiro em Portugal

Como estamos falando de brasileiros que, estando em outro país, escreveram crônicas para jornais daqui, cumpre registrar o fato de que João Ubaldo Ribeiro já havia tido essa experiência antes de ir para a Alemanha. De 1981 a 1982, ele morou em Lisboa com a família (seu filho Bento nasceu lá) em função de uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian e continuou escrevendo para o jornal *O Globo*. Algumas das crônicas desse período estão na coletânea *Sempre aos domingos*, que já mencionamos.

Aproveitando a versatilidade de Fernando Sabino, podemos olhar agora mais atentamente para esses textos portugueses e, assim, aumentar nossa lista de argumentos para interpretar a obra do cronista que presenciou os primeiros dias da Berlim unificada. Ao contrário do escritor de Belo Horizonte, Ribeiro não se apega às manchetes dos jornais, antes encontra os seus assuntos na televisão e outras vivências culturais – ou seja, tal como em Berlim, ele se torna personagem de suas crônicas.

O revertério da colonização possui a visão mais crítica do brasileiro em Lisboa – ao menos entre os textos presentes na coletânea já citada. Ribeiro fala da popularidade das novelas brasileiras e como isso está alterando o português de Portugal, o que não é visto com muita simpatia por parte da população.

Diante de tudo isso, causa graves preocupações esse processo que alguns, com relutância e revolta, descrevem como uma odiosa colonização brasileira, uma espécie de vingança histórica, que ameaça a língua, a cultura e a identidade dos invadidos.

- Mas que bobagem – observei eu a um amigo português. – Em compensação vocês passaram lá mais de 300 anos, trazendo tudo para cá, prendendo, degradando, enforcando e esquartejando.

- Isto é facto – ponderou ele. – Mas, como se vê, não adiantou coisa alguma.

(RIBEIRO, 1988, p. 154-155)

Os demais textos narram banalidades da rotina do escritor na capital portuguesa. *Não carregue o autoclisma!* retrata a dificuldade em consertar a descarga do banheiro, enquanto *O mistério de Shaub-Lorenz* fala sobre um programa de televisão. Em *Velhos conhecidos*, Ribeiro cita amigos que pensa ter visto por entre as ruas portuguesas, mas que não o reconheceram. Na crônica *Seres imaginários em Lisboa*, o baiano aproveita as comemorações do Dia de Camões para comentar escritores que, dizem, nunca existiram, como Homero e Shakespeare. Devemos lembrar que estes textos eram publicados no Brasil, ou seja, ele escrevia para conterrâneos e, tal como Braga e Sabino, explicava o dia a dia no exterior para seus leitores brasileiros.

A grande corrida de toiros traz a experiência do cronista e sua esposa ao assistirem pela primeira vez uma tourada. Eles contam com a ajuda de uma empregada portuguesa, Conceição, que esclarece as regras e os propósitos do evento. Esse registro comprova a curiosidade esportiva mencionada na crônica *Em poule a duas voltas* (T38, p. 182), em que Ribeiro comenta sua dificuldade de entender as regras do campeonato de basquete lusitano, mencionando também que, quando morou nos Estados Unidos, aprendeu as normas dos esportes mais apreciados no país.

A preocupação em conhecer tanto os esportes locais, seja baseball e golfe nos Estados Unidos ou tourada e basquete em Portugal, não é demonstrada na Alemanha. Em nenhum momento Ribeiro fala sobre o apego esportivo dos alemães, nem descreve passeios por Berlim nos quais pensa reconhecer amigos, além disso os únicos espectadores da televisão alemã mencionados são sua esposa (*O tartamudo do Kurfürstendamm*) e seu filho (*Sexy Brasil, sexy Berlin*). Já identificamos as semelhanças entre as crônicas sobre Itaparica e sobre aquelas que tratam de Berlim. Cabe agora notar as distinções entre o cronista da capital alemã e Rubem Braga, Fernando Sabino e ele, João Ubaldo Ribeiro, em Portugal.

Rubem Braga na Itália tem um fio condutor para seus textos: os soldados brasileiros na guerra. Ele acompanha o exército e faz questão de identificar os rostos por entre as fardas, registrando nomes e origens, além de, exercendo sua função de repórter, buscar os personagens centrais das histórias que ouve, com o objetivo de registrar as experiências da maneira mais fiel possível. A única relação entre as crônicas de Ribeiro em Berlim e os relatos de Braga na Itália é, precisamente, a

vivência de ambos como estrangeiros em um país que é cenário de eventos históricos. Mesmo quando o contexto não é diretamente abordado, seus olhares destacam as diferenças culturais. As temáticas, porém, não se relacionam, e nesse ponto o baiano se aproxima mais de Sabino.

Há histórias aparentemente banais, mas que possuem, em maior ou menor grau, sempre alguma crítica. Seja ela sobre as imagens prontas que os alemães possuem do Brasil, seja ela sobre os sentimentos do escritor ao tentar observar de maneira mais próxima a cidade sem o muro. Porém, a grande diferença entre o Sabino de Nova Iorque e o itaparicano em Berlim é o destino dos textos: o mineiro escreve para brasileiros e Ribeiro escreve para os alemães. O fato de os leitores não serem seus conterrâneos torna o objetivo do baiano diferente: ele não deve apresentar o exterior ao leitor, mas sim trazer o olhar exterior para o interior da Alemanha. Portanto, sim, o fato de escrever para alemães influencia as crônicas de Ribeiro, como pressupomos na segunda hipótese.

No entanto, ao lermos os textos portugueses de Ribeiro, chegamos a um impasse: ao contrário do que faz em Lisboa, de onde narra experiências nas ruas para os leitores brasileiros, em Berlim o baiano pouco interage com a cidade. Suas saídas às ruas são registradas com tensão e desconfiança, enquanto seus interlocutores não são apresentados com a mesma riqueza de detalhes conferida aos moradores de Itaparica. As experiências culturais são trazidas por seus filhos, enquanto em sua terra natal as narrativas domésticas tinham mais relação com a rotina da família do que com pessoas vindas de fora. Já suas percepções da rotina alemã são apresentadas apenas em *Pequenos choques*, cujo título anuncia uma sequência de desconfortos com as variações culturais – longe da curiosidade provocada pelos Estados Unidos e por Portugal.

Tudo isso nos faz questionar a disposição do autor em vivenciar Berlim. Para melhor buscar uma resposta sobre isso, voltemos aos brasileiros que estiveram na capital alemã antes do baiano, acrescentando a eles Fernando Bonassi, que esteve no país em 1998. Quais as experiências de cada um? Como elas podem nos ajudar a identificar o posicionamento de João Ubaldo Ribeiro como cronista da Alemanha unificada?

5.3 BRASILEIROS NA ALEMANHA

Essas reflexões nos levam à questão da terceira hipótese: em que posição se coloca o cronista estrangeiro no processo de unificação alemã? Para buscar essa resposta é necessário construir uma base de comparação, por isso mencionaremos cronologicamente outros escritores brasileiros que também foram bolsistas do DAAD em Berlim. No capítulo inicial, já mencionamos Ignácio de Loyola Brandão, Rubem Fonseca e João Antônio, para cujos registros olharemos com maior atenção agora. A eles se soma Fernando Bonassi, que esteve na capital alemã quase dez anos após a Queda do Muro de Berlim. Depois de identificar como cada um experienciou e registrou sua estadia na Alemanha, voltaremos para João Ubaldo Ribeiro.

5.3.1 Ignácio de Loyola Brandão (1982 a 1983)

O jornalista e escritor chegou em março de 1982 a Berlim, onde permaneceu por 15 meses. O livro *O verde violentou o muro* reúne anotações diversas que o brasileiro fez durante sua estadia e foi originalmente publicado em 1984. No entanto, a edição que nos servirá de referência é de 2000 e possui o subtítulo *Vida em Berlim antes e agora*. Esta escolha se justifica pelo fato de a mais recente publicação reunir também observações feitas pelo autor em viagens posteriores à Alemanha, na década de 90 e no ano 2000, ou seja, Brandão registra as mudanças por ele notadas após a reunificação.

A edição é extensa, possuindo quase 400 páginas. Por isso vamos nos ater às percepções subjetivas do autor em relação à cidade e aos alemães. É necessário ressaltar isso pois o escritor paulista é bastante didático, compartilhando com seu leitor informações e curiosidades sobre a Alemanha, o que possibilitaria outras leituras da obra. Brandão demonstra uma imensa preocupação em entender a história do país e o contexto em que está inserido, ressaltando inclusive sua própria desinformação antes de chegar à capital alemã, como por exemplo no trecho intitulado *Berlim* (T39, p. 183), logo no início do livro, quando o brasileiro ainda está reconhecendo a cidade que o acolherá pelos próximos meses. Nele, o escritor externa seu desconhecimento sobre a localização geográfica da capital alemã, afirmando ter suposto que a cidade se localizasse na fronteira entre as duas Alemanhas, o que justificaria mais facilmente a existência do muro.

Brandão deixa claro ao seu leitor suas primeiras descobertas sobre a cidade e seu estranhamento diante da situação peculiar local. Em um relato mais adiante, chamado *Estrangeira* (T40, p. 183), ele comenta uma nova observação sobre Berlim, mas, dessa vez, a partir de uma perspectiva distante da cidade. Ele narra sua surpresa com a cena que presenciou, em Colônia (localizada na RFA, assim como Berlim Ocidental), ao tentar comprar a passagem de volta à capital alemã: o atendente não localizou a cidade na lista de destinos interestaduais. Ao indagar seu superior a respeito, o funcionário, assim como o brasileiro, descobriu que “*Berlin ist Ausland*”, ou seja, “Berlim é exterior”.

Naturalmente o muro provoca a curiosidade de Brandão, que foi observá-lo de perto tão logo chegou à cidade, segundo ele próprio afirma. Em *O Muro* (T41, p. 183) ele faz um registro desse primeiro encontro, descrevendo os detalhes da famosa construção. Outro ponto de interesse do brasileiro é a ligação de Berlim Ocidental com o resto da República Federal da Alemanha. O escritor descreve as diferentes formas de acesso (usando carro, trem e avião), atento à burocracia que cada um envolve. Em *Papel pela janela* (T42, p. 184), ele foca na via ferroviária, narrando a atenção dos policiais para com os documentos e a pergunta que soa intrigante ao brasileiro: “O senhor está indo para Berlim Oeste?”. O estranhamento com a questão se justifica pelo fato de o trem ir diretamente para o destino final, sem paradas no caminho.

Os motivos são sempre de interesse do cronista. Ele sempre busca uma justificativa para as situações que vive e observa, mas sobretudo para situações específicas da cidade. É como se, ao indagar suas razões, ele conhecesse melhor a cidade que o recebe. Em *Aliados no ar* (T43, p. 184), por exemplo, ele comenta a variação de preços das passagens aéreas, comparando o caminho Brasil-Alemanha. Qualquer trajeto, saindo de Berlim Ocidental e incluindo a passagem de volta, é muito mais barato do que para alguém que faz o caminho contrário. Brandão explica que isso ocorre em função do desconto de 30% a que os berlinenses têm direito, já que esses sofrem de “síndrome do muro”. Segundo o brasileiro, “é necessário vantagens para se morar em Berlim, e o governo arca com isso, subsidiando bilhetes” (BRANDÃO, 2000, p. 67).

Aparentemente, não há caminho que não tenha sido percorrido pelo escritor brasileiro. Ele menciona ruas e lugares, além de citar filmes e leituras que o ajudaram a conhecer o país. Brandão também registra conversas com prostitutas, comenta seu estranhamento ao receber a visita da polícia e observa atentamente as pessoas que

cruzam seu caminho. A sua atenção volta-se a Berlim das mais diferentes formas e, em *Nariz*, ele registra uma decepção.

Onde estão os cheiros? Folhagens, árvores, ruas molhadas, lixo, casas. Aquele cheiro particular que toda cidade tem (em Madri é o de comida, em São Paulo é o metálico-poluição). O cheiro de Berlim. Não encontro.
(BRANDÃO, 2000, p. 73)

Finalmente, em *Nossos lugares*, Brandão expõe sua leitura de Berlim – mesmo com o cinza do muro e a ausência de cheiro.

[...] Lugares sempre me interessam, preciso deles, tenho os meus, particulares, secretos. A casa de [Marguerite] Duras, junto a um bosque. “Cada vez que estou aqui tenho vontade de filmar. Isso pode acontecer, lugares que me dão vontade de filmar.” Transponho: há lugares onde tenho vontade de escrever. E esta foi a minha identificação com Berlim. Uma química entre luz-árvores-ruas largas-sol-silêncio provincial-possibilidade de isolamento-participação total: pronto, a cabeça transformada, o clima propício. Escrever, andar, ler, não fazer nada: é Berlim.
(BRANDÃO, 2000, p. 81)

O autor, que, logo nos primeiros dias, revela ter comprado livros sobre a história de Berlim, percorre a cidade atento aos prédios e aos diferentes cenários. Cada trecho do seu livro é como a fotografia de um lugar: ele registra o ambiente e suas percepções, muitas vezes baseadas nos livros que leu ou mesmo na visão que construiu observando a Alemanha a partir de sua condição de brasileiro. Esse contraste entre o lido e/ou ouvido e a realidade com a qual se depara é o que mais interessa ao leitor, já que expõe o olhar crítico de Brandão sobre o território alemão pós-Segunda Guerra. Em *Ônibus 15 ou prisão dos nazistas* (T44, p. 185) temos um exemplo disso, já que o brasileiro narra seu encontro com a prisão de Spandau, onde estiveram presos, entre outros, os nazistas Albert Speer e Rudolf Hess. O jornalista descreve o local, os prisioneiros e as peculiares histórias que o deixaram tão interessado em descobrir a localização da prisão.

Assim como outros cenários marcantes da guerra e do pós-guerra, o muro é sempre assunto para Brandão. Os registros em que é mencionado estão espalhados ao longo do livro, para nos lembrar que ele continua ali; que quando menos se espera, ao virar uma esquina, o escritor se depara com ele. As reflexões que esse encontro desperta são transcritas, como se dá em *Cabeças*.

No final da Ostpreussendamm, antes de virar à esquerda, o ônibus 85 passou por pequena praça. Uma colegial, treze anos mais ou menos, desceu comigo, entrou numa das casas cujos fundos dão para o muro. O que pensa uma menina (criança) destas? Como vê o muro? Alguém explica o significado, o por que se chegou ali? Como é crescer numa cidade que é a mesma, porém não é? Como são essas cabeças? Acredito que nunca nenhum estrangeiro conseguirá alcançar aquilo que nem mesmo os alemães parecem atingir.
(BRANDÃO, 2000, p. 149)

Entender o povo alemão é outra intenção de Brandão. Depois de reconhecer o território e descobrir as formas de ir e vir na Berlim dividida, o autor busca identificar o que passa na cabeça dos cidadãos que vivem à sombra da guerra, convivendo com suas consequências. Em todas as suas viagens dentro da Alemanha, sua curiosidade de jornalista faz com que procure em cada cenário uma perspectiva específica da história alemã, como o que é registrado no trecho intitulado *Sumiu*.

Em Nurembergue, depois de passar – inevitável – diante do prédio do tribunal, procurei um postal. Não encontrei um só do edifício que abrigou o julgamento mais célebre do século. O estudante que me hospedava, Wolfgang Knorr, garantiu que não havia nenhum. O tribunal penalizou os nazistas. Acontece que não foi um julgamento feito pela Alemanha e sim montado por estrangeiros. Humilhante. Como que a acentuar a culpa. Não, não é fácil ser alemão.
(BRANDÃO, 2000, p. 181)

Inevitavelmente, Brandão também vive o inverso: ser analisado e observado por ser brasileiro. Em alguns momentos, como em *Carta a uma amiga brasileira*, ele comenta a decepção dos alemães ao ouvi-lo falar sobre o Brasil, contrariando algumas ideias prontas que eles possuem sobre o país.

Terminada uma leitura na biblioteca central de Colônia, fui jantar com amigos. Tinha sido uma noite curiosa. Alguns alemães não gostaram da minha forma de responder perguntas, me estendendo, contando casos, às vezes desviando do assunto. Queriam objetividade, coisas precisas. Outros se chatearam porque falei bem de Berlim. Dos brasileiros, alguns se sentiram incomodados porque fiz um panorama do Brasil com tintas cinzas e não verde-amarelas. Enfim, noite em que não agradei.
(BRANDÃO, 2000, p.193)

Conforme nos aproximamos do final dos registros do intercâmbio promovido pelo DAAD na década de 1980, percebemos que o autor se torna mais reflexivo sobre os significados de uma cidade dividida, de um país dividido. Em *Muro, por toda parte* (T45, p. 185), Brandão reconhece que divisões existem mesmo quando não há estruturas de concreto demarcando fronteiras e traz diferentes exemplos da sociedade brasileira. Ao final, ele justifica a pouca menção a Berlim Oriental. No trecho *E o Leste?* (T46, p. 185), ele fala sobre sua insegurança em falar sobre um cenário que não vivenciou de fato. Mesmo tendo feito vários passeios na Berlim Oriental, ele afirma que suas observações foram “incidentais, casuais, eu diria superficiais” (BRANDÃO, 2000, p. 305).

Contudo, ao iniciarmos os registros de seus reencontros com a cidade, após a unificação do país, notamos que Brandão teve vivências marcantes na República Democrática Alemã – do contrário ele não estranharia tanto a abertura de Berlim. Em *Perdido no Palácio das Lágrimas* (T47, p. 186), o escritor comenta um pouco sobre a sua confusão ao desembarcar na estação Friedrichstrasse, a partir de onde ele embarcava em direção a Berlim Oriental. Ele compara, então, lembranças da década de 1980 com a realidade da década de 1990, desconfiando da ausência de divisórias e da liberdade que se apresenta.

O estranhamento é registrado em diferentes passagens, nos mais inesperados lugares. A Alemanha da década de 90 é confrontada com a memória do Muro de Berlim guardada pelo brasileiro. Em *Ciclovía do espanto*, o mapa mental que guia Brandão o mantém desconfiado da nova liberdade de ir-e-vir.

O muro fazia uma curva, seguia para a esquerda. Penetramos no que foi terreno proibido. Tranqüilidade, são nove da noite e ainda há luz do dia. A rua se chama Stein. Vamos na direção do bosque, penetramos no caminho asfaltado dos vigilantes armados. Indefinível sensação. Adrenalina correndo à custa de lembranças. As mudanças da história. Estamos no meio do terreno que permaneceu inacessível por 28 anos. Todas as memórias lidas, sabidas, vêm à cabeça, imagens não se ajustam. Descompasso. A “estrada da morte” tem o aspecto de ciclovía inocente. (BRANDÃO, 2000, p. 326)

A memória que guardou da Berlim que o recebeu no início dos anos 1980 leva o paulista a estranhar também a nova rotina da cidade. Além dos espaços diferentes, o escritor compara as sociedades com e sem o muro. No trecho *Tantos heróis?* (T48, p. 186), Brandão comenta o súbito interesse internacional pela capital alemã,

descrevendo a movimentação turística e o comércio que se criou a partir disso. Na última viagem registrada no livro, em 2000, Brandão ainda tenta definir a Berlim unificada. Em *Reencontro*, ele assim analisa a cidade:

Berlim me pareceu estilhaçada, buscando nova identidade. Talvez demore algum tempo para ela se recompor, se reformar. Em um século passou por muitos ciclos, se fez, se desfez, se refez, se arranjou. Há, como em geologia, um processo de acomodação de camadas de terreno, as pessoas procurando, tentando aqui, ali, até encontrarem um lugar, um ponto. Para mim, que não encontro um lugar no mundo, inquieto onde esteja, sem descobrir um sentido para a vida, ela continua uma cidade de momentos, de fragmentos que me parecem congelados e que me acompanham.
(BRANDÃO, 2000, p. 396)

Os trechos acima comentados revelam sobretudo a face jornalística de Brandão. Ele leu sobre a cidade, observou-a, fez anotações e tentou entender seus cidadãos. Seus registros são pessoais, ainda que informativos, o que nos remete ao conceito de crônica – mesmo que seus registros sejam mais facilmente definidos como memórias de viagem.

O escritor compartilha com o leitor suas observações e vivências pessoais, percebendo-o como interlocutor, questionando-o sobre os significados de determinados fatos. Assim, juntos, autor e leitor tentam construir uma definição do que foi a Berlim dividida. É importante mencionar que a primeira edição do livro foi finalizada no Brasil em 1984, mas já no ano anterior a obra fora publicada (parcialmente) em alemão sob o título *Oh-ja-ja-ja*.

5.3.2 Rubem Fonseca (1985 e 1989)

O mineiro de Juiz de Fora morou em dois momentos diferentes na capital alemã. A primeira vez foi em 1985, quando ganhou uma bolsa de dois meses em virtude do Prêmio Goethe de Literatura pelo livro *A grande arte* (HERMANNNS in FONSECA, 2021, p. 8). Depois, em 1989, ele permaneceu em Berlim por três meses, período em que presenciou a Queda do Muro de Berlim.

A primeira estadia de Rubem Fonseca na Alemanha influenciou no livro *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos*, publicado em 1988. Um dos cenários do romance é justamente a Berlim dividida e, em determinado momento, é narrada a travessia do muro pelo personagem principal (tal passagem foi citada no capítulo 3

desta dissertação). Porém aqui nos limitaremos ao texto *Reminiscências de Berlim* (T49, p. 186), presente na coletânea *O romance morreu: crônicas*.

O livro é de 2007 e é curiosa a demora do autor para registrar suas vivências na capital alemã, especialmente por sabermos que ele estava presente no momento mais importante da história recente da Alemanha. A distância temporal entre o fato histórico e o texto resulta em memórias pontuais, sem a riqueza de detalhes perseguida por Brandão. Sobre a primeira estada em Berlim, Fonseca é breve, mencionando apenas o que servirá de referência para as memórias de 1989: sua relação com o professor Erhard Engler, da Universidade Humboldt em Berlim Oriental, para quem levava, escondido, livros de literatura brasileira. O escritor mineiro descreve rapidamente como era o processo de travessia de um Estado alemão para o outro.

Fonseca introduz sua segunda estadia na Alemanha afirmando que gostou tanto de Berlim que, ao retornar ao Brasil, estava decidido a voltar ao solo alemão assim que surgisse oportunidade – o que acontece em outubro de 1989. Ele chega pouco antes da Queda do Muro de Berlim acontecer e nota que, ao contrário da imobilidade do lado ocidental, o lado oriental da cidade apresenta muitas mudanças. O muro cai na noite do dia 9 de novembro de 1989. No dia seguinte, Fonseca voltaria a se reunir com o professor Engler – o encontro havia sido agendado dias antes. Ou seja, a manutenção do compromisso implica em vivenciar o dia seguinte à Queda do Muro de Berlim e Fonseca registra em detalhes a agitação nas ruas e a insegurança com que Engler e Christina Vogel (nascida no ano da construção do muro) aceitam o convite para ir a Berlim Ocidental.

Após descrever como foi o dia, ele registra o final, à uma da manhã, quando finalmente ele e Ute Hermanns, do lado ocidental, levavam Engler e Christina de volta ao lado oriental.

Christina, Engler, Ute e eu descemos as escadas da estação Friedrichstrasse, na parte leste. Dois ou três bêbados rolavam por elas. Fazia muito frio. Christina se despediu com lágrimas nos olhos. “Foi o dia mais feliz da minha vida”, ela disse. Ficamos acenando em despedida enquanto eles se afastavam, como se nunca mais fôssemos nos ver. Na verdade nos despedíamos da magia daquele momento, sabendo que aquilo sim, nunca mais se repetiria. (FONSECA, 2007, p. 70)

No dia seguinte, 11 de novembro, Fonseca tinha um novo compromisso na RDA, dessa vez um almoço na embaixada brasileira. O movimento de pessoas continua intenso e a travessia do autor é feita de maneira distinta daquela a que estava habituado. Ele está de carona com um antigo embaixador brasileiro e, dentro do carro, acaba não recebendo a autorização oficial para estar dentro da RDA. Essa preocupação o acompanha durante o dia todo e, quando faz o caminho de volta, seu receio se mostra legítimo. O escritor mineiro é detido, mas logo é liberado graças ao auxílio do embaixador brasileiro na RDA. Ao chegar ao lado ocidental, é recebido como se fosse um alemão “do outro lado”, com flores e festejos, pelos que fazem plantão em frente à fronteira entre as duas Alemanhas.

Entre no U-Bahn que ficava logo em frente ao Checkpoint Charlie carregando o meu ramo de flores. No metrô apinhado, as pessoas persistiam em bater amavelmente nas minhas costas; uma mulher me beijou. Continuei calado para não decepcionar ninguém. Saltei na Adenauer Platz e fui andando pela Kudamm em direção a meu apartamento na Schlüterstrasse, sendo homenageado pelo caminho. Não foi difícil imaginar o que estaria sentindo um verdadeiro alemão do leste. E também pensei que aquilo não podia durar para sempre. Como todos os contos de fada, teria um fim.

(FONSECA, 2007, p. 73)

É interessante que Fonseca, mesmo aderindo facilmente ao papel de alemão oriental e recebendo as felicitações que lhe são dirigidas, faz questão de registrar que já então ele percebia a impossibilidade de tamanha alegria e fraternidade durar muito tempo. Como suas memórias são pontuais, ele não menciona fatos que justifiquem essa percepção, pois não fala da população de Berlim Ocidental de forma crítica (ao contrário do que fazem Ignácio de Loyola Brandão e João Antônio, por exemplo). Sua leitura da cidade alemã vem mais à frente, ao mencionar uma nova viagem à Alemanha.

Quatro anos depois, voltei a Berlim. Descobri, nessa terceira visita, que muitos alemães dos dois lados ainda se sentiam divididos depois da queda do muro; a muralha continuava na mente deles, um muro intangível que não pode ser derrubado por picaretas, tratores ou dinamite.

Antes, as cidades divididas sentiam-se seguras, à sua maneira. Notei, então, que não mais existia a Berlim oriental mergulhada na protetora placenta comunista e que também acabara a Berlim ocidental, recipiente privilegiado das benesses capitalistas. A cidade unificada ficara diferente.

(FONSECA, 2007, p. 76)

Provavelmente pela distância temporal entre a narrativa e os fatos, Fonseca não detalha a vida na Berlim dividida, em 1985, e nem elabora uma crítica aprofundada sobre a Queda do Muro, mas, assim como Brandão, ele parece ter feito questão de experienciar a cidade – o ‘tráfico’ de livros nos prova que o fez de maneira extremada. Enquanto o escritor paulista se põe como observador, o mineiro se coloca como comunicador: os momentos narrados são relacionados a pessoas específicas, como se ele nos dissesse que procurou vivenciar Berlim não apenas com elas, mas por elas (a motivação para atravessar o muro em 1985 parece ter sido exclusivamente a entrega de livros a Erhard Engler).

O próprio título do texto indica uma costura de memórias, sem a intenção didática de Brandão, apenas com o objetivo de registrar sua própria perspectiva da Queda do Muro de Berlim. Com o título *Erinnerungen an Berlin*, o *Ibero-Amerikanisches Institut Preußischer Kulturbesitz* (Instituto Ibero-americano do Patrimônio Cultural Prussiano) publicou o texto em 2021, com tradução e apresentação de Ute Hermanns.

5.3.3 João Antônio (1987 a 1988)

Entre julho de 1987 e agosto de 1988, João Antônio morou na Uhlandstrasse 184, em Berlim. O depoimento que tomaremos como referência sobre sua estada na capital alemã foi publicado no primeiro volume da revista *Nossa América*, datado de março/abril de 1989, quase um ano depois, portanto, de seu retorno ao Brasil. Ao título *Malagueta em Berlim, oito meses sem sol* segue-se a seguinte linha de apoio: “Vivências alemãs de um carioca nascido em São Paulo, surpresas de um escritor brasileiro ‘condenado’ a uma bolsa de estudos que o obrigava a discutir seu processo de criação. Um latino-americano frente ao muro” (ANTÔNIO, 1989, p. 64). Apesar do tom de memória, a narrativa é construída como se ainda tivesse sido escrita em solo alemão.

Bem. Encapotar-me de novo, sair à rua, um boné de turco – que João Ubaldo Ribeiro me deu, há quatro anos, em Itaparica – me proteja a cabeça do vento siberiano, do chuveiro que pode baixar de uma hora para outra. Luvras, as botas de inverno. E paciência. Sair, ridículo à rua, como os outros a carregar o peso das roupas no corpo. Pior clima, nem São Paulo; não se passa um dia sem virada de tempo. Para pior, claro.
(ANTÔNIO, 1989, p. 66)

Ele segue (T50, p. 189) contando sobre uma palestra (“a que chamam conferência”) em um seminário sobre sua obra dentro da Universidade Livre de Berlim (*Freie Universität Berlin*), onde fala a respeito de seu modo de escrever (“a que chamam processo de criação”) e acha curioso o estranhamento dos alunos diante de sua capacidade de citar dezesseis sinônimos para a palavra dinheiro. Ao ser indagado sobre o motivo de ter se tornado escritor, ele diz que deve isso ao seu nariz de turco. “Dou por mim e a gafe já está deferida, talvez tomando corpo de provocação. Quase digo que os turcos, os italianos, os gregos, os árabes, os negros são os viventes mais simpáticos que vi aqui. E me dou bem com eles” (ANTÔNIO, 1989, p. 66).

Assim, logo se percebe que, a João Antônio, o que mais interessa é a multiculturalidade de Berlim – ou melhor, os estrangeiros da Alemanha, muito mais do que os alemães em si. A ele interessa como os imigrantes são tratados pelos nativos e como os primeiros constroem suas vidas apesar das antipatias dos segundos. Na sequência, ele faz uma comparação entre o estilo de vida dos estrangeiros e dos alemães, que são “mais que eficientes, são perfeccionistas. Mas não sei se captam a essência. Falta-lhes, como lhes falta graça...” (ANTÔNIO, 1989, p. 66). João Antônio comenta a queda do dólar com alegria, pois assim os estrangeiros não levarão a culpa pelos problemas econômicos do país. Ou seja, o escritor brasileiro está interessado em registrar as imperfeições do país de perfeccionistas, em apresentar a sujeira que está escondida por baixo do tapete. O que o atrai é o que está à margem da sociedade alemã.

Meu caminho começa na Uhlandstrasse, entra à direita por Kantstrasse e se enfia para terminar na Bahnhof Zoo, lá onde entre movimento, bulício e rumores são encontráveis tipos vagabundos, homossexuais masculinos que fazem a vida, mal disfarçadamente. Ao lado de bêbados de caras machucadas, escoriações, com o acompanhamento de seus cachorros – nada fuleiros, já que Berlim não admite vira-latas ou cachorros de vida livre ou andarilha. Esses bichos aqui são um caso. Muito considerados, fala-se à boca pequena que preferem-se cachorros às crianças. Mas nos dois casos, algo comum: cachorros e crianças são igualmente reprimidos. (ANTÔNIO, 1989, p. 67)

O contraste com os cenários brasileiros também lhe chama a atenção. Nas palavras de João Antônio, Berlim Ocidental, mesmo sendo rica, mostra-se apática, o que faz com que sinta falta do Brasil, um país que, mesmo pobre, se desenha em cores e exala alegria. Ele exemplifica essa distância tomando uma “academia de

bilhares” como ponto de comparação que, “para quem vem do chamado terceiro mundo (assim chamado de terceiro pelo primeiro...), o luxo e as dimensões são humilhantes” (ANTÔNIO, 1989, p. 68). Além disso, os frequentadores são outros, os motivos para se frequentar o bilhar são outros.

- Olá, meu parceirinho! Está a jogo ou a passeio?
Muitos a passeio. A maioria. Aqui se joga; nos meus salões de sinuca se disputa a comida do dia em cima do pano verde. Logo, aqui não há picardia. Há o computador. Também, eu não encontraria, entre outros, o malandro Jequitibá. Ou o jangueiro Cambuí.
(ANTÔNIO, 1989, p. 68)

Cheio de idas e vindas, o texto de João Antônio sempre retoma a identificação do autor com os imigrantes. No capítulo 3, citamos trechos mais pontuais do autor sobre sua visão quanto à sociedade alemã: em resumo, rica e infeliz. É a energia dos estrangeiros, tanto para trabalhar quanto para se comunicar, que atrai o brasileiro – a ponto de se colocar como torcedor dos pequenos negócios de imigrantes.

O escritor se aproxima da conclusão vendo-se como estrangeiro, observando o Brasil de longe, pobre, mas culturalmente mais rico que a Alemanha que o recebe. João Antônio mostra sofrer diante da ostentação capitalista de Berlim Ocidental, ao mesmo tempo em que se questiona como é possível haver tanta infelicidade em uma sociedade com tanta riqueza. Além disso, o brasileiro também comenta a apatia cultural do país no pós-guerra.

Hoje, a Alemanha que sinto na minha andança ou nesta Berlim ostensivamente transformada em vitrina capitalista, norte-americanizada, descaracterizada, na Germânia, não respira os seus momentos férteis, generosos de criatividade. E é o mesmo país que deu ao mundo Karl Marx, Rosa Luxemburgo, Engels. Não tem um Mozart, um Brecht, um Beethoven, um Kafka, um Musil, um Adorno, um Dürer, um Thomas Mann. Vão longe os dias de novidades maiúsculas. Há moeda forte, riqueza, recursos. E uma ferida aberta para valer, o muro.
(ANTÔNIO, 1989, p. 71)

Assim, podemos concluir que a Berlim vivida por João Antônio tem cores cinzentas, é apática. Ele é observador como Brandão, mas sem se preocupar com a base histórica, a ele só importam as relações mais imediatas entre as pessoas – e é justamente por isso que constrói uma imagem tão negativa da capital alemã, pois a alegria é encontrada na relação com aqueles que vivem à margem da sociedade,

daqueles que mais batalham para sobreviver, mas que ainda assim sorriem. Os alemães, na descrição de João Antônio, mesmo tendo um forte poder de compra, se mostram infelizes e desinteressados pelos outros.

Ellen Spielmann (2012), em artigo sobre João Antônio publicado na revista *Remate de Males*, registra sua convivência com o escritor brasileiro em Berlim. Ela comenta a tentativa do autor em conseguir uma nova bolsa para permanecer na Alemanha por mais um tempo e do preconceito que ele sentia no dia a dia na cidade⁶⁷.

O plano de permanecer em Berlim não se concretizou e, em agosto de 1988, o escritor voltou ao Brasil. O questionamento de Spielmann é pertinente: tinha ódio de Berlim ou só saudades do Brasil? A apatia alemã sobressaía em contraste com a energia brasileira com que João Antônio estava acostumado. Da mesma forma, ele se via fora da terra natal, era estrangeiro, e talvez por isso fosse natural que achasse mais fácil se relacionar com outros estrangeiros – afinal, eles tinham sentimentos e experiências comuns.

Tal como Brandão e Fonseca, também João Antônio, ainda que à sua maneira, transitou pelas ruas de Berlim. Os três descrevem caminhos e pontos de referências, se mostram caminhantes, cada qual percebendo a cidade a seu modo. Todos registraram a divisão alemã de uma forma distinta, mas todos questionaram as razões da existência do muro e tentaram reconhecer, nos cidadãos de Berlim, suas

⁶⁷ “João Antônio tinha ódio de Berlim, do seu vento siberiano. Contradizendo jovem Bertold Brecht, que vindo da província descreveu Berlim entusiasmado como “a fria Chicago do Norte” no seu diário. João Antônio tinha ódio daquela atmosfera fechada berlinense, da gente sem humor, sem riso, da gente com um comportamento às vezes grosseiro. Contou que uma vez numa festa em Kreuzberg ele pediu licença para telefonar pra Solange em casa. Ficou no telefone falando nem um minuto e logo alguém comentou: Aquele turco fica no telefone fazendo ligações internacionais, abusando da hospedagem. Lógico, João Antônio tinha entendido só a palavra turco, mas ao mesmo tempo tinha entendido tudo, não há dúvida: havia e há preconceito contra estrangeiros em Berlim. Motivo para ele se interessar pela vida dos turcos em Berlim, especialmente dos jovens que vivem entre duas culturas. Ficávamos horas discutindo sobre a situação deles na escola, em casa, na rua. João Antônio encontrou uma matéria sobre violência entre turcos e alemães jovens na revista *Tip*; eu a traduzi. Ele foi procurar os lugares de encontro deles em Kreuzberg e Neuköln, no Wedding. Procurou conhecer o outro lado da vida berlinense. Encontrava com seus amigos de Berlim – o chileno David Schidlowsky e o brasileiro Carlos Azevedo – nos botequins e salas de sinuca. Eles rodaram um filme – direção de Davi – na linha de “o escritor e a cidade”, que procura revelar, em longa metragem, as relações de João com Berlim. Tinha ódio de Berlim ou só tinha tantas saudades do Brasil? Mesmo assim queria ficar mais tempo em Berlim. Montou um projeto de trabalho dirigido para o Serviço Acadêmico Católico para Estrangeiros (Katholischer Akademischer Ausländer-Dienst): “a proposta consiste, basicamente”, escreve ele numa carta de abril de 1988, que traduzi para o alemão, “num roteiro de Lesungen, palestras e conferências sobre literatura brasileira atual e sobre outros temas ligados à cultura brasileira”. Solicitamos uma bolsa de estudos. Quanto tempo queria ficar em Berlim? “duração... de um ano a um ano e meio. Eu”, escreve ele, ‘ficaria sedado, digamos, em Berlim, faria todos os contatos necessários para a minha atividade em conferências e Lesungen tanto na Alemanha quanto em outros países europeus’.” (SPIELMANN, 2012, p. 77-78)

consequências. O próximo brasileiro a chegar à capital como bolsista seria João Ubaldo Ribeiro, mas antes que voltemos a ele é necessário mencionar outro visitante de Berlim.

5.3.4 Fernando Bonassi (1998)

A coletânea *Passaporte* (2001) reúne pequenos textos de Fernando Bonassi sobre suas viagens. Segundo nota do autor, a maioria deles foi escrita durante o intercâmbio na Alemanha pelo DAAD, onde esteve de maio a setembro de 1998. Quase como um diário de viagem, cada registro é numerado, possui cidade, país e ano – em contrapartida, as páginas do livro não são numeradas. Mesmo que breves, cada trecho traz um retrato significativo do local em que o escritor esteve. Apresentaremos dois.

O primeiro deles é um registro histórico do país dividido que culmina no tempo vivido por Bonassi na Alemanha. A atenção do autor ao fato soa como uma anotação curiosa, quase um lembrete, um fator que talvez o ajude a conhecer e entender melhor o país que o acolhe. É o registro 73 da coletânea, intitulado *História da fotografia alemã*.

No dia quinze de agosto de mil novecentos e sessenta e um, o soldado da então República Democrática da Alemanha [sic], Hans Conrad Schumann, nascido na Segunda Guerra Mundial, sai correndo de Berlim Oriental, cruza a chamada “terra de ninguém”, solta o fuzil, põe o pé direito na cerca de arame farpado que logo virará muro, é fotografado pra História, pisa com o pé esquerdo em Berlim Ocidental, à época Alemanha Federal, sorri, é abraçado e continua correndo até o dia vinte de junho de mil novecentos e noventa e oito, quando se enforca no jardim de casa, em Kippenberg, já Alemanha Reunificada.

O segundo texto abrange mais intensamente a leitura que faz Bonassi da sociedade alemã de então. A partir de um cartaz político, ele reflete sobre o histórico da Alemanha e tenta chegar a uma conclusão: as coisas mudaram ou a história irá se repetir? *Crônica do dia 17/8/98* é o registro 86 e tem um parêntese: “com o poema/aviso *Fuga da Morte*, de Paul Celan, na cabeça”.

Hoje o *Die Republicaner* [sic] colocou um cartaz nessa rua cheia de árvores que aguarda para os próximos dias a abertura de um Kindergarten:

“Estrangeiros Criminosos, Fora!”. Mais uma vez não pude evitar os maus pensamentos dessa Alemanha que ainda chora leites derramados. Não quero ver o começo de alguma coisa. Seria absurdo. Há muitos sinais de que nada será como antes. Bombas explodem em toda parte, menos aqui. Não posso pensar que, como no poema, a figura diabólica vai se construindo lentamente, uma música terrível. Leite negro da madrugada, te cuspo horrorizado...

A preocupação do escritor nos mostra que, mesmo anos após a Queda do Muro de Berlim, a sociedade ainda não estava em harmonia consigo mesma. Poderíamos questionar se dentro de ‘estrangeiros criminosos’ não haveria alemães vindos do outro lado, mas correríamos o risco de fugir em demasia ao nosso tema. Com esse olhar brasileiro que sucede ao próprio olhar de João Ubaldo Ribeiro, voltemos ao escritor baiano para tentar identificar o que suas observações dizem dele mesmo como estrangeiro na Alemanha unificada.

5.3.5 João Ubaldo Ribeiro

Após termos examinado outros escritores brasileiros que foram bolsistas na Alemanha, voltemos a João Ubaldo Ribeiro. Nossa terceira hipótese aborda a subjetividade do gênero e, por conseguinte, questiona a posição tomada pelo escritor para escrever suas crônicas. Em uma comparação superficial já é possível constatar que ele vivenciou menos a cidade em relação aos outros bolsistas – ou, no mínimo, escreveu menos sobre isso.

Suas crônicas não falam diretamente da história alemã e da percepção dela pelas ruas da cidade, como faz Brandão. Tampouco trazem registros detalhados de passeios e conversas com amigos alemães, como faz Fonseca. Seu olhar é menos crítico para a sociedade local que o olhar de João Antônio, já que não aborda diferenças sociais e nem se aprofunda na relação dos alemães com os estrangeiros. Como Bonassi registra uma Alemanha já há anos unificada, deixaremos ele fora dessa leitura comparativa.

Uma justificativa, talvez, seja aquela que é a grande diferença de *Um brasileiro em Berlim* para os outros registros aqui estudados: Ribeiro escreveu diretamente para os alemães e isso possivelmente moldou o seu olhar. Ele não estava registrando sua visão de um país estrangeiro, mas sim sua experiência enquanto estrangeiro. Mais que isso: seu público era formado por seus anfitriões, ou seja, não faria sentido ele

explicar a Alemanha para os seus próprios moradores. Ele, portanto, tem que buscar uma posição distinta: em lugar de ser um escritor brasileiro com experiências no exterior a serem registradas, Ribeiro é um escritor estrangeiro que ocupa o papel de colaborador de jornais locais.

Para tentar responder à pergunta da terceira hipótese (“Em que posição se coloca o cronista estrangeiro no processo de unificação alemã?”) e finalmente concluir se o objetivo desta pesquisa (“Reconhecer as crônicas berlinenses do escritor baiano como um registro da unificação alemã”) foi ou não alcançado, é necessário que retomemos tudo que foi até aqui estudado, destacando as hipóteses levantadas. É o que faremos a seguir, na parte final do capítulo.

5.4 O CRONISTA DE BERLIM

Começamos este capítulo retomando o propósito da pesquisa e apresentando as hipóteses elaboradas para, a partir de então, desenvolver uma base de análise tendo em vista o objetivo principal do estudo da coletânea *Um brasileiro em Berlim*. Em um primeiro momento falamos da experiência de João Ubaldo Ribeiro como cronista e identificamos algumas das suas características, reconhecendo-as também no objeto de estudo do presente trabalho. Prosseguimos mencionando os exemplos de Rubem Braga e Fernando Sabino como cronistas no exterior, aproveitando para destacar a experiência do itaparicano em Lisboa, quando, mesmo morando em outro país, manteve sua coluna no jornal *O Globo*. Por fim, resgatamos outros brasileiros que estiveram em Berlim como bolsistas e escreveram sobre as experiências que tiveram na Alemanha. Tudo isso para estabelecer parâmetros de comparação com o objetivo de dar uma base mais sólida para a análise desta pesquisa.

Antes de tudo é preciso ressaltar, mais uma vez, a singularidade da obra de Ribeiro, especialmente diante dos livros e textos aqui citados. Braga e Sabino escreveram para periódicos brasileiros, enquanto o baiano escrevia para um jornal alemão. Esta é uma diferença significativa, pois enquanto Rubem Braga e Fernando Sabino queriam retratar o exterior para seus conterrâneos, João Ubaldo Ribeiro era um estrangeiro falando com nativos. Ou seja, a proposta era que ele trouxesse um novo olhar para o ambiente já conhecido pelos alemães.

Em relação aos outros bolsistas do DAAD, a particularidade está na proposta de escrita. Enquanto Ribeiro assume o papel de cronista fixo de um jornal alemão, os

outros escritores apresentam suas observações em formatos diferentes, sem a pressão de tempo que uma colaboração para jornal impõe. Brandão e Bonassi constroem narrativas de viagem, pequenos recortes das vivências e observações que reúnem em livro. Fonseca só fala de Berlim anos depois das experiências vividas e, mesmo sendo o único a presenciar a extinção da divisão de concreto, resume tudo em um único texto, de cerca de 15 páginas. Já João Antônio dá seu depoimento a uma revista, provavelmente a pedido dos editores.

Em resumo: como obra, *Um brasileiro em Berlim* não se equipara a nenhum dos exemplos citados. Ser colaborador fixo de um jornal estrangeiro colocou João Ubaldo Ribeiro em uma situação distinta. Ao escrever, ele sabia que seu texto era dirigido a leitores de outra língua e, por isso, necessitaria de tradução. Apenas esse fato já era motivo para estar mais atento à escolha de palavras, muito especialmente para facilitar o trabalho da tradutora que teria um prazo determinado para entregar o texto ao jornal⁶⁸. Mas, além disso, ele era o estranho, o que pode tê-lo deixado receoso de fazer críticas mais diretas e significativas. Não exatamente por se preocupar com a reação dos alemães, mas simplesmente por não entender por completo o funcionamento da sociedade local a ponto de se sentir à vontade para analisá-la. Ele então recorreu ao que já fazia no Brasil: se expôs, sempre de forma bastante irônica, trazendo as críticas nas entrelinhas das vivências que registrava.

Quando Braga e Sabino escreviam aos brasileiros, cabia a eles retratar o contexto no exterior, trazendo questões culturais que seriam pertinentes a quem estava no Brasil e talvez nunca tivesse saído do país. Já Ribeiro retrata as diferenças culturais no sentido inverso: ele põe em questão o conhecimento alemão sobre o Brasil – o quanto é verdade e o quanto é ficção? Além disso, ele retrata como sua família brasileira se adapta à sociedade alemã, ressaltando assim detalhes que talvez os locais nem percebam de tão habituados que estão a eles. Ou seja, sua construção dos contrastes culturais difere das dos demais brasileiros, que sempre tiveram em vista, em primeiro lugar, o leitor em português, sendo a tradução uma possível consequência, mas, a princípio, nunca pensada.

⁶⁸ João Ubaldo Ribeiro traduziu dois de seus livros para o inglês (*Viva o povo brasileiro* e *Sargento Getúlio*), após perceber o desafio que a tradução de suas obras era para nativos de língua inglesa. Em entrevistas e crônicas, ele expôs suas dificuldades com a tarefa, mesmo sendo fluente em inglês. Sabendo disso, é possível concluir que essas experiências influíram na escolha de palavras dos textos berlinenses do autor, ainda que de forma inconsciente. Outra característica a ser observada é a falta de coloquialidade nas crônicas de Berlim em comparação às escritas no Brasil e em Portugal.

O que, no entanto, é passível de comparação entre Ribeiro e os outros bolsistas do DAAD é, talvez, a questão mais importante para este trabalho: o modo como cada um viveu a cidade. Bonassi esteve na Alemanha quase dez anos após a Queda do Muro de Berlim, por isso limitaremos nossa atenção a Ignácio de Loyola Brandão, Rubem Fonseca e João Antônio. Os três são cuidadosos ao mencionar nomes de ruas, estações de trem e outros lugares pelos quais passaram, coisa que João Ubaldo Ribeiro não faz. Estando em Itaparica, o escritor não evitava nomes de personagens, fossem seus amigos próximos ou não. Em Berlim, ele não os menciona, é como se não quisesse se aproximar, nem denotar intimidade. Mesmo em *A velha cidade guerreira*, crônica em que ele melhor se insere na capital alemã, reconhecendo seu espaço e sua história, ele não menciona endereços. Quanto aos personagens, o único que aparece em detalhes, sendo caracterizado e apresentado em uma sequência de eventos, é Marc, em *Batalhas culturais*, amigo de seu filho.

É a partir dessa leitura que talvez nos aproximemos mais de uma definição do cronista João Ubaldo Ribeiro em Berlim. A ausência de nomes o mostra com pouco interesse diante da cultura que o cerca. A maioria de seus textos demonstra uma impressão hostil do autor: quando não decide assumir seu papel de inimigo, como em *O Tartamudo do Kurfürstendamm*, essa animosidade se mostra nos títulos (*O crime de Storkwinkel; Problemas de intercâmbio cultural; Batalhas culturais; O inverno, este desconhecido; Pequenos choques*). Parece haver sempre um embate, sem nenhuma demonstração de curiosidade da parte do autor em conhecer ou entender o ambiente em que está inserido. Enquanto Brandão e Fonseca fizeram questão de atravessar o muro e, depois, de reconhecer o território de Berlim sem ele, Ribeiro está mais interessado em desmentir ideias prontas dos alemães sobre o Brasil. Será que isso se explica unicamente por seus textos se dirigirem, originalmente, a leitores de outra nacionalidade?

Em mais de uma entrevista o baiano mencionou não se sentir capaz de escrever fora do Brasil⁶⁹. Poderia ser essa a explicação? Um retraimento automático de Ribeiro por estar fora de sua terra natal? Soma-se a isso, talvez, o cansaço que ele também afirmava ter em escrever crônicas? Essas hipóteses surgem mais a partir das entrevistas dadas pelo escritor, antes e depois de sua estada na Alemanha, do

⁶⁹ O escritor fala sobre seu apego ao Brasil como inspiração para escrita em entrevista presente em *Cadernos de Literatura Brasileira* (1999), do Instituto Moreira Salles, e em sua participação no programa *Espaço Aberto Literatura* (2011).

que propriamente pelos textos reunidos em *Um brasileiro em Berlim*. (Inclusive, sobre sua colaboração para o *Frankfurter Rundschau*, o escritor frequentemente dizia ter aquiescido com certa contrariedade, por insistência do jornal.) Apenas ao olharmos para outros cronistas em situações semelhantes é que temos a impressão de comodidade por parte de Ribeiro, que pouco menciona suas viagens e passeios pelo país, e, quando o faz, coloca-se sempre em uma posição de estranhamento diante do contexto em que se encontra, exigindo um planejamento prévio, onde possa pensar nos detalhes: a compra de panelas exige uma revisão dos estudos do idioma – e um nervoso ensaio de fala; a viagem a outro estado se faz necessária para conhecer o alemão nativo (ou seja, é uma obrigação, não interesse pelo país); e, quando essa organização antecipada para interagir com a sociedade local não acontece, o cronista fica sem reação: seja para receber os policiais que batem à sua porta, seja para confirmar o agendamento de um evento que acontecerá semanas a frente.

Sem dúvida há um exagero em relação à realidade. Vimos que, em suas crônicas de Itaparica, Ribeiro muitas vezes se coloca como espectador da conversa dos amigos, registrando suas discussões e conclusões. Ou seja, não é de todo estranho que, sentindo-se confortável como observador, ele se apresente nervoso ao se ver obrigado a ser ativo em um determinado contexto. Isso, contudo, nos leva a perguntar: o que de fato observa o cronista? As pessoas não são apresentadas com riqueza de detalhes, a ponto de fazer com que o leitor as reconheça em textos seguintes. A pouca menção a endereços, especialmente se comparado a Brandão e Fonseca, nos faz concluir que o autor também deu pouca atenção a isso. Ele descreve olhares e atitudes pouco simpáticas, mas sempre de forma sucinta, circunstancial. Em suas crônicas berlinenses não há menção direta a fatos contemporâneos nem ocorre a ironia com que apresenta questões políticas a partir do território itaparicano. Mesmo como observador, Ribeiro se mostra pouco curioso.

Se em sua cidade natal ele está sempre a percorrer as ruas e conversar com amigos, na capital alemã a vivência cultural do país se dá, em boa parte das vezes, por meio do filho. É o amigo de Bento quem vira “a cabeça-de ponte” de sua “batalha cultural” e é o filho que o estimula a observar com atenção a programação da televisão e descobrir o caminho para o parque mais próximo. As amizades do escritor são apresentadas como fontes informativas, são interlocutores para conversas em que ele busca respostas para entender a vida na Alemanha e, especialmente, as observações que faz dos alemães. Além disso, sempre que está na rua, Ribeiro faz questão de

registrar o retorno para casa. O que tanto o incomoda quando está fora de seu apartamento? Até mesmo o interesse dos alemães por suas palestras é questionado – afinal, por que eles querem ouvir sua leitura em português? Seu conforto está sempre em casa.

A escolha do papel que viria a desempenhar na sociedade alemã talvez tenha sido assinalada já em sua segunda crônica, quando concluiu que a compra de um Trabant lhe serviria de armadura para o embate com os alemães: em Berlim, ele seria um cidadão oriental. Como vimos, a partir de relato de historiadores, a ausência do muro escancarou as diferenças surgidas em décadas de divisão. Ribeiro também registra o fácil reconhecimento dos alemães orientais no lado ocidental de Berlim: eles admiram vitrines e se mostram encantados como se fossem turistas. Enquanto isso, os habitantes do lado ocidental se sentem invadidos. Reconhecer-se como cidadão da RDA significa que o brasileiro se vê também como turista-invasor: observa, mas não se sente parte daquele lugar. Essa sensação pode explicar, então, o aparente desinteresse por observar em detalhes a cidade e seus moradores. Os filhos, em idade escolar, e os encontros literários são os únicos elos que o obrigam a encarar a capital alemã de frente, a ponto de se fazer necessária a atenção aos nomes.

Em sua despedida (RIBEIRO, 1995, p. 121-126), o baiano reconhece o apego ao apartamento, cita utensílios domésticos pelo nome e descreve a “Batalha de Berlim” – ou seja, ele de certa forma confirma esse desconforto fora de casa. O único local da cidade mencionado é, então, o supermercado, onde manteve um “namoro secreto” através de trocas de “piscadelas” com uma funcionária; enquanto as únicas pessoas amigas mencionadas são o carteiro, que “gosta dos selos brasileiros que lhe dou”, e a proprietária, que “é amiga do meu filho”. A única razão do autor para citá-las é percebê-las como possível apoio para reaver o apartamento quando voltar a Berlim e este estiver sendo ocupado por outras pessoas. Mais uma vez, concluímos que o único lugar em que ele se sentia à vontade era entre as paredes de sua casa – longe das ruas e da população alemã. A pergunta que nos resta fazer é: por quê?

A barreira idiomática é mais de uma vez mencionada e essa condição é confirmada ao lermos as crônicas escritas em Lisboa. Lá o autor se mostra atento às diferenças do português de Brasil e Portugal, menciona detalhadamente pessoas e busca entender a cultura local (uma preocupação que Ribeiro teve também nos Estados Unidos, como ele mesmo menciona ao falar do interesse pelos esportes locais). Há também o contexto histórico, que provocava um entranhamento entre os

moradores de Berlim. Era inevitável que isso fosse sentido por estrangeiros, como o cronista refere em breves, porém variados momentos. São inferências que levam em consideração o ambiente em que o autor estava inserido, contudo é necessário buscar um motivo mais pessoal, já que a crônica, como gênero, se sobressai no contexto jornalístico justamente por essa característica.

Se pensarmos em seus romances, rapidamente percebemos que ilhas são cenários recorrentes na obra de João Ubaldo Ribeiro. *Sargento Getúlio*, que se destaca por não ter qualquer laço com a Bahia, acontece em Sergipe, onde o escritor passou parte da infância. Essa característica nos faz concluir que o autor só escreve sobre ambientes que lhe são familiares. Mesmo o Rio de Janeiro, onde morou por décadas, ganhou pouco espaço em sua criação literária. Em mais de uma entrevista, Ribeiro justificou isso como insegurança para escrever um romance carioca⁷⁰. Se anos morando no Leblon não lhe deram confiança para isso, como 15 meses de Alemanha lhe deixariam à vontade para escrever com profundidade sobre uma Berlim que se redescobria sem o muro?

A soma da complexidade do contexto alemão e do perfeccionismo do brasileiro resultou, então, na coletânea *Um brasileiro em Berlim*: pouca crítica em contraste com os livros que reúnem crônicas suas da década de 80, mas suficientemente significativa para que sua reedição seja frequente na Alemanha. Seu olhar estrangeiro registra uma sociedade em reconstrução, na qual uns desconfiam dos outros ao mesmo tempo em que estão inseguros quanto à sua própria identificação como cidadãos. Quem são os alemães? Como eles vivenciaram a reunificação? João Ubaldo não nos traz respostas, mas nos apresenta retratos pontuais enquanto explica aos próprios alemães que o Brasil não é o que muitos acreditam ser. Em outras palavras: a cultura de um povo é muito complexa para respostas prontas e definitivas, há muito mais por trás delas e, provavelmente por isso, o baiano se mostra tão inseguro para interpretar com profundidade a sociedade alemã do início da década de 1990. Suas crônicas são, contudo, uma provocação, independente do tempo e do idioma em que sejam lidas, para que busquemos nossas respostas, seja por meio de estudos históricos ou de outros em registros literários. O importante é lembrar que não há resposta absoluta.

Voltemos à pergunta elaborada na terceira hipótese: Afinal, em que posição se coloca o cronista estrangeiro no processo de unificação alemã? Resposta: como um

⁷⁰ Por exemplo, as entrevistas aos programas *Leituras* (2005) e *Roda Viva* (2012).

estrangeiro – nas diferentes leituras que essa palavra abrange. Estrangeiro (= forasteiro) por ter nascido em outro lugar. Estrangeiro (= estranho) por não se sentir parte daquele ambiente, não se sentir introduzido a ele. Estrangeiro (= exótico) por ter que seguidamente explicar hábitos de seu país ou até mesmo contradizer informações tidas como verdadeiras por quem nunca esteve no Brasil. O cronista soma dentro de si todas essas perspectivas e, a partir delas, inicia um diálogo com seu leitor alemão. Nessa posição insegura, não se arrisca a criticar diretamente a sociedade alemã, mas, partindo de experiências pessoais, dá pequenas pinceladas provocativas. Nas entrelinhas, faz com que seu leitor repense o seu conceito sobre o outro, seja ele vindo do exterior, seja ele vindo do outro lado do muro.

À vista disso, pode-se dizer que, sim, é possível reconhecer as crônicas berlinenses como um registro da unificação alemã. Não são textos com críticas diretas sobre o acontecia no país naquele momento, como os de Braga, nem possuem um olhar perscrutador como aquele que Sabino dirigia às reportagens norte-americanas, mas conservam o sentimento único de quem vivenciou os primeiros tempos sem o muro de Berlim – algo muito particular, tão particular que nem mesmo os historiadores captam. O leitor de *Um brasileiro em Berlim* é capaz de perceber o desconforto dos olhares nas ruas e entender os problemas de identidade com os quais os alemães conviviam naquele momento. São passagens rápidas, envoltas por ironia, mas marcantes e significativas. Em outras palavras, o brasileiro registra o cenário, o dia a dia, daquele momento histórico, dando cores às informações contidas em livros de História. A coletânea de João Ubaldo Ribeiro, portanto, deve servir como referência de estudo a quem busca entender a extinção do muro e unificação alemã, já que traz um importante olhar pessoal sobre este período histórico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada momento desta pesquisa elaborou conclusões pontuais. Ao final, pode-se afirmar que o objetivo de reconhecer a coletânea *Ein Brazilianer in Berlin / Um brasileiro em Berlim* como registro de testemunho histórico foi alcançado. Ao contrastá-la com estudos e interpretações de historiadores alemães, pudemos perceber a singularidade do olhar de João Ubaldo Ribeiro sobre o momento histórico da Alemanha. Em lugar de fornecer dados políticos e econômicos do período, ele apresenta ao seu leitor as relações interpessoais na sociedade alemã. A animosidade é percebida na relação com o 'outro' alemão e esse embate ressoa no convívio com outros estrangeiros, o que é sentido pelo cronista que, usando das características fundamentais do gênero, aborda isso de forma bem-humorada e crítica.

Já a leitura sobre a amplitude e profundidade das crônicas de Ribeiro foi mais complexa para ser desenvolvida. O reconhecimento das características recorrentes do escritor enquanto cronista serviu como ponto de partida para perceber o estilo de construção do autor em textos desse gênero. Já os estudos das obras de Braga e Sabino nos serviram de referência para a percepção de um perfil de cronista brasileiro no exterior. Isso nos fez perceber o cronista enquanto profissional. Qual é seu compromisso com o leitor? Como os públicos-alvo são distintos, pudemos reconhecer a importância da definição do interlocutor para a elaboração da crônica. Ainda que não seja uma pessoa específica, saber a nacionalidade e as características culturais básicas faz com que o cronista construa seu texto (diálogo) de forma mais direcionada. Ou seja, a diferença de públicos é significativa. Porém, mesmo assim a leitura de Braga e de Sabino foi fundamental para determinar as motivações temáticas de Ribeiro.

Em referência às diferentes leituras da Berlim dividida feitas pelos bolsistas brasileiros que antecederam o escritor baiano, elas foram necessárias para a construção de uma referência comparativa sobre a interação entre Brasil e Alemanha. Em outras palavras, elas nos serviram para entender como João Ubaldo Ribeiro vivenciou sua estada de uma perspectiva literária: de ângulo qual ele escolheu narrar sua relação com o país e seus habitantes? Para interpretar isso é importante olharmos rapidamente para a obra do autor, que tão claramente retrata o Brasil em seus romances e pouco menciona de suas experiências no exterior em suas crônicas brasileiras. Nem mesmo morando anos no Rio de Janeiro ele se sentiu seguro para

desenvolver narrativas extensas em torno da cidade. Isso nos mostra que Ribeiro levava a sério a cultura estranha à dele, a ponto de não querer se comprometer em retratá-la com profundidade.

As crônicas alemãs, ainda que tragam pequenos quadros do dia a dia em uma cidade recém-unificada, de modo geral se dedicam a questionar a visão construída pelos alemães sobre o Brasil. Como brasileiro, ele se sente plenamente confortável para criticar diretamente o desconhecimento que há na Alemanha sobre o maior país da América do Sul, e nisso acaba provocando a reflexão sobre o hábito local de ter pré-conceitos tão marcados sobre “o outro”. É essa perspectiva que, talvez, torne a coletânea ainda tão popular na Alemanha. O olhar crítico de um estrangeiro escancara detalhes que, conscientemente ou não, passam despercebidos pelos próprios alemães. Nesse sentido, o gênero crônica cumpre seu papel, fazendo com que o leitor reflita sobre coisas complexas, muitas vezes mencionadas apenas nas entrelinhas do texto.

Já no Brasil, o livro é apresentado como entretenimento e lido, normalmente, como uma forma de conhecer e reconhecer Ribeiro por meio de suas crônicas, com pouco reconhecimento do valor histórico da coletânea. Espera-se que esta pesquisa dê início a esse diálogo, especialmente porque, como vimos, o contexto influencia diretamente a forma com que o cronista expressa suas ideias e, conseqüentemente, expõe a si mesmo. Mesmo o texto mais autobiográfico do livro sofre essa influência, já que ele é também resultado da saudade que Ribeiro sentia de sua terra natal após meses de ausência. Sendo a crônica um espaço literário do jornal, ela é o olhar subjetivo de seu autor e, portanto, é resultado das emoções que o ambiente lhe enseja – e exatamente por isso é essencial que leiamos *Um brasileiro Berlim* com o entendimento de seu contexto histórico e da origem da coletânea.

REFERÊNCIAS

- ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **O fim do homem soviético**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 594 p. Tradução de Lucas Simone.
- ALENCAR, José de. **Crônicas escolhidas**. São Paulo: Ática, 1995. 192 p.
- ALTER, Robert. **Imagined cities**: Urban experience and the language of the novel. London: Yale University Press, 2005. 175 p.
- ARRIGUCCI JUNIOR, Davi. **Achados e perdidos**: ensaios de crítica. São Paulo: Polis, 1979.
- ARRIGUCCI JUNIOR, Davi. **Enigma e comentário**: ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BATELLA, Juva. **Ubaldo**: ficção, confissão, disfarce e retrato. Rio de Janeiro: Viera e Lent Casa Editorial, 2016. 420 p. Ilustrações: Chica Batella.
- BENDER, Peter. **Episode oder Epoche?** Zur Geschichte des geteilten Deutschland. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1996. 289 p.
- BONASSI, Fernando. **Passaporte**. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001.
- BRAGA, Rubem. **Crônicas da guerra na Itália**. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014. 405 p.
- BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **O verde violentou o muro**. 13. ed. São Paulo: Global, 2000. 398 p.
- BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007. 216 p.
- CADERNOS de Literatura Brasileira: João Ubaldo Ribeiro. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1999. 145 p. (Número 7).
- CANDIDO, Antonio *et al.* **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp | Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: ANDRADE, Carlos Drummond de; SABINO, Fernando; CAMPOS, Paulo Mendes; BRAGA, Rubem. **Para gostar de ler**: crônicas. São Paulo: Ática, 1980. Prefácio. p. 4-13. Volume 5.
- CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo (org.). **Presença da literatura brasileira**: modernismo. 7. ed. São Paulo: Difel, 1979.
- CANDIDO, Antonio. **Recortes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (org.). **Jornalismo e Literatura**: a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. 180 p. (Coleção Estudos Transversais).

CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (org.). **História em cousas miúdas**: capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 2005. 591 p.

COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**: relações e perspectivas. 6. ed. São Paulo: Global, 2003. Cap. 57. p. 117-143. Volume 6.

COUTINHO, Wilson. **João Ubaldo Ribeiro**: um estilo da sedução. Rio de Janeiro: Relume, 2005. 131 p.

DIRLMEIER, Ulf; GESTRICH, Andreas; HERRMANN, Ulrich; HINRICHS, Ernst; JARAUSCH, Konrad H.; KLESSMANN, Christoph; REULECKE, Jürgen. **História alemã**: do século VI aos nossos dias. Lisboa: Edições 70, 2015. Tradução Marian Toldy e Teresa Toldy.

FARIA, João Roberto (org.). Introdução: o Rio de Janeiro em 1854 e 1855. In: ALENCAR, José de. **Ao correr da pena**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. XI-XXXIII.

FONSECA, Rubem. **Erinnerungen an Berlin**. Berlin: Ibero-Amerikanisches Institut, 2021. Übersetzt und mit einer Hommage von Ute Hermanns. Disponível em: https://publications.iai.spk-berlin.de/receive/iai_mods_00000108. Acesso em: 27 jul. 2022.

FONSECA, Rubem. **O romance morreu**: crônicas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 198 p.

FONSECA, Rubem. **Vastas emoções e pensamentos imperfeitos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2010. 318 p.

GLEDSON, John. Introdução. In: ASSIS, Machado de. **Bons dias!** 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. p. 13-61.

GLEDSON, John. Apresentação. In: GLEDSON, John (org.). **Conversa de burros, banhos de mar e outras crônicas exemplares**. Lisboa: Edições Cotovia, 2006. p. 11-35. (Curso Breve de Literatura Brasileira).

GLEDSON, John. **Machado de Assis**: ficção e história. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. 262 p.

GLEDSON, John. **Por um novo Machado de Assis**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 452 p.

GROSS, Johannes. **Begründung der Berliner Republik**: Deutschland am Ende des 20. Jahrhunderts. 2. ed. Stuttgart: Deutsche Verlagsanstalt, 1995. 176 p.

HERTLE, Hans-Hermann; WOLLE, Stefan. **Damals in der DDR**: der Alltag im Arbeiter- und Bauernstaat. München: Wilhelm Goldmann Verlag, 2006. 410 p.

KIELMANSEGG, Peter Graf. **Das geteilte Land**: deutsche Geschichte 1949 - 1990. München: Pantheon, 2007. 765 p.

KÜPPER, Klaus. **Bibliographie der brasilianischen Literatur**: Prosa, Lyrik, Essay und Drama in deutscher Übersetzung. Frankfurt: TFM, 1994. 301 p. In Zusammenarbeit mit Ray-Güde Mertin.

LIMA, Dalva Tavares (org.). **Viva o povo brasileiro e João Ubaldo Ribeiro**: antologia. Salvador: Edefba, 2015. 371 p.

MÄHLERT, Ulrich. **Kleine Geschichte der DDR**. 6. ed. München: Verlag C. H. Beck, 2009. 208 p.

MARTINS, Luis. Do folhetim à crônica. In: MARTINS, Luis. **Suplemento Literário**. São Paulo: Comissão Estadual de Literatura, 1972. Cap. 1. p. 9-37. (Coleção Ensaio).

MENEZES, Fagundes de. **Jornalismo e literatura**. Rio de Janeiro: Razão Cultural, 1997. 60 p.

MEYER, Marlyse. **As mil faces de um herói canalha e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998. p. 109-196.

MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 472 p.

OLIVIERI-GODET, Rita. **Construções identitárias na obra de João Ubaldo Ribeiro**. São Paulo: Hucitec / Academia Brasileira de Letras / Uefs, 2009. 288 p. Tradução de Rita Olivieri-Godet e Regina Salgado.

PORTELLA, Eduardo. **Dimensões I**: crítica literária. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977. p. 81-87.

PRADO, Decio de Almeida. **Seres, coisas, lugares**: do teatro ao futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

RESENDE, Beatriz (org.). **Cronistas do Rio**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001. 163 p.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Arte e ciência de roubar galinha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. 257 p.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Ein Brasilianer in Berlin**. Frankfurt Am Main: Suhrkamp Taschenbuch, 1994. 104 p. Übersetzt von Ray-Güde Mertin.

RIBEIRO, João Ubaldo. **O sorriso do lagarto**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1989. 362 p.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Política**: quem manda, por que manda, como manda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. 188 p.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Sargento Getúlio**. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2003. 159 p.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Sempre aos domingos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. 274 p.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Um brasileiro em Berlim**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. 159 p.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Um Brasileiro em Berlim. Ein Brasilianer in Berlin**. 5. ed. Frankfurt: TFM, 2017. 162 p. Übersetzt von Ray-Güde Mertin.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Viva o povo brasileiro**. Rio de Janeiro: Record, 1984. 673 p.

RÓNAI, Paulo. Um gênero brasileiro: a crônica. In: HOWER, Alfred; PRETO-RODAS, Richard A. (org.). **Crônicas brasileiras**: a portuguese reader. Gainesville: Center For Latin American Studies, 1980. p. 154-156.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987. 94 p. (Princípios).

SABINO, Fernando. **A cidade vazia**: crônicas de Nova Iorque. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1961. 238 p.

SABINO, Fernando. **A inglesa deslumbrada**. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1967. 220 p.

SOARES, Marcus Vinicius Nogueira. **A crônica brasileira do século XIX**: uma breve história. São Paulo: É Realizações, 2014. 280 p.

SPIELMANN, E. João Antônio em Berlim. **Remate de Males**, Campinas, SP, v. 19, p. 71–79, 2012. DOI: 10.20396/remate.v19i0.8636099. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8636099>. Acesso em: 7 set. 2022.

SÜSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de letras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

WILLIAMS, Raymond. **Culture and society**: 1780 - 1950. New York: Anchor Books, 1960. 385 p.

JORNAIS

FRANKFURTER RUNDSCHAU. Frankfurt, Alemanha, 11 jun. 1990. (Figura 1)

FRANKFURTER RUNDSCHAU. Frankfurt, Alemanha, 16 jun. 1990.

FRANKFURTER RUNDSCHAU. Frankfurt, Alemanha, 04 ago. 1990.

FRANKFURTER RUNDSCHAU. Frankfurt, Alemanha, 01 set. 1990.

FRANKFURTER RUNDSCHAU. Frankfurt, Alemanha, 20 out. 1990.

FRANKFURTER RUNDSCHAU. Frankfurt, Alemanha, 17 nov. 1990.

FRANKFURTER RUNDSCHAU. Frankfurt, Alemanha, 08 dez. 1990. (Figura 2)

FRANKFURTER RUNDSCHAU. Frankfurt, Alemanha, 26 jan. 1991.

FRANKFURTER RUNDSCHAU. Frankfurt, Alemanha, 06 abr. 1991.

FRANKFURTER RUNDSCHAU. Frankfurt, Alemanha, 04 mai. 1991.

FRANKFURTER RUNDSCHAU. Frankfurt, Alemanha, 08 jun. 1991.

FRANKFURTER RUNDSCHAU. Frankfurt, Alemanha, 27 jul. 1991.

OUTRAS MÍDIAS

ANTÔNIO, João. Malagueta em Berlim, oito meses sem sol. **Nossa América**, p. 64-71, mar.-abr., 1989, n.1.

BOCK, Ulrike. **Identidade e alteridade em João Ubaldo Ribeiro: Um brasileiro em Berlim.** N.I.. Trabalho elaborado para disciplina do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <http://www.uni-koeln.de/phil-fak/fs-owl/infos/ptw9902a.pdf>. Acesso em: 21 set. 2022.

BRASILIANISCHER Schriftsteller Joao Ubaldo Ribeiro gestorben. **Der Standard.** Wien. 18 jul. 2014. Disponível em: <https://www.derstandard.at/story/2000003278616/brasilianischer-schriftsteller-joao-ubaldo-ribeiro-gestorben>. Acesso em: 25 set. 2022.

BRIESEMEISTER, Dietrich. Die Rezeption brasilianischer Literatur im deutschen Sprachraum (1964 - 1988). **Brasilianische Literatur Der Zeit Der Militärherrschaft (1964 - 1984)**, [s. l.], p. 367-388, 1992. Acervo Ibero-Americano Instituto - Preussischer Kulturbesitz. Disponível em: https://publications.iai.spk-berlin.de/receive/riai_mods_00002170. Acesso em: 20 set. 2022.

DEUTSCH-BRASILIANISCHE KULTURBEZIEHUNGEN. Frankfurt Am Main: Vervuert, 2010. Bibliotheca Ibero-Americana. Disponível em:

https://publications.iai.spk-berlin.de/servlets/MCRFileNodeServlet/Document_derivate_00000112/BIA%20133%20Deutsch%20brasilianische%20Kulturbeziehungen.pdf. Acesso em: 20 set. 2022.

DIE Mauer in Zahlen. [20--]. Site oficial de Berlin, capital da Alemanha.. Disponível em: <https://www.berlin.de/mauer/geschichte/bau-der-mauer/die-mauer-in-zahlen/>. Acesso em: 29 out. 2022.

FRANKFURTER Rundschau. Disponível em: https://de.wikipedia.org/wiki/Frankfurter_Rundschau. Acesso em: 25 set. 2022.

FREY, Luisa. **João Ubaldo Ribeiro: "Sinto um vínculo cultural com a Alemanha"**. 2013. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/joão-ubaldo-ribeiro-sinto-um-vínculo-cultural-com-a-alemanha/a-17155214>>. Acesso em: 10 ago. 2022.

GARSCHA, Karsten. **Zum Tode von Frau Prof. Dr. Ray-Güde Mertin**. 2007. Disponível em: https://www.uni-frankfurt.de/48126306/Prof__Dr__Ray_G%C3%BCde_Mertin. Acesso em: 25 set. 2022.

GÖPFERT, Claus-Jürgen. **75 Jahre Frankfurter Rundschau**: Konsequenz unabhängig, von Anfang an engagiert. 2020. Disponível em: <https://www.fr.de/panorama/fr-frankfurter-rundschau-jubilaum-75-jahre-chronik-unabhaengig-engagiert-zr-90015947.html>. Acesso em: 22 set. 2022.

HOFFMANN, Geraldo. **Literatura**. 2007. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/morre-a-agente-liter%C3%A1ria-ray-g%C3%BCde-mertin/a-2312183>. Acesso em: 25 set. 2022.

JOÃO Ubaldo Ribeiro gestorben. **Der Spiegel**, Hamburg, 18 jul. 2014. Disponível em: <https://www.spiegel.de/kultur/literatur/brasilien-schriftsteller-joao-ubaldo-ribeiro-ist-tot-a-981852.html>. Acesso em: 25 set. 2022.

KOHUT, Karl. *Brasilianistische Studien in Deutschland*. **Brasilien Im Umbruch**, [N.I.], p. 397-410, 1996. Acervo Ibero-Americano Instituto - Preussischer Kulturbesitz. Disponível em: https://publications.iai.spk-berlin.de/receive/riai_mods_00002634. Acesso em: 20 set. 2022.

KUHLO, Karl-Ulrich. Bei Lachs und Sekt kam der Befehl zum Mauerbau. **Berliner Illustrierte**, Berlim, p. 52-62, dez. 1989. Sonderausgabe.

KUNATH, Wolfgang. *Brasilianer und Weltbürger: zum Tode des Autors*. **Frankfurter Rundschau**. Frankfurt, p. 36-36. 19 jul. 2014.

LES CAHIERS, Rita Olivieri-Godet. **Constructions identitaires dans Um brasileiro em Berlim (1995) de João Ubaldo Ribeiro**. *Amérique Latine : Histoire et Mémoire*. Les cahiers ALHIM, Le groupe de recherche Amérique Latine Histoire et Mémoire, 2006. Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-02873176/document>. Acesso em: 21 set. 2022.

"MEINE liebe Freunde!": Kohls wichtigste und beste Rede. Kohls wichtigste und beste Rede. **Der Spiegel**: Biografie, Hamburg, p. 94-97, jun. 2017.

MERCADO alemão de jornais sofre com pressão da internet. 2012. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/mercado-alem%C3%A3o-de-jornais-sofre-com-press%C3%A3o-da-internet/a-16382391>. Acesso em: 25 set. 2022.

MERTIN, Ray-Güde. Die Stadt zwischen Katastrophe und Utopie. **Brasilien im Umbruch**, [N.I.], p. 217-220, 1996. Acervo Ibero-Amerikanisches Institut - Preussischer Kulturbesitz. Disponível em: https://publications.iai.spk-berlin.de/receive/riai_mods_00002615. Acesso em: 20 set. 2022.

MERTIN, Ray-Güde. Erzählende Literatur aus drei Jahrzehnten. **Brasilien Heute**, [N.I.], p. 421-434, 1994. Acervo Ibero-Amerikanisches Institut - Preussischer Kulturbesitz. Disponível em: https://publications.iai.spk-berlin.de/receive/riai_mods_00002061. Acesso em: 20 set. 2022.

MERTIN, Ray-Güde. Lob und Preis auf Portugiesisch. **Portugal Heute**, [N.I.], p. 813-825, 1997. Acervo Ibero-Amerikanisches Institut - Preussischer Kulturbesitz. Disponível em: https://publications.iai.spk-berlin.de/receive/riai_mods_00001814. Acesso em: 20 set. 2022.

ROTH, Wolfgang. Kulturelle Identität. **Brasilien Heute**, [N.I.], p. 449-463, 1994. Acervo Ibero-Amerikanisches Institut - Preussischer Kulturbesitz. Disponível em: https://publications.iai.spk-berlin.de/receive/riai_mods_00002063. Acesso em: 20 set. 2022.

SILVA, Katiene Nogueira da; MENEZES, Roni Cleber Dias de. De leitor a escritor: João Ubaldo Ribeiro e a sua formação em *Um brasileiro em Berlim*. **Cadernos de Pesquisa**, São Luis, v. 28, n. 4, p. 569-585, out. 2021. Trimestral. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/18285/9980>. Acesso em: 21 set. 2022.

SILVA, Murillo Cesar da. A escrita autobiográfica de "Um brasileiro em Berlim". **Literatta**: Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões, Ilhéus, v. 5, n. 2, p. 86-93, jul. 2015. Semestral. Disponível em: https://web.archive.org/web/20180509171934id_/http://periodicos.uesc.br/index.php/literatta/issue/viewFile/100/108#page=87. Acesso em: 21 set. 2022.

TADEU, Felipe. **Para tradutora, clichês prejudicam difusão da literatura brasileira**. 2006. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/para-tradutora-clich%C3%AAs-prejudicam-difus%C3%A3o-da-literatura-brasileira/a-2191152>. Acesso em: 25 set. 2022.

WITT, Nicole (ed.). **In Memoriam: Ray-Güde Mertin**. 2007. Disponível em: <https://mertinwitt-litag.de/in-memoriam-ray-guede-mertin/>. Acesso em: 25 set. 2022.

VÍDEOS

A CRÔNICA: carioca por natureza. Coordenação de Antonio Carlos Secchin. Conferencista: Beatriz Resende. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2015. (58 min.), son., color. Série 7º ciclo: O Rio de Janeiro na Literatura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X1sh1ZccQn4>. Acesso em: 03 maio 2022.

A CRÔNICA, selo de Minas Gerais. Coordenação de Ivan Junqueira. Conferencista: Humberto Werneck. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2013. (50 min.), son., color. Série 8º Ciclo de Conferências: A crônica e a cidade. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2drXbjchi44>. Acesso em: 02 maio 2022.

ATÉ onde a crônica é literatura. Coordenação de Ivan Junqueira. Conferencista: Eduardo Portella. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2013. (39 min.), son., color. Série 8º Ciclo de Conferências: A crônica e a cidade. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=liLR3YZo9xA>. Acesso em: 01 maio 2022.

CANAL Salsichando entrevista João Ubaldo Ribeiro (Parte 1). Frankfurt: Canal Salsichando, [201-]. (3 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JZWtJnsUhR0>. Acesso em: 23 jul. 2022.

CANAL Salsichando entrevista João Ubaldo Ribeiro (Parte 2). Frankfurt: Canal Salsichando, [201-]. (4 min.), son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WHT_5LxEBZw. Acesso em: 23 jul. 2022.

COMO eu escrevo. Coordenação de Cícero Sandroni. Conferencista: João Ubaldo Ribeiro. 2014. (55 min.), son., color. Série 2º Ciclo de Conferências - Vozes contemporâneas: a ficção. Disponível em: <https://youtu.be/NE3aPq-8og>. Acesso em: 15 ago. 2022.

ESPAÇO Aberto: Ubaldo na Flip. Rio de Janeiro: Globo News, 2011. (22 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uRgLPRTKjRg>. Acesso em: 20 set. 2022.

ENCONTRO Marcado com a Arte: João Ubaldo Ribeiro. Direção de Jorge Brennand Jr., Rodrigo Junqueira.. Produção de Bia Flores, Luciana Clark. Coordenação de Bete Calligaris. Rio de Janeiro, 1996. (26 min.), son., color. Série Encontro Marcado com a Arte. Projeto beneficiado pela Lei Municipal de Incentivo a Cultura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D69chpHAyqM&list=PL5131A870F453E31E&index=1>. Acesso em: 07 set. 2022.

FLIPOÇOS 2013 - João Ubaldo Ribeiro. Poços de Caldas: Flipoços, 2013. (60 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-7OOT9r7DdM>. Acesso em: 16 ago. 2022.

JOGO de Ideias: João Ubaldo Ribeiro e Márcio Souza (Parte 1). Ouro Preto: Itaú Cultural, 2010. (28 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=knZ3rrDyboE>. Acesso em: 01 set. 2022.

JOGO de Ideias: João Ubaldo Ribeiro e Márcio Souza (Parte 2). Ouro Preto: Itaú Cultural, 2010. (25 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wHHEgLYeSwk>. Acesso em: 01 set. 2022.

LEITURAS - João Ubaldo Ribeiro. [S.l.]: TV Senado, 2005. (30 min.), son., color. Apresentação Maurício Melo Júnior. Disponível em: <https://youtu.be/ybVJakqxo3g>. Acesso em: 16 ago. 2022.

PROGRAMA do Jô: João Ubaldo Ribeiro. Rio de Janeiro: Tv Globo, 2000. (10 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gXpB-yg9nXE>. Acesso em: 09 jul. 2022.

PROGRAMA do Jô: João Ubaldo Ribeiro. Rio de Janeiro: Tv Globo, 2002. (30 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BBc4WJRLfB4>. Acesso em: 15 set. 2022.

RECORDAR é TV: Programa Contraponto com João Ubaldo Ribeiro. Rio de Janeiro: TVE, 1993. (25 min.) Son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ODe-t_xFRI8. Acesso em: 01 out. 2022.

RODA Viva: João Ubaldo Ribeiro. Rio de Janeiro: Tv Cultura, 2012. (80 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DrIWXpNgRzE>. Acesso em: 07 set. 2022.

VOX Populi: João Ubaldo Ribeiro. Rio de Janeiro: Tv Cultura, 1985. (59 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rd16fAtYYsc>. Acesso em: 18 ago. 2022.

IMAGENS

BADISCHE ZEITUNG (Alemanha) (ed.). **Die Mauer**: 1961 bis 1989. 1961 bis 1989. 2014. Disponível em: <https://www.badische-zeitung.de/die-geschichte-des-novembers-1989--91858915.html>. Acesso em: 22 jun. 2023. (Figura 4)

KARTE der Innerdeutschen Grenze und der Bundesländer der BRD und Bezirke der DDR. [20--]. Disponível em: <https://www.lpb-bw.de/mauerbau>. Acesso em: 22 jun. 2023. (Figura 3)

SITES

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (Rio de Janeiro) (ed.). João Ubaldo Ribeiro. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/joao-ubaldo-ribeiro>. Acesso em: 24 jun. 2023.

JORNAL O GLOBO (Rio de Janeiro) (ed.). Acervo Digital. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/acervo/>. Acesso em: 24 jun. 2023.

ANEXO A – ENTREVISTA COM UTE HERMANN (EM ALEMÃO)

Realizada via e-mail no dia 3 de junho de 2022.

1. Wo/wie haben Sie João Ubaldo Ribeiro kennengelernt?

Ute Hermanns (U.H.): Ich habe J.U.R. in Berlin am Tag seiner Ankunft kennengelernt. Rubem Fonseca hatte mich gebeten, ein Auge auf seinen Freund zu haben, der mit seiner Familie kommen würde. Ich hatte schon öfter brasilianische Autoren für den DAAD betreut und fragte Barbara Richter ob ich Ribeiro mit vom Flughafen abholen dürfte. Nach seiner Ankunft fuhren wir in die Wohnung und die bewegendste Szene war für mich, als beide, seine Frau Berenice und er, durch die Wohnung gegangen waren – eine Berliner Altbauwohnung . Nach diesem Rundgang fragte er sie danach ganz bescheiden und auch etwas besorgt, ob diese Wohnung ihr zusagen würde.

2. Wie funktioniert das DAAD-Programm? Hat man feste Aufgaben oder nicht (z.B.: ein Buch schreiben)?

U.H.: Das DAAD-Künstlerprogramm lädt Autoren ein, die sich bereits durch mehrere Publikationen, Ausstellungen, Filme, Theaterstücke etc einen Namen gemacht haben und ermöglicht ihnen einen relativ unbeschwerten Aufenthalt, um ungestört arbeiten zu können und mit anderen Künstlern in Kontakt zu kommen. Dafür werden Programme veranstaltet, im Fall von J.U.R. Lesungen, Teilnahme an Symposien, Literaturveranstaltungen, Filmvorführungen (Ich habe damals eine Vorführung von Sargento Getúlio von Hermano Penna angeregt, die er dann kommentiert hat, da der Film nach seinem Roman gefilmt wurde.

3. Wie wurde João Ubaldo Ribeiro eingeladen? Wissen Sie, wie es passiert ist?

U.H.: J.U.R. war bereits Suhrkamp Autor und der Übersetzer Curt Meyer-Clason hatte die Übersetzung von „Viva o Povo Brasileiro“ unter dem Titel „Brasilien, Brasilien“ abgeschlossen. Außerdem erschienen „Der Heilige, der nicht an Gott glaubte“ und „Pandonar“ in Deutschland. J.U.R. hatte mehrere Bücher veröffentlicht und galt als vielversprechender Autor. Deshalb konnte er sich beim DAAD-Künstlerprogramm bewerben und wurde ausgewählt.

Ich denke, dass Ray-Güde Mertin, die mit seinem Literaturagenten Thomas Colchie zusammengearbeitet hat, ihn vielleicht animiert hat, sich zu bewerben und ggf. auch die Werbetrommel gerührt hat, dass man unter den Juroren auf ihn aufmerksam wurde. Vielleicht war sie auch selbst in der Jury.

4. Ist die Zusammenarbeit zwischen João Ubaldo Ribeiro und Ray-Güde Mertin bei DAAD gekommen oder arbeiteten sie schon früher zusammen?

U.H.: Wie gesagt, Ray-Güde Mertin hatte die Autoren aus Brasilien besonders gut im Blick und kannte J.U.R. nicht zuletzt aufgrund ihrer engen Kooperation mit dem amerikanischen Literaturagenten Thomas Colchie.

5. Und die Einladung, um für die *Frankfurter Rundschau* zu schreiben? War das vielleicht eine Aufgabe von DAAD?

U.H.: Nein, das hat Ray-Güde Mertin in die Wege geleitet, vielleicht auch mit der Unterstützung des Suhrkamp Verlages – das weiß ich aber nicht genau. Sie lebte in Frankfurt und hatte viele gute Kontakte und hat dann zumindest vorgeschlagen, dass J.U.R. *crônicas* dort schreiben konnte, die sie dann übersetzt hat. Ich glaube, es war ein gemeinsames Projekt, denn J.U.R. schrieb gern *crônicas* und er wollte natürlich auch deutsche Leser*innen erreichen.

6. Wie war der Alltag von Ribeiro und seine Familie in Deutschland? Wie war die Beziehung mit DAAD?

U.H.: J.U.R. stand früh auf und arbeitete an seinen Texten, das waren die unterschiedlichsten Dinge. Er lebte mit seiner Frau Berenice und seinen beiden Kindern Bento und Chica in Berlin-Halensee. Die Kinder gingen zur Schule, die Familie führte ein normales Familienleben.

J.U.R. schrieb seine Texte, bereitete sich auf seine Lesungen/Auftritte/Interviews vor. Ab und zu lud er Freunde zum Essen ein. Kurz nach seiner Ankunft veranstaltete er z.B. die „Feijoada da Ute“, wo er selbst eine *feijoada* kochte und viele Brasilienfans und Freunde zu sich nach Hause einlud. Die Familienangehörigen und ich bekamen alle ein T-Shirt, auf das die Zeichnung von Bento gedruckt worden war, der sehr gut zeichnen konnte. Er hat eine Figur gezeichnet, die sich, offensichtlich hungrig, an einen riesigen Berg Feijoada heranmachte. Darauf stand: A Feijoada da Ute – Onde você sempre será bem servido.

Am Wochenende machte die Familie Ausflüge, um Berlin kennenzulernen. Nach dem Mauerfall kamen Manuela und Emilia zu Besuch und wir unternahmen zusammen, mit Berthold Zilly, meinem Dozenten am Lateinamerika-Institut, eine Reise nach Dresden. Das war ein heißer Tag und auf der Rückfahrt blieb der Zug in sengender Hitze mitten in der Landschaft stehen. Es gab keinen Speisewagen, keine Getränke.

Ich lernte an diesem Tag von J.U.R., dass Menschen, die ihre Brille abnehmen, bevor sie fotografiert zu werden, sehr eitel sind. Und ich muss feststellen, dass er mit dieser Beobachtung tatsächlich Recht hatte.

Wir waren auch in Potsdam im Park des Schlosses Sanssouci und im Pergamon-Museum, wo er seinen Kindern ausführlich über die alten Griechen Vorträge hielt. Ab und zu unternahm er Reisen, um an anderen literarischen Ereignissen teilzunehmen.

7. Ribeiro konnte kein gutes Deutsch, richtig? Wie war dann sein 'soziales Leben'? Immer auf Englisch? Konnte er vielleicht die Nachrichten lesen/anschauen?

U.H.: Er lernte mit Berenice Deutsch bei Wolfgang Heyder. Doch die meisten Leute aus dem Berliner Kulturleben sprachen Englisch, das er fantastisch beherrschte. Und die Brasiliencommunity sprach Portugiesisch. Und als mit 49 Jahren, als Familienvater, hat man nicht mehr soviel Zeit und Muße eine neue Sprache zu lernen. Er war ein Sprachtalent, war auffassungsstark und adaptierte deutsche Wörter ins Portugiesische, das war immer sehr lustig. Er stellte sich immer vor, als der brasilianische Johann Sebastian Bach (João Ubaldino Ribeiro) und gab sich dann den Namen Hans Flussufer, den er als Hans Flussufer als Protagonisten in seinem Roman „A Ilha do Pavão“ verewigt. Er konnte durchaus Deutsch lesen, nicht perfekt, aber für Schlagzeilen und kurze Texte reichte es. Ab und zu fragte er mich, ob ich ihm etwas übersetzen könne, wenn ihn ein Artikel besonders interessierte und er daraus etwas nicht ganz verstand. Er las englische und brasilianische Zeitungen, bzw. hörte auch englische Nachrichten. Er war immer sehr gut informiert.

8. In vielen Interviews sagte er, dass das Buch *Ein Brasilianer in Berlin* von ihm nicht geplant/gewünscht war. Stimmt das? Wie haben die Deutsche damals seine Texte empfangen?

U.H.: Ja, die Idee, die *crônicas* zuerst in der *Frankfurter Rundschau* zu veröffentlichen, stammte ja von Ray-Güde Mertin. Die *crônicas* wurden gern gelesen, sie brachten die Leute zum Lachen. Am Ende seines Aufenthaltes entstand dann die Idee, alle *crônicas*

zusammen in einem Band zu veröffentlichen, das erfolgte zuerst in Brasilien bei der Editora Nova Fronteira und dann später in Deutschland. Es gab geteilte Meinungen, aber die meisten fanden die Erzählungen total amüsant und lustig, andere fanden, er arbeite mit Klischees. Mir haben die *crônicas* immer sehr gut gefallen. Seine Lesungen waren immer gut besucht, er war wahnsinnig beliebt.

9. Was ist Ihre Meinung über die Beziehung Ribeiro x Deutschland? Nicht nur in jener Zeit und um die 'crônicas', sondern um seine Arbeit als Schriftsteller (er war z.B. auf die Frankfurter Messe 2013, als das Thema Brasilien war).

U.H.: Er betonte immer, dass er ein sehr gutes Verhältnis zu Deutschland habe. Das Leben gefiel ihm hier, es tat ihm gut, seine literarische Arbeit ohne die alltäglichen Verpflichtungen aus der Heimat machen zu können. Er hatte auch deutsche Freunde, die mit ihm Englisch oder Portugiesisch sprachen. Er mochte die Musik, die Museen und fand es ganz toll, dass seine Kinder so schnell Deutsch lernten. Er griff, wie gesagt, Sätze oder Ausdrücke auf, über die er erzählte oder die er in „anthropofagischer Manier“ brasilianisierte.

Als bedeutender brasilianischer Autor gehörte er natürlich zu den Autoren, die auf die Frankfurter Buchmesse eingeladen wurden, um seine Bücher vorzustellen. Ich glaube, damals war die „Ilha do Pavão“, übersetzt worden. Er war aber auch schon früher auf der Buchmesse, 1994 zum Beispiel und dann auch 2013.

10. Haben Sie vielleicht andere Punkte zu kommentieren?

U.H.: Er war später noch einmal in Deutschland als „Berichterstatter“ der WM 2006. Er machte eine Reise durch Deutschland, um die Spiele an den unterschiedlichen Orten zu sehen. Als er in der Nähe von München in der Pampa – also in einem Dorf, weit entfernt vom Stadtzentrum – untergebracht war, rief er mich an und bat mich darum, ihm in Berlin für sich und Berenice ein Hotel zu suchen. Dann kamen die beiden, wohnten im Hotel Bogotá, und wir sahen gemeinsam an verschiedenen Orten die Fußballspiele. Ich habe seine Chronik dazu unter dem Titel *Die WM der Enttäuschung* damals für die Berliner Zeitung übersetzt.

ANEXO B – TRADUÇÃO DA ENTREVISTA COM UTE HERMANNNS

1. Onde/como você conheceu João Ubaldo Ribeiro?

Ute Hermanns: Eu conheci J.U.R. no dia de sua chegada a Berlim. Rubem Fonseca me pediu para ficar de olho em seu amigo que viria com a família. Eu já havia atendido para o DAAD outros autores brasileiros e perguntei a Barbara Richter se eu poderia buscar Ribeiro no aeroporto. Depois de sua chegada, nos dirigimos para o apartamento e a cena mais tocante para mim foi quando os dois, ele e sua esposa Berenice, andaram pelo apartamento – um antigo prédio berlinense. Depois dessa ronda, ele perguntou timidamente – e também um pouco preocupado –, se esse apartamento seria do agrado dela.

2. Como funciona o programa DAAD? Há atividades definidas ou não (por exemplo: escrever um livro)?

U.H.: O programa do DAAD para artistas convida autores que já fizeram seu nome através de variadas publicações, exposições, filmes, peças de teatro, etc., e possibilita a eles uma estadia relativamente despreocupada, para que possam trabalhar sem incômodos e entrar em contato com outros artistas. Para isso são organizados programas, no caso de J.U.R. leituras, participação em simpósios, eventos literários, exhibições de filmes. (Na época eu sugeri uma exibição do filme *Sargento Getúlio*, de Hermano Penna, que ele então comentou, já que o filme foi baseado em seu romance.)

3. Como foi o convite de João Ubaldo Ribeiro? Você sabe como ele aconteceu?

U.H.: J.U.R já era autor da editora Suhrkamp e o tradutor Curt Meyer-Clason tinha finalizado a tradução de *Viva o povo brasileiro* com o título *Brasilien, Brasilien*. Além disso haviam sido publicados na Alemanha *Der Heilige, der nicht an Gott glaubte* (*O santo que não acreditava em Deus*) e *Pandonar* (*Vida e paixão de Pandonar, o cruel*). J.U.R. havia publicado vários livros e era um escritor promissor. Por isso ele pode se candidatar para o programa do DAAD para artistas e foi escolhido. Eu acho que Ray-Güde Mertin, que havia trabalhado com o agente literário Thomas Colchie que representava Ribeiro, o tenha animado a se candidatar assim como pode ter incentivado os jurados a dar atenção a ele. Talvez ela mesma fosse parte do júri.

4. O trabalho conjunto de João Ubaldo Ribeiro e Ray-Güde Mertin tem origem no DAAD ou os dois já haviam trabalhado juntos antes?

U.H.: Como disse, Ray-Güde Mertin observava atentamente os escritores do Brasil e conhecia J.U.R não apenas por sua estreita cooperação com o agente literário americano Thomas Colchie.

5. E o convite para escrever para o *Frankfurter Rundschau*? Foi talvez uma tarefa do DAAD?

U.H.: Não, Ray-Güde Mertin foi responsável por isso, talvez também com o apoio da editora Suhrkamp – mas eu não sei exatamente. Ela vivia em Frankfurt e tinha ótimos contatos e deve pelo menos ter sugerido, que J.U.R. poderia escrever crônicas para o jornal, as quais ela então traduziu. Eu acredito que era um projeto conjunto, pois J.U.R. gostava de escrever crônicas e naturalmente ele também queria alcançar as leitoras e os leitores alemães.

6. Como era o dia a dia de Ribeiro e sua família? Como era a relação com o DAAD?

U.H.: J.U.R. levantava cedo e trabalhava em seus textos, que eram variadas coisas. Ele vivia com sua esposa e seus dois filhos Bento e Chica em Halensee. As crianças iam para a escola, a família tinha uma vida familiar comum. J.U.R. escrevia seus textos, se preparava para leituras, apresentações, entrevistas. De vez em quando ele convidava amigos para comer. Pouco depois de sua chegada, por exemplo, ele organizou a “Feijoada da Ute”, onde ele mesmo fez a feijoada e convidou muitos admiradores do Brasil e amigos para a sua casa. Os integrantes da família e eu recebemos uma camiseta na qual havia um desenho feito por Bento, que desenhava muito bem. Ele desenhava uma figura faminta próxima de uma montanha de feijoada. Estava escrito: A feijoada da Ute – onde você sempre será bem servido. Nos fins de semana, a família fazia passeios para conhecer Berlim. Depois da queda do muro, Manuela e Emilia vieram visitar e nós fizemos juntos, com Berthold Zilly, meu professor no Lateinamerika-Institut, uma viagem a Dresden. Era um dia quente e, na viagem de volta, o trem parou no meio do campo em um calor escaldante. Não havia vagão-restaurante, nenhuma bebida.

Eu aprendi neste dia com J.U.R. que pessoas que tiram os óculos antes de serem fotografadas são muito orgulhosas. E eu preciso reconhecer que ele tinha razão.

Nós também fomos em Potsdam, no parque do Palácio Sanssouci, e no Museu Pergamon, onde ele deu a seus filhos detalhadas explicações sobre os antigos gregos. Vez ou outra ele fazia viagens para participar de outros eventos literários.

7. Ribeiro não sabia falar alemão, certo? Como era então sua 'vida social'? Sempre em inglês? Ele era capaz de ler/assistir jornais?

U.H.: Ele e Berenice estudaram alemão com Wolfgang Heyder. Mas a maioria das pessoas da vida cultural de Berlim falava inglês, que ele dominava fantasticamente. E a comunidade brasileira falava português. E com 49 anos, sendo pai de família, não se tem muito tempo para aprender um novo idioma. Ele tinha talento para línguas, era perspicaz e adotava palavras alemãs no português, era sempre muito engraçado. Ele sempre se apresentava como o brasileiro Johann Sebastian Bach (João Ubaldo Ribeiro) e deu-se o nome de Hans Flussufer, que ele perpetuou no protagonista Hans Flussufer do romance "A ilha do pavão". Ele era capaz de ler em alemão, não perfeitamente, mas para manchetes e textos curtos era suficiente. Vez ou outra ele me pedia para traduzir algo, se o artigo o interessasse especialmente e ele não o tivesse compreendido completamente. Ele lia jornais brasileiros e ingleses, além de ouvir noticiários em inglês. Ele estava sempre muito bem-informado.

8. Ele disse em muitas entrevistas que o livro *Um brasileiro em Berlim* não foi planejado/desejado por ele. Isto está correto? Como os alemães receberam então seus textos?

U.H.: Sim, a ideia de publicar as crônicas primeiro no *Frankfurter Rundschau* foi da Ray-Güde Mertin. As crônicas eram lidas com prazer e faziam as pessoas rir. No fim de sua estadia surgiu a ideia de publicá-las em um volume, o que aconteceu primeiro no Brasil com a editora Nova Fronteira e depois na Alemanha. As opiniões se dividiam, mas a maioria achava as narrativas agradáveis e engraçadas; outros achavam que ele trabalhava com clichês. As crônicas sempre me agradaram.

Suas leituras eram sempre bem visitadas, ele era incrivelmente popular.

9. Qual é a sua opinião sobre a relação entre Ribeiro e a Alemanha? Não apenas naquela época e em relação às crônicas, mas também ao seu trabalho como escritor (ele esteve, por exemplo, na Feira de Frankfurt em 2013, quando o Brasil foi o país homenageado).

U.H.: Ele sempre enfatizava que tinha uma ótima relação com a Alemanha. A vida aqui o agradou, fez bem a ele poder fazer o seu trabalho sem os compromissos diários que tinha no Brasil. Ele também tinha amigos alemães, os quais falavam com ele em inglês ou português. Ele gostava da música, dos museus e achou maravilhoso que seus filhos tenham aprendido alemão tão rápido. Ele mencionava, como já foi dito, frases e expressões sobre as quais ele escrevia ou abasileirava em “modos antropofágicos”.

Como expressivo escritor brasileiro, ele pertencia aos autores que eram convidados para a Feira do Livro de Frankfurt para apresentar seus livros. Eu acredito que, na época, *A ilha do pavão* tivesse sido traduzida. Ele já havia estado antes na Feira do Livro em 1994, por exemplo, e então em 2013.

10. Você tem outros pontos a comentar?

U.H.: Mais tarde ele esteve novamente na Alemanha como correspondente da Copa do Mundo de 2006. Ele fez uma viagem pela Alemanha para assistir os jogos de diferentes lugares. Quando ele esteve hospedado no interior de Munique, em um vilarejo longe do centro urbano, ele me telefonou e pediu para reservar um hotel para ele e Berenice em Berlim. Então os dois chegaram, ficaram no Hotel Bogotá e nós assistimos juntos, em variados lugares, os jogos de futebol. Eu traduzi, então, uma crônica sua chamada *Die WM der Enttäuschung (A Copa do Mundo da decepção)* para o jornal *Berliner Zeitung*.

ANEXO C – OBITUÁRIO NO FRANKFURTER RUNDSCHAU

Brasilianer und Weltbürger

Frankfurter Rundschau

Frankfurter Rundschau, v. 19.07.2014, S. 36, Ausgabe: Deutschlandausgabe / Feuilleton | Deutschlandausgabe

Brasilianer und Weltbürger

Zum Tode des Autors

João Ubaldo **Ribeiro**
Von Wolfgang Kunath

Es war nicht das reale, moderne, dynamische, aufstrebende Brasilien, sondern das irrealere, das João Ubaldo **Ribeiro** beschrieb - oder oft genug auch erst erfand. Denn der Autor, der am Freitag 73-jährig in Rio de Janeiro überraschend an einer Lungenembolie starb, hatte eine geradezu tropisch wuchernde Phantasie. Und mit Witz und Phantasie war er auch nicht zu knapp ausgestattet worden. Sein Vater war Jurist und Polizeichef - und dennoch kümmerte er sich schon um die frühkindliche literarische Bildung des Knaben: Der kleine João musste dem Papa abends referieren, was er tagsüber so alles gelesen hatte.

Er studierte Volkswirtschaft, Juristerei, Politik, aber nichts davon richtig bis zum Ende, und dennoch - oder vielleicht auch deswegen - stieg er früh ein ins intellektuell-literarische Leben Brasiliens. Befreundet mit dem Cineasten Glauber Rocha - sie kannten sich von der Schule -, unternahm er als Gymnasiast erste literarische Fingerübungen. Mit 16 debütierte er im Journalismus, dem er die Treue hielt.

Sein erster großer Erfolg war "Sargento Getúlio" von 1971, heute eines der Schlüsselwerke über den Nordosten Brasiliens und die Macht und Herrschaft dort. Das Buch erhielt 1972 den begehrten Jabutio-Preis, die Kritiker überschlugen sich vor Lob und verglichen es mit den ganz Großen, mit Graciliano Ramos und Guimarães Rosa. Sein Hauptwerk "Brasilien, Brasilien" von 1982 war ein gewaltiger Bilderbogen der brasilianischen Geschichte, mit all ihren Passionen und Schrecknissen, mit ihrer Tragik und ihren Heiterkeiten. Und welche größere Würdigung kann ein Literat in Brasilien erfahren als dass sein Werk zum Thema eines Sambaschulen-Umzuges gemacht wird, wie es "Brasilien, Brasilien" 1993 widerfuhr? - "Das Lächeln der Eidechse" von 1994 und "Das Wunder Pfaueninsel" von 2000 erreichten solche Höhen des Erfolges nicht mehr.

Er stammte aus Bahia. Die Insel Itaparica südlich von Salvador war der Ort seiner aus der Gegenwart und der afrikanischen und indianischen Vergangenheit gespeisten Mythologien. Aber zugleich war er, der als junger Mann in Kalifornien gelebt und studiert hat und den USA in sonderbarer Hassliebe verbunden war, ein den Aktualitäten zugewandter Weltbürger. Sein DAAD-Aufenthalt in **Berlin** schlug sich in einer Reihe von Chroniken in der "Frankfurter Rundschau" nieder, später als "Ein Brasilianer in **Berlin**" veröffentlicht und viel gelesen. Seit 1991 lebte er, Mitglied der Akademie der Schönen Künste, im Stadtteil Leblon, wo die Lektüre seiner Sonntags-Chronik im "Globo" zum Ritual gehörte.

Quelle:	Frankfurter Rundschau, v. 19.07.2014, S. 36, Ausgabe: Deutschlandausgabe
Ressort:	Feuilleton
Ausgabe:	Deutschlandausgabe
Dokumentnummer:	fr_FRD_2F014931FB9001173000-DEUTSCHLANDAUSGABE

Dauerhafte Adresse des Dokuments:

https://www.genios.de/document/FR_4d4c8107dd505bbf9dd2a6aed5aad6172ce4578

Alle Rechte vorbehalten: (c) Frankfurter Rundschau GmbH

 © GBI-Genios Deutsche Wirtschaftsdatenbank GmbH

ANEXO D – TRECHOS INDICADOS

T1 Crônica: *Este, na verdade, não é o título que eu queria dar*

“[...] me puseram no singular cargo de ‘repórter de porto e hotel’. Ou seja, eu levantava o movimento do porto, às vezes fazia uma materiazinha com um navio qualquer e, de tardinha, ia para o único hotel de luxo da cidade, que era o Hotel da Bahia. Minha nomeação para o cargo foi porque eu já era metido a saber inglês nessa época e então toda noite estava no hotel, de capa e chapéu de gabardine, cigarro pendurado no canto da boca, ar meio entediado, igualzinho, achava eu, aos jornalistas e detetives de filmes americanos. Era um péssimo repórter, porque não conseguia insistir quando o sujeito não queria falar e não conseguia ser bom repórter.

Mas acabei não saindo do jornal. Fui copidesque, fui chefe de reportagem (nunca mais, Deus me proteja), fui editor de suplemento literário (no tempo em que eles eram gordões), colunista de reclamações, astrólogo de plantão (redigindo os horóscopos quando não havia como recortar um velho), colunista de ‘atividades rotárias’, articulista, piadista, cronista, editorialista, crítico literário, redator-chefe – e mais coisas ainda, muitas das quais esqueci, pois mesmo a enumeração que fiz aqui me parece hoje louca e fantasiosa, embora seja a pura verdade.” (RIBEIRO, 1998, p. 81)

T2 Trecho de entrevista

“Com relação ao mercado e à situação do escritor hoje no Brasil, eu posso falar por mim. Se você considerar a crônica um biscate literário, eu digo a você: não posso viver sem biscate. Preciso, sim, do que eu ganho com as crônicas. Não preciso desesperadamente, mas preciso.” (CADERNOS, 1999, p. 48)

T3 Trecho de entrevista

“É chato, muito chato [escrever uma crônica por semana]. Mas é um trabalho, e por isso eu não deixo para a última hora. Na verdade, eu posso entregar meu texto até quinta-feira, mas sempre entrego na quarta, mando por e-mail. Houve uma época em que eu escrevia num domingo, para publicar no outro. Só que ficava muito defasado. Como cronista, eu me prometi algum dia que jamais escreveria sobre a famosa falta de assunto. Para isso, desenvolvi um truque, que é me expor demais, colocar a minha própria vida na crônica, fantasiando muito, claro; você sabe, o poeta é um fingidor. Mas é um truque que tem dado certo. Na verdade, eu fui um dos primeiros a escrever em primeira pessoa na Bahia. Na época, isso era considerado até deselegante.” (CADERNOS, 1999, p.46)

T4 Trecho de entrevista

“O jornalismo dá disciplina. A matéria precisa ter 28 linhas e ponto. Quarenta e cinco linhas e ponto. Com horário marcado: o jornal fecha às 11 e 30. Não há saída, você tem que escrever.” (CADERNOS, 1999, p. 32).

T5 Crônica: *A problemática da radioatividade*

“Cheguei em casa cheio de brios, nada como um amigo sábio para pôr as coisas em seus devidos lugares. Já entrei de discurso engatilhado, pronto para proferi-lo dando tapas na máquina de costura, mas, quando procurei a mulher, não a encontrei. Procurei mais, fui achá-la dormindo no quarto.

- Mulher! – gritei escandalizado. – Você aí dormindo e eu aqui pensando em lhe arranjar uma ocupação! Que vergonha, você precisa escolher uma ocupação, isto assim não está direito!

- Mas eu já escolhi, querido – disse ela.

- E pode-se saber qual?

- Escritor, como você – disse ela, virando-se para o lado. – Apague a luz, por favor.” (RIBEIRO, 1998, p. 202-203)

T6 Crônica: *O livro: já devia estar acostumado, mas não estou*

“Na manhã seguinte, acordado desde cedo, encontro o livro em cima da mesa da sala de jantar, minha mulher tomando café na mesinha da cozinha. Ela estivera dando uma lidazinha no livro, era? Que tal, hein, que tal?

- Eu não estava lendo – disse ela. – Eu já li.

- Sim, mas nos originais. Quando o livro fica pronto é diferente.

- Você me disse. Aparecem os erros que, na revisão, ficam escondidos.

- Não é bem isso. O que quis dizer foi que...

- Eu sei, querido, eu vou ler o livro de novo, quando a gente voltar para Itaparica.

Quando a gente voltar para Itaparica? Que desinteresse, que desilusão! Mas também ela é uma boa mulher, já aturou dois anos de chatice literária, não se tem direito de torturar uma pessoa. Pois é claro que é porque ela na verdade não gostou do livro, dizia que estava gostando somente para me incentivar, se gostasse teria lido já alguma coisa. Bem, mas é isso mesmo, nada de dar bandeira dessas coisas, não é elegante.

- Então deve ter sido sua mãe – disse eu, aparentando displicência. – Foi sua mãe que ficou lendo ontem, não foi? Hein? Hein?

- Não, meu amor. Minha mãe já estava dormindo quando nós chegamos e ainda não acordou.

- Foi seu pai, então? Que bacana isso, hein? Sempre achei que ele não se interessava por essas coisas, veja você. Não há nada mais gratificante para um escritor do que despertar esse tipo de interesse. Fico...

- Não foi ele que estava lendo, querido. Ele também estava dormindo quando nós chegamos. Quem ficou aí lendo foi você mesmo. Lia, chorava, ria...

- Eu? Eu não me lembro de nada disso, não me lembro absolutamente.

- Claro que não, você não deve se lembrar de nada, do jeito que você estava.

- Lá vêm essas insinuações! Eu me lembro perfeitamente de tudo o que aconteceu ontem, absolutamente tudo!

- Você se lembra que tentou agarrar a Márcia Rodrigues outra vez e, se ela não corresse, terminava agarrando mesmo?

- Ai! Eu fiz isso mesmo? Ai meu Deus, eu fiz isso, eu não lembro, eu...

- Você quer que eu lhe lembre de mais coisas que você fez? Você queria ler o livro em voz alta – todas as 700 páginas – na casa da Verinha, queria...

- Chega, chega. É a emoção natural do lançamento. Um livro assim deixa o sujeito muito ansioso, muito...

- Eu sei, querido. Em circunstâncias normais, você não faria nada daquilo, conheço você.
- Muito obrigado. Será que alguém já leu?
- Como “alguém já leu”?
- Nem todo mundo leu os originais, como você. Então é lógico que alguém pelo menos tente ler o livro, me parece claro.
- Seiscentas e tantas páginas? De ontem à noite para cá?
- É, bem... Pelo menos umas cem, será que alguém já leu? Vou telefonar para uns amigos. Assim aos mais íntimos não pega mal telefonar, pega?
- Pega.
- Pega?
- Pega.” (RIBEIRO, 1988, p. 222-224)

T7 Crônica: *A redenção econômica da ilha*

- “- Que é isso, Cuiúba, os cientistas não fazem isso, não mentem dessa forma.
- Cientista não gosta de grana, não? Me responda essa pergunta socrática. Pode deixar, eu mesmo respondo esta. Gosta. Tinha um que eu vi na televisão, que estava cobrando para apontar o telescópio para o vaga-lume que só faltava esfregar as mãos, quando via a freguesia entrar. E não mentiram, não? Você mesmo não veio com um negócio de uma conversa que leu no jornal, o cientista declarando que ia ser um magnífico espetáculo, que um dia a gente ia olhar para o céu e ver o bichão lá? Eu vi a grana pingando no bolso deles, foi isso que eu vi. E nós nada. E você não quer reconhecer sua culpa?
- Mas como, minha culpa?
- Sua culpa. Você tinha que ter escrito no jornal que o melhor lugar de ver o cometa era aqui e avisado ao pessoal, para a gente alugar um barco, janela, morro, o que pintasse. Você podia até ter mandado botar na Globo, você falava com aquele amigo seu – um que vem aqui e fica dando risada o dia todo e gritando que é Tom Mix – sim, Daniel Filho, você falava com ele para ele botar Cid Moreira, ou senão aquele do esporte que só fala berrando, dizendo que é o melhor lugar do Brasil para ver o cometa era aqui e que trouxesse dinheiro porque a gente ia cobrar tudo.
- Que é isso, Cuiúba, eu não poderia mentir dessa forma, ia ficar muito chato.
- Ô, e é só cientista que pode mentir? Estamos na Nova República, meu amigo, qualquer um pode mentir pelo progresso da nação, progresso sem grana é como casamento sem cama. Não, senhor, você fugiu à sua responsabilidade, reconheça a verdade.” (RIBEIRO, 1988, p. 59-60)

T8 Crônica: *Encontrando a solucionática*

- “Sete Ratos é outro. Sempre um exemplo da moderação política, de posição levemente à direita do centro, vem assumindo posturas cada vez mais radicais.
- Resumindo – me disse ele exaltado, depois de uma palestra política que começou com uma análise do preço do quilo da arraia. – É tudo descarado! Meu lema agora é o mesmo do Dr. Marotinho, é pau nesse canalha!
- Aliás, o ambiente no mercado, principalmente agora que o veraneio passou e tem dias em que o sujeito pode se dar por feliz se vender um quilo e meio de cavala, é de grande ceticismo e franca oposição.
- Na minha opinião, deviam entregar tudo de uma vez aos americanos – disse Cacheado, durante o mocotó das seis horas da manhã. – Botava governador

americano, deputado americano, presidente americano, carteira de americano pra todo mundo, tudo americano.

- Ou senão japonês – disse Vavá Major. – Entupia isso aqui de japonês, num instante eles enquadravam todo mundo. Ou se enquadrava ou eles cobriam de porrada, japonês é assim, não cumpriu a obrigação, eles descem o cacete, eu sempre vejo na televisão.

- Eu entregava para os árabes – disse Sete Ratos. – Eles iam encher isso aqui de dinheiro, achavam petróleo em todos os quintais e depois o árabe tem a vantagem de o elemento não precisar esconder suas diversas mulheres umas das outras, é todo mundo na mesma casa, é uma grande economia.

- O problema – disse Benebê – é que eles não aceitam. Nem pagando eles aceitam. Quem é que vai aceitar um abacaxi desses? E, se eles aceitarem, quem é que vai pagar a dívida? Eles mesmos? Essa não, americano não é besta não, besta é quem pensa que americano é besta e brasileiro é sabido.

- Mas também não é assim, o Brasil possui muitas riquezas.

- Mas isso é só a casca. A casca é interessante, mas e o recheio?

- Que recheio?

- Gente. Com gente em cima eles não aceitam. Se fosse só a casca, acredito até que aceitassem, isso aqui é muito terreno, muita área boa, tem minérios... Mas com o recheio eles não aceitam.

- Raciocinei! – disse Cuiúba, que está de boné francês novo e cada dia mais filosófico. – Mas é claro! Você que é escritor, embora nunca tenha visto você escrever nada, não acha claro?

- Claro? Como assim?

- Pelo que Benebê disse, você não acha claro, não? Para mim é claro, claro como água. O que Benebê disse está certo, com gente dentro eles não aceitam. Cento e não sei quantos milhões e tudo sem dente, grosso e analfabeto, eles não aceitam. No máximo aí uns quinze milhões, que também eles não iam querer ficar sem porteiro de edifício, motorista, essas coisas. Então para mim é claro.

[...]

- Do ponto de vista deles, a política deles está certa, é pau no povo. Vai morrendo tudo de fome e de tudo que é doença e aí, daqui a alguns anos, quando não sobrar quase mais ninguém, eles vão aos americanos ou aos japoneses...

- Ou aos árabes, aos árabes! As mulheres lá...

- Ou aos árabes. Eles vão lá e falam “meus caros senhores, o país está na casca, só sobramos nós e os nossos parentes, de maneira que aqui estão as chaves, muito obrigado, a comissão de corretagem fica a seu critério, qualquer bilhão de dólar serve”.

- É, Cuiúba, pensando bem, você deve ter razão.

- Devo não, tenho. Há muito tempo que eles encontraram a solucionática da problemática deles. A deles. A nossa não é com eles, cada qual que procure suas melhoras.” (RIBEIRO, 1988, p; 71-74)

T9 Crônica: *A raiz de mandioca da Viúva Monção*

“Tanto assim que lhes passo como verdade verdadeira o conselho que ele deu a todo proprietário de jardim ou arezinha onde possa plantar. O conselho é o seguinte: arranje uma manaíba, enfie lá e esqueça. Manaíba é o nome dado a uma raiz de mandioca que se usa para reprodução, uma espécie de muda ou semente.

- Mas pra que é que eu quero um pé de mandioca no meu quintal, Zé?

- O que é que eu falei? Eu disse “plante uma manaíba e esqueça”. É pra esquecer.

- Mas, se é pra esquecer, pior ainda.

- É porque você não sabe do caso da Viúva Monção.

- A Viúva Monção?

- Você não conheceu, não foi de seu tempo aqui. Mas a Viúva Monção plantou uma manaíba de aipim na horta dela, esqueceu e, quando foi limpar o terreno, tirou uma macaxera de sessenta e quatro quilos!

- Como é que foi, Zé?

- Um aipim de sessenta e quatro quilos! Sessenta e quatro quilos! Agora, imagine isso aí, jardim por jardim, quintal por quintal. Não havia mais o problema da fome.

- Não sei não, Zé. Se tirassem a patente dessa manaíba da Viúva Monção, iam fundar a Mandiocabrás, criar o imposto sobre produtos da manaíba e exportar a manaíba toda.

- Isso é verdade. E, porque gringo não come aipim, iam acabar não deixando ninguém plantar aipim. Não, esqueça. Nunca houve esse aipim de sessenta e quatro quilos, da Viúva Monção.

- Mas você falou...

- Isso é porque a pessoa esquece que existe governo e aí vai fantasiando umas bobagens. Mas depois lembra que existe governo e aí lembra que uma mandioca dessas havia de ser ilegal, visto a falta de comida até hoje ter sido programa de governo do governo.

- Zé – disse eu –, você devia ser ministro.

- Deus me livre – disse ele. – Eu sou contra a fome.” (RIBEIRO, 1998, p. 66-67)

T10 Crônica: *O triste caso de Ferrolho e Sorte Grande*

“Entre os inúmeros empreendimentos de meu amigo Zé de Honorina, que o tornam um capitalista de destaque aqui na ilha, encontra-se uma horta acoplada com galinheiro, de produtividade renomada em todo o Recôncavo. O galinheiro apresenta uma singularidade digna de nota: Zé se recusa a comer as próprias galinhas, cria mil dificuldades para vender uma e os únicos ovos que ele deixou de mandar chocar foram a dúzia que ele deu de presente à minha filha Chica, quando ela ficou gripada e recomendaram gemadas. Como sabe que isso vai contra o espírito de lucro que deve nortear a empresa, ele nega que age assim, mas a verdade é que tem suas galinhas em elevada consideração, conhece todas pelo nome e uma vez, quando juntos tomávamos umas talagadzinhas para enfrentar a borrasca prevista por Luiz Cuiúba (fez sol o dia todo, mas ficamos gratos a Cuiúba do mesmo jeito), ele me confessou que se consideraria um canalha, se traísse a confiança de uma galinha sua.” (RIBEIRO, 1988, p. 77)

T11 Crônica: *Arte e ciência de roubar galinha*

“A gente tem a tendência de pensar que só o que nós fazemos é difícil e complexo, cheio de sutilezas e complicações invisíveis aos olhos dos “leigos”. Isto, naturalmente, é um engano que a vida desmascara a todo instante, como sabe quem quer que já tenha ouvido com atenção qualquer homem falar de seu trabalho, que sempre, por mais simples, envolve atividades e conhecimento insuspeitos.

Assim é, por exemplo, roubar galinha. Tenho um amigo aqui na ilha que é ladrão de galinha. Chamemo-lo de Lelé, como naqueles relatos verídicos americanos em que se trocam os nomes para proteger inocentes. Só que, naturalmente, a nossa troca se faz para proteger um culpado, no caso o próprio Lelé. É bem verdade que todo mundo aqui sabe que ele rouba galinha, mas não fica bem botar no jornal, ele pode se ofender.

Pois Lelé me tem demonstrado com eloqüência toda a arte e ciência de roubar galinha, que requerem longo, paciente e estóico aprendizado, além, é claro, de vocação e talento, pois sem estes de nada adianta o esforço. Roubar galinha é uma especialização da galinhologia geral, ramo do saber complicadíssimo, como verifico todos os dias, ao visitar o galinheiro de Zé de Honorina e ouvir as novidades do dia. Zé, que utiliza recursos psicológicos sofisticados para induzir as galinhas ao choco, calculou mal a lua, calculou mal os passes lá que ele faz – resultado: todo mundo choco no galinheiro, um có-có-có que ninguém agüenta e Ferrolho, o galo, indignado com a situação (eis que galinha choca não quer nada com a Hora do Brasil), chegando mesmo a agredir o próprio Zé.” (RIBEIRO, 1998, p. 73-74)

T12 Crônica: Leite de porca é bom e faz crescer

“Aqui em Itaparica, existe grande sabedoria zoológica. Aliás, venho advertindo seguidamente zoólogos desta tribuna popular a respeito da necessidade urgente de investigar certos fenômenos aqui na ilha que desafiam as leis biológicas universalmente aceitas. Ninguém me ouve, pensam que estou mentindo. Mas Sete Ratos mesmo, outro dia no Mercado, me contou que viu, com seus dele olhos que a terra há de comer – e não foi uma nem duas vezes, não, foram várias –, um caramuru namorando com uma cobra. Caramuru é um peixe feroz, cuja carne é muito apreciada pelos gurmês da ilha, semelhante a uma enguia e, portanto, parecido com uma cobra. Pois Sete Ratos – peixeiro afamado, homem sério e de trabalho, chefe de não sei quantas famílias e pai de mais de vinte e cinco filhos, homem desses que só abrem a boca para dizer a verdade – me contou que cansou de ver caramuru namorando com cobra. Estou dando a sensacional informação exatamente como ele a passou, exceção feita ao verbo “namorar”, que não foi realmente o que ele empregou na ocasião.

Isto para não falar em experiências e constatações mais sensacionais ainda, tais como as relacionadas com a melhoria dos padrões genéticos dos galos de briga. Sete Ratos, que abandonou os galos por desgosto com a decadência ética do esporte, continua a entender do assunto e me revelou que um dos galos mais brabos que existem é o raceado com jacu. Inicialmente, duvidei um pouco, mas peixeiros e pescadores respeitados pelos seus conhecimentos em toda a ilha, tais como Cacheado, Eduardinho, Maluco, Güeba e muitos outros, me garantiram que é pura verdade e matam a cobra e mostram o pau: quem quiser verificar pessoalmente essa história de galo de briga raceado com jacus pode procurá-los, eles sabem de gente que faz esse tipo de criação. Zé de Honerina, por outro lado, está disposto a oferecer a qualquer duvidador o nome e o paradeiro de um seu amigo, dos tempos em que Zé foi bamba do Estácio, no Rio de Janeiro, que cruzava urubu com galinha de briga. Dizem que o produto é ainda mais brabo do que o do jacu, requerendo, inclusive, que se conserve apenas, nos galos que vão para a rinha, um quarto ou um oitavo de sangue de origem urubuzal.

Meu primo Zé de Neco não só consegue pombos de dois a três quilos (é bem verdade que ele ainda não fez uma exposição desses famosos pombos a ninguém,

mas não seria eu que duvidaria da palavra de um parente que não bebe, não fuma e só sai do recesso do lar para resolver negócios e reclamar do governo), como também entende muito dessa coisa de racear galo de briga com outros bichos de asa, e não duvido nada que já tenha obtido um frango de galinha de briga com gavião. Ele acredita que, com persistência, o casal de perus que Zé de Honorina está criando no meio das galinhas poderá também render um galoru ou uma perulinha, ainda mais sabendo-se que o celebradíssimo Ferrolho, galo do terreiro do Zé, não perdoa nem capão, que dirá perua.” (RIBEIRO, 1998, p. 139-140)

T13 Crônica: *Itaparica by night*

“Assim, qual não é a minha surpresa quando, ao desfilar solitário pela beira do cais, aí pelas dez e meia da noite, tudo deserto (“o movimento da lanchonete hoje foram quatro cervejas”, me havia dito Zé de Honorina rancorosamente), topo como Isaías Português que, muito lépido, vai na direção da ponte nova.

- Isaías, você por aqui a esta hora? Alguma festa?

- Pois!

- Festa mesmo?

- É como se fosse. Vou ao novo bar.

- Ao novo bar? Tem um novo bar na cidade?

- Ah, não sabia? Pois! É, é! Um novo bar, coisa porreira mesmo!

- Ai, que estás a dizer-me? Antão vais aos copos?

- Aos copos e às miúdas!

- Às miúdas? Como “às miúdas”? Que miúdas? Miúdas do tipo daquelas que ficam a passar acima e abaixo na Avenida da Liberdade?

- Pois! Desse mesmíssimo tipo. Só que novinhas, bonitinhas, todas com dentes, bestiais mesmo.

- Antão já estiveste lá antes?

- Não, esta é a primeira vez. Mas disse-me o italiano...

- O italiano? Que italiano?

- Um italiano novo que chegou aí, foge-me o apelido, é um nome italiano desses. Esse italiano montou o bar naquela barcaça imensa que vive atracada à ponte nova, diz-me que está catita, tudo muito moderno e com camarotes.

- Com o quê? O quê?

- Ca-ma-ro-tes, é o que estou a dizer-te!

- Troças, Isaías, fazes piada.

- Não, senhor, não faço piada, não senhor! Bar, miúdas e camarotes, é o que te digo! Se não acreditas, por que não me fazes companhia?

- Mas, Isaías, tu achas...

- Anda lá!

- Mas não achas que, se as nossas santas esposas vierem a saber desta proeza, não será uma grande estopada? Olha que vão ficar mesmo nas tintas, se souberem!

- Disse lá à minha que ia até a Fonte da Bica para fazer o quilo, pois a caldeirada que comi à ceia bateu-me na fraqueza.

- Bem pensado, caríssimo Isaías. Aos copos e às miúdas!

[...]

O italiano foi muito efusivo, levou-nos ao *main lounge*, onde havia um barzinho bem arrumado e moças dançando. Novinhas, bonitinhas, todas com dentes. Isaías e eu sentamos, o italiano soube que eu era escritor, levantou-se maravilhado, bateu no

peito e, quase às lágrimas, recitou Dante. Tivemos um papo literário e, subseqüentemente, observamos a falta de outros freqüentadores. Além de nós três, só havia as moças.

- *Questo è il problema* – disse o italiano. – *Qui non* tem homi.
- Não tem homem? Bem, eu e o Isaías somos homens, hein Isaías, ha-ha!
- E muito homens!
- *Ma* vocês... *No* me refiro *in questo* sentido.
- Ah, em outro sentido, ah, sim.” (RIBEIRO, 1988, p. 52-53)

T14 Crônica: *Educação financeira*

“Nossa situação alemã é, por conseguinte, delicada. Não me refiro à ofensa infligida sobre um amigo meu daqui de Berlim, que não compreendeu nossa hilaridade, quando manifestou preocupação sobre a possibilidade de a inflação aqui ir a mais de três por cento ao ano, quando a nossa era também de três por cento, só que ao dia. (Depois ele compreendeu e, comiserado, me ofereceu um uísque duplo.) Refiro-me à educação financeira da família. Nenhum brasileiro se abaixa para pegar uma moeda caída no chão. Meus filhos, por exemplo, só usam moedas brasileiras para escorar portas, fazer chocalhos, entupir pias e atirá-las uns nos outros. Mas agora estamos na Alemanha e aqui, embora os alemães se queixem (ha-ha-ha-ha!), dinheiro aqui é dinheiro e a família não pode sobreviver, se continuarmos a ter moedas espalhadas pela casa de forma tão promíscua que, outro dia, fomos esvaziar o saco de aspirador e encontramos quantia suficiente para comprar um Trabant de segunda-mão.

A inevitável campanha educativa que encetamos foi, no começo, bem difícil. Berrar “*das ist Geld, das ist Geld!*” provou-se inútil, porque, mesmo traduzido, dinheiro no Brasil não quer dizer nada. Chegamos a fazer vários seminários domésticos para incutir o respeito por um *pfennig*, mas não adiantou. Até que, Deus seja louvado, a famosa inventividade brasileira acabou por triunfar. Resolvemos dar um nome a cada moeda. Esta aqui é Frau Wein, a professora de meu filho Bento, na Hallensee Grundschule. Frau Wein é tão boazinha, você vai querer que ela fique rolando por aí? Esta aqui é o Marc, seu amigo na escola, você vai querer que ela fique rolando por aí? Esta aqui é nossa amiga Ute, você vai querer mesmo enfiar Ute no sabonete?

Tem dado certo, se bem que fica difícil lembrar o nome de cada moeda, embora os meninos lembrem. E é difícil também porque, outro dia, quando a caixa do supermercado da esquina quis facilitar o troco, me pedindo uma moeda de 50 *pfennige*, eu sem notar tirei Frau Wein do bolso e Bento protestou: “Frau Wein, não, ela é nossa!”. Concordei, guardei Frau Wein escrupulosamente e a pus de volta aqui na pilha de moeda do meu estúdio, junto com a Ute, o Marc, a Michi, a Ray, o Dietz, o Bernt [sic] e tantos outros amigos alemães.” (RIBEIRO, 1995, p. 46-48)

T15 Crônica: *Procurando o alemão*

“No começo, parecia fácil. Afinal, estamos na Alemanha e encontrar um alemão devia ser comuníssimo. Durante muito tempo, chegamos mesmo a achar que já conhecíamos uma porção de alemães. Mas agora não. Agora sabemos que as coisas não são tão simples assim e estou até com certo receio de que chegue a hora de voltarmos ao Brasil sem termos sequer visto um único alemão. Comecei a descobrir isto por acaso, conversando com meu amigo Dieter, que eu pensava que era um alemão.

- Que coisa – observei, enquanto bebericávamos uma cervejinha num boteco da Savigny Platz –, já faz um ano que moro na Alemanha, como o tempo passa depressa!

- Sim – disse ele. – O tempo passa depressa, sim, e você acabou não conhecendo a Alemanha.

- Como “não conhecendo a Alemanha”? Durante este tempo todo, eu praticamente não saí daqui.

- Exatamente. Berlim não é a Alemanha. Isto aqui não tem nada a ver com a verdadeira Alemanha.

- Nunca esperei ouvir isso em minha vida. Se Berlim não é a Alemanha, não sei mais o que pensar, tudo o que aprendi sobre a Alemanha até hoje deve estar errado.

- Então você acha que uma cidade como esta, com gente de todo o mundo, onde a maior dificuldade é achar um restaurante que não seja italiano, iugoslavo, chinês ou grego – tudo menos alemão – e o almoço de noventa por cento da população é *döner kebab*, onde você pode passar a vida toda sem falar uma palavra em alemão, onde todo mundo se veste de maluco e usa penteados que parecem uma maquete da Philharmonie, você acha que isto é a Alemanha?

- Bem, sempre achei, não é? Afinal, Berlim...

- Pois está muito enganado, enganadíssimo. Berlim não é a Alemanha. A Alemanha, por exemplo, é minha terra, onde você nunca esteve.

- É, talvez você tenha razão. Afinal, você é alemão e deve saber o que está dizendo.

- Eu não sou alemão.

- Como? Ou eu estou maluco, ou você quer me deixar maluco. Você acaba ou não acaba de dizer que nasceu numa terra verdadeiramente alemã?

- Sim, mas isso não quer dizer nada, no caso. Minha terra é alemã, mas eu não me sinto alemão. Não me identifico com o espírito alemão. Acho os alemães um povo sombrio, sem graça, fechado... Não, eu não sou alemão, me identifico muito mais com povos como o seu, gente alegre, relaxada, risonha, comunicativa... Não, eu não sou alemão.

- Dieter, deixe de conversa, claro que você é alemão, nasceu na Alemanha, tem cara de alemão, sua língua é o alemão...

- Minha língua não é o alemão. Eu falo alemão, mas, na verdade, minha língua-mãe é o dialeto lá da minha terra, que parece com alemão, mas não é. Mesmo depois de anos morando aqui, eu me sinto mais à vontade falando meu dialeto, é muito mais espontâneo. E, lá em casa, se eu não falar a língua da nossa terra, minha avó não entende nada.

- Espere aí, você aí está me confundindo cada vez mais. Você disse que sua terra é alemã por excelência e agora diz que lá não se fala a língua da Alemanha. Eu não estou entendendo.

- Muito simples. Isto que você chama de língua da Alemanha, é o *Hochdeutsch*, que não existe, é uma invenção, uma abstração. Ninguém fala *Hochdeutsch*, a não ser na televisão e nos cursos do *Goethe Institut*, é tudo mentira. O verdadeiro alemão não fala *Hochdeutsch* em casa, a família toda ia pensar que ele estava maluco. Nem o Governo fala *Hochdeutsch*, antes muito pelo contrário, basta ouvir certos discursos por aí. Está cada vez mais claro que você não conhece mesmo os alemães.” (RIBEIRO, 1995, p.99-102)

T16 Crônica: *Batalhas culturais*

“[...] Marc, um alemãozinho sisudo e compenetrado, é colega e amigo de Bento. Identificam-se pelos interesses intelectuais comuns, tais como passar dezoito horas seguidas jogando *video games*, tomando suco de laranja em quantidades industriais e de vez em quando parando para gritar *‘Ich habe die Kraft!’* Muito educado, só se exaltando um pouco quando assume sua identidade secreta de *He-Man*, Marc sempre foi bem recebido. Mas era tratado da mesma forma que os outros meninos que circulam aqui em casa – talvez oitenta por cento da população infantil de Berlim, segundo meus cálculos, em certas tardes nas quais ninguém aqui consegue ouvir a própria voz ou ir ao banheiro sem se inscrever com pelo menos duas horas de antecedência.

Chegou, porém, o dia do Primeiro Almoço e foi aí que Marc se revelou especial. Bento o convidou para almoçar e ficamos preocupados, porque a comida era toda brasileira. Não era melhor providenciarmos para ele algum prato típico de Berlim? Talvez uma *Pizza* ou um *Donner-Kebab*, quem sabe *Çevapçici* com *Pommes frites*, quiçá um *argentinischer Rumpsteak* – enfim, uma dessas comidas tão alemãs, cujos cheiros sempre nos evocarão Berlim. Marc, muito sério e de braços cruzados, foi inspecionar o fogão. Feijão preto, guisado com lingüiça, arroz temperado, lombo de porco à carioca e farofa (farinha de mandioca passada na manteiga e misturada com alguns temperos – coisa que a maioria dos alemães jamais pôs os olhos e, ao experimentar, declara que pó-de-serra deve ser mais saboroso). Marc fez algumas perguntas rápidas sobre que comidas eram aquelas, ouviu as respostas assentindo gravemente com a cabeça e afirmou que estava tudo muito bem, aquela comida era perfeita, o que demonstrou na prática logo a seguir, comendo de tudo e repetindo feijão com farofa duas vezes.

Fiquei emocionado. Marc era agora a cabeça-de-ponte de minha batalha cultural. Um jovem alemão exposto tão vitalmente à cultura brasileira, ali estava um futuro amigo e amante do Brasil, minha missão cultural abria um novo e fecundo horizonte. Com orgulho paternal, passei a abrir a porta para Marc nos nossos cada vez mais freqüentes almoços e responder-lhe ‘sim, sim, meu caro Marc’, quando ele perguntava se hoje tinha faar-rô-fah. ‘Esse menino é um talento’, dizia eu a minha mulher. ‘Precisamos dar um jeito de ele pelo menos passar umas férias no Brasil.’” (RIBEIRO, 1995, p. 77-79, grifos do autor)

T17 Crônica: *A velha cidade guerreira*

“Um velho comunista amigo meu, também escritor, me deu um telefonema perplexo, quando o muro começava a desaparecer e as novas da Europa Oriental nos atropelavam a cada hora. Durante décadas, ele amargurou todo o tipo de perseguição, ostracismo, prisão, clandestinidade, exílio, perdas humanas e materiais. Assim como ele, que pelo menos está vivo e sadio, milhares e milhares de outros brasileiros, milhões e milhões de outros homens e mulheres pelo mundo afora, uns à esquerda, outros à direita. A troca de quê? – me perguntava ele. A troca de quê, tanto sofrimento, tanta desilusão, tantas mortes, torturas e angústias? Que se obteve por via de tanto rancor e ódio, tantos corações amargurados, tantas famílias destruídas, tantos jovens que não tiveram tempo de viver, tanta coisa em que, se formos pensar muito, não poderemos conter a náusea e a angústia?

Não soube responder-lhe, claro.” (RIBEIRO, 1995, p. 37-38)

T18 Crônica: *A formação do jovem*

“[...] quando eu estava na sala, lendo o jornal, e minha mulher apareceu na companhia dele, que vinha com uma cara meio intrigada.

- Pronto – disse ela. – Converse aí com seu pai.

- Converse com seu pai o quê? – disse eu, que ainda não tinha me recuperado do arrupeio.

- Ele precisa ter uma conversa de homem para homem com você.

- Conversa de homem para homem? Ele disse isso?

- Não, não disse. Eu é que achei que era conversa de homem para homem. Pai é pai. Bem, com licença, que eu tenho que ir lá dentro tratar o peixe.

- Tratar o peixe? Você, tratando peixe? Mentirosa! Você já ameaçou fugir de casa, se tivesse que tratar peixe! Não existe essa conversa de homem para homem! Volte aqui! Mulher machista! Não me deixe sozinho aqui! Machista!

- Está bem, se você quiser eu fico.

- Não, tudo bem, besteira minha, eu compreendo essas coisas, besteira minha.

Eu posso perfeitamente conversar com meu filho.

- Então tudo bem, eu vou lá dentro.

- Está bem. Espere aí, só um instantinho. O que é que ele quer conversar?

- Ele quer saber o que é camisinha.

- Hein? O que é... Pra que ele quer saber o que é camisinha? Que idéia é essa? Volte aqui! Mulher machista, volte aqui! Se você me deixar sozinho aqui, é o divórcio, entendeu, é o tudo acabado entre nós hoje de madrugada! Fique aqui! Que cara é essa, por que esse olhar fixo em mim?

- Eu estou esperando que você dê a explicação.

- Camisinha... Por que é que você quer saber o que é camisinha, Bentão?

- Eu vi na televisão. O homem disse que todo mundo deve usar a camisinha para não ficar doente no hospital. Você usa camisinha?

- Eu... Mulher!

- Você disse que podia perfeitamente conversar com o seu filho.

- Sim, claro. Mas você podia ajudar, você bem que podia!

- Você me dá uma camisinha sua, pai? Se eu não usar a camisinha, eu também fico doente no hospital?

- Bem, a camisinha... Mulher, como é que eu faço?

- Se eu soubesse, eu fazia.

- Bem, meu filho, a camisinha... Vamos fazer o seguinte, depois eu explico, está bem? É um pouco complicado, eu vou pensar num jeito de explicar, está bem?

- Está. Mas você promete que usa a camisinha para não ficar doente no hospital? Eu não quero que você fique doente no hospital.

- Prom... Depois eu explico, depois eu explico, filho, está bem?” (RIBEIRO, 1988, p. 106-107)

T19 Crônica: *Os pequeninos ajudantes*

“[...] ontem vivemos a emocionante experiência de mandar Bentão buscar, de manhã cedo, meio quilo de café no bar de Espanha.

- Você acha que ele está preparado? – perguntei a minha mulher. É uma tarefa complexa. Meio quilo de café assim...

- Para ser sincera, não, mas, se ele não for, quem vai ter que ir é você.

- Ele está preparado. Na idade dele, eu já ia na bodega do Seu Barreto quase todo dia, para buscar uma garrafa de Clarete Único para meu pai, me lembro como se fosse hoje.

Bentão demorou um pouco para achar suas sandálias (achou uma; a outra quem teve que achar fui eu – estava junto da mão dele) e saiu na maior disposição. Fiz as recomendações de praxe – atravesse a rua com cuidado, vá pela calçada, não corra, não invada a loja de Joaquim para pedir coisas, não meta o dedo no olho do cachorro de Esmeraldo e não compre chicletes – e, orgulhosamente, contemplei o homenzinho saindo de cabeça erguida, consciente da responsabilidade de sua missão.

Estou eu na sala uns cinco minutos depois e irrompe ele, com a cara mais lavada do mundo.

- Minha mãe disse para você escrever aqui neste papel “meio quilo de café”.

- Escrever? Por que escrever? Você não já foi no bar de Espanha?

- Fui, mas, quando cheguei lá, eu esqueci.

- Esqueceu o quê?

- Eu esqueci “meio quilo de café”.

- Esqueceu mei... Mulher! Ele esqueceu “meio quilo de café”!

- Eu sei – disse ela. – Deve ser de família. Anteontem você não amanheceu perguntando se tinha jantado e onde tinha estado a partir das nove horas da noite?

- Mas eu tinha beb... Esqueça isso, o exemplo é inadequado. Muito bem, meu filho, aqui está o papel: meio quilo de café. Entregue isso a Espanha e traga o café.

Ele pegou o papel, lançou-se pela varanda, tropeçou no batente, caiu estrepitosamente por cima de um banco de madeira, foi ao chão, ralou o joelho todo e abriu o berreiro, com o grito de guerra habitual quando ele se corta ou sofre uma escoriação (ou seja, de quinze em quinze minutos):

- Uai! Mertiolate, não! Mertiolate, não! Mercúrio, mercúrio! Uai!

Nada de muito grave, mas agora o segundo fracasso recomendava que se cancelasse a missão, uma terceira tentativa seria uma temeridade. Eu mesmo, claro, fui buscar o café. Voltei, perguntei se o café ia demorar para ficar pronto, minha mulher saiu lá de dentro com a cabeça e a roupa cobertas de folhas de mangueira secas, na sorridente companhia de minha filha Chica, de três anos, igualmente enfolhada.

- Chica foi me ajudar espontaneamente e varreu as folhas todas do pátio para dentro de casa – explicou minha mulher. – Que acontece quando entra folha de mangueira no motor de um circulador de ar? Pelo cheiro, deve ser parecido com Chernobil.

- Como é que você quer seu café, fraco ou forte? – disse eu.” (RIBEIRO, 1998, p. 237-239)

T20 Crônica: *Posições políticas*

“- É o seguinte: estamos trabalhando para mandar dinheiro para o americano. Então o pessoal não está querendo mais trabalhar, você sabe que todo mundo aqui na ilha é patriota.

Achei uma posição válida. Como eram ainda seis horas da manhã, eu estava apenas conduzindo minha inspeção diária no mercado, antes de começar a trabalhar, decidi não começar a trabalhar. Cheguei em casa, minha mulher já estava acordada para iniciar mais um dia de vida despreocupada e feliz, rodeada por seus queridos petizes, submergida em fraldas, loções de bebê, destroços de brinquedos, resíduos

alimentares das mais variadas procedências e diversos materiais irreconhecíveis – modéstia à parte, acho que minha mulher padece no paraíso melhor do que ninguém.

- Mulher – anunciei. – Hoje não vou trabalhar.

- Que é que você está me dizendo? – respondeu ela. – Segure isso.

Segurei isto, no caso meu filho Bentão, 18 quilos bem pesados, que toda vez que vê a mãe pôr no colo a irmã Chica (que está prevista para jogar na Seleção Brasileira de basquete, mas por enquanto apresenta físico assim mais para lutador de sumô, um pouco mais fortezinha), alega tremendas cólicas, que só passarão se ele for para o colinho.

- Eu não vou trabalhar hoje porque Sete Ratos me deu uma explicação muito interessante, lá no mercado. Nós estamos trabalhando para pagar aos americanos. Você acha que eu devo trabalhar para pagar aos americanos?

- Claro que não, querido.

- É uma posição política, você percebe?

- Percebo. Fico muito contente com essa sua posição política, que, aliás, chega em boa hora. Eu também vou tomar uma posição política. Já que você não vai trabalhar, assumo aí, que eu vou dormir. Também não quero trabalhar somente para pagar aos americanos.

- Mas isso é diferente, você não trabalha e...

- Perfeitamente. Não trabalho e, por conseguinte, não é nenhum trabalho você cuidar desses dois aí, enquanto eu vou para o quarto tomar minha posição política.

- Você está confundindo as coisas, a minha posição é em defesa da sobrevivência do povo brasileiro.

- Segure isto – disse ela, me entregando Chica, que pesa menos do que Bentão, mas só uns 50 gramas.

Segurei Chica, pensei vagamente em concorrer nas Olimpíadas.

- Povo brasileiro! – discursou-nos minha mulher. – Neste momento, em que atravessamos tão grave crise pela nossa sobrevivência, quero chamar a atenção de todos para a sobrevivência da mãe! Sem a mãe...

Quando ela terminou o emocionado discurso, estávamos às lágrimas. Chica porque tinha sujado a fralda toda, Bentão porque queria mamãe e eu porque tinha avaliado mal as conseqüências da minha atitude política e agora ia passar a manhã toda cuidando das duas pequenas alegrias do lar, enquanto a mãezinha delas tirava o sono atrasado. Olhei para a cara de Chica, olhei para a fraldinha e, enquanto Bentão me chutava as costelas, achei que talvez trabalhar para pagar aos americanos tivesse lá suas compensações. Arrependi-me imediatamente do meu desvio ideológico, fiz autocrítica, fui limpar Chica para me reeducar pelo trabalho. Essa desgraçada dessa dívida externa atrapalha a vida de todo mundo.” (RIBEIRO, 1988, p. 66-68)

T21 Crônica: *Sexy Brasil, sexy Berlin*

“Com dois filhos pequenos e uma certa reputação a manter, temos sido tropicais cautelosos, aqui em Berlim. Mas está ficando difícil, notadamente diante do famoso *Sexy Berlin* e dos graves acontecimentos na Hochmeisterplatz. Não sei bem o que é *Sexy Berlin*, mas outro dia pegamos nosso filho Bento assistindo a *Sexy Berlin* na tevê que, para seus oito anos, talvez seja um pouco prematuro, já que *Sexy Berlin* se resume à apresentação de – como direi? – senhoras em situações íntimas. Bento quis saber se é assim que as senhoras aparecem à noite, aqui em Berlim, asseguramos-lhe que não, nada disso, era um episódio isolado, nada disso. Mas ele continua a ser um espectador assíduo, toda vez que não estamos vigilantes.

Reagindo contra a impressão errônea que isto pode dar a ele, sobre o país amigo que hora nos hospeda, atacamos de ecologia. Não, não, ele vai passar o tempo livre num parque aqui perto, com outros meninos. E assim descobrimos a boa Hochmeisterplatz, onde nossa esperança era cansá-lo o suficiente para que ele não tivesse forças para sair da cama tarde da noite e ir ver *Sexy Berlin*.

Ai de nós, não deu certo, porque, no primeiro dia quente que fez aqui, ele, que gosta mais de comer do que de qualquer outra coisa (ou gostava, já não sei bem), veio almoçar a pulso, perguntando a que horas ia voltar para a praça. Estranhei o interesse e ele acabou me confessando, com os olhos ainda mais arregalados do que durante o *Sexy Berlin*: “Pai, estava todo mundo nu, lá na Hochmeisterplatz! E também tinha duas moças se beijando na boca!”

Bem, explicações, explicações, aqui ficar nu na rua não é como no Brasil, aqui é normal, lá é que é indecente, o pessoal aqui só quer tomar um solzinho e trocar uns beijinhos amistosos na frente dos outros. Mas receio que não adiantou muito, embora, de tudo isso, possamos retirar o velho truísmo de que a vida é cheia de ironias. Pois Bento, conversando comigo ontem, de homem para homem, me confessou que quer virar alemão. Aqui é muito melhor, aqui o negócio é quente, não tem uma porção de melindres e fricotes, como no Brasil.

- Só uma coisa – concluiu ele, pensativo. – Não vou mais convidar vovó para visitar a gente. Aqui ela não ia poder nem ir ao parque, nem assistir tevê, que ela não tá acostumada com essa safadeza da Alemanha, não é?” (RIBEIRO, 1995, p. 30-32)

T22 Crônica: *O inverno, este desconhecido*

“- Mas é verdade! O lago congela, o sujeito vai lá, serra um buraco no gelo, enfia a linha e pesca.

- E o peixe já sai congeladinho, escamadinho, desossadinho e empacotadinho, não sai, não? Não sai temperado também, não? Conversa, rapaz, não está vendo que não pode ser, que ninguém ia morar numa desgraça dum lugar desses? Essa conversa toda é chute, eu posso lhe provar que é chute. Quer ver? Por exemplo, esse negócio de ainda estar escuro às nove horas da manhã, você não disse que isso era na Alemanha?

- Disse.

- Pois então, pois aí é que eu lhe provo. Eu posso desconhecer a Alemanha pela geografia, porque não sei onde fica, só sei que fica distante. Mas pela fama eu conheço e todo mundo sabe que alemão é o povo mais organizado do mundo, depois do suíço. Por conseguinte, nenhum alemão ia admitir essa esculhambação. Manhã é manhã, aqui, na Alemanha, em qualquer lugar. Quando o governo alemão visse que só clareava às dez horas, imediatamente baixava o decreto: de agora em diante, as seis horas da manhã passam a ser às dez. Todo mundo sabe que a hora certa de clarear é seis da manhã e não ia ser o governo alemão que ia admitir logo a Alemanha dar o mau exemplo de desorganização.

[...]

Formada em meio a esse ceticismo, a família, estava, naturalmente, desprevenida para os rigores do inverno. Senti-me na obrigação de realizar pelo menos um seminário preparatório. Comecei com informações básicas numa conferência preliminar em que abordei diversos tópicos, tais como o que é inverno, o que é frio (com uma aula prática mais ou menos dentro da geladeira), o que é uma ceroula, porque não se pode passear no Halensee de bermudas e sem camisa em janeiro, como se explica que neve não é algodão nem tem açúcar, e assim por diante.

Quando o termômetro começou a baixar, houve um certo clima de excitação e nervosismo, mas, de modo geral, enfrentamos tudo com uma galhardia surpreendente. [...]

[...] Patinamos, andamos de trenó, fizemos bonecos de neve, trocamos impressões sobre ceroulas, deixamos panelas cheias de água do lado de fora da janela para fazer gelo, vimos fumacinha sair de nossas narinas, aprendemos o que é inverno. Só não pescamos em lagos congelados. Bem que eu pensei em pescar, mas meu filho me dissuadiu.

- Eu não vou pescar no gelo porque não quero contar a meus amigos de Itaparica tudo o que eu fiz aqui na Alemanha – me disse ele.

- E qual é o problema? – disse eu. – Pode contar.

- Eu sei – disse ele. – Mas pescar em lago congelado, não. Já basta um com fama de mentiroso na família, não é? E, na hora de contar que minha mãe conversava com o aquecedor, quem conta é você, está bem?” (RIBEIRO, 1995, p. 84-88)

T23 Prefácio à edição *Crônicas da guerra na Itália*

Minha ambição, quando fui escolhido para correspondente de guerra do *Diário Carioca*, era fazer uma história da campanha. Está visto que eu não pretendia fazer uma história que interessasse aos técnicos militares, mas uma narrativa popular, honesta e simples, da vida e dos feitos de nossos homens na Itália. Uma espécie de crônica da FEB, à boa moda portuguesa antiga.

O sonho durou pouco. Para começar, não me foi permitido seguir para a Itália no 1º Escalão. Quando afinal cheguei (e cheguei lá porque sou um homem muito teimoso), havia, contra os correspondentes, um ambiente de desconfiança e mesmo de má vontade que prejudicava muito o nosso trabalho. Isso melhorou com o tempo, mas os jornalistas acreditados junto à divisão brasileira nunca tiveram as mesmas facilidades de informação e de transporte que havia em outras unidades aliadas. Tivemos, além disso, até certa altura da campanha, o peso de três censuras, das quais apenas uma era legítima e razoável. Não estou me queixando, apenas enumero fatos. Que, de resto, não me espantaram, e até sempre achei que “podia ser pior”, tanto me habituara, como qualquer outro jornalista livre, à estupidez mesquinha dos fatores da imprensa sob o Estado Novo.

[...]

Esperemos que, ao lado da simples literatura de exaltação cívica, apareçam, com o tempo, estudos críticos dessa campanha, feitos com sinceridade e coragem, sem preocupações de ordem pessoal, para que essa rica experiência possa ser aproveitada, como deve ser.” (BRAGA, 2014, p. 11-12)

T24 Crônica: *A partida*

“Os homens sobem lentamente para os navios. Sobem por várias escadas, em fila indiana; sobem lentamente. Passam-se os minutos, as horas, os dias, os anos, os séculos, e o navio não sai. Os homens sobem. No salão há ordens, organização da rotina de bordo, leitura de regulamentos, e conversa. A esta hora, eu... A esta hora, lá em casa... A esta hora, ela... Mas é absurdo: Estamos falando do Rio como se estivéssemos longe. E estamos aqui, estamos no Rio. Na verdade, estamos presos. Nem mesmo os oficiais podem ir ao convés que dá para a terra. Ninguém deve ficar ali, para não perturbar a faina do embarque. Arranjo uma licença, vou ver os homens de perto. Não estão tristes nem alegres: sobem calados, aparentemente muito

preocupados com a bagagem e a ficha que cada um carrega e que indica o seu lugar a bordo. E como não há ninguém se despedindo de ninguém no cais, ninguém chora nem ri. Faz calor, e isso é aborrecido. Há quantos anos estamos a bordo? Hoje é segunda-feira ou março de 1953? Os compartimentos dos praças e os camarotes dos oficiais se enchem. Esperamos, esperamos. E lá fora, na cidade proibida, passa o tempo, a ronda das estrelas e da lua e do sol, e as mulheres que vão e vêm, a vida que vai e volta, e nós estamos eternamente neste enorme navio imóvel.

[...]

Adeus, Rio de Janeiro! Adeus, oh! Clara, oh! magnânima, oh! soberba e leal cidade do Rio de Janeiro. Uma barca da Cantareira passa perto, e alguém me chama atenção: "Veja, é a *Quinta!* É a Quinta-Coluna!" As fortalezas, embandeiradas, nos desejam boa viagem. Homens que passam em lanchas acenam adeus. A voz gordurosa de um padre, ampliada pelo alto-falante de bordo, convida-nos a erguer os olhos para Deus. Mas olhamos a cidade, olhamos obstinadamente para a Cidade dos Homens. Que Cidade dos Homens sobre a terra é mais humana que vós, Rio de Janeiro? Todos cantam o Hino Nacional. Alguns homens correm para bombordo; é a turma de Niterói que se despede. Mas antes de passarmos o Pão de Açúcar e de se desdobrar aos nossos olhos Copacabana, vejo uma tocante despedida. O comboio de navios enormes passa junto de um pequeno barco de pesca. Um pescador solitário fica em pé e acena com a mão. Seu barquinho balança fortemente com as ondas que os navios vão formando. Mas ele continua de pé, acenando lentamente a mão. Olho-o por um binóculo: é um velho pescador de camisa esfarrapada. Entre os monstros armados do oceano, sua canoa é humilde e frágil, mas ele tem uma estranha imponência. E fica lá para trás, indiferente aos balouços fortes da canoa, de pé, acenando lentamente a mão como quem cumpre um dever, como quem transmite sua pobre mensagem. Uma grande mensagem." (BRAGA, 2014, p.14-16)

T25 Crônica: *O pracinha Juan*

"Chama-se Juan, e me conta sua história. Quando tinha cinco anos, os pais, que eram espanhóis, resolveram voltar para a Espanha. Cresceu em Madri, onde seu pai era trabalhador. Um dia – tinha 14 anos – ouviu no rádio a declaração do general Miaja. Madri estava em perigo, e só o povo podia defender a cidade. Juan pegou em armas, porque todos, velhos e moços, homens e mulheres, saíram à rua para lutar de qualquer jeito. Depois voltou para casa: era muito criança e o pai reclamou junto às autoridades.

Mas no ano seguinte a revolta continuava, e Juan entrou para a Brigada Internacional. Havia ali americanos, ingleses, poloneses, franceses, italianos, alemães, brasileiros, homens de todas as raças, e a disciplina era feroz.

Uma brigada ficou em Madri, mas Juan, que era da 32^a, foi para Teruel. Tropas de mouros, italianos, alemães e espanhóis lutavam ali ao lado de Franco contra a República. Teruel foi tomada e retomada mais de uma vez. Os Junkers experimentavam bombas devastadoras sobre as tropas republicanas, cuja aviação era fraca.

Juan passou depois para um batalhão espanhol e continuou lutando. Lutou até o fim da guerra. Depois se escondeu, mudou de terra, mudou de nome, foi perseguido. Em 1942 não havia quase comida: o povo passava fome, porque a Espanha mandava gêneros para a Alemanha. Todos os dias, em Madri, eram fuziladas 70 a 80 pessoas, ano após ano.

Juan precisava trabalhar – e precisava não se fuzilado. Um oficial do Exército, de seu batalhão, passara-se para os franquistas quase ao fim da guerra – levando consigo a papelada toda, inclusive a lista dos soldados voluntários. Quando a guerra acabou, aqueles voluntários eram procurados com muito carinho pela polícia franquista. Juan sabia disso.

Andou de um lado para outro, voltou para Madri. A vida cada vez pior. Juan ficou espantado com o seu pai e sua mãe: eram gordos antes da guerra e agora estavam magros os dois. Um dia, Juan soube que o Brasil tinha entrado na guerra contra a Alemanha, e lembrou-se que era brasileiro. Correu ao consulado e disse que queria voltar para o Brasil para se alistar.

[...]

Pergunto se gosta tanto assim da guerra. Diz que não é isso. Quer lutar contra os nazistas, precisa lutar contra os nazistas – e quando Juan diz que precisa lutar contra os nazistas, diz isso de um modo tão profundo como um homem com sede diz que “precisa” de água. Essa sede tem explicação: Juan tem lembranças que amarguram demais um homem.

[...]

- Depois da guerra você vai viver no Brasil, Juan?

Diz que sim. Seu ideal é casar e levar a noiva para São Paulo. Mas Juan tem outros ideais. Tem guardado na memória o nome daquele capitão que traiu a República e seus soldados, e o nome daquele falangista vizinho. E outros nomes.

Mas é cedo: agora Juan quer se entender com os nazistas. Para lutar outra vez contra os nazistas, Juan atravessou duas vezes o Atlântico. Foi de Madri ao Rio, a São Paulo e a Goiás, e agora veio à Itália. Enquanto houver nazistas no mundo, Juan andará atrás deles.” (BRAGA, 2014, p. 24-27)

T26 Crônica: *O teco-teco*

“Os teco-tecos, da Força Expedicionária Brasileira, estão em ação há uns cinco dias. Antes de começarem a voar, os aparelhos foram solenemente batizados – com o comparecimento de oficiais inferiores do Exército que serviram de padrinhos, bandas de música, discurso de capelão, Hino Nacional e hinos sacros, fotógrafos etc. Alguns dos nomes recebidos pelos Piper Clubs (que é o nome americano dos teco-tecos): Grupo-Escola, Brasil, Bandeirante, Santa Teresinha, Timbiras, Ceará, Diogo Júnior... Os nomes, como é de praxe, foram dados pelos padrinhos, mas houve um sargento-mecânico que pediu ao padrinho (o soldado Orlando de Sousa) para dar um nome especial ao aparelho de que ele cuida:

- Por favor, batize-o com o nome de Luly. Isso é uma garantia para o piloto e o observador que vão voar no meu teco-teco. Ele se chamando Luly, eu trato dele com todo o carinho...

Saiba, portanto, uma pequena carioca chamada Luly, que seu nome está pairando quase diariamente sobre os Apeninos, a uns três quilômetros de altura, saudado pelo fogo das metralhadoras alemãs ponto 50 e ponto 30.” (BRAGA, 2014, p. 60)

T27 Crônica: “Partegiani”

“Os *partegiani* agem tanto na retaguarda do inimigo como em sua frente. Muitos se escondem em montanhas que margeiam linhas de comunicação nazista, e as atacam de quando em vez, ou fazem excursões contra aldeias, depósitos etc. Outros

passam para o nosso lado e funcionam junto com as patrulhas aliadas ou recebem, de comandantes aliados, missões especiais a cumprir. Em alguns casos, têm agido com apoio de artilharia no ataque a determinadas posições, o que podem fazer com vantagem devido ao seu conhecimento do terreno. Prestam serviços muito úteis pelas informações que dão, não raro depois de atravessar duas vezes as linhas. Geralmente nossos oficiais só aceitam essas informações quando conhecem bem o homem – pois pode se dar o caso de ser um agente inimigo ou um espião de jogo duplo. Há, entretanto, guerrilheiros – e isso tem acontecido inclusive na FEB – que “aderem” a uma determinada unidade – uma companhia, por exemplo – e com ela ficam lutando, praticamente na mesma situação de um soldado nosso. Ele é útil especialmente quando trabalha em patrulhas. Um de nossos soldados me disse que deve a vida a um *partigiano*, que conseguiu salvá-lo com um golpe de habilidade ou audácia quando já estava à mercê do nazista.

Tem havido, porém, alguns casos em que – isso é inevitável – se apresentam como *partigiani* em um PC [Posto de Comando] homens que, embora não sejam agentes do inimigo, são simplesmente aventureiros, que não procuram outra coisa que comida e cigarros. É preciso não esquecer que um soldado aliado qualquer vive em uma verdadeira fartura de alimentos, cigarros, roupa e outras utilidades, em comparação com a maior parte da população italiana.” (BRAGA, 2014, p. 73-74)

T28 Crônica: *Em Florença*

“Um hotel em Florença. Chega um caminhão com o toldo coberto de neve e despeja ali um grupo de soldados friorentos. São homens que estão há quatro meses consecutivos na linha de frente e descem para um descanso de três dias. Enfileiram-se para receber o cartão das refeições. Em Florença também está frio; o inverno começou pontualmente. No dia marcado pela folhinha, embora o sol estivesse brilhando, um vento frio veio não sei de onde e, como quem cumpre um dever, jogou a temperatura a dois abaixo de zero. Mas assim mesmo é muito melhor que lá em cima das montanhas. O primeiro-tenente Carlos Cairoli, da Artilharia (Rua Conde de Bonfim, 593, apartamento 203), veio com 50 homens tirados de várias baterias para esse rápido descanso. O soldado Osvaldo Antônio de Barros (Rua Oliveira Fausto, 43) é um funcionário do DNC; logo atrás dele está o cabo Cláudio da Motta Cabral, cujo nome me lembra o Recife. Sim, é pernambucano, mas ultimamente trabalhava na Light e seu endereço é Rua Licínio Cardoso, 221. A sala está barulhenta: uma boa vitrola repete sambas. Afundados nas poltronas, encontro dois pracinhas de infantaria: Orlando Gomes da Silva, filho de Itaperuna, e que faz questão de dar o seu endereço (Av. Cardoso Moreira, 604), afirmando que Itaperuna é uma cidade bastante grande para exigir esse detalhe, e Manuel Gomes da Silva, que mora no Grajaú. Chegaram há dois dias e depois de amanhã voltarão à frente. Peço suas impressões desse hotelzinho que o Serviço Especial instalou. São boas: quartos aquecidos, banhos quentes de chuveiro e banheira e colchões excelentes (esses colchões que aqui chamam de *materassi*, muito melhores que esse tipo americano que fazem tanta publicidade no Rio).” (BRAGA, 2014, p. 78-79)

T29 Crônica: *Ataque a Montese*

“Aconteceu ali em Montese um caso de esperteza – que mostra que às vezes tem suas vantagens o Exército de um país de imigração como o Brasil.

O 3º Pelotão da 2ª Companhia do 9º Batalhão de Engenharia, comandado pelo tenente Almir Miguez Vinhais, estava em uma casa, quando foram ouvidas vozes alemãs. O sargento Mário Müller prestou atenção: os alemães sussurravam, um perguntando ao outro se aquele pessoal que estava na casa era brasileiro ou americano. Prontamente Müller falou alto – em alemão –, dizendo que não se assustassem, que eram amigos que estavam ali. Fez naturalmente um sinal aos nossos homens – e quando os sete alemães que estavam escondidos na casa “deram as caras”, confiantes, foram aprisionados antes que saíssem de sua surpresa para reagir.” (BRAGA, 2014, p. 296)

T30 Crônica: *Em Bolonha*

“Chegamos tarde para a festa. É preciso surpreender a cidade no primeiro instante de libertação, quando o povo começa a sair para a rua e as bandeiras proibidas são desenterradas dos baús, e os tiros que o inimigo despeja ao retirar-se podem matar algumas pessoas, mas são como o pipocar de foguetes numa noite de farra popular.

Os poloneses entraram em Bolonha pela manhã e depois chegaram os americanos, os italianos aliados, sul-africanos e não sei quem mais. Foi à tardinha que o primeiro brasileiro entrou – era eu, num jipe, com um redator e o fotógrafo de *The Star and Stripes*. Logo atrás vinham o Joel, o Squeff e o Mitke.

Chegamos tarde. Todos tínhamos a ideia de abandonar a divisão brasileira, que marchava pelo Vale do Panaro, para dar um pulo a Bolonha, mas a Estrada 64 não ajudou nosso avanço. Quem anda 60 quilômetros numa estrada italiana, encontra algumas dezenas de cidades, aldeias e povoados – ou, como dizem os comunicados russos, “localidades habitadas”. Não encontramos nenhuma “localidade habitada”. A estrada por onde os aliados avançaram é uma estrada deserta, entre ruínas de uma tristeza desesperada. Podemos identificar este monte de escombros como a Vergato dos mapas, aquele como Casalechio, aquele outro como Sasso Marconi. Mas em pleno sol nosso carro avança entre esses montes de pedras e tijolos com os faróis acesos: a poeira é inconcebível. É a poeira das destruições, a poeira das ruínas que os caminhões e os tanques agitam e o vento espalha.” (BRAGA, 2014, p. 306-307)

T31 Crônica: *Fim de guerra*

“O general Cordeiro disse que o Destacamento Néelson de Melo estava alguns quilômetros ao norte, mas ainda sem contato com o inimigo. Perguntei se a gente não podia continuar no rumo noroeste.

O general achou que não era prudente. Para aquele lado seguira o Esquadrão de Reconhecimento. O esquadrão estava dividido em pelotões, e seria muito difícil encontrá-lo. Havia grupos de alemães por toda parte...

Mas a tentação era grande. Estávamos cansados de comer poeira atrás do carro do general.

- Então, Brandão, vamos meter os peitos?

- Ora!

Por uma questão de consciência, consultamos o chofer – mas Machado avisou que topava qualquer parada.

Os longos meses de frente parada tinham sido para todo mundo – e também para os correspondentes – uma guerra de nervos. Várias vezes havíamos visitado posições avançadas de infantaria – mas na hora das batalhas estávamos sempre em

um PC [Posto de Comando] ou atrás do binóculo de um PO [Posto de Observação]. Agora não tínhamos na frente nenhuma montanha onde o alemão estivesse entocado. Tudo era plano – e o alemão fugia.

- Toca!

[...]

De súbito, numa curva, vemos em nossa frente uma coluna alemã. Está a 10 ou a 20 metros e vem em sentido contrário. Na frente, carros puxados a cavalo com metralhadoras montadas. Outros carros mais para trás, e soldados em bicicleta, a cavalo, a pé. Estou no assento de trás com Nartiro, e Brandão, está na frente com Machado. Brandão diz qualquer coisa a Machado. O nosso jipe sai da estrada, avança pelo campo, pela direita dos alemães. Vejo que um nazista ergueu um fuzil e faz pontaria. Tenho a sensação nítida de que ele vai me atingir – estamos a poucos metros. Instintivamente faço-lhe um sinal com a mão – “não, não”. O homem baixa um segundo a arma, naturalmente atrapalhado, supondo talvez que nós, que surgíamos de suas linhas, podíamos ser alemães – e pouco vejo mais. O jipe passa entre duas árvores, a toda velocidade, e sinto que giro no ar. Machado vira em sua frente um fundo canal e freara bruscamente o carro. Eu e Nartiro fomos lançados com tanta força que caímos muito além do buraco – eu caí a pelo menos 10 metros do jipe. Não saberia dizer se estive um instante desmaiado ou não. Nartiro e Machado disseram depois que ouviram algumas rajadas curtas; confesso que não ouvi disparo nenhum. Brandão, que ficou preso no jipe, disse que ao olhar para cima depois da queda viu a cara de um alemão que nos procurava. Não vi nada. Quando me ergui, vi Nartiro, que subia uma encosta – ia para o lado dos alemães. Certamente ficara atordoado com a queda. Gritei por ele, e ele voltou. Vi também Machado, mas não vi Brandão. Estava em um trigal novo, que certamente amaciara a minha queda, e quando quis fazer um esforço qualquer, senti que me doía a mão. Com certeza quebrara algum dedo. Sentia também uma dor no peito tão forte, que pensei ter quebrado uma costela. Gritei por Brandão e ele não respondeu. Gritei ainda duas ou três vezes, e também não tive resposta. Não havia tempo a perder, e estávamos a menos de 10 metros da estrada por onde passavam os alemães. Subi um pouco, escondendo-me entre o trigal, e vi a estrada deserta. Olhei para a curva de onde tínhamos vindo: vi um último carro alemão que se afastava. Dentro dele, um soldado olhava para trás, com o dedo no gatilho de uma metralhadora de mão. (BRAGA, 2014, p. 315-327)

T32 Crônica: *O juramento*

“No dia 9 de agosto de 1945, um campo de concentração no Japão foi libertado pelas forças americanas. Entre outros, oito homens maltratados e famintos tinham escapado à morte lenta das torturas diárias, depois de quatro anos de cativeiro. Eram dos mais antigos, e milhares que como eles entraram naquele inferno jamais chegaram a sair. Tinham todos pouco mais de vinte anos, mas o sofrimento vivido em comum lhes deu outros vinte. Juntos suportaram a fome, o excesso de trabalho, a humilhação, o medo e a desesperança. Foram finalmente selecionados como cobaias humanas para inoculação de doenças e experimentações de cirurgia. Conheceram, uma por uma, tôdas essas formas de sadismo que os jornais e o cinema já divulgaram, para o erguer de ombros dos céticos e a meia-hora de mal-estar dos temperamentais. Já não temiam a própria morte: temiam que o mundo não soubesse colhê-la ensinamento algum, que o mundo não merecesse aquele sacrifício. Então fizeram um juramento: se por milagre saíssem de tudo aquilo com vida, se recusariam a viver, caso não fôsse possível um mundo pacificado e feliz.

Nunca mais se encontraram. Dispersaram-se pelos quatro cantos do mundo, experimentando recomeçar a vida. Com o fim da guerra as nações se reuniram, tentando consolidar a paz. No mundo haveria agora oportunidade igual para todos, sólida esperança ligaria todos os homens, o medo e o ódio não resistiriam às novas fórmulas de viver que se ofereciam. Assim era o mundo no ano que se seguiu, quando, exatamente no dia 9 de agosto de 1946, a crônica policial de uma cidade qualquer dos Estados Unidos registrou sem maiores detalhes, entre notícias de pequenos furtos, atropelamentos e agressões o suicídio de um veterano de guerra.

Os homens às vezes se suicidam, veteranos ou não. Dizem que isso é natural. São os desiludidos da vida, os fracassados, e perfazem com seu “tresloucado gesto” um acontecimento normal de seleção na luta dos interesses, que o próprio desengano da vida se encarrega de explicar. É natural também que os veteranos tenham, como os outros homens, seus problemas íntimos para os quais vão buscar na morte a solução. Pouco tempo mais tarde, ainda em 1946, numa cidade da Inglaterra, outro veterano de guerra do Pacífico se matou.” (SABINO, 1961, p. 20-21)

T33 Crônica: *Os gigantes do nada*

“Se um dia sete maiorais de uma tribo africana se reunissem para derrubar o cacique que se insurgiu contra a antropofagia, e resolvessem voltar ao hábito de se devorarem uns aos outros, tal reunião seria considerada como degradante e vergonhosa pelo mundo civilizado. Mas se, nesse mundo civilizado, sete governadores de Estados se reúnem para firmar um pacto contra seu Presidente, sob o fundamento de que êle se insurgiu contra o direito dos brancos de matar a pancadas um negro indefeso, tal decisão será considerada por todos como mera manobra política na escolha do candidato para as próximas eleições.

Não houve, nos Estados Unidos, o clamor público que era de se esperar, quando os governadores de Carolina do Sul, Alabama, Flórida, Mississipi, Arkansas, Georgia e Texas, na Conferência dos Governadores do Sul, assinaram um acordo, segundo o qual repudiariam qualquer candidato à Presidência dos Estados Unidos que advogasse o chamado “civil rights program”.

O pacto firmado se refere ao programa com que o Presidente Truman resolveu, por óbvias razões políticas, emprestar certa força aos preceitos de igualdade social asseguradas pela Constituição e particularmente a um projeto de lei contra o linchamento.

Todos sabem que linchar significa a multidão assassinar alguém geralmente apontado como criminoso. Mas nem todos sabem que o linchamento é uma instituição tipicamente americana, de longa tradição histórica. Foi Charles Lynch, nascido em Virgínia em 1736 e mais tarde juiz naquele Estado, quem instituiu o processo de executar sumariamente um indigitado criminoso, entregando-o à fúria da multidão, antes que a Justiça o declarasse culpado. É verdade que muito antes dêle houve no mundo Pôncio Pilatos: o processo em si não é novo; mas de lá até hoje quase dois mil anos decorreram e nos Estados Unidos, depois de Charles Lynch, esta forma de praticar justiça se tornou respeitável tradição. Tão respeitável que hoje sete governadores se abalam lá do Sul para irem a Washington defendê-la publicamente, sob a alegação de que o Presidente não tem nada que se meter a modificar os costumes do povo. Com o correr dos anos o número de linchamentos tem diminuído sensivelmente e é de se esperar que esta maneira festiva e sangrenta com que certos americanos brancos reafirmam a supremacia racial desapareça de todo daqui a dois

ou três séculos, a se julgar pelas estatísticas. Por que então, dizem êles, querer precipitar uma solução que o próprio tempo se encarregará de trazer?

Até hoje as tentativas de estabelecimento de uma legislação especial que fizesse punir os responsáveis não passaram de tentativas. Voltou-se agora a falar no assunto, quase às vésperas das eleições e portanto em ocasião mais do que nunca inoportuna, de mistura com a defesa do direito de voto dos negros, garantias contra a discriminação racial e outras impertinências. Mas a população branca saberá reagir, e o Sul se levantará glorioso, na figura de seus impolutos governadores, para assegurar nas eleições a vitória de um Presidente que saiba respeitar o passado respeitabilíssimo de crimes raciais, fundamento de suas mais caras instituições.” (SABINO, 1961, p. 178-180)

T34 Crônica: *Crime e castigo*

“Êsse foi o “produto de padaria” que Nathaniel Johnson furtou, ou tentou furtar do caminhão atolado na neve, e pelo que foi parar no hospital com três tiros na perna. E já que era minha intenção falar no móvel do crime, concluamos logo que, furtando pães, o infelizmente negro pretendia exclusivamente comê-los ou levá-los para matar a fome dos de sua família, pois se êle pretendesse fazer dinheiro com o produto do furto, teria furtado de preferência um farol, um pneumático ou o próprio caminhão.

Sempre a fome. Não posso fugir à imposição do assunto. Porque, apesar dos dólares e das quatro liberdades, há também quem passe fome neste país. O que o levou à fome? – pontificarão os moralistas, forçando-me a responder que deve ter sido o desemprego, já que o fato de ser êle negro, por si só, não seja uma resposta. E o que o levou ao desemprego? Se verificarmos, conforme a estas horas as autoridades já devem ter feito, descobriremos que foi o seu passado possivelmente cheio de transgressões à lei. E quando formos apurar as causas da primeira de suas transgressões, para que não restem dúvidas quanto à inocência da sociedade que o rejeitou e o condena (e para que não voltemos a falar em fome, encerrando assim o círculo vicioso que condena essa sociedade), forjaremos argumentos contra o caráter do criminoso, crivado de falhas, possivelmente hereditárias. E a fisiologia, a criminologia, a antropologia nos salvarão do impasse.

Pão: o móvel do crime foi a fome. Certamente o juiz, emérito e benemérito, falará nela, para atenuar um pouco a pena de Nathaniel Johnson. Como se não bastassem os três tiros na perna. Como se a qualidade do pão furtado já não o fizesse merecer cem anos de perdão.” (SABINO, 1961, p. 140-141)

T35 Crônica: *Mecânica da distração*

“Historicamente, o *date* vem a ser a mais moderna das soluções de um problema que fêz um dia o desespero de Montagues e Capuletos e que, levado às últimas conseqüências, pode ser considerado como uma manifestação, em caráter precário, do instinto de conservação da espécie.

O americano não namora; desconhece as fases da aproximação “bem-intencionada”, que começa na insistência dos olhares, na cooperação das amiguinhas, nas conversas de telefone, e vai do banco do jardim ao portão, dêste à varanda e da varanda ao altar, passando pelo noivado com livro de ponto e vigilância materna, aliança, braço dado e enxoval.

Um casamento tanto pode nascer de um *date* como de uma bebedeira, um anúncio de jornal ou um programa de rádio. Em verdade, nunca se sabe quando uma

mulher está querendo ganhar um presente ou um marido. A finalidade última do date é a de ter *lots of fun*, que naturalmente pode incluir a aquisição de um ou outro, ou de ambos. O essencial é que fique comprovado no dia seguinte o cumprimento dessa finalidade de forma concreta, a ser arquivada como lembrança junto às alegrias anteriores – e para isso tanto um presente como um marido podem servir.” (SABINO, 1961, p. 77-78)

T36 Crônica: *Oito milhões de solitários*

“Todos os habitantes do Rio conservam as características de origem mas passam a ser cariocas, venham de onde vierem, como que adquirindo uma segunda personalidade, de âmbito mais largo. Todos os habitantes de Nova Iorque, venham de onde vierem, perdem as características de origem e se tornam estrangeiros na própria pátria, em igualdade de condições com os de outras pátrias, que para aqui afluem. Nova Iorque é o paraíso dos estrangeiros e é mesmo de espantar a completa ausência de xenofobia por parte de seus habitantes. Dentro desta nova Babilônia cabem tôdas as tendências, tôdas as atividades, tôdas as crenças e todos os temperamentos, porque Nova Iorque é uma comunidade em que os homens não se comunicam – quase diria que já não têm o que comunicar. Aquela capacidade brasileira de identificar-se cada um ao conjunto, de viver cada um o que é comum a todos, mas todos continuando a sentir o que é próprio a cada um (o que se pode verificar num simples incidente dentro de um ônibus, por exemplo), é coisa que ainda não presenciei aqui. O novaiorquino se identifica ao que é de todos, mas não sente mais o que lhe é próprio. As casas particulares não são cercadas de grades e muros, e o terreno comum entre elas não pertence a ninguém. Pertence em verdade à pátria amada, e em nome dela ficam neste terreno o ereto nacionalismo de um mastro e o convencionalismo emoliente de uma bandeira. Todo cidadão é um patriota convicto, colaborando com o govêrno no respeito às suas leis, e até a oposição é governamental. Mas todos estão sozinhos.

Porque a solidão deste povo significa a morte da alegria. A alegria secou no coração, embora continue se processando no ôco ritual que os gestos esboçam, os lábios murmuram e as pernas obedecem. O encontro de duas sombras numa cidade vazia. Os simulacros de alegria. O reinado da solidão.” (SABINO, 1961, p. 221-222)

T37 Crônica: Por isso lhe digo adeus

“Às duas horas da tarde, no alto da ponte Brooklyn, percebo de repente que estou me despedindo de Nova Iorque. Olho para baixo e vejo quatro rebocadores arrastando com dificuldade a carcassa de um antigo cruzador. Ao longe um navio ganha lentamente a barra, parece que é um navio de passageiros. Novas pessoas estão chegando a Nova Iorque, agora, neste momento, enquanto me despeço.

Eu me despeço. Na parte sul da Ilha de Manhattan lá para os lados do mar, onde devia estar a Estátua da Liberdade, a neblina obscurece tudo, apagando o contôrno dos últimos arranha-céus. Mas o mar está presente, irresistível. No mar reviverei lembranças, decantarei talvez o amor de tantos deslumbramentos e decepções, apurarei em enjões de primeira viagem o saldo de minhas lembranças.

É uma cidade poderosa, esta cidade. Dela muitos já disseram coisas. Já cantaram sua fôrça, o mecanismo de sua glória, o trágico de suas solicitações. Seria inútil que eu viesse agora estender sôbre a ponte de Brooklyn um adeus pasmado que rola apenas com o olhar nas águas do East River, que se perde para sempre no limite

de outras pátrias, que se afoga de tédio, Nova Iorque. Zomba do ridículo de suas próprias contradições, cidade marcada, escolhida pelo dedo de Deus para o primeiro sinal dos tempos. Tantas luzes não bastariam nas ruas e nos edifícios, nem os anúncios luminosos, nem a garrafa de Coca-Cola que um dia cogitaram de instalar como torreão no alto do Empire State Building, nem os milhões de lâmpadas da Broadway, todo o poderio deslumbrante dos dínamos e geradores, nada disto bastaria para neutralizar a ordem que um dia sucederá ao caos – destino de uma cidade. Desta cidade que eu me despeço.

[...] Aproveito-me da história dos dentes para perguntar ao ex-soldado como ele reagirá quando for chamado para a próxima guerra. Responde-me apenas que reagirá: não irá nem amarrado, porque sabe muito bem que essa idéia de guerra é invenção dos ricos para ficarem mais ricos e mandarem os pobres para o inferno.

- Quando devia ser justamente o contrário – acrescenta, com convicção.

[...]

Não é assim tão fácil deixar para sempre uma cidade, qualquer que seja ela. Apenas três meses em Juiz de Fora me fizeram sofrer no dia em que parti. Difícil já está sendo, para começar, deixar o apartamento que ocupo, cujo dono, que me exigiu luvas para entrar, só falta exigir-me luvas para sair. Mais difícil foi vender por 150 dólares a mobília que fui forçado a comprar por 200, apesar dos inúmeros melhoramentos nela introduzidos – inclusive a poltrona vermelha que conta agora com um pé de madeira autêntico, em lugar dos catálogos de telefone que a amparavam. Difícilíssimo, quase impossível, foi fazer o novo dono da mobília aceitar com ela os cacarecos que deixarei atrás de mim, juntados por prementes necessidades domésticas de quem nunca pensou em viver aqui e foi ficando: panelas, vassouras, talheres e um espremedor de laranjas, no qual gostaria de espremer a língua do vendedor que me assegurou tratar-se da última palavra numa cozinha moderna. De tudo, porém, o que nas mudanças maior dificuldade cria é a capacidade de adaptação exigida ao nosso vulnerável comodismo de ocasião, é o desprendimento gregário que nos leva a passar de um bando para outro bando, ou de uma vida para outra vida anterior que o tempo já apagou e que a viagem de volta não consegue mais reatar. Viver é perder amigos, falou o poeta de Itabira, e os maus fados acrescentam que revê-los é uma forma de desviver.” (SABINO, 1961, p.229-233)

T38 Crônica: *Em poule a duas voltas*

“[...] quando morei uns dois anos nos Estados Unidos e os outros brasileiros que eu encontrava viviam frustrados por falta de futebol, eu não só entendia muito de *baseball* como tinha times favoritos e discutia acaloradamente em bares e instituições análogas. Se isto parece incrível, digo-lhes mais: dei para entender profundamente de golfe (sempre muito mais para Arnold Palmer do que para Jack Nicklaus, devendo citar um certo fascínio relutante por Lee Trevino e uma idolatria ridícula por Sam Snead). Entendo tanto de futebol americano que, se alguém assistisse àquilo aqui, a televisão poderia me contratar para comentarista. Da mesma forma, apesar de o basquete se haver transformado, nos Estados Unidos, num jogo exclusivamente para vítimas de acromegalia, torci por times de basquete, comentei boliche, estudei cuspe à distância, aprendi as regras de *hockey* no gelo, envolvi-me emocionalmente com uma moça (irlandesa) que jogava *field hockey*, discuti estatísticas de esportes de inverno – enfim, não havia nada que eu não transasse.

Para isso, é claro, foram necessários esforço e vocação de minha parte. Por exemplo, para quem não é americano ou japonês, fica difícil acostumar-se à idéia de

que *baseball* é efetivamente uma competição e não uma coreografia misteriosa, que envolve um grande número de coçadas algo indecentes, franzir de sobrolhos, cochichos e cusparadas volumosas. Mas me acostumei, aprendi tudo.” (RIBEIRO, 1988, p. 260)

T39 Texto: *Berlim*

“Eu imaginava (nunca me ocorreu consultar o mapa, perguntar às pessoas) que Berlim estivesse na fronteira entre as duas Alemanhas: a República Federal (RFA), constituída pelos Estados ocupados pelos Aliados (Estados Unidos, Inglaterra e França), e a República Democrática (RDA), ocupada pelo aliado dissidente (Rússia).

Estando em plena fronteira entre as duas, eu podia entender a existência do muro do ponto de vista físico. Era apenas uma barreira. Logo, vi que era bem diferente. Descobri no primeiro dia. Berlim Oeste é uma ilha dentro da RDA. Localiza-se inteira dentro do território do Leste e o muro faz um contorno total, bloqueia, isola, destaca. Qual mancha de óleo dentro da água, solta. Me veio que, em 1969, repórter da revista Claudia, vivi situação que me parecia semelhante. Visitei Jerusalém, cidade dividida em zonas que não se interpenetravam, proibidas. Só que ali eram árabes de um lado, judeus do outro.

Em Berlim, não. Alemães e alemães. Descobriria mais com o tempo. Estar em Berlim não é estar na Alemanha. É simplesmente estar em Berlim, um principado como Mônaco ou Liechtenstein. Há um espírito berlinense, uma fala, uma tradição, um comportamento, um modo de ser.” (BRANDÃO, 2000, p. 38)

T40 Texto: *Estrangeira*

“Certo dia, em Colônia, fui comprar passagem de volta. O funcionário da agência, evidentemente novo, não encontrou Berlim na lista de cidades alemãs. Perguntou e obteve do gerente:

- Veja na outra lista. *Berlin ist Ausland!*

Berlim é estrangeira.

Estrangeira para os próprios alemães. *Baile sobre o vulcão*, na definição de uma canção popular. Ilha do mar vermelho, devido à sua posição isolada dentro da Alemanha Oriental. *Cidade das ilusões perdidas*, para um filme que abordou a situação dos travestis que, marginalizados em seu próprio país, aqui se exilam, tranquilos. *Fênix bicéfala, centro cultural da nação* (para o ex-presidente Walter Scheel), lugar privilegiado de intercâmbio entre o Leste e o Oeste (para Willy Brandt), acampamento de esquerdistas e contestadores para os alemães conservadores, um peso difícil de suportar financeiramente para a maioria dos habitantes da República Federal. Cidade ambígua, paradoxal, do desbunde, da decadência, paraíso artificial, alegre, louca, divertida, incompreensível, provinciana, agitada, tranqüila. Com o tempo eu compreenderia que Berlim é (ou se torna) aquilo que a gente quer que ela seja.” (BRANDÃO, 2000, p. 44)

T41 Texto: *O muro*

[...] O muro vai em linha reta, faz um ângulo estreitíssimo, forma um bico de águia (entre Reinickendorf e Wittenau, proximidades de Schorfheidestrasse), corta uma rua do Oeste cujas casas ficaram no Leste, atravessa um cemitério, corre paralelo a um rio ou canal (está além das águas, porém elas são território do Leste),

corta uma rua do Leste cujas casas ficaram a Oeste, passa no quintal de conjuntos residenciais, divide uma praça, estrangula pontes, linhas de bonde.

A primeira visita, claro, foi ao muro. Se vou conviver com ele, quero ver logo, tocá-lo, saber como é. Primeira decepção. Imaginava muralha, barreira altíssima, e me pareceu prosaico. Dois metros de altura, se tanto, feito de chapas de concreto pré-moldadas, encimado por um tubo. Qual a utilidade do tubo? Evitar pontos de apoio? Certamente as mãos de um fugitivo, se ele conseguir chegar até ali, escorregarão pela superfície lisa e circular.” (BRANDÃO, 2000, p. 51-53)

T42 Texto: *Papel pela janela*

“A viagem de trem é menos complicada. Ao penetrar na RDA deixando Berlim, a composição inicia uma trajetória de pouquíssimas paradas, onde se troca a locomotiva ou se manobram os vagões que tomam diferentes direções. Mas ninguém sobe, ninguém desce. Vigilância contínua. Ao deixar a RDA para entrar na RFA ou Berlim Oeste, há uma revista debaixo do trem, auxiliada por cães pastores afiadíssimos. Os policiais que cuidam dos passaportes, em geral, são gentis e possuem uma espécie de maleta-escritório, que pendurada no pescoço se transforma numa mesinha portátil. A obsessão deles é fotografia. Olham seu rosto, olham a foto, te observam outra vez, comparam. Finalmente, carimbam um papel e te entregam, desejando boa viagem. Sempre me intrigou uma pergunta que fazem, todas as vezes que voltei a Berlim:

- O senhor está indo para Berlim Oeste?

Por que a pergunta, se o trem não pára em parte alguma, senão em Berlim Oeste? Outro espanto.” (BRANDÃO, 2000, p. 66)

T43 Texto: *Aliados no ar*

“Mais rápida, fácil (exibe-se o passaporte apenas na saída e pronto) e também mais cara é a viagem por avião. Berlim se liga à RFA através de corredores aéreos, com espaço e altura fixados por acordos. Cada corredor tem trinta e dois quilômetros de largura. Sobre a RDA o aparelho é obrigado a voar a dez mil pés, pouco acima de três mil metros. Somente companhias aliadas entram em Berlim Oeste, as alemãs são proibidas. Pan Am, British e Air-France detêm praticamente todos os vôos. Algumas linhas internacionais partem diretamente de Berlim, mas as grandes conexões são estabelecidas a partir de Frankfurt, onde funciona uma ponte aérea (Pan Am) de hora em hora. Só te dão um cafezinho ou suco de laranja. Segundo estatística de 1980, o Aeroporto de Tegel registrou um movimento de quase cinco milhões de passageiros. Por ferrovia e rodovia, no mesmo ano, circularam, para dentro e para fora da cidade, vinte milhões de pessoas.

Não foram apenas turistas em visita a Berlim, cidade-mito dentro da Alemanha. Boa maioria é de berlinenses, que dizem sofrer de síndrome do muro, necessitando uma saidinha, de tempos em tempos. Daí as passagens custarem mais barato que no resto do país desde que se compre ida e volta. Oficialmente, se tem desconto de trinta por cento para qualquer lugar. Se pode vir ao Brasil, por exemplo, por oitocentos dólares, enquanto que daqui para lá custa dois mil e quinhentos. É necessário vantagens para se morar em Berlim, e o governo arca com isso, subsidiando bilhetes.” (BRANDÃO, 2000, p. 67)

T44 Texto: *Ônibus 15 ou prisão dos nazistas*

“Quando o ônibus cruzou a Melanchthonplatz, bati os olhos, à direita, num imenso conjunto de tijolos vermelhos. Havia algo semelhante a um castelo, com guaritas e sentinelas. Tive uma intuição, saltei no próximo ponto, na Wilhelm Strasse, e voltei. Por toda a parte, avisos em inglês e alemão proibindo a entrada e fotografias. Algo familiar me ressoava na cabeça, quando cheguei ao edifício principal, castelo miniatura, pequena fortaleza rodeada de spots, cercas de arame farpado. Desta vez aviso em letras garrafais. *Não se aproxime, nem se apóie nesta cerca. Os guardas estão autorizados a atirar.* Só podia ser um dos lugares que procuro desde que cheguei. Passava pela calçada uma leva de soldados ingleses. Perguntei a um:

- Esta é a prisão?

- Sim, é essa.

A prisão de Spandau, onde os nazistas condenados pelo tribunal de Nurembergue estiveram encerrados. Dois deles bem famosos. Albert Speer, o arquiteto do Reich, que ao sair publicou suas memórias. E Rudolf Hess, provavelmente o mais célebre prisioneiro do mundo, nos últimos vinte anos. Hess foi o que saltou de pára-quadras em Londres, tentando fazer um acordo com os ingleses, quase no final da guerra. Hoje com noventa anos, Hess é o único prisioneiro dessa imensa fortaleza, vigiada em conjunto pelos quatro aliados da Segunda Guerra Mundial: ingleses, franceses, americanos e russos. A prisão é um dos poucos lugares onde se permite a presença de militares soviéticos dentro de Berlim Oeste. Os outros são o monumento ao heroísmo do soldado russo, em frente à avenida 17 de Junho, que atravessa o Portão de Brandemburgo e o Quartel-General das Forças Aliadas.” (BRANDÃO, 2000, p. 133)

T45 Texto: *Muro, por toda parte*

“Um dia, depois de muito pensar numa frase de Hans Christoph Buch, me bateu forte certeza de que o muro não existe apenas em Berlim. Há um muro dentro das pessoas, com as dificuldades cada vez maiores de relacionamento. Muro entre o homem moderno, ilhado, em seus preconceitos e sua abalada “autoridade” e domínio, e a mulher cuja cabeça se abre e avança. Muro entre as gerações. Entre raças. Entre desenvolvidos e subdesenvolvidos. Entre socialismo e comunismo, militares e civis. Há um muro entre o nordeste brasileiro e o sul. Um espesso e intransponível muro entre Brasília e o resto do país. Muro entre o sistema que nos governa e o povo. Muro entre favelas cariocas e os habitantes dos prédios e das casas. Muro em São Paulo, a cercar pessoas fechadas em seus apartamentos, protegidas por grades, circuitos internos de tevê, alarmes, guaritas, cães. Muro, por toda a parte.” (BRANDÃO, 2000, p. 289-290)

T46 Texto: *E o Leste?*

“Por que não falo da “outra” Berlim, a que fica do “lado de lá”, a do Leste? Não posso falar, não vivi lá. Fiz passeios ocasionais. Foram muitos. Ia ver as peças de Brecht no *Berliner Ensemble*, atravessava com amigos para dar umas voltas – que não passavam do centro, ali pela Alexanderplatz. Uma vez fomos mais longe, até Köpenick, onde nos sentamos num bar, a tomar uma cerveja boa e gelada, oito vezes mais barata que a cerveja do Oeste. As observações que fiz foram incidentais, casuais, eu diria superficiais. Fui sempre bombardeado por boatos, exclamações,

cifras que não sei se correspondem à verdade, porque cada um diz uma coisa em relação a esta Berlim, que tem uma atmosfera diferente (sente-se no ar), mais sóbria, austera. Fiquei um ano e meio no Oeste e tenho medo de certas afirmações. Como analisar um lugar de rápidas passagens? Não posso.” (BRANDÃO, 2000, p. 305-306)

T47 Texto: *Perdido no Palácio das Lágrimas*

“Friedrichstrasse. A velha estação fez parte, com intensidade, da minha primeira temporada berlinense. Uma vez por semana eu circulava em Berlim Oriental. Tinha fascínio por aquela cidade com atmosfera dos anos 40/50, estacionada no tempo, marcada pela artilharia de guerra, mal iluminada à noite, deserta, misteriosa, com um cheiro diferente, sem poluição visual (a não ser slogans socialistas), ameaçadora – sem detectar de onde vinha a ameaça – com vitrines semivazias e supermercados onde tudo tinha um aspecto grosseiro, rude, mas autêntico, simples, quase ingênuo aos olhos capitalistas, sem o nervosismo da concorrência nas embalagens vistosas e enganadoras.

[...]

Agora, quando desembarquei na estação, fiquei confuso. Placas estavam mudadas, outras renovadas e abertas várias antigas portas muradas. Acesso livre a qualquer plataforma. No *Palácio das Lágrimas*, onde se operava a passagem, me perdi. Tinham desaparecido as divisórias. Meu olhar não encontrava apoio, de tal modo estava habituado aos guichês que se abriam e fechavam com um ruído seco. Aquele barulho metálico, que me incomodava, permanece em meus ouvidos. Nas paredes as marcas de azulejos repostos, onde se fixavam as divisórias. O chão mostrava sinais do que tinha sido a fronteira. Por instantes, me vi tomado pela mesma inquietação que me dominava nos anos de 1982 e 1983. Condicionado ao velho regime, tive a sensação de que não podia cruzar as marcas no chão. Dispositivos eletrônicos me denunciariam, eram tecnologia de ponta. No entanto as pessoas iam e vinham, nem estavam aí. Não era normal. Portanto, a normalidade que se instalara me parecia anormal. O espírito de Berlim intramuros continuava presente na minha cabeça.” (BRANDÃO, 2000, p. 315-316)

T48 Texto: *Tantos heróis?*

“Atravessamos a pé o Portão de Brandemburgo, o setor mais movimentado da nova cidade. Ainda não assimilei a idéia de Berlim não dividida. Multidões de todas as nacionalidades, muitos jovens. Berlim ganhou uma identidade turística inexistente nos anos em que aqui morei. Havia turismo interno, a cidade exercia rejeição e fascínio sobre os “caipiras”. Os estrangeiros não se sentiam atraídos. Agora, centenas de ônibus *sightseeings* despejam viajantes curiosos munidos de câmeras e filmadoras. Gente que corre para os camelôs que estão por toda a parte. Em busca de souvenirs da RDA. Há certa necrofilia nesse consumismo. Querem os restos de um país morto.” (BRANDÃO, 2000, p. 339-340)

T49 Crônica: *Reminiscências de Berlim*

“Eu morava em Berlim, no lado ocidental, havia alguns meses, na rua Storkwinkel 14, um apartamento confortável que me foi concedido pela Deutscher Akademischer Austauschdienst. Um dia me disseram que o professor Erhard Engler, da universidade Humboldt, no lado oriental, precisava de livros de literatura brasileira.

O professor Engler, titular da cadeira de literatura de língua portuguesa da universidade Humboldt, tinha dificuldade de conseguir livros em nossa língua. Havia problemas entre ele e o governo da RDA, e Engler não obtinha autorização para visitar outros países, apesar de ser constantemente convidado. Os livros enviados para Engler pelo correio, não chegavam às suas mãos. Na fronteira, por portador, eram apreendidos. Decidi que levaria os livros contrabandeados, alguns de cada vez. Esses livros eram apenas de literatura brasileira: Clarice Lispector, Erico Verissimo, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade e outros que não recordo e que encontrei numa livraria especializada em literatura brasileira, em Berlim ocidental.

Nas visitas que fizera ao lado oriental para visitar os museus e perambular pela cidade, eu me familiarizara com a burocracia referente aos vistos de entrada e à compra dos vinte e cinco marcos que teriam que ser gastos durante a permanência na cidade. Já havia assistido várias vezes à maneira como os guardas observavam os que cruzavam a fronteira, fossem visitantes ou residentes do lado oriental voltando para casa.

Como era inverno no dia que levei a primeira remessa de livros para Engler, vesti um largo casacão e enfiei os livros em torno da barriga e das costas. Os livros não podiam ser vistos, a não ser que eu tirasse o grosso sobretudo.

Ainda na fila, um guarda perguntou-me se eu carregava algum item proibido. Mais adiante outro fez a mesma pergunta. Esse teatro não me incomodou nem um pouco, era uma rotina repetida mecanicamente pelos guardas com todas as pessoas da fila. Provavelmente eles nem ouviam as respostas dos indivíduos colocados uns atrás dos outros numa comprida coluna. Depois entrei numa estreita cabine e a porta de entrada fechou-se. Havia uma porta de saída, no lado oposto, que também estava trancada. Fiquei preso ali dentro daquele cubículo, aguardando, envolto no meu grosso casaco. Uma luz forte incidia sobre o meu rosto, impedindo que eu visse o meu interrogador oculto por trás de uma divisória escura de vidro. Após algum tempo de suspense, ele me pediu o passaporte. Em seguida disse algo que não entendi. Depois repetiu o que dissera, agora em inglês: "Raise your head", como quem diz, deixe-me olhá-lo bem, para ver quais são os seus propósitos. Um sujeito que tivesse culpa no cartório começaria a suar frio e confessaria logo seus crimes. Mas eu, além de não sentir culpa alguma, tinha certeza de que os livros não seriam percebidos no escrutínio a que estava sendo submetido e sabia que não há ninguém, nem um policial alemão extremamente zeloso, que consiga suportar a tediosa rotina de ficar dentro de uma cabine escura durante horas a fio assustando velhos carregando garrafas de licor Metaxa. (A maioria de pessoas que atravessava a fronteira era composta de velhos voltando para casa com sacas de compras, os únicos que tinham permissão para ir ao lado ocidental sem problemas, e até para mudar-se para lá, se o desejassem.)

[...]

Gostei de Berlim. Quando, após alguns meses de permanência, regressei ao Brasil, estava decidido a retornar à Alemanha tão logo surgisse uma oportunidade.

Em outubro de 1989 voltei a Berlim, novamente como bolsista da Deutscher Akademischer Austauschdienst. O meu apartamento agora estava situado mais no centro, na Schlüterstrasse 52, muito perto da Kurfürstendamm, a principal avenida do setor ocidental. Não senti mudanças na cidade, mas no lado oriental dava para notar muitas diferenças.

[...]

No dia seguinte, quando a população do leste da cidade teve certeza de que a abertura era para valer, um milhão de pessoas, segundo cálculo feito por um jornal,

invadiu Berlim ocidental. Nesse dia eu tinha um encontro com Erhard Engler e Christina Vogel em Berlim leste às dez horas da manhã. Ute Hermanns, da Frei Universität, uma amiga comum, iria comigo.

Fomos pela S-Bahn da Friedrichstrasse. Entrar em Berlim leste, dessa vez, foi relativamente fácil. Pagamos cinco marcos pelo visto. Creio que havia sido cancelada a exigência de comprar os vinte e cinco marcos da RDA. Não havia as medidas de segurança que eu enfrentara em outras ocasiões. Permitiram que duas pessoas (eu e Ute) entrassem ao mesmo tempo na tal cabine intimidante e claustrofóbica onde, dessa vez, nossos passaportes foram perfunctoriamente examinados; e a primeira porta foi mantida aberta. Finalmente, não criaram problemas com os livros que eu levava para Engler, *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos* em português, *Bufo & Spallanzani* em alemão e *Das viertes Siegel*, uma coletânea de contos meus, também em alemão, editada pela Piper, de Munique. Além disso, eu carregava uma porção de cassetes com música brasileira.

Atravessamos as barreiras e ficamos na estação esperando por Christina e Engler. Uma multidão se comprimia, ansiosa, em frente à estação. Durante a viagem de S-Bahn até a estação Friedrichstrasse, Ute e eu havíamos decidido que levaríamos Engler e Christina conosco para conhecer Berlim ocidental. Ao ver aquela multidão, percebíamos a dificuldade que teríamos para sair com eles.

Afinal Engler e Christina chegaram. Ela trazia de presente uma garrafa de vinho tinto húngaro, biscoitos e folhetos sobre Berlim leste.

Engler explicou que o trânsito estava horrível, todos os carros de Berlim leste convergiam para a estação Friedrichstrasse e ele não encontrara um lugar próximo para parar seu velho Trabi. Dissemos a eles que iríamos todos a Berlim ocidental.

Nosso convite foi recebido com excitação, mas também com apreensão. Christina nasceu em 1961, no ano em que o muro foi construído. Ela nunca havia estado em Berlim ocidental em toda a sua vida. Na verdade, nunca estivera em lugar algum do mundo, a não ser Berlim oriental. (Atualmente eles já fizeram várias viagens, ao Brasil principalmente.)

“E se não deixarem a gente voltar?”, disse Engler, meio brincando, meio sério.

“Vamos mesmo assim”, respondi.

[...]

À noite, a Kudamm estava intransitável. Centenas de milhares de cidadãos de Berlim oriental haviam atravessado a fronteira. As pessoas cantavam, se abraçavam, cheias de amor e esperança. Dançavam sobre o muro. Muitos, com martelos e picaretas, arrancavam pequenos pedaços da muralha.

À uma da manhã fomos levar Christina e Engler de volta. Alguns amigos brasileiros, entre eles a professora Lígia Chiappini Moraes Leite, que ministrava um curso na Frei Universität Berlin, já estavam incorporados ao grupo. Pegamos a S-Bahn da Savigny Platz. Zilly, que havia ido ao nosso encontro de bicicleta, entrou no trem com seu veículo. Ele e Lígia pretendiam saltar na estação perto do portão de Brandemburgo, mas isso foi impossível, o trem estava tão cheio de pessoas voltando para o leste que ninguém podia se mexer a tempo de aproveitar a rápida abertura das portas. Tiveram que ir até a Friedrichstrasse, de onde voltaram para ir ao portão de Brandemburgo.

Christina, Engler, Ute e eu descemos as escadas da estação Friedrichstrasse, na parte leste. Dois ou três bêbados rolavam por elas. Fazia muito frio. Christina se despediu com lágrimas nos olhos. “Foi o dia mais feliz da minha vida”, ela disse.

Ficamos acenando em despedida enquanto eles se afastavam, como se nunca mais fôssemos nos ver. Na verdade nos despedíamos da magia daquele momento, sabendo que aquilo sim, nunca mais se repetiria.

[...]

O antigo embaixador brasileiro da RDA, Mário Calábria, também fora convidado para esse almoço e fomos juntos, no carro dele. Ninguém me pediu o visto, que eu esquecera de obter. O antigo embaixador brasileiro era muito conhecido e nosso carro atravessou a fronteira sem problemas. Alertei Calábria para o fato de eu não ter o visto, mas ele não deu importância às minhas observações e logo estávamos no lado leste. O carro do nosso embaixador na RDA, Ernesto Ferreira de Carvalho, nos esperava. (Não tinha sido possível para o motorista da embaixada, atravessar a fronteira a fim de nos apanhar, tal o fluxo de carros e de pessoas que passavam, naquele sábado, do leste para oeste da cidade.)

[...]

Pouco depois das seis horas, Calábria retirou-se. Fiquei com Carvalho até as nove. Despedi-me do embaixador, mencionando que não tinha o visto. O muro caíra, mas ainda havia fronteiras, ainda havia dois países. E eu estava na RDA ilegalmente.

Ao chegar à fronteira, no Checkpoint Charlie, lado leste, pediram-me o visto e, como eu não o tinha, fui detido e conduzido à presença de uma simpática comandante de polícia, de uniforme e pronúncia inglesa irrepreensíveis. Ela disse que eu seria detido e teria que aguardar o procedimento de praxe nessas infrações, de que eu não tinha a menor noção, só sabia que certamente não seria fuzilado. Fui levado para uma sala, onde fiquei retido. Algum tempo depois, fui conduzido novamente à presença da policial feminina que me detivera e junto dela estava o nosso embaixador. Carvalho, talvez porque eu tivesse mencionado durante nosso almoço que não possuía visto, prevendo possíveis dificuldades, fora até o posto da fronteira. Ele solucionou meu problema com a habilidade dos consumados diplomatas.

O Checkpoint Charlie era um longo caminho descoberto – parecia ainda mais extenso do que era, enquanto eu transitava por ele naquela noite –, iluminado por fortes luzes de néon que detectariam até uma barata que se esgueirasse pelos cantos da calçada.

Fui caminhando sozinho pela comprida faixa de terreno, vazia àquela hora, pois todos os interessados em ir a Berlim ocidental já haviam atravessado a fronteira.

Do lado da RFA, continuavam de plantão os berlinenses ocidentais, que desde o início da abertura do muro se postavam na fronteira para dar flores e saudar os alemães do leste. Fui festejado por uma multidão que batia palmas para mim. Deram-me um ramo de flores (um símbolo que durante alguns dias identificou os indivíduos e os carros do leste que atravessavam a fronteira) e me ofereceram champanhe para beber. Eu ria e acenava, de boca calada, desempenhando divertido meu papel de alemão oriental. Afinal eu tinha o direito de fazer isso, era um berlinense, e a minha Berlim sempre englobara os dois lados.” (FONSECA, 2007, p. 62-73)

T50 Texto: *Malagueta em Berlim, oito meses sem sol*

“Dá-se na Universidade Livre, a Frei, um seminário sobre os meus livros. Participo com uma palestra a que chamam de conferência, falo sobre o meu modo de escrever, a que chamam processo de criação. Acham que eu tenho um bom método. Mas os alunos estranhando bem que eu não tenha, entre outros tratamentos, um computador, um arquivo organizado, já que é tanta coisa, inda mais gíria, aliterações, arrumações que sabem a provérbio ou sabedoria popular. Como carrego este

palavratório todo na cabeça e como posso conhecer mais de dezesseis sinônimos de dinheiro? Ah, deviam ouvir a charla de um camelô da Rua do Ouvidor ou da Praça XV no Rio de Janeiro... Tatu está gordo, a unha é que sabe. Um deles me pergunta qual o motivo para que eu seja um escritor. Já ouvi isso em Heidelberg, em Hamburg e em Frankfurt. Digo, sem ironia, que devo isso ao meu nariz de turco. Dou por mim, a gafe já está deferida, talvez tomando corpo de provocação. Quase digo que os turcos, os italianos, os gregos, os árabes, os negros são os viventes mais simpáticos que vi aqui. E me dou bem com eles.

[...]

Outrora, até não faz muito, após os bombardeios dos Aliados e a derrocada final de 45, gramaram aqui como formiguinhas; hoje, os turcos e os estrangeiros fazem o trabalho braçal de infra-estrutura. E são mais de dez por cento das populações de Berlim e Hamburg, por exemplo. Aqui se tem pressa porque se tem pressa. E não se sabe bem para quê. Se um computador falha ou encrenca, o serviço pára. Foi o que houve, faz pouco, na organização de um festival internacional de cinema ao qual o Brasil não compareceu. Se lhes sobra computarização, horários firmes, serviços que funcionam direitinho, lhes falta espontaneidade e alegria de viver, esperança e, mais que tudo, jogo de juntas. Poderão ser eficientes. São dados ao uso da obediência e não ao exercício da liberdade. E, de assim, há uma crise de criatividade. Exercer a liberdade é um ato de coragem.

São mais que eficientes, são perfeccionistas. Mas atrapalhados até no andar. Tomam nota de tudo. Mas não sei se captam a essência. Falta-lhes, como lhes falta graça... mas dominam uma tecnologia de ponta e, ai!, têm, agora, uma moeda forte como o quê. Dólar baixou como nunca, desde o finalzinho da guerra não se via queda igual. Melhor para os turcos e menos pior para os estrangeiros. Enquanto a economia alemã vá bem, os turcos e os de fora em geral não levarão a culpa de nada. E já não agüentarão insultos, resmungos, nem narizes-em-pé ou indiferença enojada no metrô, no ônibus, no supermercado, no banco, nas ruas. A bem da verdade, fica fora de dúvida que os alemães tomam poucos banhos; mas imputam mau cheiro aos turcos porque comem alho. Difícil crer que isso seja voz corrente em Berlim.

[...]

Copacabana é um país que nos chama para a rua, nos leva para o botequim, para a praia e permite e incita uma vida epidérmica. Berlim nos empurra para dentro de casa e, para tanto, fustiga com o vento siberiano. Tanto aqui, do lado ocidental, quanto lá do outro lado do muro, do Mauer, na DDR, tenho ouvido. Este vento nos chega direto da Sibéria. Para dentro dos ossos. E da alma.

Andando pouco por aí, mesmo assim tenho visto gentes várias, além do pessoal sabido e letrado. Os tipos à-toa, sempre chamativos, inda mais se metidos numa cidade de moeda forte, ônibus limpos e bonitos, pontualíssimos nas ruas de limpeza relativa. Os à-toa crescem e aparecem com contraste, assim como o cocô dos cachorros nas ruas.

Meu caminho começa na Uhlandstrasse, entra à direita por Kantstrasse e se enfia para terminar na Bahnhof Zoo, lá onde entre movimento, bulício e rumores são encontráveis tipos vagabundos, homossexuais masculinos que fazem a vida, mal disfarçadamente. Ao lado de bêbados de caras machucadas, escoriações, com o acompanhamento de seus cachorros – nada fuleiros, já que Berlim não admite viralatas ou cachorros de vida livre ou andarilha. Esses bichos aqui são um caso. Muito considerados, fala-se à boca pequena que preferem-se cachorros às crianças. Mas nos dois casos, algo comum: cachorros e crianças são igualmente reprimidos.

Já os viventes flutuantes da Bahnhof Zoo, a estação principal de trens, pedem moedas para beber o seu alcoolismo entre largado angustiada e fazem um depósito de coitados, entre barra-pesada e suspiros de sonhos, a olhar o marcador das partidas para Leningrado, para Varsóvia, para Praga, para Altona, para Freiburg... Alguma fantasia é possível, embora pelo caminho para a grande estação da estrada de ferro, eu encontre mendigos estirados no chão.

[...]

Depois da loja de móveis, encontro num primeiro andar enorme, limpo, silencioso, a academia de bilhares que, para quem vem do chamado terceiro mundo (assim chamado de terceiro pelo primeiro...), o luxo e as dimensões são humilhantes. O bar é limpo, reluz de niquelados e dourados, bebidas de qualidade, variadas de preço, há mesinhas de pano verde para o jogo de cartas para senhoras, principalmente à tarde. Elas aparecem, ordeiras, organizadas, idosas. Tudo com televisão de circuito interno e computador para um tudo. A academia tem, lá embaixo, um estacionamento exclusivo para os carros de clientes, o preço de aluguel da hora de uma mesa é alto, há garçons e garçonetes de uniforme e os freqüentadores nem de longe lembram o miserê dos meus personagens. Este não pode ser chamado salão de bilhares ou sinuca. O nome é academia, por todos os detalhes. Mocinhas jogam com rapazes, gente bem vestida e bem apanhada, bebendo e comendo bem, deixa claro que não é uma boca do inferno como as que descrevo. Os panos verdes nas mesas, novinhos, as mesas colocadas em espaço enorme e iluminadas por três lâmpadas. Para mim, uma novidade. Também se joga mais bilhar francês, jogo nobre, muito procurado pelos asiáticos que vivem em Berlim. A sinuca mesmo, aqui jogada em mesas imensas, é menos procurada. Não direi que seja exatamente um lugar família. Mas não é boca de marginalizados ou de gentes sem eira nem beira. O preço da hora, o café, as bebidas, tudo caro. E numa rua, a Uhlandstrasse, tida e havida como nobre no centro de Berlim. Primeiras vezes que entrei no salão, me pareceu irreal até pelas dimensões de um andar todo. Outro mundo, a moeda forte é uma presença viva, normal, corrente. Impossível imaginar um salão desses, tantos recursos, numa cidade como o Rio. Seria coisa para granfinos, fechada só para endinheirados. Não há moscas, cusparadas no chão, palavrões nas bocas e nas paredes e fumacê de cigarros baratos. E não tem a alegria, o á-vontade, o rumor amalandrado das sinucas do Rio ou de São Paulo. Mas é o meu velho conhecido som das bolas se tocando, indo e vindo e multiplicando cores, a magia. O chamamento das bolas, aquela chama, a linguagem universal do jogo. Por aqui corre também a paixão das noites varando as madrugadas em volta da mesa de pano verde. Só não há vozes que digam:

- Olá, meu parceirinho! Está a jogo ou a passeio?

Muitos a passeio. A maioria. Aqui se joga; nos meus salões de sinuca se disputa a comida do dia em cima do pano verde. Logo, aqui não há picardia. Há o computador. Também, eu não encontraria, entre outros, o malandro Jequitibá. Ou o jangueiro Cambuí.

[...]

Tenho, sei lá por que, uma alegria de quem vai à forra, quando vejo uma marca turca ficando firme por aqui. Restaurantes, música, dança, gastronomia de rua, roupas de mulheres, feiras-livres em Kreuzberg... fora da área dos turcos – e eles são dez por cento ou mais da população efetiva de Berlim – a rua berlinense não é local de folia, sorriso, chegada ou alegria. Parece não ser lugar de sentir: só de pensar. Mas não tendo cão, caço com gato – o café turco é o melhor de Berlim.

E, de assim, o convívio com os italianos, ô senhora simpatia. Também com gregos, angolanos, iranianos, refugiados políticos da América do Sul, egípcios – a gente se conhece até pelo olhar, sabemos o gosto doído do exílio. E nos procuramos de um jeito ou outro, juntos nos afastamos de uma insinuante e computadorizada vida medíocre.

[...]

Fora de casa, tenho para mim que nunca pensei tanto, nem tão amante, freqüente e serenamente em Brasil como agora. Hoje, me pulam pedaços do meu país desconcertante, tão rico e pobre, singular fora da conta, onde uma cultura forte e popular é esmagada e os bons intérpretes da vida brasileira são pouco conhecidos. De Gregório de Matos a Aleijadinho, de Lima Barreto a Adolfo Caminha e onde campeiam, impunes, a incúria e a corrupção da classe que manda e tudo se junta a um clima de intolerância feroz contra a independência individual. E contra o coletivo quando ele tenta se organizar. Talvez eu tenha acertado em cheio um título na minha vida, “Abraçado ao meu Rancor”. Ao meu amor, à minha impotência incomensurável diante do absurdo, à mágoa sem nome a até sem registro. Não, não estamos vivendo um tempo dourado. Uns, aqui ou na Escandinávia, morrem de fastio, de angústia existencial, de depressão pelo Natal e pelo Ano-Novo; outros, os meus já na infância, morrem de fome.

Hoje, a Alemanha que sinto na minha andança ou nesta Berlim ostensivamente transformada em vitrina capitalista, norte-americanizada, descaracterizada, na Germânia, não respira os seus momentos férteis, generosos de criatividade. E é o mesmo país que deu ao mundo Karl Marx, Rosa Luxemburgo, Engels. Não tem um Mozart, um Brecht, um Beethoven, um Kafka, um Musil, um Adorno, um Dürer, um Thomas Mann. Vão longe os dias de novidades maiúsculas. Há moeda forte, riqueza, recursos. E uma ferida aberta para valer, o muro.” (ANTÔNIO, 1989, p. 66-71)